

G. SERGI

A EVOLUÇÃO HUMANA

INDIVIDUAL E SOCIAL

TRADUZIDO DO ITALIANO



LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE

A. M. TEIXEIRA & C.^{ta}

20 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 20

1906

Sala D

Esl. 2

Tab. 3

N.º 77

A EVOLUÇÃO HUMANA

G. SERGI

A EVOLUÇÃO HUMANA

INDIVIDUAL E SOCIAL

TRADUZIDO DO ITALIANO



1
LIVRO GONÇALVES VIVA
ROMULO DE CARVALHO

PC
MINCT
31
SER

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE
A. M. TEIXEIRA & C.ª
20 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 20

—
1906

Este pequeno livro é offerecido áquelles que, achando-se em plena juventude, se sentem impellidos para a vida nova; aos que, pensando livremente, contemplam a humanidade futura, e no meio dos preconceitos e dos erros que ainda ligam o homem ao velho mundo da escravidão intellectual e social, se desprendem do presente e tentam ousadamente viver no futuro; aos que receberam da natureza uma sensibilidade delicada, aberta ás impressões da natureza e da arte, e se elevam acima da multidão com as azas subtis do sentimento; aos que na sciencia encontram o alimento da alma e a luz que illumina o caminho da humanidade para o ideal, e têm confiança no futuro que abandonará a violencia e a escravidão pela livre e pacifica manifestação das energias individuaes e sociaes; aos que, finalmente, achando estreitos os limites

de uma patria, anhelam pela patria unica da humanidade.

Este livro não é destinado para aquelles que adoram a força bruta e a violencia, que sentem ainda vivos os impulsos do homem primitivo e pensam que a grandeza humana consiste na expansão da força e no dominio exercido sobre o homem: para esses a escravidão e a violencia.

Maió, 1903.

G. SERGI,

A EVOLUÇÃO EM BIOLOGIA E NO HOMEM

COMO SER INDIVIDUAL E COLLECTIVO

INTRODUÇÃO

I

Ignoramos as origens de todas as coisas, mas existe em nós um desejo ardente e insaciavel, como que um instincto, de conhecê-las; é tão intenso este desejo, é tão poderosa a influencia que elle exerce em nós que o nosso espirito não está tranquillo enquanto não achamos ou não inventamos alguma explicação que transitoriamente nos satisfaça. Os homens primitivos acham com mais facilidade e promptidão as explicações ácerca das origens e com ellas facilmente se contentam; têm por consequencia uma philosophia completa que os deixa satisfeitos e as suas investigações não ultrapassam o que julgam sa-

ber. Esta é porventura uma das causas porque não progridem depois que fixaram algumas idéas e alguns principios que se adaptam á vida practica e quotidiana.

As suas divindades, as suas doenças, a morte ou a velhice, a natureza viva na vegetação e na animalidade, tudo é por elles facilmente interpretado; os homens primitivos sabem plenamente explicar tudo e as origens de todas estas coisas, e perennemente repetem as mesmas idéas e os mesmos pensamentos: são felizes porque sabem, são infelizes porque o modo como sabem gera no seu animo receios e desconfianças. Mas succede-lhes o mesmo que a nós, philosophos e homens de sciencia; estão na mais profunda ignorancia ácerca das origens; como elles, nós procuramos e inventamos interpretações para tranquillizar esse desejo ardente e insaciavel, que se apodera de nós com mais força do que d'elles. Nós, ao contrario d'elles, progredimos, mas, em vista de refazermos sempre os caminhos, destruimos o que havíamos inventado como explicação das origens e dos phenomenos; dilatamos então o campo das nossas averiguações e o nosso espirito remonta-se lentamente ás origens, ou pelo menos julga remontar-se, por um caminho que é um methodo, que é a eliminação d'aquillo que nos parece augmentado no tempo e no espaço. Toda a vida animal e vegetal é como uma avalanche de neve,

cuja grandeza parece augmentar com o descer e com a aggregação de outros volumes de neve; é uma massa enorme e colossal, cujo primeiro nucleo e cujo primeiro elemento simples nós procuramos num flocozinho de neve. Depois de termos observado que um flocozinho de neve se torna massa e que esta cresce e se transforma em avalanche, fundamos uma theoria que se torna universal, porque julgamos que todas as coisas devem começar pelo elemento simples e até invisível e intangível, para se tornarem compostas e complexas. Seguimos um processo mental que analysa primeiro e synthetisa depois: temos, finalmente, a theoria da evolução universal, tão bem exposta por Spencer nos seus Primeiros Principios.

Mas em volta da concepção da evolução universal vêm-se muitos factos particulares, como que aggregados secundarios, cuja origem parece ser differente; então a massa já não parece homogenea como seria uma avalanche de neve pura, e estes aggregados tomam fórmãs e movimentos particulares consoante a sua natureza e constituição, podendo até cada um d'elles tomar uma individualidade propria e considerar-se como isolado na formação e na evolução. É então que se tornam grandes as complicações e difficeis as interpretações, no caso de não sabermos reconhecer as relações com o todo, e da intelligencia humana foge a idéa da unidade uni-

versal para se occupar de nucleos particulares, cuja interpretação se torna mais difficil. A mente humana subtiliza-se, critica, destroe o que creou; depois investiga ainda, reconstroe; e d'aqui novos passos para o progresso, para as fontes que fogem, e onde procuramos saciar-nos. É mister recommençar! Sobre os caminhos tantas vezes percorridos encontramos ruinas e vestigios mais ou menos profundos, que são como guias para a ascensão do saber.

Entre as coisas existentes não ha talvez nenhuma que tenha preoccupado tanto a intelligencia humana como a vida com as suas fórmas; e ainda hoje o homem mais culto e mais avançado é semelhante ao homem primitivo que costuma tranquillizar-se, attribuindo aos seres organicos vivos, animaes e vegetaes, uma força occulta e mysteriosa que, ultrapassando o entendimento humano, domine e se esconda nas fórmas sensiveis. Nenhuma sciencia, nenhuma superioridade mental, puderam abolir tal philosophia primitiva. A philosophia do mais subtil transcendental, como era Kant, em nada se afasta da do primitivo americano ou australiano, quando se trata de interpretar a essencia das coisas: o noumeno e o phenomeno são como o principio vital e as manifestações da vida. Philosophos e biologos ainda hoje quebram a cabeça forcejando por investigar os dois elementos, o occulto e o evidente, a essencia e a appa-

rencia, e uni-los harmonicamente na unidade real; e, assim como o simio illudido quer achar por detrás do espelho onde se mira a sua propria imagem que toma por uma existencia real, assim tambem elles estão longe de comprehender que a sua averiguação é vã.

Não menos primitiva é a interpretação das origens das fórmas dos seres vivos, tendo-se admittido até ao meio do seculo passado, como se vê na criação mosaica, a origem independente de cada uma. Não é um facto maravilhoso o ser a biologia mosaica semelhante á dos outros povos primitivos; o que nos causa verdadeiro assombro é que deva sustentar-se na actualidade; assim como não é admiravel a origem do homem como typo separado dos outros typos animaes, como se vê nas religiões primitivas e nas philosophias dos povos primitivos e até nas scientificas. O que causa espanto é que naturalistas de valor ainda a sustentem.

Quem contemplar os grandes progressos realizados no campo das sciencias e das suas applicações praticas, como os que se têm effectuado na physica, na chimica e na mechanica, deverá ficar possuido de admiração vendo quão pouco se tem adeantado o homem na philosophia, que nos seus principios fundamentaes ainda é a primitiva. Nem se deve pensar que esta minha asserção deixe de ser exacta, porque alguns pensadores estabeleceram as bases da philoso-

phia nova consoante os resultados da observação e da experiencia; a influencia exercida por elles sobre o maior numero tem sido fraca ou nulla, e é limitadissima a mudança realizada. É tão verdadeira esta affirmação que homens eminentes na sciencia da vida, ao tratarem do conceito philosophico da vida, são primitivos, que biologos de fama consideram a origem do homem distincta da origem animal; ao passo que outros homens cultos ou lamentam ou proclamam a pretendida bancarrota da sciencia que, segundo elles, não consegue explicar as origens nem resolver os problemas eternos que o homem se propôs ao apparecer na terra.

A verdade é que o homem na totalidade é incapaz de comprehender estes problemas, muitos dos quaes são um producto das concepções primitivas, e portanto só por ellas existem, sem terem nenhuma consistencia real. Assim o aletumulo é um problema para os que admittem, por crença nascida da philosophia primitiva, uma essencia cuja natureza é differente da do corpo e que o anima: e assim por deante. O mysterio e portanto tambem o problema da essencia das coisas como aquillo que é substratum occulto dos phenomenos, é apresentado por aquelles que pensam que os phenomenos naturaes são apenas uma manifestação exterior da substancia occulta: mas isto não será para os outros, bem poucos na verdade, que veem e

estão plenamente convictos de que no phenomeno a materia ou a substancia se manifesta tal qual é e como é constituida.

São demasiadamente altas estas verdades e excedem a intelligencia commum, para que se possam tornar patrimonio de todos; nem se destroe o fundo popular primitivo por maior e mais amplo que seja o progresso humano em toda a especie de cultura. E será tanto mais arduo fazê-las penetrar na mente popular, quanto é verdade que muitos d'estes conceitos estão circumdados, quasi penetrados de sentimentos, especialmente suscitados pela fé religiosa ou pelo temor religioso. Muitas verdades ficarão sendo patrimonio exclusivo de poucos e apenas terão uma influencia secundaria ou inadvertida na vida quotidiana, individual e social.

Esta digressão era util como preliminar ao que eu queria dizer ácerca da evolução primeiro em biologia e depois no homem, como um membro destacado do grande tronco vivo e animado.

II

Nenhuma doutrina teve talvez tanta fortuna como a da evolução em biologia, nenhum homem foi talvez tão feliz como Darwin, que deu fórma determinada á hypothese da evolução mais do que haviam feito os seus precursores. Deu-se indubitavelmente este facto porque os tempos estavam maduros e os precursores tinham aplanado o caminho combatendo ou conservando-se silenciosos entre os que os rodeavam, sem dar por isso. Na sua primeira obra intitulada *A origem das especies*, foi publicado um volume perfeito, uma revelação, sendo esquecido o grande precursor que era Lamark. A lucta pela existencia, as variações, a adaptação do mais forte na lucta, o desaparecimento dos fracos, a selecção natural, a origem das especies pelas variações uteis, a extincção de outras que se não adaptaram, deram á doutrina de Darwin o maior valor scientifico; os dois grandes reinos organicos, o animal e o vegetal, parecia terem encontrado a chave de interpretação de todos os phenomenos morphologicos e desvendado o misterio em que estava envolta

a vida que em tão immensa variedade de fórmas se manifesta no tempo e no espaço.

Apesar de não ter decorrido ainda meio século, já se realizaram grandes modificações. A eterna inquietação do espirito humano, a differente vista intellectual dos phenomenos naturaes, a varia penetração de quem observa e investiga, são causas que produzem o descontentamento ao surgir uma doutrina, por mais comprehensiva e universal que seja. Em volta do genio de Darwin tinham-se de subito reunido quantos naturalistas estavam preparados para acceitar as novas idéas, e com investigações pessoaes e observações novas sustentaram, desenvolveram e propagaram a theoria da evolução. Mas o proprio Darwin tinha mostrado alguns lados fracos da sua hypothese, ao passo que havia outros que não eram por elle sufficientemente explicados. Alguns têm querido preencher certas lacunas sem se afastar completamente do caminho seguido pelo mestre; mas outros e mais numerosos têm, pelo contrario, ha algum tempo, querido ampliar mais as lacunas da doutrina, e tentar substitui las por novos principios e abrir novas vias que melhor e mais directamente conduzissem ao fim de consolidar a hypothese da origem das fórmas organicas e a sua evolução. Não fallarei pois das novas interpretações tentadas por homens eminentes, porque, apesar da doutrina com que se

sustentam, se têm mostrado menos satisfactorias e menos sustentáveis do que os principios de Darwin. Isto prova evidentemente que na doutrina de Darwin existe uma natural resistencia, que é indício de vitalidade, e por consequencia de verdade, na lucta de idéas e de principios.

Recordo-me de que, por occasião da morte de Darwin, na minha commemoração em Bolonha, mostrei, com os proprios principios do grande naturalista, a vitalidade e a força de expansão da sua doutrina; servi-me então de um argumento material, isto é, citei o numero de exemplares impressos e vendidos dos livros que elle escreveu, numero que, juntamente com as traducções em muitas linguas, subiu, em poucos annos, a mais de centenas de milhares. Foi como uma especie vegetal, que, transplantada para um terreno, se desenvolveu em numero com grande rapidez, e, multiplicando-se, se propagou por immenso espaço. Proseguindo a mesma analogia, pode-se hoje affirmar que a doutrina, á proporção que se diffunde, se modifica subitamente, multiplicando-se em variedade. E com effeito assim succedeu; em quanto o tronco principal da doutrina vive, como o tinha plantado o proprio Darwin, a filiação mostra as divergencias que distinguem as novas interpretações com novas contribuições para a theoria geral.

Darwinismo propriamente dito foi considerado o principio da selecção natural (*natural selection*); a este principio, ao qual Darwin tinha consagrado as suas experiencias de vinte annos, com a selecção artificial nas plantas e nos animaes, ligam-se outros principios e factos correlativos, entre os quaes occupa o primeiro logar o das variações. É naturalmente a investigação das causas que dá o character scientifico á observação dos phenomenos, e Darwin não podia desprezá-la. Entre as varias causas de variações acha-se a das influencias externas de existencia, já estabelecida por Lamarck,—a do uso e do desuso dos orgãos; Darwin admittiu ambas as causas e seria injustiça deixar de reconhecê-lo ¹; o seu peccado terá sido o de lhes não attribuir todo o valor que têm. Spencer alargou muito a esphera d'estas influencias do uso e do desuso dos orgãos ²; e hoje os neolamarckianos fundem num só Darwin e Lamarck e não sem motivo. Os que se oppõem a isso, mostram ignorar os factos ou dão-lhes uma interpretação forçada e insustentavel. A necessidade

¹ «Changed habits produce an inherited effect, as in the period of the flowering of plants which transported from one climate to another, with animals the increased use or disuse of parts has had a more marked influence...» *The Origin of Species*. London, 1880, vi edition, pag. 8.

² *The Factors of Organic Evolution*. Londres, 1887.

de acceitar alguns dos velhos principios de Lamarck appareceu no phenomeno da hereditariedade das variações que conduzem á origem das especies; e foi justamente nas diversas doutrinas ácerca da hereditariedade que se tornou renhida a lucta entre darwinistas e neolamarckianos. É d'ahi que procedem, como só acontece nas luctas energicas, os exaggeros de principios verdadeiros: uns fazem demasiadas concessões ás influencias externas sobre os organismos como causas de variações, outros nada concedem e pelo contrario ligam excessiva importancia á selecção natural, que se tornou aexpressão verbal de tudo quanto se conhece pouco.

Como quer que seja, a doutrina da evolução organica não morrerá, sejam quaes forem as transformações por que tenha de passar no futuro; e as luctas scientificas a que ella deu origem, as modificações por que tem passado e as filiações de novas fórmas de doutrina demonstram evidentemente a sua vitalidade. É possível que no futuro já não haja darwinismo, lamarckismo, ou neodarwinismo e neolamarckismo: esta nomenclatura pessoal será abolida para dar lugar a uma doutrina cujos caracteres serão mais universaes e ao mesmo tempo mais determinados, de modo que as suas divergencias inevitae serão relativamente menores do que as que actualmente existem. Tambem uma nova forma doutrinal, como a do botanico de Vries,

funda-se e acampa-se no terreno da evolução, do mesmo modo que tantas interpretações novas, que ficarão como tentativas na historia da sciencia; mas aqui os novos factos por elles descobertos podem causar a modificação de algumas explicações ou a revelação de qualquer novo facto ¹.

III

Desde a sua enunciação, a doutrina da evolução teve, pode-se dizer, uma utilidade pratica, a de collocar definitivamente o homem na serie animal com todas as leis e dependencias dos outros mammiferos. A concepção da criação separada do homem, concepção que se liga á da origem das especies fixas, foi scientificamente abolida, apesar da opinião de alguns sabios de valor que assim admittem uma contradicção. Ao naturalista ainda resta porventura determinar o progenitor do homem ou o seu precursor; mas quanto á convicção universal e ao valor pratico nas applicações scientificas, este problema é secundario. Devemos unicamente

¹ Veja-se *Die Mutationstheorie*. Leipzig, 1901-03.

estar convictos de que o homem deriva por evolução da animalidade inferior e representa o ultimo elo da serie animal, ou como que o vertice na pyramide dos organismos vivos.

Não devemos considerar se outra especie animal, que julgamos inferior ao homem, possui algum caracter que seja superior ao caracter homologo no homem; porque isto implica o facto de que separadamente algumas especies têm aperfeiçoado alguns órgãos ou partes de órgãos que servem para a sua completa adaptabilidade e portanto para a sobrevivencia. Nem tão pouco devemos considerar se no homem se encontram caracteres que em certo sentido são inferiores ou perdidos ou produzidos no curso da evolução, para julgarmos da sua posição na natureza.

É, porém, na totalidade dos caracteres phisicos e psychologicos que nos cumpre ver a posição natural do homem; e é fóra de duvida que pela posição erecta, pelos caracteres estheticos a figura humana é superior á de qualquer outro ser vivo, como ninguem duvidará de que a superioridade mental do homem seja absoluta e destituída de comparação no reino animal.

Neste ascender evolutivo o homem perdeu alguns caracteres que ainda são evidentes e vivos nalgumas especies animaes e muitas vezes nos residuos de órgãos possui vestigios d'estes caracteres, como tem sido bem demonstrado de

Darwin para cá. Porque o aperfeiçoamento de alguns órgãos implica naturalmente a decadência ou a perda de outros que não continuaram a funcionar; a compensação da perda d'estes é tomada e excedida pelo desenvolvimento de outros que assim se transformam e aperfeiçoam. Esta redução ou esta perda correlativa de órgãos e funções correspondentes tem sido erroneamente denominada evolução regressiva, sendo apenas uma involução gradual para o desaparecimento de órgãos cujo exercicio se extinguiu ou pelo menos tem diminuido. Mas infelizmente uma expressão nova, logo que parece significar uma idéa nova, faz carreira, embora seja erronea, chegando a tornar-se popular: tal é a da evolução regressiva, a qual por ventura se deveria conservar no caso de succeder que uma especie descesse do seu grau a graus inferiores por degeneração, mas nunca para órgãos ou partes de órgãos, que numa especie, que se aperfeiçoa por novos caracteres adquiridos, ou por aquelles que possui, se reduzem ou desaparecem.

O maior desenvolvimento organico e a maior quantidade evolutiva no homem acham-se no tecido nervoso e especialmente num dos centros, no encephalo. Aqui é absoluto o progresso do homem sobre os outros animaes, assim como é este o ponto de partida do movimento ulterior para a evolução do homem individual e

collectivo; porque não é só de fórma e de quantidade o facto da evolução cerebral, mas correlativamente de funcção. E todo o corpo humano é evolutivo relativamente aos dos outros mamíferos, incluindo os primatas, porque com a redução dos membros articulados anteriores e superiores, com a redução dos órgãos prehen-sis, como as mãos, com a estatura que se tornou alta e erecta, se aperfeiçoaram também as funcções, e se multiplicaram em variação e modalidade; ao passo que se perdeu a faculdade do pé prehensi, da vida arborea, do uso das maxillas como órgão de defesa e de ataque, e muita força muscular, o que é superabundantemente compensado com a criação dos instrumentos. Também está longe de ser evolução regressiva a redução em grandeza da mão humana, tão evolutiva nas suas fórmas e nas suas funcções! Este facto mostra que a sua evolução consiste não na dimensão dos órgãos, mas na sua melhor, mais facil e mais variada funcionabilidade, o que naturalmente produz uma transformação e um aperfeiçoamento morphologico, tão evidente no homem.

Mas parece que nem tudo quanto se póde dizer ácerca do homem em geral, se póde affirmar de todos os homens, especialmente considerados nas muitas variedades em que estão divididos. Aceitando uma opinião de Keane, em sentido mais determinado e verdadeiramente po-

lygenista, não admittido por elle ¹ que desejaria sustentar-se como monogenista, poder-se-hia admittir que as variedades humanas que mais se differençam pelos seus caracteres, como o homem branco, o negro, o amarello, e que ainda se distinguem por outros caracteres, como são os que se referem ao esqueleto, se derivaram de primatás, macacos differentes em differentes regiões da terra. E então poderemos explicar, em parte, o facto da diversidade e da desigualdade humana, e do diverso grau de evolução relativamente aos proprios progenitores, e entre elles comparativamente. Hoje, que se mostra com a maior evidencia a superioridade das raças que habitam a Europa, seja qual fôr o lugar d'onde vieram, e que em geral se distinguem pelo character distinctivo de homem branco em todas as gradações, a theoria das diversas origens humanas póde ser como um substractum anthropologico accetavel na interpretação dos phenomenos sociologicos de todas as variedades humanas.

Ao passo que certas variedades humanas, nalguns dos seus ramos especialmente, têm feito immensos progressos, outras têm permanecido no estado primitivo, apesar de serem tão antigas como as primeiras e de viverem desde tem-

¹ Keane, *Man Past and Present*. Cambridge, 1899.

pos immemoriaes em contacto com ellas. Bastaria recordar as raças negras em continuas relações primeiro com os egypcios e depois com os europeus, as quaes têm progredido muito pouco e quasi se têm conservado estacionarias. E verdade que as raças denominadas mongolicas são superiores debaixo de muitos aspectos, e ultimamente o têm demonstrado os japoneses, que adoptaram a civilização européa, mas na totalidade são inferiores aos europeus, tendo parado nos seus progressos, e tendo-se immobilizado algumas como as populações da China.

A força expansiva do homem europeu, como se vê pela colonização em todas as partes do globo, demonstra por um lado a sua vitalidade, por outro lado uma tendencia para supprimir todas as outras variedades humanas, especialmente as inferiores, como as oceanicas, as africanas e as americanas. A multiplicação dos anglo-saxonicos em todas as direcções desde a America até á Australia e á Nova Zelandia, e dos italianos, que, embora menos felizes, se encontram em todos os logares da terra habitada, mostra claramente qual será o destino do europeu no futuro, visto que a pequena Europa se tornou insufficiente para contê-lo.

Não é só pelas leis sociologicas que se podem explicar estes grandes phenomenos, a que me refiro, mas é preciso recorrer ás leis anthropologicas, que sirvam de fundamento áquellas; os

momentos sociológicos podem, pelo contrario, explicar pelo movimento da civilização algumas phases ascendentes e descendentes numa variedade humana e nos seus ramos parciaes; mas é necessario admittir que existe no homem uma aptidão innata para a acção e para as manifestações differentes na vida dos povos. Do mesmo modo se deve dizer das variedades humanas o que se diz de algumas especies animaes, isto é, que têm aptidões e instinctos differentes, que harmonizam com a sua natureza formada. Repudiar, portanto, os caracteres anthropologicos na interpretação das vicissitudes das sociedades humanas seria tão erroneo como repudiar o curso de varias condições exteriores no desenvolvimento da civilização de um povo; é complexo o phenomeno, e, por consequencia, também são multiplas as causas.

Sob o ponto de vista da evolução devemos admittir no homem tanto as condições anthropologicas como as exteriores que influem sobre as primeiras, porque também aquellas têm acção sobre as exteriores; ha, por assim dizer, uma acção e uma reacção, ou então uma acção reciproca, de que resultam modificações, transformações e adaptações. Achamos este facto quando tratamos de qualquer nação, do seu habitat e dos seus productos especiaes; mas notamos simultaneamente que é necessaria outra condição, a collectividade ou o estado social, para

que estas acções reciprocas se manifestem de todas as fórmas e com a sua efficacia.

Isto impelle o nosso espirito a outra consideração importante, que, segundo as formulas correntes, se refere á origem da sociedade humana e aos seus caracteres. Mas, considerando bem, é-nos impossivel fallar propriamente de origem da sociedade humana, porque o homem isolado nunca existiu, e a sociedade é tão antiga como o proprio homem. Poderíamos fazer, á força de imaginação, muitas hypotheses e até admittir a origem voluntaria ou semivoluntaria, como fazem alguns; mas nenhum resultado darão estas hypotheses, que nem ao menos se approximam da verdade. Para nós, e já por vezes temos manifestado a mesma opinião, a sociedade é um facto biologico, bem como a propria familia, que é o seu germen. Assim como existem sociedades animaes, nas aves, nos mamiferos, e até em invertebrados, como os hymenopteros, e noutras familias de invertebrados inferiores, e até nos mudos peixes, nos quaes nem a convenção nem a vontade influiram nas relações collectivas; assim tambem no homem, as sociedades primitivas são destituidas de convenção e de influencia voluntaria. Se tem uma origem a constituição social dos animaes e do proprio homem, devemos ir procurá-la na sensualidade e nas relações de especie e finalmente nas relações psychologicas a que são levados

por impulsos sexuaes individuos da mesma especie. Se os phenomenos psychicos, como tantas vezes tenho manifestado e demonstrado, são funcções de protecção, se tambem servem para a descendencia, é facil de comprehender a attracção e por consequencia o agrupamento de individuos da mesma especie que procuram a defesa commum ou são impellidos pelo sentimento de defesa, real ou possivel; tambem contribue poderosamente para este agrupamento o facto de existirem na mesma especie e na collectividade os dois sexos, tão indispensaveis á vida e á descendencia. Assim como até na infima animalidade, se reconhecem mutuamente e se unem os dois sexos, assim tambem se reconhecem entre si os individuos da mesma especie, e se agrupam á maneira de uma cohesão, de um facto de attracção de character physico. Basta observar os peixes que no mar vão em cardumes; unem-se apenas os da mesma familia e emigram em grandissimo numero como uma familia immensa. O mesmo succede com as aves e muitos mammiferos. Se os felinos vivem em familias isoladas e temporariamente, a causa d'este facto é outra condição biologica mais poderosa e de maior peso, a natureza da alimentação e o modo como estes carnivoros se esforçam por alcançá-la. No homem dá-se tambem o mesmo que nos outros animaes, que vivem em bandos e em sociedades mais ou menos desenvolvidas. A

sociedade, portanto, é um facto biológico como todos os factos da animalidade, e a sociabilidade é um impulso tão biológico como o sexual.

Mas o problema consiste em saber como nasceram as grandes communidades, que depois constituem as nações. Combati ha annos a theoria de Gumplowic, segundo a qual é necessaria a hypothese do polygenismo para dar uma base solida á sociologia. Não é, porém, a hypothese do polygenismo bem entendido e capaz de sustentar-se scientificamente, que eu combato, mas a propria hypothese do mesmo Gumplowic, completamente destituida de valor scientifico e de base para sustentar-se. A humanidade, diz elle, não é unidade, como pensam os monogenistas, mas é composta de um numero infinito de elementos heterogeneos, ou de innumeraveis hordas primitivas que surgiram em muitas partes do mundo; da lucta d'estes innumeraveis elementos heterogeneos nasceu a sociedade humana com as suas leis. Foi pouco a pouco pelo dominio que estas hordas dispersas se reuniram e formaram estados e nações. Os grandes estados e as grandes nações resultam pois da fusão de muitos elementos heterogeneos, primeiramente reunidos pela violencia ¹.

¹ Gumplowic, As origens das sociedades humanas. *Revista italiana de sociologia*, 1897. Cfr. sobretudo as suas obras principaes, e *Précis de Sociologie*. Paris, 1896, pag.

Neste ponto é falso o conceito do polygenismo, porque os homens ou as especies humanas não são innumeraveis, nem surgiram da terra como fungos, para depois se unirem e formarem nações, seja qual fôr o methodo ou o processo. Julgar sustentavel a hypothese de um polygenismo feito de innumeraveis elementos heterogeneos, com as differenças achadas por Virchow, Kollmann, Hölder e outros, entre os que compõem as nações, é não possuir uma idéa clara da anthropologia, e da doutrina d'estes auctores, que são monogenistas. Gumpłowic confundiu as tribus primitivas cujos nomes ethnicos se derivam de nomes de logares, capitães, governadores, e assim por diante, com as especies diferentes, que, segundo a sua opinião, deveriam ser as hordas heterogeneas. Alem d'isto, a sua propria linguagem é inexacta, porque as innumeradas hordas podem ser homogeneas por origem anthropologica, e por consequencia tanto o polygenismo como o monogenismo póde ser invocado como base da sociologia, que deve explicar a formação das nações pela violencia, como quer Gumpłowic, ou por outro methodo.

Nem o que affirmo é construido no ar; mas tem a sua base nos factos quer se refiram á

160-61, onde tenta sustentar a sua hypothese pela anthropologia. V. Sergi, Os dados anthropologicos em Sociologia. Revista cit., 1898.

antiguidade quer aos tempos modernos. A Italia, por exemplo, antes da conquista romana, era composta de muitas nações pequenas, das quaes ainda hoje restam os nomes ethnicos, que servem pelo menos para denominar as regiões onde ellas habitavam; o mesmo poderíamos dizer da Grecia e egualmente de toda a Europa: para nos convenceremos d'isso bastar-nos-hia ler uma carta ethnographica da Europa antiga; e achar-se-hão os Celtas, os Germanos, os Belgas e outros, divididos em muitas fracções. Olhemos para uma carta ethnographica da Índia moderna e ficaremos maravilhados das innumeraveis fracções em que estão divididos os chamados Dravidas ou outros. A America do Norte é um exemplo vivo da fragmentação das populações primitivas, frequentemente dispersas em regiões descontinuas. As tribus, como se costumam denominar, vivem independentes umas das outras, apesar de pertencerem á mesma variedade humana, de fallarem a mesma lingua e de serem identicos os seus costumes. Relativamente a este facto, é immenso o número de exemplos que se podem apresentar.

Não me parece necessario emittir hypótheses; mas pôde-se affirmar que as sociedades primitivas são pequenas agglomerações dependentes do parentesco, sendo por isso uniões sexuaes, em volta das quaes se constituíram grupos humanos, denominados tribus. Cada tribu, embora

pequena, teve um governo proprio e foi ciosa de perdê-lo fundindo-se com outra, o que nunca se realizou voluntariamente. Póde-se quasi affirmar que com a formação da familia se formou contemporaneamente a tribu, como unidade elementar da nação; e por consequencia, assim como o homem, ainda hoje, é cioso de conservar a independencia da familia, assim tambem foi cioso de conservar a tribu como unidade independente.

Mas com o andar do tempo, e pela vizinhança reciproca d'estas unidades elementares, surgiu a discordia com os seus perigos, originando não só o facto de algumas serem absorvidas por uma cuja força era superior mas tambem a concentração de muitas numa unica tribu maior, para resistirem á aggressão: assim se formaram as pequenas nações primitivas, que ainda não passavam de nações elementares. Taes nos parecem todos aquelles povos italicos de differentes nomes, antes de Roma os ter sujeitado e reunido numa unica nação, o que não succedeu com as tribus dos Nilguiros ou com outras da India, apesar de estarem todas sob o dominio da Gran-Bretanha; e assim se apresentam ainda, mas livres, as tribus americanas da California e outras. E só em parte que resulta da submissão pela força a união das unidades elementares em pequenas nações ainda elementares; tambem póde resultar da concentração que tenha por



fim a resistencia ao dominio; e observa-se este facto primeiramente nas ligas e nas allianças, depois na fusão de muitas tribus e pequenas nações: a historia está cheia d'estes dois factos, que muito importa assignalar pela grande influencia que exerceram na formação das grandes nações.

A formação das nações é portanto uma coalescencia das unidades elementares em unidades maiores, após a qual se realiza uma fusão mais ou menos completa; no principio ha a coalescencia das unidades anthropologicamente homogeneas, depois tambem póde haver a das unidades homogeneas com outras heterogeneas. Mas dá-se o caso de nunca se realizar esta união primordial que leva á fusão, como facilmente se observa entre os Indios da America; e ainda ha mais: uma serie de tribus, distinctas e independentes entre si, póde mudar de logar e misturar-se com outras de outra especie, sem perder o character primordial que a une perante o ethnologo, a lingua.

Tambem entre os mesmos Indios da America septentrional se encontra um novo exemplo de fraccionamento ou de dispersão de tribus que se infiltram no meio de elementos differentes, sem misturar-se ou vivendo independentes nas suas fracções ou unidades elementares grandes e pequenas. Para nos convencermos d'isto bastaria observarmos a carta linguística de Powel.

Os maiores grupos d'estes Indios são constituídos pelos Atapascanos, pelos Siuanos, pelos Scioscionos, que occupam desde o estreito de Bering até ao golfo do Mexico, uma grande parte da região americana. Entre a bahia de Hudson e o estreito de Bering acha-se a massa maior dos Atapascanos; mas ao norte do Mexico encontra-se uma fracção, distante e separada do tronco principal por mais de doze graus de latitude.

Os Algonquinos estão muitas vezes separados dos Iroquezes, que também estão divididos em duas partes, ficando no meio dos primeiros. Ao centro acha-se a grande massa dos Siuanos; também se encontram fracções d'estes ao oriente dos Iroquezes e dos Algonquinos. Os Cadduanos, cuja séde principal é no golfo do Mexico, acham-se em ilhas entre os Siuanos até cerca de 48 graus de latitude ¹.

As grandes nações são formadas de elementos heterogeneos não tão numerosos como queria Gumpowic, nem tão estranhos como elle proprio admite por principio. Na sua origem, foi por subjugação que o facto succedeu realmente; em seguida realizou-se a assimiliação mais ou menos completa; a subjugação é effeito

(¹) Indian Liguistic Families of America, north of Mexico, by J. W. Powell. *VII Annual Report of the Bureau of Ethnology*. Washington, 1891.

da violencia e da força superior, a assimilação produz-se pela civilização e pela lingua que se torna *commun*. Mas a coalescencia de elementos heterogeneos póde-se conservar em limites relativamente restrictos; alem dos quaes dura algum tempo e com a duração da potencia unificadora e subjugadora, mas acaba por resolver-se mais ou menos rapidamente. O imperio romano dá-nos o exemplo d'estes phenomenos.

As tribus e as pequenas nações italicas foram conquistadas e uniram-se aos latinos, como elementos homogeneos; depois foram reduzidas ao mesmo dominio as populações do valle de Pó, que eram heterogeneas relativamente ás tribus italicas do sul. Os exercitos romanos conquistaram a Gallia, a Hispanha, parte da Germania, da Bretanha, e ainda depois a Africa do Mediterraneo e outras regiões na Europa e na Asia: algumas eram nações, outras ainda se não achavam constituidas, e todas eram heterogeneas por muitos caracteres, sendo o principal a lingua-gem, e depois os costumes, as fórmãs de civilização. Anthropologicamente não era tão grande a heterogeneidade de algumas nações, mas esta deve-se apreciar pelos caracteres apparentes e pelos quaes se considera um povo.

Esta immensa coalescencia não podia conservar-se por differentes e varios motivos, e dissolvia-se; dissolvia-se a coalescencia mais restricta de Italia por causas externas, invasões estran-

geiras; mas reconstituia-se em limites que se podem dizer restrictos relativamente á extensão do imperio. Na reconstituição entravam elementos que são anthropologicamente heterogeneos, mas que socialmente se tornaram homogeneos.

Esta é tambem a historia de muitas nações conquistadoras, e da formação de todas em geral. Uma nação, porém, tão numerosa e tão heterogenea nos seus elementos, como a Russia europea, não encontra outra que com ella se possa comparar, a não ser o imperio chinês. Mas a Russia emprega todos os meios para tornar homogeneas todas as partes heterogeneas; assim este processo que antigamente exigia muito tempo é empregado por ella com promptidão e por meio da violencia, como faz na Finlandia e noutras partes. Apesar de tudo e da russificação, chegará o tempo em que será dissolvido o imperio russo; grandes massas de populações, como as de 100 milhões e mais constituindo uma nação, que alem d'isso é heterogenea nos seus fundamentos, nunca poderão amalgamar-se em unidade absoluta. As vias internas de communicações, e commercio internacional, a cultura dissolverão a unidade russa.

A coalescencia das unidades elementares grandes e pequenas que formou e que fórma as nações, não é a ultima phase do processo formativo d'aquellas. As unidades nacionaes como a italiana e a franceza não são o ultimo termo de

formação, porque naquellas grandes massas de população que, fundiando-se, perderam a sua individualidade, não se extinguiu ou aboliu o character anthropologico juntamente com o sociologico, que permaneceu e é diferente segundo as origens das unidades formativas. A fusão adquire o character de violencia sobre a natureza das unidades elementares, e apenas póde ser temporaria ou provisoria; porque nem a sociabilidade nem a fórma da civilização póde abolir os caracteres primordiaes e fundamentaes; nem até se póde conservar a unidade absoluta da linguagem, porque os dialectos representam as suas variações. Portanto o ultimo termo do processo de formação nacional será representado pela federação, como se encontra na Suissa e nos Estados Unidos da America: não unidade absoluta, fusão brutal de elementos diversos, mas cohesão de unidades livres. Isto não representa um processo de desaggregação, como alguns poderiam suppor, como que uma volta á tribu originaria; porque nesta não só se encontra independencia absoluta, mas tambem separação, como se houvesse differença de origem e de character social. Na federação, pelo contrario, deverá haver independencia relativa, com liberdade e mobilidade de cada unidade que entre na composição, a qual opere e se administre segundo os seus caracteres e condições particulares.

Talvez alguns admittam que as sociedades

humanas na sua origem sejam de character biologico como na animalidade inferior, mas não o admittirão relativamente ás sociedades que têm feito progressos e se têm desenvolvido tão extensamente como as que constituiram as grandes nações antigas e modernas. Aqui, pelo menos, procurar-se-ha o character supraorganico de Spencer, ou o facto de se ter a sociedade humana separado da sociedade primordial como um corpo autonomo. Segundo os que julgam achar na influencia da vontade um dos factores da sociedade, esta deveria naturalmente ser considerada fóra e acima da biologia.

Relativamente á primeira consideração não é difficil responder que, se a sociedade tem originariamente character biologico, não o poderá perder com o seu desenvolvimento, por maior e mais extenso que seja; assim como o homem, que pelos seus caracteres physicos é um mamífero placentario, não póde deixar de ser classificado entre os primatas, só pela superioridade do seu desenvolvimento cerebral e pelo facto dos seus caracteres mentaes excederem immensamente os d'aquelles.

Quanto ao factor vontade na formação da sociedade, além de já ter mostrado noutra occação a sua inconsistencia, devo dizer que mal se interpreta, ainda que existisse. Com effeito os que invocam a vontade como factor, querem achar nella um character que não possue, isto é, a es-

colha livre e determinada, analoga á que se denomina livre arbitrio. Ora, se individualmente esta vontade assim concebida é uma illusão, tanto mais o será socialmente. Fóra da mesma sociedade já constituida ha varios factos que demonstram claramente como a vontade humana é determinada pelas circumstancias exteriores, que são em grande parte casuaes, accidentaes, e como d'estas circumstancias pódem derivar aquellas evoluções sociaes que a todos se apresentam como previstas e queridas.

IV

A formação das grandes communidades sociaes, ou das nações, está em relação com a sua evolução. Não podemos conceber sociedades elementares em evolução, porque ellas não pódem conter os varios e multiplos factores que contribuem para o desenvolvimento das energias e para a expansão das forças. Os factores da evolução social, além de se acharem nas condições physicas locaes, nas circumstancias exteriores que induzem á acção e á reacção das energias, devem tambem encontrar-se num grande numero de individuos, que só numa sociedade extensa, larga e composta, podem nascer, e nunca numa

sociedade elementar e pequena. Nas pequenas tribus primitivas que vivem separadas e independentes, nunca haverá evolução social, porque é limitado o número dos homens que as compõem e nelles se não podem encontrar os que têm iniciativa; e, no caso de se encontrarem, não podem desenvolver-se tanto pela falta de meios como pela sujeição politica que os opprime. Com o tempo as tribus pequenas tornam-se refractarias a todo o impulso externo, immobilizam-se nas fórmias que adquiriram e perpetuam as suas condições primitivas, como fazem os animaes, que não progridem, porque é restricta a sua sociedade, quando a têm. Assim creio que explico o facto de muitas sociedades humanas na America, na Africa e na Asia, terem permanecido no estado inicial como germens não fecundados, que não se desenvolvem nem se podem desenvolver. O movimento evolucionista social exige uma grande massa e um grande espaço, e, quando elle começa, pôde naturalmente encontrar-se numa pequena comunidade, cuja força é expansiva; mas essa deve ter recebido um impulso de outra vizinha ou collateral. E-nos impossivel conceber a origem de Roma, como um germen que se desenvolve fóra da terra em que deve ser depositado, e sem causas exteriores que sollicitem o desenvolvimento. Tanto as populações vizinhas como as condições de facto em que se achava a primeira

pequena communitade sobre as sete collinas, principalmente as que diziam respeito á sua existencia, e a defesa da independencia, devem ter sido as causas externas que determinaram o movimento expansivo, que continuou por muitos seculos, e por consequencia tambem com elle o movimento de evolução das fórmas sociaes e de progresso nas varias manifestações de energia, desde a energia physica até á intellectual.

Mas o exemplo de Roma é um extremo em relação á communitade elementar, á tribu primitiva, germen esteril, condemnada á perpetua immobilidade interna e externa. Temos sempre presentes as communitades gregas, que, sendo relativamente pequenas, tiveram uma evolução social interior consideravelmente superior á de Roma. Deve-se isto a outras circumstancias externas, a outras condições externas e internas que determinaram o livre desenvolvimento das energias intellectuaes em vez das physicas, nas quaes se via apenas a belleza e não a força bruta. Privilegio invejavel de um povo, que nem ainda nos nossos tempos chegou a ser alcançado!

As communitades gregas não foram grandiosas, como a romana ou outras dos tempos antigos, mas não eram simplesmente tribus: embora houvesse rivalidade e por consequencia, muitas vezes, guerra reciproca entre ellas, todavia achava-se um vinculo natural cujo poder era tão

grande que se manifestava nas grandes occasiões. Póde-se, por consequencia, affirmar que ellas constituíam, sob as fórmãs mais livres, uma grande communidade, uma grande sociedade, a qual, dadas as felizes condições interiores da raça, e as exteriores, se desenvolveu em varios centros de movimento e de cultura. Este movimento não se limitou á península e ás ilhas do mar Egeu, mas propagou-se a todo o Mediterraneo, mediante a colonização e a expansão da cultura. E este exemplo demonstra, ao contrario do exemplo de Roma, como um povo póde expandir as suas energias seguindo um methodo diverso do da violencia e da força brutal das armas.

V

Se observarmos algumas sociedades humanas em particular, poderemos ver o seu desenvolvimento em numero e extensão, em energia e riqueza, e ao mesmo tempo em civilização; mas vemos tambem a sua decadencia e muitas vezes a sua extincção. Muitas sociedades antigas no velho e novo mundo pereceram e deixaram fragmentos seus em populações que, segundo parece, não tiveram grandeza nem poder; estes

fragmentos são representados por tribus que parecem primitivas, apesar de serem descendentes de populações que constituíam sociedades avançadas.

Então, a quem observa uma sociedade humana em particular compreendida numa nação, a evolução social apresenta-se como a evolução individual, o nascimento, o crescimento, o estado adulto e a velhice com a extinção. Consideradas as cousas debaixo d'este aspecto, não existe uma evolução social continua, mas evoluções parciaes, ou evoluções particulares, nas varias e multiplas sociedades humanas em differentes logares e tempos.

Mas só podemos ver uma evolução continua, quando consideramos cada uma das sociedades e cada uma das nações como partes de um todo, isto é, da humanidade, que as comprehende. Considerando separadamente as sociedades humanas, temos aquelle facto que já noutra logar assignalei,¹ ou o movimento traslatorio da civilização de uma nação para outra.

Neste phenomeno, cuja indicação é muito importante, assistimos ao desenvolvimento de uma sociedade (que depois constitue uma nação, e por isso emprego indistinctamente as duas pa-

¹ *A decadencia das nações latinas*. Turim, 1900, cap. III.

lavras), á expansão externa dos seus productos por qualquer meio, conquista ou commercio, ao apogeu da sua grandeza, á sua decadencia com a extincção total como nação; e por consequencia ao surgir ou nascer de uma nova sociedade sob a influencia da primeira, com os elementos de desenvolvimento que se aproveitaram d'aquella, e sob uma nova fórma de desenvolvimento, porque os elementos ethnicos activos têm outros caracteres differentes dos da sociedade da qual tinha recebido a influencia e os germens da civilização.

E repete-se, e sempre se repetiu nas epochas passadas este phenomeno, uma transmissão de germens civis e de progresso, numa palavra, de civilização de um logar para outro, de uma sociedade para outra; e por consequencia a evolução successiva sob novas fórmas, segundo a indole anthropologica dos povos e as condições externas locaes e as circumstantes.

Resta, porém, dizer que esta continuidade evolutiva tambem não é absoluta, nem tão simples como agora foi formulada por mim. Póde a translação realisar-se no periodo em que uma sociedade está na sua maior grandeza, e póde começar a evolução de outra sociedade, e até chegar a um desenvolvimento muito adeantado da sua grandeza, emquanto ainda está em flôr aquella da qual foram recebidos por esta os germens; e por consequencia póde haver um

parallelismo temporario. Tambem póde existir um centro de irradiação, realizando-se então em varias direcções a translação dos elementos que servem para a evolução social, que toma diversas fórmulas segundo os factores internos e externos que os desenvolverem. Alem d'isto póde succeder, e tem com effeito succedido, que num dado momento, se dê uma paragem, como um encalhe, ou uma interrupção na continuidade evolutiva humana, por um acontecimento superior, que impede ou destroe os germens evolutivos.

Assim se apresenta aos nossos olhos a evolução social, ora como um phenomeno limitado a uma nação, e então é temporaria, porque se lhe segue a decadencia e por consequencia a involução; ora como phenomeno continuo na humanidade, mas em movimento translatorio de uma sociedade para outra, em tempos relativamente differentes e successivos. Por consequencia não existe de facto uma evolução das sociedades humanas, mas apenas uma evolução humana, cujas phases successivas e temporarias são representadas pelas sociedades. É a humanidade que progride e se evolve continuamente tomando varias fórmulas e manifestando-se em differentes phases no tempo e no espaço.

Mas, se a evolução social se refere á humanidade, podemos considerar o phenomeno debaixo de outro aspecto. Ao passo que ha populações

que, como já acima notei, nunca têm progredido, por ficarem refractarias á civilização após um longo estacionamento e por longo isolamento; existem populações que progridem continuamente e transformam a sua velha civilização nas novas phases, e outras que já estavam á frente do movimento civil e progressivo e depois decaíram, as quaes reassumem as novas phases civis e se egualam ás primeiras. Então podemos admittir um equilibrio final em todas as nações aptas para a civilização e para a evolução social; e cessará, por consequencia, o movimento translatório que, desde os tempos mais remotos até hoje, se tem visto de nação para nação, de povos para povos, com a decadencia e a involução de uns e a evolução e o engrandecimento de outros. As sociedades humanas que constituem nações, equilibrar-se-hão na quantidade e na qualidade de actividade progressiva e evolutiva, e unir se-hão como numa unica sociedade, a qual, se não puder comprehender a humanidade inteira, comprehenderá a parte mais eleita da humanidade, que não mais estará dividida e discorda nem em perigo permanente de guerra e de destruição das obras civis, mas procurará o bem-estar universal na paz e nas actividades pacificas; a outra parte da humanidade, que é refractaria á evolução, tende, pelo contrario, a desaparecer, cedendo o logar á outra mais activa e progressiva.

VI

Agora é mister conhecer o valor e a significação da evolução humana relativamente áquelle phenomeno complexo que se denomina civilização, sem o que vaguearemos na incerteza e não poderemos ter conceitos determinados que nos sirvam como de medida ao julgar e comparar entre si as varias civilizações.

Uma civilização implica muitos factos e muitas manifestações sociaes: em primeiro logar, a organização de um estado em que estejam definidos os direitos e os deveres dos associados e a contribuição de cada um para a fazenda publica, que tem por fim o bem commum; os limites de actividade reciproca de cada associado, em relação á vida e á propriedade de cada individuo segundo as varias fórmias em que esta ultima se possa apresentar. Dir-se-hia que só estes factos constituiriam como que os eixos sobre os quaes se move uma sociedade humana e por consequencia seriam fundamentaes para dar um character á civilização. Isto é verdade, mas a este respeito são muitas as variações e ainda mais differentes os graus em taes manifestações, como

desde a organização de um estado primitivo, qual se encontra na Australia entre os indigenas, até á de um estado progressivo, extenso e complicado como existiria actualmente na Inglaterra ou na Allemanha. Na verdade cada principio fundamental póde ser manifestado simplesmente e sem a multiplicidade das relações que d'elle procedem, quando se applica a uma sociedade cujo desenvolvimento é egual ao de uma sociedade europea. Todavia não basta o restricto principio do respeito á vida alheia, pelo modo acima enunciado, por serem infinitas as variações na applicação de tal principio. Tambem a propriedade não tem uma organização unica nas numerosas sociedades humanas quer pelas variadas gradações do seu desenvolvimento, quer pelas condições especiaes em que se podem encontrar. Além d'isso a civilização de um povo e de uma sociedade contem outros attributos essenciaes, poderia dizer primordiaes, como os principios acima expostos. Um d'elles, como escopo ideal e supremo, é o bem-estar dos associados e o melhoramento das condições em que se acham. Eu poderia dizer que a organização do estado, o respeito pela vida e propriedade, a attribuição dos limites de actividade individual são como que as barreiras em que se devem conter os movimentos sociaes de todos os homens, para serem definidos; mas, para que elles tenham alguma utilidade, tambem é mister

que todos concorram simultaneamente para o bem individual e colectivo, sendo inseparaveis estes dois bens. São como os instrumentos que servem para o trabalho util, e os instrumentos não devem servir de fins a si proprios, como tantas vezes succede em todas as sociedades, seja qual fôr a sua gradação evolutiva.

Para conseguir o fim supremo do bem-estar individual e colectivo é mister que tambem sejam satisfeitas todas as tendencias humanas do melhor modo possivel. Estas tendencias são impulsos continuos para o desenvolvimento dos poderes psycholicos e por consequencia impulsos para a actividade, os quaes, estando em acção, satisfazem mais ou menos completamente as proprias tendencias, consoante os meios de que se dispõe numa collectividade. Portanto uma das manifestações que fazem parte da civilização, é a producção intellectual, á qual se liga a artistica: ás producções intellectuaes e artisticas tem-se até agora dado o nome de civilização, como se, além d'estas manifestações, não houvesse outras que concorressem para constitui-la. Taes producções por um lado são de utilidade, por outro de luxo; mas ambos os fins são sempre uteis á vida, não só por satisfazerem as tendencias humanas para o bem e para o melhor mas tambem por serem um impulso para o desenvolvimento mental e de actividade productora. Os povos que hoje desapareceram da

representação presente na vida social, as nações que agora já não existem, como o Egypto pharaónico, a Babylonia, a Persia antiga dos Achmenides, são considerados como civilizados e até como superiores a muitos outros povos e nações por todos os monumentos que deixaram ou construíram, não importa com que fim, com que sacrificio dos homens que então faziam parte das mesmas sociedades. São realmente admiraveis os restos dos monumentos egypcios, assim como os de Babylonia, da Assyria e da Persia, e vê-se quão elevado foi naquella nação o sentimento artistico para poder construir palacios e templos tão esplendidos. Tambem eu sinto uma grande admiração por tudo isso, e é com o maior assombro que perante o meu espirito surge o espectáculo de ter podido o homem, em epochas tão antigas, faltando-lhe os meios e os instrumentos hodiernos, elevar-se acima de outros homens, que então ficaram no estado primitivo em que ainda hoje permanecem, revelando apenas habilidade para construir mesquinhas cabanas de folhagem. Mas, quando contemplo as representações scenicas nos baixos relevos do Egypto e da Babylonia, quando penso como aquelles monumentos se construíam e se levantavam, então eu não posso deixar de sentir um forte impulso de repugnancia por aquella grandiosidade feita á custa das vidas humanas.

Com effeito, naquellas civilizações, que pare-

cem tão grandiosas e cheias de magnificencia, não só se tinha em pouca ou nenhuma conta a vida humana para construir as pyramides, os palacios reaes, o colosso e os templos immensos, mas toda a organização do estado era feita em beneficio de poucos e em damno do maior número, que devia servir de instrumento ao bem estar e ao gozo dos primeiros. O maior número, pois, estava como fóra da sociedade, e, se constituia um elemento, era só para completar os meios uteis á sociedade composta de poucos dominadores.

Se considerarmos, portanto, a evolução social de cada uma das sociedades antigas, ou a evolução humana na antiguidade, tomada no seu conjuncto, veremos que é facil encontrá-la nas fórmulas do Estado, na organização do exercito e na guerra, no sentimento religioso, nas manifestações do sentimento artistico, na producção intellectual e artistica; acharemos uma civilização sem duvida muito adeantada e desenvolvida e muitas vezes desenvolvidissima nalgumas direcções, e é um exemplo vivo a Grecia antiga; mas falta um elemento que se deve collocar no vertice de todos os outros elementos que constituem a civilização; um sentimento que esteve ausente nas antigas sociedades humanas, o sentimento humano propriamente dicto.

As representações que vemos nos baixos relevos do Egypto e da Babylonia e tambem da

Persia, mostram-nos a mortandade deshumana e inutil dos que eram aprisionados em guerra: cabeças humanas nas mãos da soldadesca deante de um escriba que as enumera; mãos innumeráveis cortadas aos presos em batalha e numeradas para serem mostradas ao rei vencedor; homens esfolados em vida, ou mutilados nas orelhas ou no nariz, ou martyrizados de muitos outros modos; Pharaós ou reis assyrios cegam com a lança os prisioneiros que se lhes apresentam ligados pelo nariz ou pelo pescoço e desarmados; soldados vencidos pendentes das estacas das fortalezas, mostram a ferocidade do homem no meio do desenvolvimento artistico dos templos e dos palacios. Não basta isso: os proprios constructores de monumentos maravilhosos deixam á furiosa crueldade destructiva dos soldados as cidades conquistadas e vencidas, e mandam destruir as mais bellas e grandiosas obras; por consequencia não foi o sentimento artistico que os impelliu á construcção das mais bellas obras architectonicas, mas o sentimento de orgulho e de luxo. Mas não é só isto que os baixos relevos nos mostram: tambem nos trazem á memoria a destruição das plantações e das arvores feita pelos soldados vencedores, que são menos do que homens, mas cuja ferocidade é semelhante á dos seus capitães; e todos arrasam como despojo de guerra homens, mulheres, creanças, gado e mercadorias, ligando os ho-

mens como animaes selvagens e ferozes e arrastando-os para os fazer morrer de fome e de fadiga.

E estes horrores completavam-se pela guerra, que na antiguidade tinha por fim a conquista, o engrandecimento do proprio territorio, o império, o dominio mais amplo, não de um povo, mas de um homem ou de uma familia. Assim a guerra monstruosa em si, como factó horrendo em que se ceifam as vidas humanas, tornava-se ainda mais horrivel pelos effeitos de destruição dos homens e das cidades e campos. Tambem neste ponto não era o vencedor muito mais feliz do que o vencido: fallo do misero soldado que, antes de se realizar a lucta sanguinolenta, se via obrigado a arrastar-se por centenas de milhas, desprovido dos meios que offerece a guerra moderna, e a trabalhar para acampar-se e para alcançar o alimento nos países, amigos ou inimigos, por onde passava; sempre exposta ao arbitrio de quem commandava, a sua vida era tida em pouca ou nenhuma conta. Quando ficava vencedor, o triste prazer que elle tinha era apenas o despojo de toda a especie, que depois devia guardar transportando-o nas suas longas marchas, ou encontrava outra satisfação mais triste em matar os vencidos, em esfolá-los, cegá-los ou mutilá-los de qualquer modo, por mando ou por innata ferocidade.

Não digo que era só no oriente asiatico ou

no Egypto, ou no meio de outros povos regidos por monarchias absolutas e hieraticas que isto succedia, mas tambem se dava de certo modo no occidente, embora mais moderadamente. Os Romanos não tratavam os prisioneiros como faziam os Assyrios e os Egypcios, mas escravizavam-nos e vendiam-nos, e egualmente destruiam as cidades e os campos, ou castigavam, por assim dizer, com a morte os chefes das nações resistentes ou rebeldes, como succedeu ao heroico Vercingetorix na Gallia. A carnificina que elles commettiam nas batalhas não era inferior ás que praticavam outras nações. Além d'isso, os feridos, especialmente os inimigos, caso não percessem aos golpes das suas adagas, jaziam no campo abandonados á morte mais horrivel e miseravel. Nas guerras civis ainda os Romanos eram mais ferozes, e era horrivel a mortandade dos vencidos.

Naquella antiguidade que tantas vezes surge gloriosa e grande, que nos apresenta imperios e nações civilizadas e desenvolvidas na arte da guerra, nas artes estheticas e até na cultura intellectual, faltava absolutamente o sentimento de piedade, esse sentimento que se chama humano. É a este sentimento que devemos dar grande importancia como medida da evolução humana nas sociedades de toda a especie; é por meio d'elle que podemos conhecer qual e quão grande é o valor da vida humana, e pen-

samos que onde é menos apreciada, ahí não ha civilização mas barbaria. Quando Stanley na sua viagem a Uganda visitou o rei Mtesa, que elle descreve com bellas cores, presenteou-o com uma espingarda que aquelle rei nunca tinha visto; então veiu-lhe o desejo de experimentar-lhe o valor e disparou-a sobre um homem que casualmente por alli passava. Ao ouvir esta narrativa, não podemos deixar de ficar horrorizados, e subitamente exclamamos que aquelle rei era um selvagem. Leio que, quando o corpo de Livingstone foi transportado do centro da Africa á costa, os portadores também tinham consigo mulheres que serviam para os seus usos; um d'elles viu-se obrigado a abandonar a sua mulher no caminho, porque lhe era impossivel continuar a viagem em vista de ter os pés chagados. Então pensa em degolá-la para não deixá-la a outros homens que poderiam tê-la encontrado. Estes factos, tão simples em si, são a medida da barbaria dos homens, mostrando-nos que a vida humana não tinha valor algum.

Infelizmente nem tudo isto cessou nas proprias nações modernas que emphaticamente denominamos civilizadas. O que fizeram os Alle-mães na Africa, também é conhecido por processos intentados contra alguns d'elles, ferozes como cannibaes; é bem notorio que em Madagascar um general francês praticou carnificinas

infinitas e que não se podem justificar a não ser para incutir terror e respeito. Também os Italianos na Africa não estão innocentes porque realmente têm commettido varios erros.

Mas, apesar de todos estes factos que deploramos, que deploram todos os homens que têm sentimento de piedade e por consequencia são também os mais desenvolvidos, os mais civilizados, é immensa a distancia que debaixo d'este aspecto separa as nações antigas das modernas. E é neste facto caracteristico que nós collocamos a civilização completa e a evolução mais adeantada da humanidade. Porque hoje, embora a guerra ainda subsista, diminuíram os seus horrores, e não se degolam nem se mutilam os prisioneiros, havendo pelo contrario convenções internacionaes para os proteger, recolhem-se os feridos de ambas as partes combatentes e curam-se juntamente, amigos e inimigos, assim como são incolumes, salvo casos excepçionaes, os medicos e os que recolhem feridos no campo, sejam quaes forem, amigos ou inimigos. Ainda se têm posto outras restricções á barbaria na guerra, e freios á mortandade inutil: tudo isto indica claramente que o sentimento humano nasceu e tem progredido, e com elle se tem elevado o valor da vida humana, individual e collectiva. Mas ainda não é o que basta para impedir que a barbaria nos appareça onde não têm vigor as convenções escriptas; só

existirá a verdadeira evolução, a evolução absoluta do sentimento humano quando não houver constrangimento, quando não forem necessarios tratados, numa palavra, quando se manifestarem espontaneamente a piedade e o respeito pela vida alheia. Infelizmente não foi isto o que se viu na China, onde o famoso concerto europeu levou a mortandade e a rapina a tal ponto que excederam o que tinham praticado os proprios Chineses. Matar porque outrem matou, como represalia, vingança, quasi compensação, é barbaria semelhante á que primitivamente existia nos povos primitivos; assim como bater porque nos bateram é uma vingança, um effeito de sentimento feroz; porque a barbaria e a ferocidade de outrem não devem excitar-nos a ser igualmente barbaros e ferozes por retribuição; e porque este modo de proceder não é indício de força, mas de reacção selvagem, que mostra que o animo d'aquelle em quem nasce é destituido do sentimento humano.

Como e quanto ainda estamos longe d'elle! Tal sentimento poderá manifestar-se plenamente e ter na vida uma influencia efficaz, quando mudar o conceito do que nós hoje commummente chamamos offensa nas relações individuaes. Com effeito, quando outrem nos injuria, ou nos fere, offende exclusivamente o nosso orgulho, não a nós proprios, ao passo que a acção que se denomina injuriosa offende principalmente aquelle

que a pratica; decae, é vil, commette uma acção digna de vituperio, e quem a recebe, não é offendido no minimo ponto, assim como, quando uma pedra cae e fere, não leva offensa, e ninguem se sente offendido, senão materialmente, e por consequencia não procura vingança. Se o homem se compenetrasse d'esta idéa, teria piedade d'aquelle que injuria gratuitamente e não procuraria vingar-se. Não seriam tão intensas as contendas e as vinganças, ou diminuiriam em grande parte, ao passo que se exaltaria a dignidade humana como uma cousa intangivel.

Mas onde o sentimento humano é ainda deficiente é nas luctas internacionaes, que são causadas, como já nos tempos passados, pelo desejo ardente de conquista, pelo dominio de qualquer fórma, pela rivalidade, por suppostas injurias reciprocas, pelo amor de presa sobre outros territorios e povos; eis os motivos por que existe a guerra, terrivel desastre humano, pelo qual, com lamento universal, se destroem vidas e propriedades. Mas nem o homem mais civilizado ainda perdeu os sentimentos bellicosos, que são sentimentos primitivos e selvagens; ainda lhe causa enthusiasmo o rumor das armas, exercitando-se e instruindo-se tambem nelas por passatempo, como se fosse util e são educar nös exercicios proprios de selvagens e que na nossa consciencia estão intimamente ligados á guerra, á mortandade e á carnificina.

Quando for plenamente reconhecido o valor da vida humana, e servirem para o bem estar de todos os homens, como individuos e como associados, todo o trabalho util e todas as applicações scientificas; quando puder ser universal o gozo artistico e intellectual; quando não houver tantos miseraveis quantos actualmente vivem incertos do sustento quotidiano; quando, finalmente, estiver extincto em todo o homem e nas sociedades humanas o sentimento de reacção que conduz á vingança, ao sangue e á guerra, será então que a evolução humana terá attingido o seu auge.

Assim para nós a civilização não póde consistir apenas na sciencia, nas applicações scientificas, na arte peia arte, na magnificencia dos monumentos architectonicos e semelhantes; o seu campo é muito mais vasto porque deve comprehender, como um caracter fundamental que dê fórma e valor a todas as acções, aquelle sentimento humano que leva ao melhor bem humano e á paz uniyersal sob todas as fórmas.

VII

Em tempos que não vão longe fazia-se uma philosophia da historia, cujo inicio foi dado por G. Vico, philosopho napolitano, na sua Sciencia nova, e nella se queria achar e estabelecer um principio universal que fosse como o fio de Ariadna, conductor e guia no immenso labirintho dos acontecimentos historicos nas antigas e nas novas sociedades humanas. Os protogonistas d'esta philosophia da historia depois de Vico foram Herder, Laurent, Hegel, Michelet, Buckle e outros, cujas obras se seguiram com fortuna diversa, e agora parecem sepultadas no pó das estantes, porque poucos ou nenhuns se entregam já á sua leitura. Da philosophia da historia passou-se á sociologia, na qual se tenta reencontrar leis universaes de que dependem os factos sociaes; não faltaram nem faltam os escriptores que tentaram uma sciencia sob este aspecto, e até julgaram estabelecer methodos adaptados ao fim; mas aqui não seguirei nem uns nem outros, nem os philosophos nem os sociologos, e resolver-me-hei a considerar os phenomenos sociaes como elles succederam e

quaes foram os motivos proximos e remotos que lhes deram origem, aproximando-os quanto possivel dos factos de character biologico, quando se trata da evolução social comprehensivel.

E na verdade as sociedades humanas bem como os individuos têm as mesmas necessidades de existencia, de continuação de existencia e ainda de concorrência; d'aqui vem a lucta, de que pôde resultar a continuação e até o augmento, ou a morte e o seu desaparecimento como sociedades. Quando nós revolvemos na mente as terriveis luctas da primitiva Roma com varias sociedades italicas mais ou menos fortes, não podemos deixar de confirmar o facto universal enunciado. A existencia de Roma depende do desaparecimento de outras sociedades que a circumdam e que luctam egualmente pelo mesmo fim; e de facto ellas pereceram e desapareceram como sociedades autonomas para serem absorvidas numa sociedade cuja força foi superior e para reforçá-la.

Com o engrandecimento da lucta torna-se mais extenso este phenomeno; e, sendo favoraveis as condições, dá-se com as sociedades mais extensas e mais distantes o que se deu com as mais pequenas e mais proximas. Foi d'isto que resultou a conquista romana sobre outros povos e o imperio, em que as sociedades vencidas na lucta são aggregadas com vinculos differentes segundo os casos particulares.

Aqui a lucta pela existencia assume caracteres bastante differentes dos que se referem ao phenomeno individual, pelo qual o individuo desapparece absolutamente na lucta biologica; aqui o que desapparece é a sociedade autonoma, para se tornar uma parte da sociedade dominante, ou uma sociedade inferior e servil.

Mas estes acontecimentos dependem de duas condições principaes, da variedade humana de que se compõe uma sociedade, e das condições exteriores que a circumdam e podem influir nas suas manifestações activas. Não divergem estas condições das que em biologia se encontram relativamente á vida individual e da especie, e são as seguintes: sem uma quantidade de energia manifestada na vida da especie, e sem algumas condições externas que sirvam de estimulo para desenvolver a energia latente, não pôde manifestar-se a vida; tambem não se pôde manifestar quando a lucta se torna necessaria, perante o excesso de influencia externa, que pôde ser fatal á propria vida.

É assim que Darwin admittia a possibilidade de sobreviverem os organismos que entre as suas variações possuem algumas que na lucta lhes servem como de armas; e estas variações uteis não podem deixar de ser dependentes da quantidade de energia individual dos organismos, isto é, dos melhor dotados. Com esta doutrina tambem se pôde explicar o phenomeno

de sociedades humanas, que, apesar de serem da mesma variedade anthropologica, não são igualmente resistentes, e por consequencia, em quanto umas succumbem, têm outras a primazia e sobrevivem: d'onde resulta a selecção. Existe, porém, uma differença que, ao fallar de sociedade, não devemos passar em silencio, e consiste em que na selecção natural biologica perecem os individuos, dissolvendo-se os elementos de que se compõem; ao passo que as sociedades perecem como aggregados e não como elementos de que são compostas; mas tambem se dissolvem para reentrar na composição da sociedade superior ou victoriosa. Neste ponto tambem o referido phenomeno assume variações, consoante as differentes condições em que vivem as sociedades, condições especialmente de habitat.

Na apparencia, porém, os phenomenos biologicos parecem mais simples ou menos complicados do que os sociaes, porque naquelles as variações, as luctas, a selecção, a sobrevivencia dos mais aptos, produzem fórmias determinadas, que vivem por longo tempo e de tal modo que parecem especies fixas; as que pereceram, tiveram uma vida infinitamente longa, deixando ainda vestigios, ou, sem desaparecerem completamente, transformaram-se de varios modos em diversos tempos. As sociedades humanas, pelo menos na sua maior parte, apenas se des-

truíram como aggregados e não nos seus elementos componentes, que lhes sobreviveram, e até muitissimas vezes com os mesmos caracteres e com muita constancia, e como promptos a reordenar-se em novas sociedades, dadas as condições favoraveis. Mas, embora estas sociedades tenham aparentemente novas fórmás, não são absolutamente novas na organização por que se governam, são apenas variadas; e nisto se parecem com as especies zoologicas. As sociedades regidas segundo o systema monarchico, por exemplo, tiveram esta fórmula politica desde tempos immemoriaes; e pereceram as sociedades primitivas monarchicas; outras, como as modernas, têm tambem organização monarchica, mas differente por muitos caracteres das monarchias pharaonicas, para recordar alguma. Assim ha variação de fórmula, tanto nas sociedades como nas especies; e, o que é mais curioso, existem sobrevivencias nas sociedades monarchicas modernas, que, como fórmás vivas, apenas se encontram nas velhas monarchias orientaes.

Portanto, como noutro lugar admitti, existe uma paleontologia social analogá á zoologica, assim como existe o vestigio ou a sobrevivencia de especies e de fórmás extinctas.

De mais, na natureza nada se renova, nada se transforma bruscamente, mas só por lentas variações e muitas vezes tambem de tal modo

que não é facil reconhecer a variação definitiva como uma mudança completa.

Eis o motivo porque as fórmãs antiquadas se ligam com as recentes como uma successão natural, ao passo que nada permanece absolutamente fixo. Mas tanto nas especies organicas como nas sociedades humanas succede que são mais rapidas as transformações quando se dão condições exteriores que lhes são favoraveis; o isolamento produz a immobilidade nas instituições, como succedeu na China, que é o mais velho imperio do mundo. Assim esta nação representa a paleontologia social, como uma sobrevivencia das velhissimas sociedades, que morrem para dar logar ás recentes.

Mas não é pelo facto de uma sociedade ser vasta e possuir instituições progressivas e uma historia completa e complexa que se deve reconhecer a sua antiguidade; uma sociedade pode ser velha, tão antiga como outra, sendo ao mesmo tempo elementar na sua constituição, assim como uma variedade humana póde ser tão antiga como outra, apesar de se ter conservado nos primeiros estadios da evolução. E tudo isto nos é revelado pela observação relativa ao estado presente e passado de grande número de sociedades e variedades humanas. Como vimos acima, algumas sociedades pararam no estado de tribus mais ou menos coalescentes, não obstante serem antigas as variedades humanas que

as compõem. É verdade que no centro da Africa têm existido vastos reinos por obras de conquistadores, mas as tribus componentes nunca se fundiram entre si, para desaparecerem como pequenas sociedades; além d'isso existem dispersas por aqui e por alli pequenas sociedades, que tanto na grandeza como na extensão não são superiores a tribus. A Australia dá-nos este exemplo, e ainda hoje a propria India comprehende muitas tribus distinctas ou pequenas sociedades, que têm usos e costumes proprios e particulares, apesar de todo o continente indiano estar pouco mais ou menos sob o regimen inglês, que unifica aparentemente os diversos povos de linguas e costumes differentes. É de um modo analogo que os esquimós e muitas tribus americanas vivem independentes sem fazerem parte de uma sociedade vasta.

Todo o Oceano pacifico nos offerece exemplos semelhantes, e talvez a propria Europa na immensa Russia, onde parece que vivem fracções humanas como sociedades distinctas, embora sob a dependencia do imperio.

Quem tem uma idéa das fórmãs animaes e vegetaes relativamente á posição evolutiva, sabe que ha uma gradação que começa no infimo grau primordial, os viventes unicellulares, e finaliza no mais alto grau da escala com as classes dos vertebrados, que representam os animaes cujo desenvolvimento morphologico é

superior ao dos outros. Mas enganar-se-hia quem quizesse admittir serem os vertebrados os mais antigos; uns e outros podem ser considerados antigos; mas os mais antigos são os mais baixos da escala, assim como entre os proprios vertebrados os mais antigos são os reptis e os peixes. O mesmo devemos dizer a respeito das sociedades humanas; e, se a comparação não desagrada, podemos dizer que as sociedades que ficaram nos primeiros graus se assemelham ás fórmans animaes que ficaram nos primeiros graus de evolução, ao passo que outras fórmans progrediram e se desenvolveram. Não encontramos facilmente a explicação d'estes factos, se não quizermos limitar-nos exclusivamente á condição interior, diria nativa dos proprios organismos, que são privados d'aquella plasticidade e d'aquellas tendencias para desenvolver a sua energia biologica; explicação analogica se poderia dar relativamente áquelles grupos humanos que carecessem de actividade, como por uma deficiencia original para desenvolver-se em sociedades grandes e complexas.

A meu pesar fui levado a estas analogias, que espontaneamente surgiram no meu espirito; mas servirão ao menos, como exemplo, para mais facilmente se comprehenderem as variações que se encontram nas sociedades humanas. Mas a sua evolução tambem se não explica nem pelas analogias acima referidas nem unicamente pelas

leis de Darwin, selecção, sobrevivencia, etc., que se descobrem no phenomeno universal da lucta pela vida, porque as sociedades não são especies morphologicas, nem variedades anthropologicas, mas quasi sempre agglomerações de muitos elementos de variedades humanas; e não fallo aqui senão de sociedades. D'onde se conclue que ellas se fundem e confundem com as populações unidas em nações; uma sociedade é tambem uma nação e vice-versa, e é tambem uma população, mixtura produzida por varios acontecimentos. É necessario, por consequencia, investigar a causa primordial que seja capaz de produzir a evolução social, da qual as leis darwinianas são sempre o necessario e inevitavel equipamento.

Num livro ultimamente publicado fallei de um ideal das nações e examinei o motivo e a origem d'este ideal; escrevi: «Num povo e numa nação o ideal nasce das condições do presente, que são realmente necessidades e precisões que não foram satisfeitas no momento historico; então surgem os que estudam a maneira de remediar os males communs, procurando um caminho pelo qual cheguem a evitá-los ou diminui-los. Acha-se a necessidade economica e a miseria; que devem ter origem no systema de propriedade individual e no capital accumulado em poucas mãos, então é necessario mudar tal systema e abolir o capital, substituindo-lhe ou-

tro meio para produzir o trabalho: tudo isto traz naturalmente uma mudança geral na organização politica e social, e d'ella deriva um systema novo, uma nova constituição social que se torna o ideal de quem a achou. Neste caso estaria o ideal socialista, tomado nos seus fundamentos e nos seus caracteres geraes.» ¹

Mas não é só este o ideal de uma nação; ha outros que se referem a fins differentes e a varias necessidades de um povo, alem das economicas. Ha um ideal politico, que em tempos já passados foi quasi exclusivo, pelo menos na apparencia, e pelo qual se pensa nas condições individuaes de liberdade, mais ou menos opprimida por uma constituição politica, como tantas vezes succede nas monarchias. Podem surgir outros ideaes menos geraes e inclusivos do que o ideal politico ou economico, como é o do dominio e do predomínio por meio da conquista e da expansão colonial, que hoje se denomina imperialismo.

Mas o ideal que no fundo d'este quadro predomina é o que se refere ao facto economico, porque é mais evidente a condição economica de um povo, e porque as dores provenientes da miseria, das privações e da insufficiencia dos

¹ *A decadencia das nações latinas*, pag. 19-20. Turim, 1900.

meios de subsistencia não são apenas visíveis, mas constituem um estado grave no grupo social. Hoje, com effeito, pretende-se explicar todo o movimento da humanidade na historia pelo que se chama materialismo historico, como se a condição económica da existencia fosse nos povos o principal, se não o unico motor.

Se effectivamente considerarmos a natureza humana nos seus caracteres fundamentaes biologicos, veremos que a essencia e o caracter de toda a actividade physiologica e psychica, no seu sentido proprio, se referem á funcção de protecção; e ha muitos annos que por varias vezes tenho demonstrado este factio universal. ¹ Este caracter fundamental dos phenomenos psychicos, quando se desenvolve no estado social, toma varias fórmas, torna-se, por assim dizer, polyedrico, como polyedrica é a propria sociedade. E assim temos a defesa individual, da pessoa como conservação da existencia; defesa da liberdade das acções e do desenvolvimento das proprias aptidões e potencias; defesa da liberdade de manifestar os proprios pensamentos e sentimentos de todo o typo, por consequencia liberdade politica, scientifica, religiosa; defesa

¹ Cfr. *A origem dos phenomenos psychicos e a sua significação biologica*. Milão, 1885; e *Psychica nos phenomenos da vida*. Turim, 1901.

relativa aos meios de subsistencia ou da propriedade, seja qual for a sua fórma.

Se unirmos num feixe todas estas defesas, que são como que as faces do polyedro, podemos admittir que o conjuncto se refere ao bem individual commum ao social. Então o ideal a que aspiramos é este bem, o qual não é apenas ideal de character economico, mas economico juntamente com outros meios e fins que fazem o bem completo da vida humana. É indubitavel que o ideal economico deve ser o primeiro e o fundamental, pelo mesmo motivo que nós não podemos pensar noutros ideaes senão com a condição de vivermos e de vivermos sem graves difficuldades relativamente aos meios de subsistencia. Assim o ideal socialista, que é quasi exclusivamente economico, constitue, para nós, o fundamento do ideal humano, quer individual, quer social; mas não é o seu unico elemento.

E esta minha asserção não é apenas um pensamento ou uma opinião, mas um facto demonstravel. Os homens que não se vêm obrigados a lutar fortemente pela subsistencia e aquelles que se acham completamente isentôs d'esta lucta, procuram outros ideaes noutros factos e noutras acções; não os satisfaz apenas a boa e sufficiente alimentação ou a vida commoda; gostam ainda de ter satisfações estheticas, e depois tambem as scientificas, que servirão para au-

gmentar os gozos, que se sentem como necessidades. Não basta: desejam uma liberdade de acção, de pensamento, de sentimentos, que na evolução da vida individual e social alargam o campo da sua extensão. Assim o ideal da vida humana torna-se complexo e é um composto de muitos ideaes particulares; para isso contribue a iniciativa de homens superiores que, de qualquer modo e por todos os meios, augmentam os bens da humanidade e o gozo da vida, e produzem a satisfação de muitas necessidades intellectuaes que ultrapassam as necessidades materiaes.

O ideal que conduz á evolução, não é qualquer cousa de fixo e de determinado, como outros poderiam pensar; a satisfação das necessidades presentes, seja qual fôr a sua natureza, nunca é completa, e tende continuamente ao melhor, a uma cousa superior ao que é actual e não satisfaz absolutamente. Por um lado, pôde dizer-se que esta tendencia é a que leva ao augmento da somma dos prazeres e á diminuição da somma das dores; tambem se pôde dizer que as duas sommas são de tal modo correlativas que, augmentando uma, diminue a outra. E, como a libertação da dôr é o impulso primordial, a diminuição da somma das dores traz naturalmente o augmento do prazer. Em tal contraste, que muitas vezes se torna uma lucta energica, encontra-se o ideal da vida, que é

como um ascender continuo para condições superiores ás do presente. Por outro lado, a tendencia para um futuro melhor deriva dos continuos conhecimentos que o homem adquire da natureza que o circumda, a qual é como uma fonte perenne de bens, quando as suas energias são utilizadas com vantagem social. Finalmente a aquisição da consciencia da personalidade e do valor humano, no individuo e na collectividade, conduz á ascensão para o ideal que será sempre o que fôr melhor do que o presente.

O ideal, por consequencia, não está fóra da humanidade, mas nella propria; a humanidade, se o quizer attingir, não deve sair fóra de si mesma para o procurar noutra parte ou onde elle não passa de illusão.

AS ESPECIES HUMANAS

Quem se occupar das sociedades que constituem a familia humana, não poderá deixar de pensar que, para ser proficuo o estudo, é mister que primeiramente sejam delineados os grupos em que ella se divide e a respectiva distribuição geographica; tambem no seu espirito surgirá necessariamente, a idéa da influencia que alguns caracteres physicos exercem na natureza e no desenvolvimento social. Já me referi a este ponto quando fallei dos factores que influem na constituição e na evolução das sociedades; agora procurarei esboçar summariamente e de um modo concreto os varios grupos humanos e tratar das suas divisões e subdivisões que mais se relacionam com a sociabilidade e com as actividades que nellas e por ellas se desenvolvem.

Mas não espere o leitor uma classificação humana que seja completa, dos grupos ou das es-

pecies, como ha annos tenho sustentado; porque até hoje são poucos os que conhecemos nos seus caracteres bem determinados, e são os que habitam a Europa com as variedades que d'elles se derivam, e alguns da Asia e da Africa. De outros conhecem-se mais os nomes ou alguns caracteres phisicos superficiaes, que nos podem levar a classificar estes grupos humanos com differente criterio. Na verdade as chamadas raças humanas são mais conhecidas pelos seus caracteres ethnologicos e especialmente pelos linguisticos, do que pelos anthropologicos, que revelam a natureza anatomica e physiologica. Não falta, porém, o conceito de que estes caracteres phisicos têm pouca importancia para distinguir os homens, que substancialmente são eguaes nos seus caracteres fundamentaes; de modo que as differenças visiveis seriam superficiaes e não exerceriam a minima influencia na mentalidade e na sociabilidade. Este conceito é substancialmente admittido por todos os que sustentam a egualdade das raças humanas e a unidade da especie.

O leitor que tiver algum conhecimento do que tenho escripto ácerca de anthropologia physica, não achará nova a denominação de especie, que applico aos grupos humanos; bem sabe que distingo no homem varias especies, que constituem um genero unico; foi pelos meus estudos especiaes que cheguei a pensar assim. Pela impor-

tancia que attribuo ás especies que determinei, é mister que eu diga alguma coisa a seu respeito.

São tres as especies humanas que até agora defini consoante os seus caracteres fundamentaes e divergentes, a saber: uma especie antiquissima, primitiva, com o nome de *Homo neanderthalensis*, originaria da Europa, e hoje extinta, talvez com alguma sobrevivencia. É só na Europa que se encontram os vestigios mais certos e authenticos d'esta especie. Na propria Europa seguiram-se a estas duas especies viventes, uma determinada com o nome de *Homo eurafricanus*, e a outra com a de *Homo eurasicus*. A primeira teve as suas origens na Africa e espalhou-se pela Europa no ultimo periodo quaternario; foi por isso que adquiriu o duplo nome. A segunda, asiatica de origem, tambem immigrou para a Europa, muito mais tarde do que a primeira, com a qual se misturou, chegando a ter uma importancia não inferior a esta. ¹

¹ Cfr. os meus livros: *Africa, Arias e Italicos; Especies e variedades humanas; The Mediterranean Race*. 1897-1901.—Schwalbe admite que o *H. neanderthalensis* é uma especie differente do homem moderno e do neolotico; os quaes considera como uma unica especie, sejam quaes forem as fórmias.

Cfr. *Der Neanderthalschädel*. Bonn, «Jahrbucher», Heft 106, 1901.

Um estudo recentissimo que fiz relativamente ao problema da origem dos Arias, mostrou-me que a especie eurafricana não só se tinha diffundido pela Africa, sua patria de origem, pela bacia do Mediterraneo e pela Europa central e septentrional até á Scandinavia; mas havia tambem immigrado para a Asia alem do Mediterraneo, e para o valle mesopotamico e ainda mais ao oriente, para o Iran, onde historicamente appareceram a Media e a Persia, e pelos valles do Indo-Kush, para a India, para os valles do Indo e do Ganges.

Da Eurafricana já distingui tres variedades por meio d'aquelles caracteres externos que dependem das condições do habitat, da alimentação, do modo de vida; e das tres variedades notei que a mais importante, sob o ponto de vista historico, foi a Mediterranea, assim denominada por ter occupado a grande bacia, encerrada entre as tres regiões do mundo antigo, Europa, Asia e Africa. Esta variedade tem a pelle trigueira, os cabellos e o iris escuros, a estatura mediana; relativamente á fórma cephalica alongada não faz a minima differença das outras duas variedades, isto é, a africana trigueiro-negra, vermelho-escuro, negro, e a nordica, branco-loura. Mas encontram-se muitas subdivisões de cada variedade, differenças de estatura, tanto na Africa como na Europa, assim como se encontram variações de physionomias nos grupos

ethnicos, dependendo taes variações, ao que parece, de condições locais.

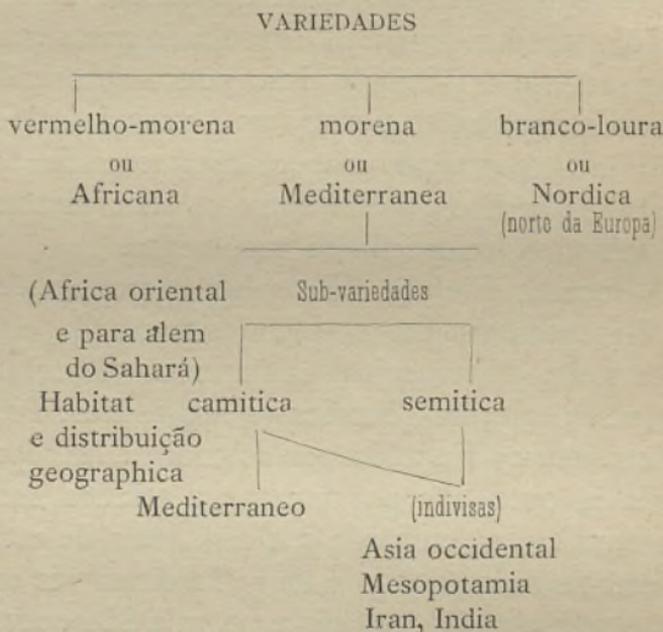
A analyse relativa ás populações primitivas e ás que d'ellas dependem, na Persia e na India, e nas regiões situadas entre a chamada Asia e a India, conduziu-me a este resultado que a muitos parecerá, á primeira vista, pouco verosimil; que taes populações pertencem á variedade Mediterranea, possuindo os seus caracteres fundamentaes identicos, assim como os seus caracteres externos, coloração do tegumento.

A mesma análise feita sobre as populações da Mesopotamia deu-me identico resultado, embora neste ponto sejam maiores as difficuldades pelas relações historicas e linguisticas. Provavelmente os Eurafricanos acharam a Mesopotamia já occupada por uma raça asiatica, mas não com tanta densidade que deixassem de estabelecer-se no territorio e de se fundir talvez em parte com aquella. Depois a propria Mesopotamia foi dominada por um elemento denominado semitico pela linguagem, mas que, pelos caracteres physicos, tem affinidade com a Eurafricana: assim temos uma Babylonia e uma Assyria semitizadas.

Mas novas análises relativas a populações que fallam linguas semiticas venceram as minhas dúvidas e as minhas reservas anteriores; e decididamente admitti que a differença linguistica dos chamados Camitas não justificava a sua se-

paração anthropologica dos que fallam linguas semiticas. Por consequencia fiz a classificação seguinte:

Especie Eurafricana



Esta classificação anthropologica, isto é, fundada nos caracteres phisicos, internos e externos, não corresponde á classificação linguistica, embora necessariamente sejam linguisticos alguns nomes empregados nella. A variedade africana, em grande parte tem linguas denominadas camiticas como na antiguidade, os lybios; a mediterranea, que póde dividir-se em mediterranea africana e europeia, conserva naquella, pelo

menos em parte, a linguagem camítica, ao passo que a europeia a perdeu, se exceptuarmos os Bascos. A variedade nordica tinha talvez a mesma linguagem camítica. Teríamos o seguinte schema da eurafricana segundo as linguas dominantes:

Espece eurafricana

Variedades anthropologicas	Linguas
1. ^o Africana.....	<i>Camíticas</i> (em grande parte.)
2. ^o Mediterranea:	
a) Camítica na Africa.....	<i>Camíticas</i>
» na Europa....	<i>Aricas</i> (á excepção dos Bascos.)
b) Semítica.....	<i>Semíticas.</i>
c) Camito-semítica (individual na Asia) (primitiva)...	<i>Aricas</i> (em grande parte.)
3. ^o Nordica.....	<i>Aricas.</i>

As maiores objecções ás minhas inducções acima resumidas, pelas quaes a classificação linguistica não corresponde á anthropologica, viriam dos philologos, e pareceriam justas: se os Mediterraneoos tiveram linguagens semelhantes ás dos Egyptios, ou dos Lybios, ou dos Pelasgos, dos Ligures e dos Iberos, e depois tambem semíticas, como é possível que alguns ramos da mesma variedade tenham tido linguagens tão differentes na Asia, como o accado—numerico, o arico?

Tentei responder a esta objecção, que tenderia a annular a minha reconstrucção anthropologica de variedades com caracteres phisicos identicos. Admitti uma transformação e uma evolução da linguagem originaria da raça em contacto com outras raças que fallavam linguas agglutinantes, como aquellas a que se querem reduzir as dravidicas e outras do centro da Asia; ao passo quo na patria e nas regiões confinantes as linguas conservaram o typo que tinham na sua origem, destacando-se em duas grandes variedades linguisticas, a camitica e a semitica. Mas na Mesopotamia o typo linguistico primitivo ficou tão mal definido, que hoje é motivo de graves discussões e dissensões entre philologos, sem uma solução definitiva, pela qual ainda se espera. No Iran pelo contrario, e na India, deu-se uma evolução completa, a ponto de fazer nascer um typo linguistico superior na morphologia; nem nos deve causar o minimo assombro este facto, porque não podemos nem devemos pensar que os povos nascessem com typos de lingua absolutamente differentes e desenvolvidos. Devemos, pelo contrario, admittir que as linguas se desenvolveram e differenciaram lentamente, tornando-se divergentes, como as fôrmas organicas, por consequencia não podemos achar estranho que povos que transmigraram para longinquas regiões terrestres em contacto com outros tenham transformado a sua

linguagem e desenvolvido novas fórmulas, retendo todavia, como sobrevivencias, alguns elementos das suas linguas primitivas.

Assim, enquanto os Indoiranos desenvolviam aquelle typo linguistico que agora se denomina arico ou indo-europeu, os seus vizinhos Mesopotamicos não crearam uma linguagem com fórmulas tão definitivas que se possam reconhecer claramente, e depois, dominados por um ramo semitico, transformaram, embora incompletamente, a sua lingua em semitica, como existiu na Babylonia e na Assyria desde a mais antiga civilização chaldaica.

E aqui por incidente apraz-me fazer observar um phenomeno digno de attenção para os que se dedicam ao estudo da ethnologia, e é que povos como os Egypcios e os Mesopotamicos, apesar de se tornarem civilizados antes de todos os outros povos do mundo e dos proprios Arias, tiveram linguas pouco desenvolvidas e pobres; ao passo que os Arias, que não foram primeiros na civilização, manifestaram uma grande e segura efficacia na criação linguistica. Poder-se-hia affirmar que elles gastaram a sua energia intellectual na producção e na evolução da linguagem, que devia tornar-se, como typo, a mais universal; e menos a tiveram para as fórmulas da civilização, que em parte recebiam dos seus vizinhos Mesopotamicos.

Relativamente ao *Homo eurasicus* recordo o

que tenho affirmado em varias occasiões, e ultimamente tratando do problema arico.¹ É asiatico de origem, tem caracteres physicos differentes do eurafricano pelas fórmas do craneo e da face, pelo desenvolvimento esqueletico forte e rude, pelo pescoço relativamente curto, pelos hombros largos. Nelle prevalece a côr morena da pelle, mas encontra-se tambem a côr branca com os cabellos louros e com os olhos claros. Actualmente não é facil definir a distribuição geographica dos Eurasicos na Asia; mas está plenamente provado que se encontram no planalto iranico, no Pamir, no oriente e ao sul do Caspio. Comprehendem tribus que fallam dialectos iranicos, isto é, aricos, e são especialmente os Tagicos e os Galcias, que pela sua lingua são considerados como Arias; e os Usbecos que fallam, pelo contrario, linguas denominadas turanicas, e estão proximos pelo habitat e muitas vezes fundidos e confundidos com os Tagicos, quando não se distinguem completamente d'estes pelos caracteres physicos.

Para a sociologia é util saber o que succedeu relativamente ao *homo eurasicus*, que defini como mongoloide não mongolico; facto digno de nota, por mim ultimamente revelado.

¹ Cfr. o meu recente trabalho: *Os arias na Europa e na Asia*. Irmãos Bocca, Turim, 1903.

Achando-se em contacto com os Arias na Asia, os Eurasicos aprenderam as linguas aricas, e ainda hoje, como disse, algumas fracções falam dialectos persicos e fazem parte da população da Persia com o nome de Tagicos, ao passo que outras fracções com o nome de Galcias habitam mais ao oriente, mas são identicos, diga-se o que se disser em contrario. Nos tempos prehistoricos, que provavelmente correspondem á epocha neolitica europêa, emigraram e invadiram a Europa, deixando algumas tribus na Asia; foi d'ahi que importaram as linguas aricas por elles falladas. Assim mudaram a phisionomia anthropologica da Europa bem como o typo das linguas primitivas. Foi isto que deu origem a que elles fossem denominados Arias, mas alguns anthropologos confundiram-nos com a população de typo escandinavo e germanico, louro e dolicocephalo, que já se encontrava na Europa e era, como ainda é, a variedade nordica eurafricana. Pelo contrário, eu tive a possibilidade de demonstrar que estes invasores de lingua arica são mongoloides pelos caracteres physicos e não correspondem inteiramente aos legitimos Arias asiaticos ¹.

Desde aquella epocha estas populações podem considerar-se europêas, tendo-se fundido

¹ Veja-se a obra cit.

com os habitantes primitivos, os Eurafricanos, tendo-se adaptado ao clima e chegando a possuir o habito e a physionomia europêa e com esta tambem a civilização: d'onde procede o nome de Eurasicos que lhes dei.

As immensas populações que habitam a Asia desde o Caspio até ao mar Amarello e ao Japão, desde a Mandchuria até ao Sião, constituem na apparencia uma grande massa incoherente, especialmente se as considerarmos nos seus numerosissimos nomes ethnicos. Mas se fosse possivel destrinçar algumas misturas e examiná-las anthropologicamente, o que até agora não se torna facil de fazer, achar-se-hiam menos incoherencias, mas muitas variações de typo, consoante as regiões e o modo de viver; ou uma serie de variedades d'aquillo que se chama typo mongolico e que podemos denominar *homo asiaticus*.

Tambem socialmente são differentes estes grupos humanos que constituem as variedades mongolicas; e ora são nomadas, ora sedentarios, ora pacificos agricultores, como em muitas partes da China, ora turbulentos cavalleiros nomadas parecidos com os beduinos da Arabia, ora civilizados e industriosos, como se encontram muitos na China e no Japão.

Ao ler muitos livros de anthropologia que tratam do *homo asiaticus*, vê-se que as varias divisões e subdivisões são feitas mais pelos ca-

racteres linguisticos ou pelos nomes ethnicos, do que pelos caracteres physicos ou anthropologicos. D'ahi resulta o facto de serem alguns grupos classificados como mongolicos pela sua lingua, embora tenham caracteres physicos pelos quaes estariam melhor ao lado de outros que pela linguagem se classificam noutro grupo; como costuma succeder com os Usbecos e os Tagicos. Uns e outros possuem caracteres identicos, mas fallam linguas differentes, os primeiros mongolicas, os segundos aricas. Mas é mais facil classificar pela lingua; eis o motivo principal da classificação existente e tambem da confusão sob o ponto de vista anthropologico. Com effeito os anthropologos têm ordinariamente seguido os linguistas nos seus criterios de classificação, apesar de haverem tentado fazer sobresair os caracteres physicos. É verdade que ainda não possuímos observações sufficientes sobre todas as populações que se denominam mongolicas pela sua linguagem; os viajantes mais cuidadosos limitam-se a descrições exteriores e classificam segundo as linguas falladas. Só ás vezes acontece que observações parciaes e especiaes mostram a presença de elementos novos estranhos ao chamado typo mongolico, que se considera o typo convencional. A China é a immensa nação mongolica, se a considerarmos na sua massa total; mas é uma grande mistura de elementos diversos, entre os quaes predomi-

nam as proprias variedades mongolicas. Com effeito, em todo o territorio chinês não ha homogeneidade nas fórmas physicas; e como poderia existir essa homogeneidade num territorio tão vasto e em populações tão variadas?

O *homo asiaticus* typico tem por caracteres physicos a cabeça de fórma larga e relativamente curta, brachycephala, cuneiforme geralmente, e platicephalica; a face proporcionada; a estatura variavel; a côr da pelle amarellada, como nos Chineses, ou bronzea como nos Japoneses; destituídos ou quasi destituídos de pêlos pelo corpo, com pouquissima barba, e cabellos negros rigidos. Os olhos têm inclinação obliqua para o angulo interno, elevando-se o externo; o nariz é curto e baixo; os zigomas são altos e protuberantes; a face no conjuncto é antes achatada; a iris é escura. Mas d'este typo com taes caracteres existem muitas variações, de caracteres mais ou menos distinctos; muitas vezes, pelas differenças do habitat e pelo genero de vida, encontram-se mais divergencias physiônicas do que caracteres.

Se considerarmos agora os grandes grupos humanos classificados por nós como especies, segundo as principaes linguas, como até hoje têm feito anthropologos, ethnologos e historia-dores, teremos Arias, Camito-semitas, Mongoes, ou aquelles a quem é attribuido o movimento das civilizações antigas e modernas. Conside-

rando, porém, os grupos humanos segundo a nossa classificação anthropologica acima estabelecida, teremos diferentes combinações de povos antigos e modernos. O *homo eurafricanus* abraça populações antigas e modernas de varias linguas, o egypcio, o lybico, o pelasgico, o ligure, o iberico, o europeu primitivo ignoto, o semitico e o arico; e comprehende os povos do Mediterraneo, que tiveram as grandes civilizações, a egypcia, a micenia, a grega e a latina; e os da Asia Menor, da Mesopotamia, do Iran e da India, onde nasceram civilizações differentes e linguas novas: numa palavra, os povos denominados ario-semiticos, em cujo poder permaneceu durante muitos seculos todo o movimento da civilização.

Foi tarde que o *homo eurasicus* entrou neste movimento, e não de um modo espontaneo, misturando-se com o eurafricano na Europa e na Asia, de quem tinha aprendido as linguas aricas no Iran. Foi muito restricta a sua área de movimento, sendo até nulla na Asia; ao passo que agora na Europa parece succeder ao antigo eurafricano, com o qual todavia se misturou e nalguns logares se fundiu.

No *homo asiaticus* ha maior uniformidade de linguagem, nas suas divisões encontra-se mais coherencia do que nos Eurafricanos; é por consequencia menos subdividido, menos migrante e menos activo. Poder-se-hia affirmar que os po-

vos eurafricanos foram os creadores da civilização na Africa, na Europa e na Asia anterior, isto é, aquelles que pela sua linguagem se chamam Camitas, Semitas, Árias, todos de um unico tronco e de uma unica origem. Tambem depois d'estes tiveram os povos mongolicos uma parte importante na antiguidade, uma parte importantissima no extremo oriente desde os tempos mais remotos até hoje pelas duas grandes nações, a China e o Japão. Mas, se é verdade o que parece ter sido demonstrado por Lacouperie, isto é, que a civilização foi importada para a China por uma colonia que havia partido do territorio mesopotamico, 2250 annos antes da nossa era, avultaria ainda mais a importancia do pápel desempenhado pelo *homo eurafricanus* na historia do mundo porque elle teria sido o iniciador e o propagador de todas as civilizações, assim como a diffusão dos numerosos ramos da familia teria sido tão extensa que ultrapassaria tudo quanto na actualidade se admite e se conhece.

Um grupo humano cuja classificação até aqui tem sido difficil de fazer-se é aquelle que occupa a India com o nome complexo de Dravidas. Alguns ethnologos julgam que foram dois os povos que habitavam a India antes da invasão arica, os Kol ou Colorianos, e os Dravidas propriamente dictos: outros não admittem tal distincção. Mas Gustavo Oppert julga poder demons-

trar que os Dravidas foram constituídos por dois ramos, os Gaudianos e os Dravidas propriamente ditos com o nome original de Bharatas. ¹ Pela sua linguagem são todos classificados entre os povos turanicos ou mongolicos, por serem agglutinantes as linguas por elles falladas. Para demonstrar quanto é erronea ou pelo menos fallaz tal classificação, não preciso de gastar muitas palavras: se observarmos os caracteres physicos, comprehendemos immediatamente a profunda differença que os Dravidas fazem dos Thibetanos, dos Siameses e dos Chineses em geral.

Das observações anthropologicas de Risley e de Crooke resulta, na verdade, que, apesar de uma grande uniformidade do indice cephalico, e de outros indices, principalmente faciaes, existem differenças características. Não fallando nas sobrevivencias de Árias, já misturados com os indigenas, ha dois typos principaes, um dos quaes é representado pelos Todas; relativamente a este typo têm-se feito varias hypotheses. O outro é inferior, mas tambem não é mongolico, apesar da sua lingua agglutinante.

Marshall, que estudou os Todas de perto e quasi em primeira mão, escreve a respeito d'elles que «na sua apparencia têm muito do Ethiope.

¹ *On the original Inhabitants of Bharatavarsa or India.* 1893, Westminster.

puro (blameless Ethiopian), alguma cousa do Hebreu e do Chaldeu. Não ousou, porém, sustentar opinião alguma ácerca da sua terra originaria.» Ao publicar o seu livro sobre os Todas, recommenda novamente a sua opinião ácerca da conexão entre os Todas dravidicos e os Ethiopes ¹. Keane colloca-os no *homo caucasicus* juntamente com os Ainos ². Em Thurston encontra-se um estudo accurado sobre os Todas, Kotas e affins ³.

Certamente ao observarmos a côr cutanea dos Todas, a fórma e a côr dos cabellos, as fórmas cephalicas e faciaes, em summa a pessoa no seu conjuncto, somos tentados a collocá-los entre os Eurafricanos. Ha nelles muito dos Somalis, dos Gallas e dos Abyssinios, mas o seu systema pilifero está muito desenvolvido, até exaggeradamente, o que não succede com as populações africanas já designadas, onde, pelo contrario, é escasso na barba, quasi nullo no resto do corpo. Não é isto por ventura um obstaculo para os aproximar do Eurafricano, porque os Mediterraneos são bem providos de

¹ *A Phrenologist amongst the Todas*, pag. 4 e nota. Londres, 1873.

² *Ethnology*, pag. 418-19. Cambridge, 1896; *Man Past and Present*, pag. 559. Cambridge, 1899.

³ *Madras Government Museum*. 1896, Bull. n.º 4; 1901, Bull. 1, vol. iv.

pêlo, assim como os nordicos da mesma especie.

Se applicassemos esta consideração aos Ainos, tambem teria valor, porque estes apresentam caracteres analogos, para não dizer identicos, aos dos Todas, e habitam bem longe d'elles, na parte septentrional do Japão. Keane pensa que pôde admittir-se que, em tempos pre-historicos, a raça caucasica se espalhou pela Asia. Não é impossivel este facto; mas é mais provavel que se desse com a especie eurafricana, cujos caracteres são mais visiveis, e não só naquellas duas regiões India e Japão, mas tambem no Oceano Pacifico. As ilhas Hawaii, Figi, Samoa, Taiti, Tonga, Marquesas, e a Nova Zelandia, têm habitantes cujas fórmas ainda são superiores ás dos Todas e dos Ainos, e que possuem todos os caracteres das variedades escuras e escuro-vermelhas eurafricanas. Teria sido immensa a diffusão d'esta especie, e o maior berço dos povos já não teria sido a Asia mas a Africa.

Os negros da Africa, aquelles que vulgarmente são considerados como verdadeiros africanos e se separam dos Eurafricanos e de outros falsamente denominados causicos, constituem uma divisão humana distincta com muitas subdivisões; digo, na minha linguagem, uma especie com muitas variedades. Esta especie tem sempre estado em contacto, possuindo frontei-

ras communs com os Eurafricanos, e com elles frequentemente se uniu e misturou, especialmente na Africa oriental e na central, do que resultaram variedades hybridas. Estas variedades acham-se facilmente nos Gallas, nos Donaquilios, nos Somalis e nos Ugandas, nos quaes até a lingua se mudou pela superioridade numerica do elemento negro.

Actualmente ha difficuldade em decidir se aquellas raças negras oceanicas, como os Papuas, os Australianos e outros, pertencem á mesma especie africana ou a outra diversa. Certamente têm com aquella muitos caracteres communs, alem da coloração cutanea, e como ella conservaram-se inferiores no desenvolvimento da civilização. É principalmente por este motivo que eu julgo opportuno indicar a sua existencia juntamente com aquella especie africana, sem entrar em particularidades anthropologicas: taes variedades humanas de nenhum modo contribuíram para a evolução social, que é o fim principal da minha obra; e por isso tendem a desaparecer, deixando de si bem fraca recordação, para ceder o passo ás variedades mais fortes, como é facil de verificar.

E igualmente inutil occuparmo-nos de algumas outras variedades que ainda tiveram menos importancia social e que exerceram menos influencia no curso da civilização humana do que as mencionadas acima: refiro-me ás constituidas

por pygmeus na Africa, nas ilhas Philippinas, nas ilhas Andamanes, e que estão dispersas e misturadas em muitas ilhas oceanicas e da Nova Guiné. Os seus nomes de Negrilhos ou de Negritos, ou de pygmeus occidentaes e orientaes, juntamente com outros innominados, e achados no Oriente e na Europa, indicam sédes e origens differentes; e, sendo muito importantes para o naturalista anthropologo, são completamente destituídos de importancia para o sociologo ¹.

Um dos problemas que até hoje têm ficado quasi insolúveis é o que se refere ao *homo americanus*. Ha mais de um seculo que todos os anthropologos se têm occupado e preocupado em defini-lo e classificá-lo, desde Morton, anthropologo americano, até Keane, Dniker, Ehrenreich, os mais recentes e que ainda vivem. Em regra faz-se d'elle um ramo asiatico distincto nas epochas prehistoricas; Keane tambem admite que, nas epochas primitivas da humanidade, houve uma colonização europea alem da asiatica. Parece-me que no continente americano ha varias importações sem excluir a possibilidade de existir tambem o *homo americanus* nativo,

¹ Cfr. De Quatrefages, *Les Pygmées*, Paris, 1887; Sergi, *Varietades microcephalicas e Pygmeus da Europa*. Roma, 1893; *Especies e variedades humanas*. Turim, Irmãos Bocca, 1900.

indigena do mesmo continente. Foi-me possível descobrir que ha na verdade elementos asiaticos, muito affins, se porventura não pertencem ao mesmo ramo mongolico, ou *homo asiaticus*; grande numero de elementos immigrados do oceano Pacifico, especialmente na America meridional, assim como aquelles pygmeus negritos, cujas formas cephalicas pertencem ao mesmo typo dos andamneses e dos das ilhas Philippinas. Estes ultimos elementos parecem-me evidetissimos até nos esqueletos dos antigos Peruvianos mumificados. São tambem de pequena estatura os Peruvianos indigenas hodiernos. De Quatrefages julgou descobrir nos indigenas americanos occidentaes, isto é, nos que habitam as costas banhadas pelo Oceano Pacifico, caracteres da extrema Asia oriental, isto é, Japoneses: nada mais facil. Os Californianos têm typos que se destacam do resto dos Indios chamados Pelles-Vermelhas. Ha differenças características que indicam differenças ethnicas, entre os Indios que habitam a America septentrional e os Peruvianos, os Mexicanos e outros da America meridional; o que se poderia explicar pelo predominio que pelo menos tiveram nas misturas alguns elementos ethnicos ¹.

¹ Veja-se XII Congresso internacional dos Orientalistas em Roma. Apresentei nelle uma communicação minha sobre os typos originarios da America.

O homem americano, que assim fica ainda por determinar relativamente á sua posição especifica, é, pelo contrario, muito importante para o estudo sociologico da humanidade; e por consequencia é por este motivo e por outros que têm relação com o meu escopo scientifico que eu me hei de referir de novo a elle.

Tambem muito importante, não obstante ser descurado, é outro grupo humano, isto é, o que habita o circulo polar arctico, com o nome de Esquimós, principalmante, e de Groenlandeses. Mas neste livro não poderei fallar ácerca d'elle.

A classificação do homem que provisoriamente creio estabelecer, é a seguinte:

Genero: Homo.

Especie: *Homo eurafricanus*,

» *Homo eurasicus*,

» *Homo asiaticus*,

» *Homo africanus*,

» *Homo oceanicus*,

» *Homo americanus*,

» *Homo pygmeus*.

Quanto a estas sete especies, as dúvidas que eu proprio exprimo dizem respeito ao *homo eurasicus*, ao *oceanicus* e ao *americanus*, pelos seguintes motivos. No eurastico, é principalmente no craneo que existem os caracteres do asiati-

co; nos caracteres externos, nada d'isto, e parece antes uma formação hybrida do que uma especie original.

Mas nós não dispomos dos elementos indispensaveis para saber se porventura houve alguma outra mistura com o typo mongolico (asiatico) que pudesse produzir uma especie hybrida como esta. O que é certo é que tanto na Asia como na Europa, este Eurasico se comporta na conservação e na descendencia como uma especie independente, sem nunca perder os caracteres ou modificá-los.

O homem oceanico, Papua, Australiano, poderia ser uma variedade africana, como acima notei; mas até agora não tem sido possivel demonstrá-lo; além d'isso entre os seus caracteres e os do africano existe alguma divergencia.

Quanto ao homem Americano nos varios typos que apresentam as populações dos dois continentes, além dos immigrados, encontram-se alguns caracteres que lhe são tão particulares que é impossivel deixar de pensar que na America não tenha existido uma especie indigena.

Mas a minha classificação é apenas provisoria, ao passo que a justificam as dúvidas por mim proprio expressas. Quanto aos Pygmeus, ha variedades pelo menos, tão caracteristicas na fôrma cephalica, como o meu Microcephalo eumetopo e os Negritos, que bem se poderiam dizer especies differentes. Não é este o lugar

proprio para tal discussão;¹ porém não posso abster-me de declarar quão inconsistente é a theoria de Kollmann, que ha muitos annos vae repetindo, e actualmente julga estabelecer de um modo systematico, que dos pygmeus se originaram as grandes raças humanas, chegando ao ponto de achar nelles tres typos, que teriam sido os fundamentos da humanidade!²

¹ As variedades humanas da Melanesia. Academia Medica de Roma, 1892. Cfr. tambem *Archiv für Anthropologie* vol. xxi, 1892; *Especies e variedades humanas*, etc.

² Cfr. o ultimo trabalho de Kollmann, *Die Pygmäen und ihre systematische Stellung innerhalb des Menschengeschlechts*. Basel, 1902. Na *Naturfors Gesellahschaft* in Basel, Bd. xvi.

II

OS POVOS E AS NAÇÕES

Na constituição das sociedades humanas não entram as raças senão como elementos de composição; foi desde os primordios que ellas se misturaram, formando-se os povos mais ou menos numerosos, que occupavam o mesmo territorio; no movimento humano por emigrações e por invasões, sobrevieram gentes que differiam não só na raça mas até na especie, e d'ahi nasceu um amalgama mais ou menos homogeneo e compacto; e depois a fusão definitiva. Apesar de haver tribus ou raças que, mediante interdicções religiosas ou politicas, têm forcejado por conservar a sua pureza, não se misturando com outras, todavia nunca foi possivel attingir este fim. D'isto offerecem os Hebreus um exemplo caracteristico, porque é falsa a opinião que ainda hoje têm de que se conservam sem mistura; basta observá-los em todos os países nos seus caracteres externos e depois nos que se

referem ao esqueleto para ficarmos convictos de que estão assaz misturados: são morenos e louros, dolicos e brachicephalos, de pequena e grande estatura e assim por diante.¹

Até as tribus primitivas de todas as partes da terra, embora exaltem a sua pureza, apresentam-se á observação anthropologica misturadas de muitos elementos heterogeneos. As minhas observações pessoaes sobre habitantes do Pacifico e sobre populações prehistoricas que existiram na idade da pedra confirmam este facto sem excepção ou quasi sem excepção, porque apenas nalgum angulo montanhoso inacessivel ou de refugio é possivel encontrar um nucleo de gente que não seja composto de multiplices e variados elementos.

Mas povo não teve uma significação fixa e determinada; por este nome indicavam os Romanos todas as pessoas da cidade sem distincções de graus politicos, que podiam reunir-se para votar em opposição ao senado: *populus* e *senatus*; o conjuncto dos cidadãos que não estavam investidos nos mais altos graus, e significava uma certa inferioridade, equivalendo á palavra multidão. A formula de povo passou a todos os municipios italianos antigos e modernos, com uma significação mais ampla e poderia dizer mais democratica.

¹ *Quem são os Hebreus.* 1903, Roma.

Hoje emprega-se povo para significar tambem todos os habitantes de uma região ou de um territorio, como a França, a Allemanha, a Italia, governados por um unico regimen, monarchia ou republica. Povo italiano é mais extensivo do que povo milanês; assim a palavra povo tomou a significação local e a significação territorial, e ambas se confundem com corpo de cidadãos e nacionalidade: é por isso que esta palavra se toma num sentido vago.

A nação é formação recente, moderna, e é mais determinada do que povo; indica realmente o conjuncto dos cidadãos, dos habitantes de um territorio determinado, governados por uma unica fórmula politica, fallando uma unica lingua e tendo pouco mais ou menos os mesmos caracteres de civilização, e ao mesmo tempo o sentimento de formarem um corpo homogeneo. Sob este aspecto, a França é uma nação, não fazendo differença alguma do povo francês, o que não succede com a Austria e o imperio Austro-hungaro, que não constituem uma nação, mas um complexo de nações, porque, se os elementos de raça se fundiram, não succedeu o mesmo com os linguisticos, que são os mais persistentes e os mais caracteristicos na divisão dos povos. É por isso que os grandes imperios modernos como a Russia tendem a luctar para unificar e nacionalizar, destruindo barbaramente as nacionalidades naturaes, como

ella faz com a Finlândia, que aliás lhe leva as lampas em civilização.

Os imperios antigos, como os da antiga Babilonia, da Assyria e da Persia, não destruíam as nacionalidades; agglomeravam sob um só ou mais commandos as nações vencidas, que então se não chamavam nações, mas reinos, imperios, republicas, estados em geral; ainda não havia nascido a nação. A famosa inscripção de Behistun mandada gravar por Dario Istaspe nas paredes da montanha, mostra claramente os povos subjugados e vencidos, assim como um facto importante mas pouco notado, isto é, o ter sido escripta em tres linguas para ser comprehendida por tres principaes populações do imperio persa, cujas linguas eram respeitadas. Neste ponto havia, no meio da barbaria d'aquella epocha, uma violencia inferior á que exercem agora os Allemães sobre os Polacos, que são obrigados a fallar, a aprender o allemão e até o catholicismo em allemão; e á violencia exercida pelos Russos, não menos barbaros, que querem russificar a Finlândia.

Roma imperial espalhou a sua lingua por toda a parte onde dominou; mas não procedeu como os Allemães e os Russos dos nossos dias; foi uma imposição suave e natural que elles puseram em pratica mediante a colonização e a legislação. Eram romanos os governadores, e era-lhes prohibido fallar e escrever a lingua do

país conquistado e dominado. Foi assim que entre os barbaros se introduziu a civilização latina, sendo de tal modo latinizados que hoje tomam o nome de nações latinas.

Durante o imperio a Italia tornou-se uma unidade, mas não com o nome de nação; podiam os Italianos ser cidadãos de Roma; era esse o privilegio que se desejava e obtinha: fóra da Italia havia provincias, não estados, não reinos, não republicas, formando com a Italia e Roma o imperio romano, não o imperio italico, como hoje se diria e como hoje se diz o imperio francês, britanico, allemão e americano; porque entre o imperio, como actualmente se concebe, e o imperio romano ou italico sob o dominio de Roma não ha identidade alguma. Hoje imperio é o dominio de uma nação sobre outros povos estranhos e sobre territorios longinquos que tomam um nome falso, e onde se acha envolta a ambição humana, como é o de colonias. Não é colonia inglesa a India, nem é francesa a Indo-China, nem é allemã a apropriação do territorio chinês, e assim por diante: é a substancia do imperialismo dos nossos tempos.

Nos antigos imperios dynasticos e onde reinava a escravidão não podiam nascer nacionalidades, porque nos imperios do oriente o povo não tinha importancia alguma politica; só era importante, debaixo do aspecto politico, o dynasta ou monarcha com as classes dirigentes;

nas guerras o povo era carne de açougue, na paz besta de carga; era favor a vida que se lhe deixava e a liberdade de ter filhos. A nacionalidade implica direito de exercer direitos politicos e civis, participação no governo do estado em todas as partes do territorio e em todos os cantos que nelle existem, alem de um sentimento unanime de ser uma unica familia e de ter os mesmos interesses communs fundamentaes, com um laço interno e externo, isto é, a linguagem commum. Tudo isto é desenvolvimento moderno, produzido na consciencia moderna de reunir num unico corpo os elementos homogeneos cujo character exterior está na lingua commum. Um progresso, não ha duvida, sobre a antiguidade cahotica de populações sem nome commum proprio, mas pelo contrario denominadas consoante o nome da região occupada.

Assim na formação das nações modernas desapareceram os nomes dos elementos populares de que foram constituidas as nações, ficando apenas a memoria d'elles nalgum nome de provincia ou no brazão de armas das cidades principaes. Pouco a pouco tudo isto se tornará uma simples recordação historica por uma submersão completa na nacionalidade; se ainda permanece a divisão como facto vivo, será unicamente por antagonismo de partes, de interesses materiaes, por distancia de progresso civil e de riqueza

entre as differentes provincias, como succede na Italia entre o norte e a parte extrema meridional e as ilhas; na Hespanha entre a Catalunha e as outras provincias; na Allemanha entre a Prussia e os estados meridionaes, principalmente a Baviera; na Ingiaterra, na eterna lucta irlandesa; entre a Suecia e a Noruega e assim por deante. Tudo isto quer dizer que a nacionalidade não deve implicar fusão completa e perda da autonomia regional, porque as nações não são raças, nem povos nos quaes tenham desaparecido os elementos de raça, e por consequencia na união é impossivel existir a unidade absoluta. Diz respeito ao futuro desenvolvimento social uma organização melhor dos povos e das nações, uma unidade mais organica da massa amalgamada das nações hodiernas.

Mas ha populações que, embora unidas materialmente sob um dominio unico, nunca foram um unico povo e ainda menos uma nação; são como areias desaggregadas e destituidas de cimento que as una e torne compactas, embora contidas numa região desde tempo immemorial e dominadas por governos regulares. A India apresenta-nos tal phenomeno: habitada por innumeraveis tribus cujas linguas são todavia comuns, governada ha muito tempo pela Inglaterra, com uma administração unica e com leis identicas, nenhum sentimento de nacionalidade nasceu nellas, nem de parentesco de tribus que

possa torná-las coerentes. As tribus dos Nilguiros vivem como viveram muitos seculos e talvez millenios atraz com costumes proprios, com a polyandria, com as suas superstições especiaes; é assim que vivem outras tribus dispersas e agglomeradas no immenso territorio indiano. Ahi existem religiões numerosas, costumes funerarios differentes; costumes matrimoniaes e paternos diversos, como se fossem tribus independentes, ao passo que nesse immenso territorio dominaram na antiguidade os Arias com o brahmanismo, depois veiu o budhismo com os grandes effeitos que d'elle resultaram, e mais tarde a poderosa influencia musulmana, e agora a inglesa com a sua administração normal. Mas a India continúa ainda a ser um museu ethnographico e um museu sociologico, que, segundo espero, será largamente explicado e patenteado pelos ingleses, que actualmente, sob a influencia scientifica, têm pensado em accrescentar as investigações ethnographicas e anthropologicas ás que se referem ao censo.

Não ha pois uma nacionalidade indiana que se pareça com as nacionalidades europeas, apesar da unificação operada especialmente pelos ingleses.

Mas ha, pelo contrario, uma nacionalidade chinesa, cuja formação se operou ha milhares de annos e que é a mais antiga e a primeira do mundo. Apesar da immensidade do territorio e

da innumeravel população, apesar das muitas variedades de homens e das misturas inevitaveis, domina comtudo uma lingua, um costume, uma lei, com as variações naturaes devidas ao habitat, aos homens, ás condições de vida; e, embora sejam varias as religiões, desde a de Confucio até á mussulmana, todavia, á excepção d'estas duas, que assignalam uma grande separação, superstições, animismo, culto dos mortos, são alli communs.

Se uma nação, tão extensa e de uma duração tão grande, assignala um progresso na antiguidade, quando não existiam nacionalidades, se realmente ella foi chronologicamente a primeira; hoje assignala um regresso pela sua estase e pelo seu isolamento, e mostra ao mesmo tempo que no futuro não pódem viver nações tão grandes e tão numerosas. Semelhantes aos collosaes saurios paleontologicos e aos monstruosos mammiferos extinctos no periodo quaternario, essas nações representam uma paleontologia social, que tem de ceder o passo á fauna recente. A China atravessa agora os perigos reaes para a sua existencia, ameaçada pela occupação europea e pela rebellião interna; e tem os seus dias contados; proxima do seu fim, será dividida e dominada! para o povo chinês começará uma nova era, passados quatro mil annos de existencia!

Tambem o Japão é uma nação antiga, e o

isolamento pode formá-la, como a China. Podendo isolar-se mais facilmente nos seus confins determinados pelo mar, sendo pequeno em comparação da China, o Japão pode repellir com mais facilidade toda a introdução de ideas novas, tornando-se o povo homogeno na vida e na prática. Mais feliz, porém, do que o China, rodeado de sollicitadores das nações occidentaes e da America, soube em tempo opportuno renovar as suas velhas instituições com uma preparação e previdencia admiraveis, até que a experiencia demonstrou que era uma nação constituida como as europeas dos nossos dias. Não digo que a transformação seja completa, porque em poucas dezenas de annos não é possivel mudar facilmente habitos politicos e sociaes. Talvez estes ultimos ainda fiquem e não sejam obstaculo ao progresso do archipelago japonês. Se a China o tivesse imitado, pelo menos em parte, e se, em vez de invocar a intervenção europea, quando foi subitamente derrotada pelo Japão, para não perder uma pequena parte do seu territorio, se tivesse accommodado com o seu vencedor; talvez a sua renovação nacional tivesse sido natural, e sem o perigo que corre de ser dividida e destruida pelos seus avidos protectores.

Seria absurdo fallar da existencia de nações entre os habitantes d'aquelle mundo maritimo que se chama a Oceania; alli, naquellas ilhas

grandes e pequenas, antes que os europeus d'ellas se apoderassem, não havia senão tribus independentes no estado natural e primitivo ou approximadamente, a não ser que algumas, em epochas anteriores, tivessem sido influenciadas pela Asia; fosse qual fosse a condição d'aquelles habitantes, nunca contribuíram em nada para a evolução social, nem exerceram influencia alguma sobre as especies humanas com as quaes viveram em contacto. Além d'isso tendem a desaparecer, deixando o campo livre de competidores aos seus inimigos naturaes, os brancos europeus.

Das populações africanas em que se distinguem dois grandes grupos humanos, isto é, os Eurafricanos e os Africanos negros propriamente ditos, não possuímos conhecimentos historicos, claros e completos, a não ser dos primeiros; é muito diminuto o número dos nossos conhecimentos historicos relativamente aos outros. Mas recorde que na Africa oriental houve um imperio axumítico, que desde os confins do Egypto, pouco mais ou menos, se estendeu até á Somália dos nossos tempos e á Arabia meridional; imperio que hoje quereria renovar ou reintegrar o imperador Menelich com velhas fórmulas sociaes semelhantes ao feudalismo, uma serie de regulos sob a sua dependencia. Assim se constituiu, chegando a ser muito extensa, uma nação ou uma confederação de nações tributarias e

mais do que tributariás, dependentes; a qual, se possuísse uma base civil com uma cultura europeia, seria poderosa e poderia talvez ser útil ao resto da Africa que com ella confina. Mas alli domina a barbaria, não obstante as velleidades do imperador que é dominado por pretos ignorantissimos, e é suspeito das nações europeas, que na verdade por toda a parte lhe armam ciladas. No centro da Africa e no occidente encontram-se fórmias analogas de nações; uma d'ellas era a Uganda. Mas d'ora ávante a occupação europeia põe termo ao dominio dos reis, dos despotas, negros indigenas, e começa a assignalar a decadencia das raças negras, que, sob o dominio europeu, caminharão para o seu desaparecimento. A Africa acabará como está para acabar a America indigena na grande confederação republicana do norte.

Alguns annos atraz ainda se discutia se os Indios da America septentrional, chamados vulgarmente Pelles-vermelhas seriam raças primitivas habitadoras d'aquellas vastissimas regiões, ou sobrevindas em tempos recentissimos. O número immenso de tumulos sepulchraes que cobre a America do norte, os assim chamados mound, mostra que ella era muito povoada antes da conquista europeia; e discutiu-se se os actuaes Indios são os descendentes dos mound-bilders, isto é, dos auctores dos tumulos. Das amplas investigações, das comparações, da con-

tinuação de alguns costumes dos mound-bilders, nos Indios hodiernos, chegou-se á conclusão de de que estes são os verdadeiros descendentes d'aquelles.¹

Hoje esses Indios são apenas tribus dispersas sem coherencia nacional; talvez tambem assim o fossem nos seus melhores tempos. Pouco a pouco vae diminuindo o seu número; os territorios que lhes são assignados occupam-nos os Americanos da União, quando o número dos que compõem a tribu se torna tão exiguo que é quasi excessiva a occupação de um territorio vasto e aproveitavel. Póde-se fazer d'isto uma idéa clara, lendo as obras dos proprios Americanos, que ha muito tempo tratam com os Indios para a cessão dos territorios reservados.²

Como phenomeno particular americano devemos notar os *Pueblos* antigos e modernos; d'estes os ultimos parecem uma continuação dos primeiros. Mas é principalmente singular a construcção das suas aldeias que têm uma ap-

¹ Confronte-se especialmente a grande obra de Cyrus Thomaz, *On the Mounds Explorations*. In 12 th *Annual Report of the Bureau of Ethnology*. Washington, 1894.

² *Indian Land cessions in the United States*, compiled by Ch. T. Royce, with an Introduction by C. Thomas. In 18 th *Annual Report of the Bureau of Ethnology*. Washington, 1899.

parencia de sociedades communisticas ou coisa semelhante.

O Peru e o Mexico têm a primazia na historia da America anterior a Colombo; ácerca da sua civilização e das suas constituições sociaes diremos alguma cousa em occasião opportuna, mas desde já convem notar que existem muitos elementos para fazermos o nosso juizo sobre estas nações centraes, pelos trabalhos dos Americanos em especial e de alguns europeus que têm realizado explorações scientificas methodicas.

Surge agora ao nosso espirito uma consideração geral ácerca dos povos e das nações: até agora a evolução que contribuiu para formar estas unidades compostas e complexas, parece não ter possuido um caracter particular segundo uma variedade humana e para uma região determinada, onde o phenomeno se tenha desenvolvido continuamente e sem interrupção até aos nossos dias; isto é, parece que teve um caracter mais geral, que se refira á humanidade tomada como um todo, em que os phenomenos são parciaes e destituidos de correlação. Porque ora se eleva uma das suas partes, ora outra, em quanto algumas decaem total ou parcialmente. Assim a evolução parece ter continuidade, e os povos e as nações apparecem como individuos cuja vida é temporaria e que finalmente desaparecem com a morte.

Este phenomeno, porém, dá-se com as especies humanas e tambem me parece muito facil de observar. Desapparecem ou desapparecerão algumas, e sobreviverão aquellas que desde a origem da sua existencia têm tido a maior diffusão e a maior actividade; ao passo que outras, apesar de haverem attingido uma grande evolução, ficaram paralyzadas e caminham para o aniquilamento. Se os monogenistas não quizerem conceder isto, podemos affirmá-lo das variedades da especie humana, consoante as suas convicções; e o phenomeno conserva-se identico.

III

O HABITAT

Os phenomenos humanos, assim como os phenomenos physicos de toda a especie, desenvolvem-se no espaço e no tempo; a solução implica uma successão de phases do phenomeno, a qual se refere ao que abstractamente se indica como tempo. Este, porém, só indirectamente tem alguma influencia sobre o acontecimento, o que nem sempre succede; a lentidão ou a acceleração do desenvolvimento de um phenomeno podem depender de causas externas e internas, como condições que retardam ou acceleram o movimento; mas o elemento tempo não tem por si mesmo um caracter. A influencia indirecta do tempo sobre o acontecimento pôde dar-se apenas por tudo quanto ocorre de accidental no periodo de desenvolvimento; mas isto é casual, e o tempo em que tudo se produz tem um caracter relativo e subjectivo.

Pelo contrario, o que tem grande influencia

sobre os acontecimentos humanos debaixo do aspecto do seu desenvolvimento, é o espaço em que se produzem. Este espaço, tanto para os homens, como para todo o organismo vivo, é o habitat.

O habitat não exerce influencia alguma sobre as sociedades humanas só pelo facto de possuir um clima temperado, tropical ou rigidamente frio, ou por ser constituído por planicies ou por sitios montanhosos; mas pelo facto de ser rico ou pobre de elementos uteis á existencia humana, por consequencia provido de vegetação ou pobre, e de alguma vegetação tambem, de fauna util ou nociva, de aguas e mineraes. A influencia exercida pelo habitat tambem é devida ao facto de serem faceis ou difficeis as suas communições internas e externas, por meio de rios e do mar, e ao facto de ser ou não separado por altissimas cadeias de montanhas.

Se considerarmos as origens das nações, tudo isto tem uma importancia principal para o seu desenvolvimento e para a direcção d'este desenvolvimento; porque originariamente não se sabem vencer as difficuldades naturaes, adaptando-se o homem ás condições existentes, que parecem immutaveis e superiores ás energias humanas. Portanto as nações primitivas são mais adaptadas ao habitat e empregam os meios que nelle se encontram; d'aqui resultam as differenças de civilização que até existem entre

nações cuja origem é geneticamente identica, mas que vivem em habitat differente pelos elementos constitutivos; e até se encontram differenças de desenvolvimento civil e social em povos da mesma origem pelas diversas condições que impedem ou favorecem a vida.

Taes condições podem explicar algumas differenças evolutivas nas populações e nas nações antigas, que naturalmente estavam mais sujeitas do que as modernas á acção exterior e ás condições do habitat. Foi sob aquellas condições que se desenvolveram as nações grandes e pequenas e produziram fórmãs de civilização e até sociaes, consoante a exigencia das proprias condições. Não é só esta a influencia exercida pelo habitat mediante as suas condições; ha uma importantissima, isto é, a influencia exercida sobre a alma individual e collectiva, e que consiste em se modelarem os povos, adaptando-se, consoante as relações externas, e em tomarem uma phisionomia, não só ethnica, mas até psychologica local.

A China, que é aquella antiquissima e immensa nação que todos conhecem, tem caracteres sociaes e psychologicos e um estado de cultura que são formações locaes. Os chinezes tornaram-se agricultores, especialmente os da terra amarella nas duas bacias fluviaes, do rio Amarello e do Azul, no que influa poderosamente a natureza do terreno; e por consequen-

cia são também sedentarios, de tendencias pacificas, familiares e mais conservadores do que muitos outros povos, isto é, immoveis nos seus habitos e nos seus costumes. Os dois grandes rios são as arterias principaes do immenso territorio cujo littoral é pequeno; os affluentes tornaram-se as vias secundarias das duas grandes linhas de communicação; é d'este facto que resulta o desenvolvimento da navegação fluvial interna, que simula o desenvolvimento das linhas ferreas da Europa. A China nas regiões meridionaes muda, não tem as mesmas fórmulas e os mesmos costumes do que a China do rio Amarello, embora conserve os caracteres fundamentaes; porque alli o habitat toma outra physionomia, chegando nessas regiões a existir tribus que apenas são chinas pelo dominio, e ainda se encontram no estado selvagem.

Parece que na origem das nações os rios e o proprio mar influiram poderosamente no desenvolvimento social e civil, especialmente se as regiões banhadas estiveram em clima temperado ou antes quente, não tropical. O Egypto, o valle do Euphrates e do Tigre, são exemplos evidentes da influencia fluvial em climas quentes mas temperados. A civilização egypcia desenvolveu-se entre uma cadeia de montanhas, a arabica, e um deserto, o lybico, de sul a norte, seguindo a direcção do Nilo, e estendeu-se sobre o baixo Egypto pelo grande Delta; pa-

rece que o proprio Mediterraneo primitivamente pouca ou nenhuma influencia exerceu. Explicar-se-hia este facto, porque a civilização é africana e caminha do sul para o norte, onde só mais tarde se encontra entre os habitantes do Mediterraneo. O Nilo é o fecundador da terra negra, é o deus dos Egypcios; todos os seus cuidados têm por objecto a terra fecundada, que, pela sua riqueza e pela sua segurança de inimigos externos, se transforma de um modo caracteristico num foco de civilização artistica. E para isso contribue a cadeia arabica, o solo granitico e tambem a peninsula do Sinai; d'onde as immensas pyramides, a estatuaria riquissima, por serem inexauriveis os mineraes existentes nessa região. Hoje, porém, o Egypto seria improprio para o desenvolvimento da civilização moderna, porque lhe faltam muitos outros elementos naturaes, uteis á vida dos povos, que lhes vêm do exterior.

O valle dos dois rios mesopotamicos é pobre na parte inferior, para o lado do golpho Persico; perto das origens do Euphrates encontra-se um clima differente e uma região montanhosa rica em metaes e geralmente em mineraes. Mas no baixo Euphrates surgiu a Chaldea, a nação mais antiga ou com o Egypto uma das mais antigas; em contacto com o mar e com o delta dos dois rios. A argilla suppria a pedra, e numa região tão secca era a agua fluvial que servia

para os usos da vida e para a vegetação. Mas os rios eram as vias de comunicação natural, e para atravessá-los e navegá-los não era necessario muito trabalho; ainda hoje os habitantes fazem como os antigos, seus antepassados e predecessores. Parece que a facilidade da vida animal é uma condição favoravel ao desenvolvimento da vida intellectual.

E pode-se confirmar este facto relativamente á bacia do Mediterraneo, onde se desenvolveram e nasceram, desde tempos immemoriaes as civilizações que exerceram mais poderosa influencia sobre as raças humanas, e especialmente as da ultima fórma, a grega e a latina, que se diffundiram pela terra habitada, excepto pela Asia oriental.

Esta bacia, maravilhosa pelas condições climaticas, pela riqueza vegetal e animal, pelos esplendores do ceu e de varias e diversas terras, pela facilidade de communicações, é o centro onde convergem os tres mais velhos continentes, a Europa, a Asia e a Africa, os quaes igualmente contribuíram para dar aquella evolução humana nas fórmas mais ricas e mais variadas, pela diversidade de povos, de logares e de meios, encerrados no grande seio onde se desenvolveu e se gastou a maior energia humana, physica e mental. Nenhum outro logar houve mais adaptado nem mais feliz do que o Mediterraneo, que se tornou o logar de diffusão

da civilização antiga e moderna. As civilizações mediterraneas propagaram-se em varias epochas pela Europa, que se tornou o centro da civilização do mundo, e depois propagaram-se mediante emigrações para alem do Atlantico, onde um novo desenvolvimento, devido a novas condições favoraveis e a novas energias humanas, exerce influencia sobre a propria Europa e sobre o resto da terra.

Geographicamente podemos comparar com o Mediterraneo aquella bacia incompleta em parte e interrupta da America central, que comprehende o golpho do Mexico e o mar dos Caraíbas com as Antilhas e Cuba. E é curioso que foi nesta bacia que se desenvolveram as civilizações americanas mais adeantadas desde o Mexico até o Peru, embora este esteja mais ao sul e fóra da mesma bacia. Mas estas civilizações morreram sem que tivessem exercido sobre o resto da America aquella influencia que se assignalou do Mediterraneo sobre a Europa e depois sobre outras partes; talvez por não serem diffusivas ou por não serem proprias como a grega e a latina para se tornarem universaes. Neste ponto assemelhavam-se por ventura aos imperios orientaes de Babylonia, Assyria e Egypto, que exerceram uma influencia restricta e temporaria. D'aqui se conclue que o habitat influe poderosamente no desenvolvimento da civilização bem como na sua propagação, mas tam-

bem é innegavel o valor da variedade humana, como veremos, motora e auctora da evolução social.

Certamente um factor do desenvolvimento e da diffusão da civilização é a facilidade de communicações; sob este aspecto tem o Mediterraneo um character ideal, os rios que nelle desemboccam foram e são as vias de introdução para os continentes, e alem dos rios todos os pequenos mares interiores que communicam com o Mediterraneo. O archipelago grego, tão fragmentado geographicamente, foi o habitat mais adequado á facil conquista da civilização primitiva, e tiveram o mesmo valor todas as costas dos continentes, das peninsulas e das grandes ilhas; porque na antiguidade era mais difficil penetrar no interior das terras do que navegar, não só pela falta de estradas mas tambem pela hostilidade e pela resistencia dos habitantes. Ainda hoje se conhece claramente que a viação, seja qual for a sua fórma, tanto por mar como por terra, tanto pelas vias fluviaes como pelos canaes, é um factor efficaz de communicações e de civilização. Assim os antigos centros privilegiados perderam actualmente uma grandissima parte da sua importancia, desde que as terras são interceptadas por numerosas linhas ferreas; quando todas as regiões da terra tiverem caminhos de ferro cuja rapidez seja superior á dos que hoje existem, poderá haver muitos centros

de movimento, consoante as energias empregadas e as actividades regionaes, mas já não serão as velhas e primitivas regiões cuja disposição é natural.

Sob este aspecto tudo tende a nivelar-se, a evolução corre para a uniformidade civil e social, para a fusão das numerosas variações numa unica fôrma; e tende a diminuir, se não a abolir, as diferenças de latitude e de altitude, a posição marginal e fluvial e a interior afastada de todo o curso de agua, porque uma linha ferrea é semelhante a um curso de agua, não só se aproxima do mar mas tambem diminue os declives das montanhas. O que ficará sempre ou quasi sempre local é o character geologico da região, que contem ou não elementos mineraes uteis a todas as especies de actividade. Até agora o carbone tem dado impulso local á Belgica e á Inglaterra, pelos grandes depositos carboniferos do subsolo; actualmente na Italia as aguas supprem o carbone e, com a transformação em energias electricas, emanciparão da Inglaterra, em grande parte, as industrias nacionaes. Tambem este facto é notavel na influencia do habitat, a Australia, por exemplo, pela falta de agua nunca poderia supprir a ausencia de carbone; e o territorio chinês, rico em depositos carboniferos, não poderia, pela sua baixeza, usufruir os grandes cursos de agua do Hoango-ho.

Será impossível destruir a influencia do habitat relativamente á producção agricola e ao clima; em taes condições pode haver fórmas de actividade differentes segundo a natureza do solo e da região, prevalecendo numas a agricultura e noutras a industria manufactora; mas isto não impedirá o nivelamento universal na civilização e na constituição social. Assim creio que pode affirmar-se que na evolução social terá o habitat muito menos valor do que teve nos primordios das nações, e do que ainda tem nas populações primitivas, é possível que esse valor até chegue a tornar-se nullo.

IV

A FAMILIA

Não posso nem devo entrar na grave discussão sobre se a família ou o clan é o núcleo primordial da sociedade humana, até por não haver ideias claras e conscientes sobre os caracteres do clan: talvez seja possível ver em ambos dois elementos do núcleo, por consequência inseparáveis e até por este motivo difíceis de analisar e de explicar. Mas, como as relações sexuais ou de espécie indicam o primeiro impulso para a sociabilidade, e as sociedades adiantadas não têm agora o clan, mas apenas família claramente determinada, julgo opportuno fallar ácerca d'ella como se tivesse sido sempre o núcleo ou antes a série dos núcleos de que emerge a collectividade social.

Uma excursão pelo campo das instituições da família na humanidade mostra que desde tempos immemoriaes existe uma grande variedade nas diferentes regiões, nos diversos povos da

terra; tambem mostra que instituições familiares não se separam das que se referem ás relações sexuaes estabelecidas pelo uso e pelas leis, umas estão de tal modo ligadas a outras que parece achar-se um liame de causa e de effeito. É por este motivo impossivel tratar em separado d'estas duas instituições: a do matrimonio e a da familia.

Os que ácerca d'esta materia escreveram, especialmente sob o aspecto da evolução social, admittiram a monogamia como uma evolução do matrimonio, como o ultimo grau evolutivo das relações entre homem e mulher, e trataram, em regra, as outras fórmãs como inferiores e, ainda mais, por vezes quizeram achar nellas a moralidade e a immoralidade dos costumes que lhes dizem respeito. Mas isto nem sempre, pelo menos, me parece exacto, porque é um juizo que deriva da comparação das nossas condições hodiernas, que consideramos superiores e como as melhores possiveis. Juizo analogo poderia talvez fazer um povo no qual exista a polygamia, julgando-a preferivel á monogamia.

Os phenomenos sociaes assemelham-se aos phenomenos naturaes, sendo nelles muito secundaria a intervenção intencional, quando existe; e muitas vezes acha-se esta intervenção para seguir o uso que já está em curso e é commum numa sociedade, e nunca para introduzi-lo. Com effeito a origem de um uso não deriva das de-

terminações voluntarias, mas do acaso e de varias condições internas e externas numa collectividade; e todos os homens o seguem fatal e cegamente, assim como são constringidos á successão fatal do dia e da noite e por consequencia ao dormir e ao acordar. Tambem as mudanças que occorrem no uso constante e fatal, derivam de causas que estão fóra da intervenção intencional dos homens; realizam-se por condições mais fortes que não podem ser eliminadas.

Neste caso os homens quer individual quer collectivamente, têm de si e das suas condições na vida uma consciencia latente e sempre destituida de clareza; só mais tarde adquirem uma consciencia clara e maravilhar-se-hão do seu estado anterior, de que se recordam assombrosamente como se fosse um sonho.

O mesmo succede, segundo me parece, na constituição da familia nas differentes populações e variedades humanas. Primitivamente o matrimonio é uma relação sexual que não se distingue da dos outros animaes; depois esta toma novos caracteres que se produzem pelo nascimento da prole, que tem um periodo de absoluta necessidade da assistencia paterna e materna, e se torna um liame entre os dois sexos; em seguida a difficuldade de obter e de continuar as relações sexuaes após uma separação do primeiro encontro, e por consequencia a

necessidade de uma convivencia mais longa, produz um fundamento mais solido e dá origem á familia. D'aqui se deriva uma grande variedade de fórmas de convivencia desde a copula monogamica até á polyandrica, com as gradações dependentes das circumstancias de logar e de vida nas sociedades humanas.

Portanto tambem ha monogamia nas sociedades primitivas, assim como ha polygenia nas sociedades relativamente adeantadas. A polyandria tem fórmas diversas, desde a do clan, que é uma especie de communismo sexual, até á da familia, isto é, limitada só á gente da familia, contemporanea ou successiva, na qual a mulher está ao serviço sexual para as suas funcções feminis.

Em quanto a polyandria indica nas suas causas externas, como origem, a pobreza do solo e das pessoas que não possuem os meios de subsistencia para uma familia monogamica, a polygenia pareceria derivar da superabundancia dos meios de viver. Se, porém, observarmos que a polygenia que até em sociedades adeantadas se encontra como instituição, não é effectivamente gozada por todos os homens, e apenas os ricos, os chefes de tribu e os reis podem ter muitas mulheres exclusivas, comprehende-se que a sua verdadeira origem deve achar-se numa causa intima, no proprio homem que é instinctivamente polygamo. Alem d'isto oppõe-se ao uso

universal da polygenia, alem da difficuldade dos meios de subsistencia, outro facto, que é a impossibilidade de um numero de mulheres superior ao numero dos homens.

Provavelmente assim como a monogamia primitiva tem por origem a limitação das mulheres e dos meios de subsistencia e é tambem uma condição mais favoravel da polyandria; assim tambem a monogamia estabelecida por lei nos povos adeantados em cultura teria procedido das mesmas causas, embora seja depois melhor regulada e por consequencia se tenha tornado lei para observar-se com a sua sancção.

É possivel que a sancção legal da fôrma monogamica tivesse uma origem analoga á da sancção da propriedade individual; e, se bem observarmos, os dois grandes factos da vida individual e social são as duas grandes necessidades da conservação e da descendencia. A mulher, elemento indispensavel para a descendencia, e a propriedade, util á alimentação, fundam-se originariamente num unico facto para a continuação da vida. As leis sociaes tornaram mais solidas as relações sexuaes dando-lhes uma fôrma, e tentaram eliminar os motivos de lucta pela posse de uma mulher, limitando o modo de aquisição e tornando-o menos temporario. Assim a mulher nem sempre pertenceria ao mais forte, e o fraco não ficaria privado d'ella; pouco mais ou menos succedeu igualmente com a pro-

priedade, quando de communal se tornou individual. Mas aqui o phenomeno tomou, no seu desenvolvimento e nas vicissitudes sociaes, outras fórmãs e mudou de direcção.

Com effeito a monogamia não é um phenomeno moderno, como alguns desejariam fazer acreditar, nem das sociedades adeantadas, e muito menos obra do christianismo; mas é antiga, ou antes antiquissima, e é, como já disse, primitiva, porque não só se encontra nas populações que estão socialmente no infimo grau de cultura, mas tambem nas populações mais adeantadas da antiguidade; bastaria recordar os Latinos, que a regularam com leis e continuamente consoante as varias exigencias sociaes. A polygamia, onde se encontra, é limitada pelas proprias condições naturaes; é por esse motivo que não tem consequencias especiaes na familia.

Mas o homem é animal polygamo mais do que parece e se admite; é por consequencia bastante difficil achar a monogamia rigorosamente usada, até nas proprias sociedades hodiernas e mais civilizadas. Elle acceta a monogamia legal, mas põe em pratica a polygamia extra-legal, mediante o concubinato e a prostituição, onde mais facilmente encontra o caminho para manifestar e satisfazer os seus instinctos. E já na antiga Roma se admittiu um concubinato legal e uma liberdade no concubinato pela

qual o homem podia ter varias mulheres; e, se não era este o meio, havia o outro das escravas sempre ao serviço do patrão. Sobre esta materia as varias leis romanas demonstram a difficuldade de refrear o homem com prescripções especiaes, e demonstram egualmente a tendencia do legislador para adaptar as leis a circumstancias creadas pelas condições especiaes, pelo uso e pelos instinctos humanos.

Nem hoje em que nas nações civilizadas a monogamia é lei, é costume, é religião, correm as coisas de modo muito diverso, porque o homem procura fóra da legalidade outra mulher ou adventicia ou no concubinato, não accete pelas leis, tolerado apenas pelo uso; não fallo de amores especiaes que podem ter motivos mais profundos.

Seja como fôr, no estado presente da humanidade podemos achar todas as fórmãs de relações sexuaes que tomam o nome de matrimonio. Portanto ha populações primitivas, como as australianas, que não têm variado nas suas fórmãs familiares; ha os polyandros Todas, Tibetanos, os polygenicos Indios da America e os Arabes mussulmanos, e os monogamos primitivos e os mais desenvolvidos.

Se é verdade que a humanidade inteira, até aquella parte que hoje se denomina superior na cultura e nas instituições sociaes, foi na sua origem tão primitiva como as tribus contempora-

neas australianas e fuegias, ou os Veddas e semelhantes; é também verdade que uma parte tem feito progressos nas fórmulas relativas ás relações sexuaes entre homem e mulher. Hoje é o matrimonio monogamico que nas sociedades mais adelantadas se considera como o typo que o homem devia attingir numa instituição tão fundamental como esta. Mas a monogamia como tal não deve considerar-se como typo da instituição, porque também se encontra nas baixas camadas da humanidade; os caracteres e as condições que acompanham a monogamia superior devem ser os elementos da evolução marital, e especialmente os que se referem á posição da mulher com as consequencias relativas á descendencia. Seja como fôr, é evidente que a humanidade apenas numa das suas partes teria progredido, a evolução teria sido parcial; ao passo que a outra parte, e não pequena, teria ficado nas condições primitivas. Este phenomeno não é excepcional nem na humanidade a respeito d'esta instituição, nem relativamente a ambos os reinos organicos, onde, como naquella, se encontram as fórmulas de desenvolvimento desde as infimas até ás mais elevadas e contemporaneamente existentes.

Com as relações maritales, seja qual fôr a sua fórmula e natureza, institue-se a familia. Eu poderia aqui descrever as varias e differentes condições que surgem entre paes, filhos e collate-

raes, segundo o typo da constituição da familia, e poderia mostrar como a collectividade toma caracteres differentes consoante as differentes fórmas familiares; mas tudo isto encontra-se já exposto em obras especiaes e não tem interesse neste logar, onde considero antes o futuro da sociedade marital.

O elemento de capital importancia na sociedade presente e futura, relativamente á significação evolutiva, é a mulher com a sua posição natural e legal na familia e na collectividade. As transformações que se hão de realizar em ambas, dependem principalmente da mudança de condição da mulher; e deter-me-hei em primeiro logar a discorrer ácerca d'ella; relativamente aos resultados d'esta mudança é difficil prever tudo.

Quanto aos descendentes da familia tenho de recordar que o infanticidio, que existe legalmente nalgumas sociedades inferiores polyandricas e até monogamicas, é considerado como um delicto, sendo punido pelas leis; que o pae já não tem o direito de vida e de morte sobre os filhos como na velha constituição romana, mas hoje as nossas leis punem os paes por causa dos maus tratos que dão aos filhos. Na sociedade e na familia hodierna onde está mais adeantada a evolução, são os filhos relativamente livres; todavia até uma determinada idade é exercido o patrio poder mediante a

direcção educadora e o matrimonio; o pae tem deveres e direitos sobre a liberdade dos filhos e segundo as leis estabelecidas póde exercer uma restricção por meio do carcere ou de uma casa de correcção. É vigoroso o laço que liga aos progenitores, especialmente ao pae, os filhos e a herança segundo as leis usuaes, onde o progresso tem sido lento e demorado por muitas causas, especialmente pelo facto que regula a propriedade individual nas sociedades adeantadas, e que se considera como uma base necessaria para a conservação e para a propria existencia d'estas sociedades.

A MULHER NO PASSADO E NO FUTURO

À MULHER QUE SOFRE E RESISTE

Quem ler a condição da mulher em qualquer livro que trate do estado social nas várias populações primitivas, achará que quasi sempre se fazem referencias á sua inferioridade, dizendo-se que ella é o boi ou o burro da casa, não fallando nos maus tratos de que se torna victima por parte do homem; d'aqui resulta um sentimento de horror e de piedade pela infeliz posição da metade do genero humano. Achei, porém, um unico escriptor, que parece querer pôr as coisas no seu justo logar, o americano Mason, que precisamente escreveu ácerca da parte que diz respeito á mulher na cultura primitiva ¹. Depois

¹ Mason, *Woman's share in Primitive Culture*. London & New-York, 1895.

os que hoje escrevem ácerca da mulher e da sua emancipação do homem, admittem como facto demonstrado a posição inferior que ella occupou nas sociedades primitiva e nas antigas, e é d'este facto que induzem consequencias e resultados que se referem á hodierna condição da mulher nas nações civilizadas. E muitos, se não todos, homens e mulheres, invocam a ira e o horror contra o homem que violenta e brutalmente submetteu a sua companheira desde os primordios da sociedade; e por consequencia tambem as mulheres mais iradas gritam pela definitiva emancipação do tyranno, que, de uma fôrma mais gentil e com galanteria, continua a exercer o seu dominio brutal sobre a mulher.

Tudó isto merece um exame detido.

Quando julgamos os factos humanos e as suas varias condições, procedemos como aquelles que, medindo, empregam um typo de medida que lhes é commum e proprio; assim succede quando consideramos alguns povos barbaros ou selvagens, semi-barbaros ou civilizados, porque os julgamos pela nossa medida, que effectivamente tambem não é exacta, por ser impossivel a existencia de uma medida absoluta. Apesar da condição da mulher, que nas sociedades civilizadas ainda não está completamente emancipada, ou que está absolutamente destituida de emancipação, como pensam alguns e algumas, somos neste ponto superiores ás populações das

sociedades primitivas antigas e modernas, e tratamos a mulher com respeito não só delicado mas até muitas vezes extremamente cavalheiresco, como se diz. E, se soubermos que na Australia ou entre os Indios da America, são duros os trabalhos a que a mulher se entrega nos campos e em casa, até com o filho-carregado ás costas, dizemos subitamente que é brutal a maneira como o homem a trata, porque faz d'ella o burro ou o boi da casa. Ora, como veremos, todo este juizo é erroneo.

Nas sociedades primitivas existe uma divisão de trabalho entre homem e mulher, e ella trabalha como elle, nos campos, em casa, em grande numero de industrias, em tecer, em fazer pucaros de barro, e cousas semelhantes que servem para a vida domestica; a mulher tambem trabalha em moer grão, em fazer o pão, e na cozinha. O homem executa trabalhos externos, como são os da pesca e da caça, muitas vezes perigosa; mas tambem elle muitas vezes faz de oleiro, tece e ajuda a mulher, e com ella construe a cabana, não sendo apenas a mulher quem está enearregado d'esta occupação; e em sua companhia ou separadamente desempenha o triste officio de acompanhar os mortos á ultima morada, em quanto a mulher se encarrega quasi exclusivamente de outros deveres funerarios proprios dos povos primitivos e chora a sua morte com muitas fórmãs especiaes, e até

com as mutilações e os sacrificios de sangue. Ao mesmo tempo a mulher tem outro officio, que lhe provem da sua condição biologica, o de mãe e de ama da prole; mãe e ama, não abandona o trabalho que lhe compete executar.

Ora isto não deriva para ella do facto da sua submissão ao homem por effeito de violencia, como se julga ordinariamente e se escreve, mas tem naturalmente origem na divisão do trabalho primordial, pela qual o homem e a mulher devem trabalhar para a conservação da vida; em quanto o homem trabalha, ella nem por isso deve estar ociosa. Por consequencia tem pouca ou nenhuma razão a senhora Stetson com outros, quando escreve e admite que a mulher deve, como nas outras especies animaes, trabalhar para a sua subsistencia, e depois acha que o homem a sujeitou brutalmente obrigando-a a trabalhar como uma besta de carga. Nas sociedades primitivas succede exactamente o que pretende a senhora Stetson, isto é, o facto da mulher trabalhar como o homem, á semelhança de toda a femea de animaes,¹ isto é, para a sua subsistencia, havendo comtudo esta differença, o não ser proprio que a mesma mulher ande á procura dos alimentos, não se abstendo de uma

¹ Stetson, *A mulher e a economia social*. Florença, 1902, traducção italiana.

grande parte do trabalho domestico; e assim é verdadeiramente racional a divisão do trabalho, até neste estado primordial. O homem incumbem-se dos trabalhos mais exteriores e que se realizam a maior distancia, a mulher dos trabalhos domesticos e interiores. Por consequencia pôde-se affirmar que nas sociedades primitivas a mulher está economicamente a par do homem, e por consequencia trabalha para viver e para se alimentar quotidianamente; o homem nada lhe dá, nada lhe offerece. Mas nalgumas tribus ha mais alguma cousa, a mulher acompanha o homem na guerra, ajuda-o e anima-o, cura-o das feridas, e em caso de derrota soffre tambem as respectivas consequencias, a morte ou a escravidão.

Se isto é facto, e não ha sobre este ponto a minima dúvida, os viajantes e os sociologos juntamente com os emancipadores sentimentaes da mulher não julgam com exactidão, quando asseveram que nas sociedades primitivas a mulher soffre a violencia do homem, sendo constrangida a trabalhar. Não se comprehenderia qual a razão por que naquelle estado primitivo a mulher não devia trabalhar como o homem e, relativamente, com uma intensidade egual á do homem; se este facto não tivesse succedido e não continuasse a succeder, não teria a humanidade feito progressos e as sociedades humanas, até as infimas, seriam ainda mais barbaras, chegando

menos de metade das energias physicas e mentaes ao desenvolvimento d'aquellas: o homem seria mais infeliz e mais selvagem, não bastando a si mesmo, e muito menos a si com a sua companheira e com a prole, quando só elle tivesse de executar todo o trabalho que serve para a vida.

Não é effeito de submissão violenta o trabalho a que se sujeita a mulher nas sociedades primitivas, mas muito natural, diria antes biologico, como o de todos os outros animaes, cuja femea trabalha para a sua subsistencia e até emprega as suas energias, occorrendo para a defesa da sua prole. A propria mulher, nubil ou esposa, não ignora qual é a sua tarefa, e sabe que deve trabalhar alem de ser companheira e consorte do homem, e depois de se tornar mãe; a ella propria pareceria estranho e pouco natural o ver-se obrigada a estar ociosa á porta da sua cabana e esperando que o homem lhe leve o sustento e tudo quanto serve para a vida em todas as necessidades quotidianas.

Póde pelo tratamento fazer-se um juizo ácerca da brutalidade masculina para com a mulher? como se o homem não tivesse respeito algum á feminilidade, que por natureza constitue um estado physico debil, e não lhe concedesse privilegio algum, tratando-a duramente e apenas como uma besta de carga. Na verdade isto não é admittido universalmente, mas, se assim fosse,

não teríamos absolutamente razão para nos maravilharmos; mas, affirmo francamente, deveríamos ficar admirados de succeder o contrario, isto é, se vissemos homens selvagens, brutaes pela sua condição primitiva, tratarem com delicadeza as suas mulheres. De selvagens devemos esperar acções brutaes; e não só tal modo de proceder existiria para com a mulher, quando existe, mas até para com os proprios filhos, que na verdade são tratados brutalmente, se não vendidos ou mortos. Não podemos admittir nos homens primitivos a existencia de sentimentos de humanidade quaes, embora seja em parte, possuem os homens considerados civilizados; e digo em parte, porque a maioria ainda é brutal e egoista a ponto de não degradar por vezes um australiano ou um esquimó. E exactamente por este motivo que os primitivos são denominados selvagens, faltando-lhes ainda aquelles sentimentos, e por consequencia acções correspondentes, aos quaes damos a denominação de humanos, no sentido de attenções e de respeito á vida humana e á personalidade alheia, os sentimentos de piedade e de sympathia, que ainda são rudimentares. Como se póde pretender que taes sentimentos se encontrem nos homens primitivos, quando tratam a mulher, se elles são privados d'esses sentimentos? O tratamento brutal do homem primitivo para com a mulher, quando existe, não passaria de uma manifesta-

ção da sua natureza selvagem; mas talvez elle para com a mulher seja menos brutal do que o é para com os homens e para com os seus proprios filhos, porque a mulher possui uma característica que, no meio da sua natural fraqueza physica, a torna fortissima e poderosissima, a feminilidade, da qual o homem tem necessidade tão poderosa como da alimentação quotidiana. A feminilidade dá á mulher um poder pelo menos intermittente, e é o meio que serve para domar a prepotencia masculina; e a mulher domou o homem por este seu poder que não se pode substituir ou diminuir. De mais, quem observar bem a condição selvagem masculina que se manifesta na brutalidade e na ausencia de sentimento de *sympathia* e de piedade, lembrar-se-ha egualmente de que a mulher se encontra na mesma graduação de desenvolvimento imperfeito.

Por outro campo de factos pôde-se pois averiguar a superioridade violenta do homem relativamente á mulher nos estados inferiores das sociedades, isto é, no grau social que ella occupa nas funcções que exerce na collectividade, no caso de as possuir, ou se no estado social de que participa, tem os mesmos direitos e as mesmas attribuições masculinas ou se os tem em menor número ou se é d'elles completamente privada. É pela exposição dos factos que podemos conhecer isto, e por consequencia é

mister examiná-los nas proprias sociedades primitivas, como nos são descriptas pelos exploradores e pelos observadores conscienciosos.

Os indios Seros habitam no golfo de California numa ilha situada entre o Mexico e a baixa California; a respeito d'elles refere M. Gee:

«O facto social mais notavel nos Seros é a supremacia das mulheres, especialmente das velhas, nos negocios quotidianos. São as matronas que erguem as cabanas sem auxilio de homens e de rapazes; são ellas que transportam os pobres utensilios da familia e os dispõem na habitação consoante o uso geral e a immediata conveniencia. Depois de estar preparada a casa, os homens aproximam-se e collocam-se em ordem determinada: vem primeiramente o irmão mais velho da matrona, depois os mais novos, finalmente o marido, que se encolhe fóra ou dentro da extremidade aberta no pateo. Segundo as reiteradas explicações, corroboradas por muitas velhas e verificadas pelas observações dos movimentos das familias, as casas e o seu conteudo pertencem exclusivamente á matrona, embora os seus irmãos tenham o direito aos logares dentro e onde querem, ao passo que o marido não tem absolutamente direito a um logar fixo, porque «elle pertence a outra casa». Consoante os direitos de proprietaria a matrona tem o voto principal, se não unico,

na renovação da rancharia; e ácerca de taes questões, realizam-se discussões animadas, decidindo finalmente a matrona, a mais velha do grupo. A importancia da fundacção assim executada pelas mulheres tem sido ha muito tempo observada em Costa Rica e noutros logares da fronteira dos Seros, porque as rancharias são collocadas e o jacal inicial (a casa) é levantado ordinariamente por uma só mulher, ás vezes por duas ou tres velhas. Em volta d'este nucleo reúnem-se outras matronas com os seus filhos um ou dois dias, enquanto passam tres ou quatro dias e ás vezes até uma semana, antes que os irmãos e os maridos venham um por um ou em pequenos grupos á nova rancharia.

«E absolutamente semelhante o regimen dos grupos familiares, como é indicado pelos privilegios e deveres correlativos á collocação, e pelos direitos reciprocos de mando e de exigencia no obedecer. Ordinariamente e ainda mais quando os homens estão ausentes, a mulher mais velha do jacal exerce privilegios illimitados relativamente á collocação das pessoas e dos moveis; mas tambem é a arbitra das disputas e a distribuidora dos alimentos; e em caso de tumulto, especialmente estando presentes outros rapazes de outros jacaes, póde invocar a auctoridade da mãe do clan, cujo poder na rancharia é analogo ao que exercem as

matronas mais novas no seu jacal. Tambem quando os homens estão presentes, tomam apenas parte na regularização do procedimento pessoal, mas tacitamente accitam a decisão da matrona ou da mãe do clan. Tambem em caso de necessidade algumas mulheres estão promptas a pedir auxilio na execução da sua vontade a um irmão, sendo preferivel o mais velho da familia; e, sendo maior a necessidade, aos irmãos da mãe do clan.

«Em quanto pertence ás mulheres a parte mais permanente da propriedade, ha para os homens uma propriedade distincta, que comprehende arco, aljava, frechas, arpões e outras coisas mais. Tambem as balsas, especie de barca, parece que pertencem á propriedade masculina.»

Além d'isso, em conformidade com a supremacia na propriedade, parece que as matronas Seros exercem funcções formaes legislativas e judicarias; porque não só têm os seus proprios conselhos para a systematização dos negocios domesticos da rancharia, mas tambem participam com preponderancia dos conselhos da tribu, e têm uma parte importante nas decisões de taes conselhos.

Mas o que é notavel é o facto de que entre os Seros as mulheres exercem funcções no sciamanismo.

É por ventura, difficil achar nas tribus primi-

tivas outro costume social tão favorável á mulher como entre os Seros,¹ onde o homem parece verdadeiramente subjugado, como nunca o esteve mulher alguma nos tempos modernos entre povos civilizados ou semicivilizados.

Passo a outros exemplos.

«No systema dos Navahos é na linha feminil que está a descendencia. Os filhos pertencem á mãe e tambem na prática toda a propriedade, excepto cavallos e gado. A ella é que pertencem exclusivamente ovelhas, e cabras, e o chefe de familia não pôde vender uma ovelha a um viajante sem o consentimento e a approvação da mulher». ²

Ácerca dos Esquimós refere Boas que a monogamia é mais frequente do que a polygamia, sendo muito diminuto o número de homens que têm duas ou mais mulheres. Nalgumas tribus existe a polyandria, ao passo que ha um costume que permite ao homem emprestar a propria mulher a um amigo durante uma estação inteira ou até por mais tempo, e trocarem as mulheres em signal de amizade. Em certas ocasiões é isto ordenado por leis religiosas. Ao marido não é permittido maltratar ou castigar

¹ Me Gee, *The Seri Indians. XVII Annual Report of the Bureau of American Ethnology.* Washington, 1898. Parte 1, pag. 269 e seguintes.

² Mindeleff, *Navaho House. Reportcit.* Part. II, pag. 85.

a propria mulher; no caso de proceder assim, ella pode deixá-lo em todo o tempo e a mãe poderá requerer o divorcio. Ambos podem então tornar a casar como lhes aprouver. ¹ Pode-se exigir mais do que isto, maior liberdade do que esta entre populações primitivas?

É quasi o mesmo o que refere Murdoch a respeito de outros Esquimós; mas elle accrescenta estar informado de que nalgumas epochas do anno ha por toda a aldeia uma troca geral de mulheres, passando cada uma de homem a homem até que tenha estado em companhia de todos, e voltando finalmente ao poder do proprio marido. «Estes casos (escreve) parecem-me indicar que os Esquimós ainda não saíram completamente do estado que se denomina matrimonio communal e no qual cada mulher é considerada como mulher de qualquer homem pertencente á comunidade»: mas eu creio que isto é um exaggero das informações tidas pelo auctor, e não é crível.

Para o nosso assumpto convem notar o seguinte: «A mulher parece estar no pé de egualdade com os homens tanto na familia como na comunidade. Em tudo, excepto na caça, é a mulher a companheira constante e fiel do ho-

¹ Boas, *The Central Eskimo. VI Annual Report Bureau of Ethnology*. Washington, 1888, pag. 557 e seg.

mem, e em qualquer negocio a sua opinião é tida como importante. ¹

Isto está em contradicção com o supposto costume do matrimonio communal.

Crooke, o conhecedor da India nas suas provincias de noroeste e de Oudh, escreve ácerca do modo como a mulher é tratada entre as tribus primitivas: «Seria um erro suppor que a mulher do camponês não é mais do que uma escrava. Pelo contrario, é uma pessoa influente na casa, e são poucas as cousas que se fazem sem a sua intelligencia e o seu conselho, quer se escolha um marido para a filha, quer se adquira um boi ou se trate de um negocio com o banqueiro da villa. Quando ella procede mal, deve supportar uma linguagem dura e até muitas vezes pancadas; mas, no caso de ser maltratada, é protegida pelo conselho da tribu; e no conjuncto a sua situação não é mais infeliz do que a das suas irmãs nas outras partes do mundo.» ²

Marshall escreve ácerca da mulher Tôda:

¹ Murdoch, *The Point Barrow Eskimo. IX Annual Report cit.*, Washington, 1892, pag. 413-14. — Cfr. Parry, *Viaggio della Vega*; Limpson, etc. cit. pelo auctor, que confirmam as informações sobre o tratamento da mulher entre os Esquimós de varias partes.

² Crooke, *The North-western Provinces of India*. London, 1897, pag. 230-31.

«Se o costume tôda de propriedade hereditaria desse a impressão de que as mulheres gozam de pouca auctoridade no seio da familia, seria absolutamente incorrecto tal modo de ver. É um factio real que a mulher exerce influencia no *mand*, junto dos seus maridos (sabe-se que existe ahi polyandria) e dos filhos. Por grande tolerancia e moderação dos homens, ajudada por um poder mental muito sufficiente e por um dominio no seu objecto, a mulher conserva uma boa posição na casa.¹

Vejamos ainda outros factos. Entre os Casias dos montes Garros a propriedade passa da mãe para a filha. A mulher, directora da communitade, vive na sua propriedade e numa casa propria; escolhe para si um marido como lhe apraz, e não tem difficuldade em divorciar-se.»²

«Os Pani Kotch reconhecem ás suas mulheres uma posição privilegiada, que é legitimada por um trabalho mais activo e mais intelligente do que o dos homens. São as mulheres que cavam a terra para semear e plantar; são ellas que fiam, torcem, fazem a cerveja; não recusam trabalho, e deixam aos homens as occupa-

¹ Marshall, *A Phrenologist amongst the Todas*. London, 1873, pag. 218

² Steel, *Journal of the Ethnological Society*. VII, Bengal.

ções mais grosseiras. As mães de familia casam as suas filhas quando estas ainda têm pouca idade. As raparigas adultas e as viúvas sabem por si mesmas achar o marido; ás ricas nunca faltam pretendentes». ¹

Entre os Nicôbareses as filhas têm privilegios. Não pertence ao homem escolher a sua companheira e mandá-la entrar na sua cabana, mas pertence á mulher o escolher para si um companheiro e levá-lo para junto d'ella. ²

Mas para não ir mais adiante vou referir o estado da mulher num grupo de primitivos, que se consideram como os infimos na humanidade, isto é, entre Andamaneses, que foram observados genuinamente e durante muito tempo por um inglês muito humanitario, por Man. ³ Este escreve o seguinte:

«Embora seja verdadeiro que o cumprimento de muitos deveres domesticos pertence ás mulheres e aos meninos, seria um grande erro suppor que pelo chefe de familia é posta em

¹ Hodgson, *Journal of the Asiatic Society of Bengal*, 1849.

² Vogel, «Vom indischeu Rean bis zum Goldlande». — Estas últimas tres citações foram extrahidas da obra de Reclus, *Os Primitivos*. Paris, 1887, pag 186-87.

³ On the Aboriginal Inhabitants of the Andaman Islands. *Journal of the Antrop. Institute*. XII, 1883-83, pag 327 e seg.

pratica uma violencia, seja ella qual fôr. Elle tem de ordinario uma vida tão activa como qualquer mulher, e muitas vezes reparte com ella alguns trabalhos, quando o impelle a necessidade por doença ou por outro motivo. Como já disse, é absolutamente inexacto dizer a respeito d'estes selvagens que o seu matrimonio consiste apenas em tomar uma mulher como escrava, porque uma das fórmulas importantes das suas relações sociaes é a egualdade e o affecto bem manifesto, que se observa entre marido e mulher. Observações rigorosas feitas durante muitos annos, têm provado que não só a auctoridade do marido é mais ou menos nominal, mas que não é raro ver o andamanense consultar ou proceder segundo a sua cara metade; finalmente a consideração e o respeito com que as mulheres são tratadas, poderiam vantajosamente servir de exemplo a certas classes do nosso paiz.»

Bastam estes exemplos referidos, a meu ver, para desmentir as numerosas affirmações estranhas d'aquelles que escrevem ácerca da mulher primitiva, sem primeiro criticar as narrações dos viajantes e de todos os que passaram algum tempo entre estes. De resto, é sabido, muitos quando escrevem copiam aquillo que os outros affirmam e assim se perpetuam as falsidades.

Pode-se, ao contrario, affirmar que, no estado

primitivo, a mulher nem sempre é tratada com brutalidade, frequentemente ella é a senhora da tribo; mais, divide com o homem todo o trabalho e economicamente vale tanto como elle; e não é isto a verdadeira accusação capital com que podem argumentar os emancipadores, na defeza da sua these.

Ainda quando a mulher é tratada brutalmente, ella trabalha muito e talvez mais do que o proprio homem; e isto bastaria a demonstrar que no fim do estado primitivo a mulher não se abandonou á preguiça para que o homem a alimentasse, como pretendem alguns escriptores recentes,¹ e por este motivo, a condição presente não teria derivado como um estado de sujeição de outro typo, do primitivo.

A missão da mulher na humanidade foi muito differente da imaginada e affirmada por escriptores mais ou menos sentimentaes, e todavia, mais alta, embora nem sempre consciente á propria mulher; poder-se-ha mesmo dizer, quasi sempre inconsciente e involuntaria.

Se nos animaes, como o mostrou Darwin, existe a selecção sexual da femea em relação ao macho, no homem, não me parece que tal selecção jámais haja existido e não exista presentemente senão em casos excepçionaes. Em-

¹ Stetson, ob. cit. pag. 99.

bora seja desagradavel contradizer o proprio Darwin, parece-me certo que na humanidade, salvo excepções, é o homem quem escolhe e não a mulher; ainda quando o homem violentamente se apoderou da mulher, elle preferiu mais uma que outra.

Se assim é, nós temos a chave para interpretar o phenomeno psychologico e social, que fez divagar a muitos ao comprehendel-o e explical-o, o qual é que o homem se tornou mais affavel por influencia da mulher e que esta em algumas classes sociaes esteve dispensada do arduo labor a que estava submettida desde as origens da humanidade como um dever proprio ou uma necessidade da vida individual e social.

A familiaridade é aquelle character que possui a mulher, pelo qual se torna desejada ao homem como necessidade biologica. Como o animal mais feroz que se torna carinhoso para a sua femea, se não sempre, pelo menos em epochas de necessidade sexual, assim o homem, embora brutal e selvagem no trato, perde a sua brutalidade e se torna affavel quando necessita da mulher.

Se isto ao principio é intermittente, torna-se depois continuo para elle, especialmente se a approximação sexual é effeito da escolha. Dadas, pois, algumas instituições sociaes, como esta acima indicada, da supremacia feminina, o homem está absolutamente dependente da mu-

lher, a qual tem a faculdade de o afastar de si. A necessidade sexual no macho é prepotente e isto faz com que se lhe dobre a fereza, se lhe debelle a prepotencia, e cesse n'elle qualquer violencia se deseja ser satisfeito.

Uma tal selecção sexual da parte masculina pode tambem explicar um outro facto, não menos importante na biologia humana, mas dadas sempre as condições sociaes, o qual é, o do aperfeiçoamento da belleza feminina.

Nas classes ricas, como sejam os chefes das tribus, reis e dominadores de toda a especie, o homem escolheu ordinariamente a mulher mais bella; o que melhora a descendencia e a torna mais fina e mais formosa.

Assim podemos ver que em toda a sociedade humana existe sempre um typo mais bello e mais elevado de mulheres, ao lado de outro ordinario e commum; e então é facil comprehender como aquelle typo superior pela belleza physica, exerce uma influencia maior sobre o homem e o attrae; e como ao contrario este se rende e se suavisa. E' de ha muito notorio, que o homem mais forte, o guerreiro mais afamado, é humilde ante a senhora do seu coração, e não existe aristocracia de sangue e de engenho que não se dobre á mulher que apparece seleccionada pela sua belleza e pelas outras qualidades que haja de possuir.

Por isso é que eu creio ser admissivel o facto

da mulher que em primeiro logar domou o homem por si, e a seu respeito o tornou affavel ou menos violento, ter igualmente contribuido a tornal-o menos violento e menos brutal para a humanidade. Porque a prepotencia e a brutalidade primitivas vinham a interromper-se ao menos n'aquelles instantes de prazer e começou a nascer no homem o primeiro sentimento de piedade e depois de sympathya que se torna em seguida universal.

Não possô affirmar que primordialmente a mulher tivesse contribuido conscientemente para isto; não, porque a mulher tambem esteve selvagem, tal qual o homem, para aquelles que são inimigos ou pertenciam a outra sociedade. Entre os primitivos, a mulher acompanha o homem á guerra e sacia o seu desejo de sangue com as mutilações e tormentos dos vencidos e dos prisioneiros. Mas não foi assim, com respeito aos homens da propria sociedade e tanto é capaz de exaltar a ferocidade do seu homem contra os inimigos como de ser affavel e piedosa para com os companheiros sociaes. O desenvolvimento da piedade feminina nas sociedades primitivas se vê tambem nas occasiões das mortes; são as mulheres que choram os mortos e supportam as mutilações e tratam das sepulturas.

E' visivel n'outro facto a influencia feminina sobre o homem, como conduzente a tornal-o

affavel; nas sociedades primitivas, para mostrar que se deseja a paz entre uma e outra tribu, as mulheres são enviadas adiante dos homens, para que sobre ellas os inimigos não lancem as frechas mortíferas; n'um caso d'estes a mulher é symbolo e meio de paz e portanto causa de cessar a violencia.

Com as transformações sociaes a mulher soffreu varias vicissitudes das proprias classes sociaes que foram um producto das condições politicas e economicas. Uma classe, porém, se conservou quasi como no periodo primitivo, a dos cultivadores da terra e assim tambem a mulher d'esta classe: um pouco menos estacionaria se conservou a vida industrial da antiguidade e idade-media e portanto tambem aqui a mulher acompanha as variações d'esta vida.

A mulher nas classes aristocraticas da antiguidade tem tambem varias vicissitudes; e quando valia e se fazia valer em politica e em influencia, então dominava mais ou menos abertamente por meio do homem ou dos homens de quem isso dependia; quando não havia adquirido tanto poder governava no gynaceo e nos seus amores. Entre os dois povos classicos do Mediterraneo, gregos e latinos, dos quaes sabemos melhor a historia interior, a mulher que não era escrava ou rustica, que pertencia á familia aristocratica, originalmente trabalhava domesticamente, depois não fazia mais nada do

que embellezar-se e dominar, quando podia, nos circulos politicos em Roma. Na Grecia, nos tempos de esplendor, prevalece na mulher a aristocracia do talento, e esta então tinha tambem grande liberdade na vida privada. O dote, em verdade, emancipava a mulher romana do marido, mas este tambem se tornava livre, com o que era alternativamente tolerado e prohibido, o concubinato, em qual caso a mulher apenas era estimada pela sua feminalidade, que a tudo dava valor até mesmo á polidez das relações quotodianas.

Assim, verdadeiramente, na antiguidade só uma pequena parte do sexo feminino mudava as condições de vida dos tempos primitivos e prehistoricos, analogas ás modernas dos povos ainda no estado de natureza e não civilizados; a maioria trabalhava com o homem, duramente e soffria com elle as asperezas da vida e os effeitos desastrosos das guerras e das conquistas como os da occupação do solo por parte do vencedor — A mulher aristocratica, tambem não fugia a taes desastres, e o mais que podia obter era o tornar-se concubina de algum capitão, se não a fizessem escrava, indo buscar agua á fonte, servindo na cosinha e nos cubiculos, como temia Andromacha, a mulher de Heitor. Mas tambem n'isto não era só a soffrer, o homem supportava a mesma consequencia e ficava servo qualquer que houvesse sido a sua condição so-

cial. Na idade-media sabemos todos, quanto a mulher era exaltada, mas aqui estamos longe em affirmar que este phenomeno fosse geral e para todas as mulheres. Sómente para as mulheres de distincção social, isto acontecia, quer dizer, para pouquissimas, que pertenciam a familias aristocraticas e dominantes e que eram exaltadas pela sua belleza. Quer dizer, para as mulheres que não trabalhavam como os homens, que tinham dote e porisso viviam senhorilmente e tinham influencias pequenas e grandes nos negocios da vida, n'este tempo tambem houveram mulheres distinctas pela instrucção e engenho; e sómente d'aquellas se poderia haver estas e não das que trabalhavam na gléba ou d'outra forma, juntamente com os homens.

Ninguem n'aquella epocha nem em epochas anteriores propoz, como hoje é feito, o problema feminino, porque a maior parte das mulheres supportavam a mesma sorte do homem e confundiam-se com elle sem distincção alguma; a parte menor tinha condições privilegiadas e se não tinha poder directo, tinha um, indirecto, que equivalia ao primeiro; e ao mesmo tempo era exaltada pela sua femilidade; assim que melhor posição poderia desejar a mulher. Os homens cavallieirosamente, inclinavam-se ante ellas, batiam-se por ellas, como pela rainha do coração e da vida. O problema, portanto, não podia surgir, porque o grupo das mulheres in-

telligentes estava satisfeito; os outros grupos não pensavam, como também não pensavam os homens inferiores em condição social ou servos da gléba.

Se na antiguidade dos povos civilizados, não nasce o problema feminino, devido ás condições sociaes, por seu lado o culto da feminilidade era diffuso; e isto também se pode constatar em fins da epocha prehistorica na Europa, pelos desenhos achados nas cavernas os quaes representam divindades femininas. Não fallo, a seguir, do culto em Babylonia, Assyria, Chypre, Phenicia, Egypto e depois na Grecia e entre os latinos; na mulher era symbolisada a criação, a origem das cousas, a alimentação, a abundancia, o amor sexual, a vida, e naturalmente o culto d'ella devia assumir e assume uma universalidade immensa e sob todas as formas. Se foi assim, não se deve suppor que a mulher então fosse tida com desprezo e mantida em servidão para que não se reconhecesse o seu valor e a sua personalidade, como muitos fazem acreditar.

Já n'este culto se reconhecia um facto biologico, se bem inconscientemente, o da feminilidade, a que se attribuia não só a fertilidade mas também a origem de todas as cousas que nascem e se reproduzem sob os olhares do homem. E o homem attribuia á mulher esse character e generalisava-o assim, divinisava-o,

partindo da observação commum e vulgar de que a mulher é quem dá a descendencia na prole; e portanto na feminilidade achava o character mais saliente d'ella em meio dos outros sêres vivos e na natureza. E juntamente com este culto assim grande e symbolico da natureza productora, nascia outro pela mulher, que dá os prazeres sexuaes, por Aphrodita ou Venus acompanhada pelo Amor, seu companheiro indiviso que domina e doma o homem. Assim a mulher, em toda a forma, era considerada, dominadora do homem pela sua feminilidade.

Este phenomeno, segundo a minha opinião, explica o facto de, nas populações primitivas ou semi-civilisadas da antiguidade, não ter sido admittida a mulher como sacerdote no culto da divindade e portanto tambem como chefe de tribu e de estado. A sua feminilidade devia naturalmente excluil-a, dadas as condições biologicas de maternidade em que ella se poderá encontrar nos varios periodos da vida; inconscientemente quasi que se reconhecia na mulher como que um destino differente do do homem, dado já pela própria natureza, o de mãe, e portanto tambem reconheciam as difficuldades em que se poderia encontrar em tal estado a mulher se tivesse um officio de character differente e masculino. E isto não era, nem foi um desprezo ou rebaixamento da mulher como se poderá supôr; mas sómente uma difficuldade para ella.

No entanto as mulheres, não faltavam no culto e bastaria para o provar a instituição das Vestaes em Roma; e também no Egypto, como o provam claramente as representações lithurgicas dos Pharaós.

Mas isto tinha um outro motivo e a restringil-o vem o facto da mulher não haver sido eleita, senão excepcionalmente a chefe de estado.

Os chefes de um reino ou de um imperio eram também chefes do exercito, e isto pertenceu sempre aos homens; as amazonas é uma fabula se não foi um facto excepcional. Ora a mulher nas origens da sociedade nunca foi á guerra, senão para acompanhar o homem, curar-lhe as feridas e alental-o, ou então em casos de emigração armada como se vê nos Cantões e nos Cimbros. O chefe do exercito naturalmente devia ser também homem e este chefe ordinariamente era também o soberano: a mulher estava por este motivo, excluida do regimento e também por isso mesmo do estado.

O que affirmo do estado, se pode também dizer do culto religioso. O chefe do estado era quasi sempre o chefe do culto: assim o foram os Pharaós, os reis da Chaldêa, de Assyria e Babylonia, os reis de Roma, os consules e depois os imperadores; ainda hoje o czar é summo pontificie! Estavam reunidos n'uma só pessoa o chefe do estado, do exercito e do culto;

e a mulher sómente para este ultimo cargo não podia naturalmente assumir o poder e foi excluida.

Mas o desprezo pela mulher, estranho é dizel-o, vem com o Christianismo.

Emquanto o culto da Mãe de Christo deveria trazer maior respeito e sympathia á mulher, os theologos de todos os tempos e os padres da egreja, não só excluíram a mulher do culto como tambem a representaram como um ente perigoso, causa de todos os males, e consideraram-na inferiormente vituperando-a; não tenho necessidade de referir os lugares dos auctores, tão notorios elles são a todos.

Apezar d'isto, civilmente a mulher nada soffreu do desprezo theologico e patriotico; como acima foi dito, pelo contrario, ella foi exaltada pela sua belleza feminina e assim na idade-media teve quasi um culto como o da Venus celeste.

Dante e Petrarca divinisaram-n'a e depois assim o ideal da cavallaria que até hoje deixou um sentido symbolico. Pode-se, positivamente affirmar que a influencia do Christianismo foi nulla em tal phenomeno humano. Mas a tradição antiga, se bem que politicamente e socialmente adviessem mutações, continuou nas leis e nos costumes: a mulher foi excluida dos cargos publicos, como da milicia e do culto; e foi-lhe dado como tutor o homem, como a uma menor

perpetua considerada incapaz de administrar a sua propriedade e inhabil para governar diariamente a vida. Era uma continuação tradicional das leis romanas, se bem que praticamente não existia justificação para tanto rigor.

Assim chegamos aos tempos modernos.

Emquanto que para o homem não nasce o problema economico, no phenomeno do proletariado, nem um signal apparece do problema feminino, hoje largamente discutido e ainda não resolvido; nem se pode resolver como creem alguns, como não se pode resolver o problema economico, de pé para a mão e depressa. Porém o problema feminino tem um defeito que reside principalmente no facto de considerar a posição da mulher nas sociedades modernas como unica, isto é, como se todas as mulheres se encontrem na mesma situação economica, social e civil. O problema é multiplo na forma e na essencia; é:

biologico,
familiar,
social,
politico,
economico ;

e a mulher encontra-se em relações diversas com o homem conforme as diversas classes sociais. Desejo começar por estas relações, e lembro o que escrevi n'um artigo critico considerando a mulher nas sociedades primitivas e nas

sociedades civilizadas e progressivas;¹ quer dizer:

Nas sociedades primitivas a mulher é:

1.^o femêa, mãe, ama, trabalhadora; partilha com o homem os trabalhos;

2.^o femêa, de muitos homens na polyandria, mãe, ama, e dona de casa;

3.^o femêa mais ou menos parasita na polygênia e segundo o character d'esta.

Nas sociedades civilizadas a mulher é:

1.^o esposa, mãe, e trabalhadora como o homem; exemplos: a camponeza e a operaria;

2.^o esposa, mãe, ama, educadora, como nas classes medias;

3.^o esposa, mãe, parasita em muitas familias da classe media;

4.^o esposa, mãe, ociosa porque é rica;

5.^o livre, trabalhadora, bastando a si propria.

Ponho de parte as mulheres na vida primitiva porque nada teem directamente com o problema moderno e vou explicar o que se refere a elle nas cinco classes de mulheres nas sociedades civilizadas:

1.^o Pelo aspecto economico, camponezas e operarias com marido e familia, parecem ter

¹ *Um argumento novo do feminismo.* «La Vita Internazionale» V, 11. Milão, 1906.

resolvido o problema economico; ellas trabalham como o homem e portanto podem ser independentes com relação a elle; entre camponezas que vivem no campo e que trabalham no campo, a vida domestica está intimamente ligada á economica e não pode ser mais harmonica. Conheço de perto as herdades e vivo bastante em companhia de agricultores para não ter duvidas acerca da vida e da conducta d'elles.

As mulheres operarias da cidade e que trabalham em officinas mais ou menos afastadas das suas moradas, encontram-se em serios embaraços quando teem filhos, a que devem attender na amamentação e na educação primordial, como guias da infancia. Economicamente são independentes do homem, com os quaes estão unidas matrimonialmente. Aqui portanto, surge a primeira difficuldade, não para a mulher, mas para a familia: pode a prole ser abandonada pela mãe no periodo de amamentação e na primeira infancia? a quem entregará a mãe a sua prole quando tiver de ir para a officina trabalhar o dia todo? Este quesito pode ter uma solução, isto é, que a prole da operaria seja intregue aos cuidados officiaes; e então seria necessario instituir crèches publicas e asylos para a infancia a espensas do estado. Isto traz uma grande complicação social, uma grande despeza e moralmente um relaxamento da familia, porque a mãe e o pae desinteressam-se facilmente dos

filhos se estes forem alimentados e educados a expensas do estado e afastados portanto da casa, embora seja temporariamente. Verdadeiramente, isto não é resolver bem o problema para as classes operarias, por mais que se diga.

Lembro que em Roma existem cousas d'estas, chamadas: *educatori* com o caracter de instituições de beneficencia, especialmente para os filhos menores e primeira infancia das classes operarias. Admitta-se que estas instituições se tornem communistas e portanto mantidas a expensas publicas; é claro que se poderá resolver metade do problema, mas não a outra, a da amamentação.

2.^o A segunda cathegoria de mulheres, aparentemente é a melhor, porque n'ella a mulher é esposa e resolveu o problema biologico; é mãe, ama e tambem pode attender a creança na primeira idade, como educadora. O seu trabalho è todo interno, domestico, ella não moirreja como uma operaria; a familia está toda a cargo do homem. Esta posição, não a encontram bôa os feministas: porque admittem que a mulher n'este caso é dependente do marido como sendo este quem a sustenta. Sob o ponto de vista da familia, a posição é normal, porque a mulher explica todo o seu trabalho por elle e a prole pode ser bem alimentada e bem educada; e ao mesmo tempo a mulher attende a todo o trabalho interno da casa; não está aqui

uma divisão de trabalho na familia? Se não fosse ella que prepara tudo ao marido, não necessitaria este de outra pessoa? Não se pode dizer portanto, que o homem mantenha a mulher, sua esposa, como um ser parasita e sómente pela feminilidade, como julga Stetson. Mas seja como fôr, as feministas intransigentes não approvam esta condição da mulher.

3.º A cathogoria terceira, é em verdade, parasita, quando a mulher não cumpre em cousa alguma o trabalho domestico e unicamente pensa na sua pessoa.

O marido deve pagar a ama, as educadoras e todas as despezas de embellezamento e passatempo da mulher. Aqui teem razão os feministas; mas estes casos não podem ser muito numerosos; são mais communs os da segunda cathogoria nas classes medias, d'empregados publicos e tambem particulares.

4.º Ao contrario, se a mulher parasita tem um dote, póde ser independente do marido, pelo menos economicamente e por isto tambem socialmente. Os exemplos são vulgares n'este caso.

5.º Por fim vem a cathogoria das mulheres livres, sem marido, nubis, as quaes trabalham, se mantêm com o proprio trabalho e são independentes do homem.

Os feministas e as feministas nada poderão dizer d'esta cathogoria; economicamente n'ella, as mulheres estão a par do homem e poderão

valer tanto como homens solteiros, mas uma grande lacuna existe n'estas mulheres livres e independentes do homem, falta-lhes um elemento essencial da vida, ao qual os homens solteiros satisfazem sem perigo e sem vergonha, o amor. E' verdade que algumas mulheres feministas e não feministas chegam a afirmar que para ellas o homem é inútil. (Uma senhora inglesa não feminista. disse-me que o marido é *useless*); mas creio que taes mulheres sem amor são muito poucas; a natureza revolta-se na maior parte e reage d'um modo qualquer. Podem as mulheres, satisfazerem-se com um amor temporario como o dos homens que acham satisfação nos casos de prostituição? E no caso affirmativo, em relação ás outras como é que a sua reputação se conservaria? E as consequencias das relações sexuaes livres? — Eis aqui um problema grande e profundo como o economico; que não se resolve com uma affirmação ou com uma negação. Se a mulher poder satisfazer uma das duas exigencias fortes da vida, nem sempre poderá satisfazer a outra; a alternativa é grave e terrivel para ella porque especialmente hoje, as condições sociaes, o modo de vida individual e social que é uma continuação do passado, impedem algumas acções e censuram absolutamente outras; a liberdade de amar não é permittida a uma mulher e não só lhe é censurada como vituperada, tanto pela leviandade como

ainda por preconceito, porque desvia da maneira habitual do viver.

O problema feminista portanto não existe, senão para algumas cathogorias de mulheres, para as solteiras, economicamente habeis e para as casadas sob a tutela mais ou menos forte do homem que não trabalham como o homem na familia. Mas isto é sómente o aspecto economico do problema e não todo o problema que tem outros aspectos, entre os quaes o legal. A mulher pelas leis vigentes está sempre subposta ao marido, ao pae temporariamente, não pode administrar os seus bens á vontade, e deve fazer-se representar pelo homem em muitas circumstancias legaes. Aqui o feminismo tem inteira razão, se pede a emancipação: a mulher não é uma creança que deve sempre ser guiada pelo homem nos negocios nem deve estar sob tutela por toda a vida, portanto a emancipação legal pedida é justa.

Ora eu creio que as justas aspirações da mulher, á egualdade economica com o homem quando trabalha tanto como elle; á emancipação legal do homem quando com elle tenha vinculos conjugaes, possam ser facilmente satisfeitas. A resistencia que ainda encontram é um effeito da inercia social, que a pouco e pouco será vencida, porque se está vendo, de facto, o começar-se a vencel-a. A quantidade de mulheres agora nos cargos publicos, nas escolas de

toda a especie, no commercio, mostra á evidencia que a mulher em geral, conquistou muito na vida social e tem n'ella uma forte representação. Se hoje existe o facto sem que novas leis o estabeleçam, amanhã as leis o sancionarão; assim a pouco e pouco a mulher adquire a egualdade economica a que aspira e a emancipação a que tem direito. Nenhuma pressão, como pressa alguma, creio necessaria ou util n'isto, o phenomeno resolve-se por si proprio, sem violencia. Mas intacto ainda e de difficil solução está o problema do amor, como acima foi proposto, problema que é tão importante como o economico para a mulher; esta tem direito ao amor como á existencia.

Mas antes de fallar do amor, creio opportuno tratar de uma outra aspiração feminista. Alguns homens e mulheres, admittem a egualdade absoluta nos dois sexos e portanto não se contentam com a emancipação economica e legal que o homem deve conceder á mulher; querem ainda que ella tenha os mesmos direitos politicos do homem e assuma como elle cargos publicos politicos e administrativos: assim o sexo em nada seria contado na vida social e politica.

Encontrei acima a existencia de varias categorias de posição social da mulher, como se fossem classes distinctas nascidas na evolução da propria sociedade. Quaes sejam as mulheres que possam aspirar á vida publica, é facil compre-

hender, não serem aquellas que dividem com o homem os trabalhos, isto é, as camponezas e as operarias, solteiras ou casadas; mas sim as que não teem uma occupação definida na familia, especialmente as damas ricas, que possam dar-se o luxo de um pessoal numeroso a serviço seu e da casa. A admittir isto para todas, como acontece com o homem, o problema tornar-se-ia mais difficil de resolver.

Sem querer dissertar a respeito das differenças phisicas e mentaes entre o homem e a mulher, é incontestavel, que existe a differença sexual; e esta differença, a meu vêr, é tão forte para a vida individual e para a vida social que não é possivel apartal-a da divisão do trabalho social de qualquer character. Já desde as origens das sociedades e da familia se manifesta, como vemos, a divisão do trabalho conforme os sexos; e manifesta-se sem violencia, nem artificio, isto é, naturalmente: homem e mulher trabalham ambos; o primeiro mais externamente, a segunda mais internamente, na familia e na casa; e em alguns casos, tambem já citados, a mulher é estreitamente na parte interna, senhora e dona, embora sob o proprio dominio do homem. As relações entre tribus são sempre as dos homens, a procura do alimento por meio da caça e da pesca é quasi sempre emprego d'elles: uma divisão do trabalho mais natural não é facil achar.

E é natural que haja acontecido assim; um dos dois, teria de assumir uma parte ou a outra do trabalho complexo e vario; não podiam fazer ambos a mesma cousa e portanto a divisão natural era que á mulher pertencesse principalmente o trabalho interno, ao homem o externo, sobretudo por dois motivos: o homem physicamente é mais robusto, mais forte, mais alto e pode resistir melhor ás fadigas externas e longinquas; o homem não tem que soffrer phenomenos nenhuns periodicos ou de longa duração que são partilha especial do sexo feminino. Em taes condições a mulher é como que uma pessoa soffredora e doente e tem maior necessidade da casa do que o proprio homem; isto é tão verdadeiro que nas tribus primitivas, existem habitações, cabanas construidas em lugares apartados, onde a mulher menstruada e tambem a parturiente devem viver n'esses periodos.

Portanto estas condições são conhecidas pelo homem primitivo e pela propria mulher, a qual, sem intervenção de violencia masculina, mas por facto natural, direi por selecção natural, se retira da vida publica, da caça, da guerra, apesar seu trabalhos mais proprios ao homem que está em condições differentes. As duas condições principaes relatadas fazem com que a mulher necessite de protecção, porque considerada em si propria em relação á sexualidade a mu-

lher é muito debil, embora essa sexualidade a torne mais forte do que o homem quando a consideramos em relação á necessidade d'este.

Na vida primitiva a mulher é obrigada, para trabalhar fóra de casa, a trazer ás costas a sua prole e andar assim com aquelle peso, não a podendo deixar só abandonada na cabana onde correria perigo a vida; tambem por causa da amamentação que n'aquelle periodo social primitivo dura muitos annos. N'uma phase mais adiantada da sociedade, a mulher, ou algumas mulheres, não vão trabalhar fora de casa com a prole ás costas, e pelo contrario, conservam-se em casa, tendo por occupação os trabalhos domesticos e o cuidado dos filhos. As camponezas dos nossos campos levam comsigo as creanças de mama, e largam-n'as a um canto enquanto trabalham porque não trabalham muito longe de casa, pelo menos habitualmente, e attendem por outro lado, aos cuidados da casa, ás comidas que preparam tambem para os homens que trabalham no campo na companhia do marido.

Esta divisão do trabalho é tão necessaria e natural como a primeira e é um resultado da escolha natural, superior como qualquer outro. Se fosse o macho, o sexo que houvesse os filhinhos, seria o macho aquelle que se adaptaria aos labores femininos e a mudança seria então comprehendida; as partes inverter-se-iam

e portanto tambem o problema, o qual seria o mesmo que o presente problema do feminismo.

Ora, se de um salto, a mente vem do estado primitivo social, ao estado evoluido presente de uma sociedade, complexa, com tantas ordens de poderes e com tantas ordens de trabalho de todo o typo, o problema não muda de essencia; a mulher pelas condições de sexo deve especialmente assumir o trabalho interno e deixar ao homem o externo. N'este, existem, no entanto alguns que dentro de certos limites são possiveis ás condições sexuaes da mulher, enquanto existem outros incompativeis.

De facto, a mulher é apta para a escola, aqui tem ella largamente onde dedicar-se; pode desempenhar os officios postaes e telegraphicos, trabalhos nos armazens de modas, nas officinas industriaes; e aqui trabalha e até mesmo faz concorrencia ao homem. Mas não resta duvida alguma n'este caso que ella propria ha-de interromper o trabalho e mesmo faltar ao seu officio e exigir supplente, ou pelas condições periodicas do sexo, ou por gravidez e lactação, se tiver marido. Não só isto; se tem filhos, vê-se obrigada a confial-os as pessoas estranhas e não pode educal-os e cuidal-os ella propria como desejaria e deveria; frequentemente nas classes pobres, é obrigada a abandonal-os na rua enquanto ganha a vida por fóra, voltando á noute

para casa cançada e naturalmente obrigada a trabalhar para si e para a familia.

Não ha aqui duvida alguma tambem para aquelles que são os mais fortes affirmadores da egualdade dos dois sexos, que a feminilidade, tanto como a sexualidade, limita naturalmente o trabalho externo da mulher ou torna-o incompativel, da mesma forma como impede que a mulher seja soldado, mineiro ou outros mysteres, nos quaes o trabalho individual não pode ser differente nos dois sexos — E para mim, é erro ou phantasia o pensar que a condição ou condições presentes da mulher nas sociedades avançadas sejam um effeito do estado anterior de violencia masculina sobre ella e da barbarie primitiva; é e foi phenomeno natural a condição primitiva, é e será phenomeno natural a condição que se está delineando nos nossos tempos: não é scientemente e premeditadamente desejada, como se crê, porque a vontade humana nos acontecimentos collectivos e continuos, entra aqui como uma fracção infinitesimal. E de facto, tudo quanto hoje se deseja conscientemente, não se realisa, nem se acceita, justamente porque é desejado; sómente terá cumprimento por evolução natural aquella parte que se desenvolve no curso dos successos sociaes.

Se uma parte do sexo feminino póde desempenhar ou occupar alguns lugares que eram des-

tinados ou julgados só para homem, não é crível que a parte masculina possa ser sempre substituída pela feminina. Vimos que se encontra naturalmente um limite na mulher e que este limite é natural porque é biológico e portanto não pode ser negado ou desviado, como é biológica a maternidade e não pode ser adjudicada ao homem: grande diferença esta e de grande valor na posição da mulher.

O feminismo absoluto actual que deseja collocar a mulher no mesmo nível que o homem, em tudo e por tudo, trabalha não só pelos direitos da mulher á egualdade de tratamento juridico, como tambem para o seu advento a todo o trabalho masculino, até os cargos administrativos e politicos. Ora isto jámais poderá acontecer para a divisão do trabalho social, como não o pode para a divisão do trabalho familiar; haveria aqui uma grande confusão de poderes e nunca mais se poderia distinguir o que pertence á mulher no mundo e o que pertence ao homem. A divisão do trabalho entre os dois sexos é primordial nas sociedades humanas e não é feita por violencia mas sim por natureza da sexualidade que tem fim biologico tambem diferente. Estão já indicados os limites naturaes na mulher.

Aqui, existe, além d'isso, uma outra causa, que é necessario não descuidar e que está na propria natureza da sexualidade e nas relações

entre os dois sexos. O homem, inconscientemente mas naturalmente sente a atração do sexo feminino; e embora a mulher seja insensível ou indifferente ao sexo forte, n'ellas é menor a tendencia, como acontece a toda a femeados animaes; o homem cede-lhe muito facilmente. Temos depois então o dominio da mulher, mais terrivel e tyrannico de que o do macho, porque é mais despotico, mais caprichoso, dada a psychologia feminil.

Mas isto será no emtanto um perigo hypothetico, porque o que é dado por natureza, não pode ser desviado ou transformado por artificio ou vontade humana; além de pouquissimas mulheres, a maior parte sente e sentirá que o seu dominio será deslocado e as suas situações alteradas se tivesse de occupar o lugar do homem na vida social. Logo porém que legalmente fosse dada á mulher a faculdade de fazer tudo quanto fazem os homens politicos e mais aquelles que desempenham outros cargos publicos, magistrados, directores de bancos, de cadeias, e mais cousas parecidas, pouquissimas mulheres desejariam occupar estes lugares e as outras por disposição natural não ambicionariam de forma alguma assumir responsabilidades masculinas e tudo ficaria n'uma ordem natural.

A mulher, como já o disse n'outros lugares, não é propria para o trabalho publico, a não ser por extrema necessidade da vida, dadas as con-

dições presentes sociaes e individuaes; não é propria para governar povos e administrar estados e communas: este papel excede a sua natureza, vae contra essa natureza. E se qualquer mulher singularmente no passado e no presente, mostrou ser capaz d'isso, é caso excepcional, não commum a todas as mulheres, como succede em muitas cousas da vida. Por sua vez a mulher pode ser conselheira util e bôa, normalmente, pode ser a moderadora da acção viril, cooperadora intelligente do homem, se lhe fôr companheira e lhe comprehender a natureza e o valor. N'este caso a sua cooperação e influencia podem ser beneficas e uteis ao homem e aos mais a quem possa aproveitar tal acção bôa.

A mulher não mudou de natureza desde os tempos primitivos em que tambem foi bôa conselheira, anonima, util na vida privada e na tribú a que pertencia. Hoje, como foi dito, ella tornou-se complexa na vida individual e social devido ás variações das classes sociaes e ás diferentes posições economicas; mas a sua natureza femil é sempre uniforme.

Hoje, sente-se uma necessidade, echo forte dos tempos, para que ella se torne mais livre d'esses laços artificiaes que leis semi-barbaras estabeleceram e se se têm mantido até agora; d'uma liberdade maior resultarão vantagens grandes para ellas, para o proprio homem e

para a collectividade. A este respeito direi alguma cousa.

A liberdade é o meio mais natural para o desenvolvimento do bem em tudo; na liberdade está a escolha das acções e se momentaneamente nasce um desequilibrio, o equilibrio succederá depressa; na liberdade pode-se ter o dominio das proprias acções e o successo das iniciativas.

Se á mulher se der a faculdade de fazer tudo quanto os homens fazem na vida social, sem duvida serão poucas as mulheres que se dediquem á actividade masculina: muitissimas, mas livres, acceitarão o que lhes é dado por natureza e não desejarão transformar a sua natureza feminina, nem perdê-la, tendo no entanto a faculdade de a cultivar e de a aperfeiçoar para a tornar mais adaptavel á vida social moderna e futura. Se rompermos os velhos laços legislativos que fazem da mulher um perpetuo pupillo, veremos bem quão util, isso será para ella, para o homem e para a familia.

Um dos problemas difficeis de resolver para as condições da mulher é o do amor. Aqui encontram-se pela frente uma serie de objecções originadas por preconceitos, os quaes veem de longe de tempos immemoraveis e estão radicados com força na consciencia social e mesmo em ambos os sexos. Por tradição inveterada, e habitos antigos, a mulher deve pertencer a um homem

e pertencer a um só homem como uma especie de propriedade; necessita despozal-a virgem e raramente viuva; por isso na India a viuva é condemnada a perpetua viuvez. Uma mulher que por amor e unicamente por amor teve relações com o homem é considerada como perdida e privada da sua honra. Ao homem não acontece tal. Porque não é honrada a mulher que amou sem vinculos legaes se amou e a sua livre escolha fez uso d'ella? se dispoz d'ella, livremente como uma personalidade consciente? O homem não tem direito a vituperal-a se ella ama como quer e não offende ninguém.

Este é o problema de hoje e de amanhã. Nem todas as mulheres acham marido no modo e condições usuaes, algumas mesmo não se encontram em condições de formar uma familia, especialmente aquellas que se dedicam á vida activa externa nos limites acima indicados. Mas todas as mulheres têm direito ao amor e não se devem votar á virgindade perpetua por tyrannia do uso e do preconceito social. Isto constitue uma quebra de liberdade e um sacrificio do que a natureza exige. A mulher nem sempre pode renunciar ao amor, como não lhe renuncia o homem, sem renunciar á sua felicidade e á necessidade prepotente natural.

Por este motivo proponho a liberdade no amor, tal qual a possui o homem, o qual abusa e submete a mulher sabendo o valor dos pen-

samentos sociaes. Esta liberdade ha-de contribuir a tornar mais electivo o amor com quaesquer laços; os laços não derivarão mais da prepotencia paterna ou das conveniencias commerciaes e economicas. E então o que hoje se chama divorcio, será um phenomeno unicamente para aquelles, para quem não existe assim a escolha, ou para quem certas condições tornam incompativel a convivencia.

O divorcio, como hoje, se defende ou combate na Italia é uma instituição velha e quasi retrograda; não basta e na maior parte dos casos é illusorio, pelas restricções com que é circundado. A indissolubilidade do matrimonio, que se crê um phenomeno evolutivo, não deveria ser, como é, uma obrigação legal, mas um effeito de livre escolha; e esta só existirá quando o matrimonio seja dissolvel.

A liberdade de separação torna mais fortes os laços d'aquelles que se amam e não têm necessidade de se separarem. Esta indissolubilidade deve estar na consciencia d'aquelles que são livres de se separar, se não poderem conviver e então sómente é evolução. Esta exalça a personalidade na mulher que sabe não ser obrigada a conviver com o homem senão por amor e livremente; o mesmo tambem para o homem. A indissolubilidade foi uma phase da evolução, já o não é, quando o freio legal, tanto para este como para os outros phenomenos so-

ciaes, era necessario; hoje laços com o sentido de obrigação devem desaparecer no futuro social.

Ainda estamos hoje muito longe na vida pratica e legal de taes conceitos; presenciemos hoje factos que causam admiração dadas as idéas que no emtanto são muito avançadas sobre a emancipação da mulher; paes que obrigam as filhas a desposar homens que estas não amam ou então que impedem as filhas de amarem o homem que as faria felizes pela harmonia dos sentimentos e por estima reciproca; e portanto tornam-se os carcereiros d'estas desgraçadas e os perseguidores do homem que foi o eleito; prohibem ás filhas toda e quaesquer relações por temor a que communicem com o homem amado e trazem-nas custodiadas como se fossem escravas e peor áinda. Victimas da brutalidade paterna estas creanças gentis hão-de supportar semelhante escravidão e affronta porque a sociedade humana a obriga ainda á auctoridade despotica do pae; as leis solda-lhes as cadeias e o uso as consagra. Venha, para todas as mulheres, o dia do livramento de tanta escravidão que é muito peor e mais grave da attribuida ás tribus primitivas; e então poderemos affirmar que existe uma evolução da sociedade humana.

IV

A ARTE E A SCIENCIA

Quando visitei em Londres, os museus de Kensington, tive uma impressão que nunca mais se perdeu; e apresentou-se-me ao espirito uma serie de considerações, por muito tempo ainda depois d'essa visita. Um d'estes museus contem a galeria da arte, outro uma exposição de machinas de todos os typos e caractéres, estas a vapor para caminhos de ferro, aquellas para embarcações, outras para as artes industriaes e juntamente para todos os typos e modelos de construcções em serviço no commercio maritimo e com todos os aperfeiçoamentos angariados no curso dos tempos.

Tive a impressão que a invenção d'uma machina não é menos artistica do que uma estatua de Miguel Angelo e de uma pintura de Ticiano. A composição de um quadro que representa uma scena da vida, exige, fóra a habilidade technica do pintor, tambem imaginação e inven-

ção; e para idear um motor não é exigido menos trabalho imaginativo e menos força inventiva d'aquella que é necessaria a um artista; direi talvez, será necessaria ainda mais por causa da complicação das partes que compõem o motor e por causa da sua constituição. Isto não é tudo: a propria machina é um trabalho artistico pela belleza da sua composição e esta belleza augmenta quando ella está em actividade, o que demonstra então a sua harmonia e o seu rythmo do movimento maravilhosamente combinados, aos fins propostos pelo inventor. Esta comparação que foi instantanea ao visitar successivamente os dois museus, excitou em mim uma admiração que ainda sinto embora já lá vão alguns mezes.

Mas tudo isto me suggeriu uma consideração curiosa. O povo inglês é um dos que amam muito a arte, como se vê pelo prazer que elle tem em visitar os paizes artisticos como a Italia e a Hespanha e em recolher tudo quanto lhe diga respeito; sente uma semi-vergonha ao ver que a arte não esteja tão diffundida no seu paiz como na Italia, que o povo inglês não seja artistico como o italiano. Com effeito, os ricos museus d'elles, são colleções d'arte que na maior parte veiu de fóra. Mas se não têm tido tantos artistas como os italianos, os ingleses têm uma outra criação: a mechanica; e n'esta são superiores aos italianos e aos povos a que se

pode chamar, artistas. Pode-se afirmar que os dois museus de Kensington representam duas tendencias differentes nos povos: a tendencia para a creação artistica dentro da esthetica e a da creação artistica dentro da sciencia. Considera-se tambem que o homem tem limites na sua actividade e não póde comprehendel-a toda e em todas as direcções.

A mente genial inglesa desenvolveu-se e desenvolve-se principalmente na actividade e na invenção da arte scientifica e industrial, e prova assim toda a sua agudeza e profundidade; portanto não se pode desenvolver na direcção da arte esthetica, como em outro povo, em que esta invenção e producção esthetica abundam e prejudicam a outra.

E que isto é verdade, se pode presumir por um outro facto que não deve fugir ás nossas considerações: os ingleses têm um sentimento artistico muito desenvolvido, o qual satisfaz toda a sua curiosidade com a observação das obras d'arte. Pode-se dizer que apparentemente parecem possuir este sentimento muito superior aos italianos, os quaes ficam indifferentes ante as bellezas naturaes e artisticas. Uma cousa é possuir o sentimento artistico e outra cousa é produzil-o; e esta natureza differente, direi, com differentes disposições activas, faz amar a arte d'aquelle que não é habil em produzil-a, como tendo desenvolvido o sentimento d'ella, e

fal-o estimar aos proprios olhos como inferior e falho d'esse sentimento. E' sempre assim: o homem nunca se satisfaz com o que possui e julga-se inferior quando não possui as qualidades dos outros. Na natureza humana porém existem compensações ás deficiencias reciprocas e existem causas mais ou menos obscuras que as produzem, causas que podem explicar as diferentes tendencias na evolução mental dos povos.

Não indagarei de nenhuma.

Toda a sensação é impulso ao movimento que cedo ou tarde se lhe seguirá; assim toda a sensação e toda a idea; porque tanto uma como outra não deixam de ter sentimento que é o verdadeiro impulso á acção; aparentemente porém aquellas parecem as causas dos movimentos porque se revelam claramente ao nosso espirito. Ora sensações e ideas referem-se a objectos externos como formas estaticas e dynamicas, em repouso e em movimento; d'aqui vem o impulso a reproduzil-os. As creanças e os rapazes, por isso, imitam, com toda a materia, os objectos que veem e que lhes produz uma impressão particular, isto é, despertam um sentimento especial; da mesma forma os homens primitivos, modernos e prehistoricos desenhavam ou cinzelam as formas dos animaes que lhe são familiares.

Os Esquimós traçam phocas e rennas e os prehistoricos europeus desenhavam e esculpiam

o cavallo, o elephante primitivo, o urso das cavernas; outros povos, o mesmo faziam aos animaes diferentes que viam sempre e sempre estavam em relações com elles.

D'aqui a origem da arte, a qual, considerada pura e simplesmente é como a definiu Aristoteles, imitação. Uma imitação das formas que se percebem, é só o exterior da arte, o que resulta do impulso e do movimento; e assim, psychologicamente, é uma acção reflexa. Giotto, quando sobre uma pedra desenhava uma ovelha, realisava uma acção reflexa, nem mais nem menos, da qual elle não tinha plena consciencia porque não sabia porque desenhava. E a arte nasce do ocio e do repouso das outros acções necessarias á vida. Que faz o pastor que guarda ovelhas, senão entregar-se ao ocio? e o pastor, segundo o mytho, creou a flauta, para tocar no campo, de resto imitando as vozes e os sons agradaveis que ouvia e o deleitavam. Todos os primitivos que fabricam os seus instrumentos de caça e pesca, ornam-n'os com figuras imitadas, quando ao fabrical-os têm ainda presentes as imagens dos animaes que costumam caçar; da mesma forma quando faz vasos uteis para a sua cosinha simples, e uteis á conservação das bebidas, dá a esses, a forma de animaes que lhe são notorios e communs, ou então de plantas, frutas, ou a figura humana; porque quando trabalha na construcção de taes

instrumentos, elles têm tempo disponível e fazem-nos nas horas de repouso ou de ocio.

Basta começar: a evolução de tudo que teve principio, vem por si, como uma acção continuada e desenvolvida, quasi que nos germens parece estar incluído tudo o que em seguida se hade ver; e não é na realidade, mais do que um effeito de habilidade adquirida e d'um prazer que accresce ao ver o trabalho proprio e o ornamento que enriquece a obra; isto é o prazer esthetico: portanto, desde a sua origem, a arte é pela arte, isto é sem outro fim do que o prazer esthetico.

Mas quem observa a arte primitiva, acha uma outra manifestação, fóra d'aquella referida, de imitação, e é o desenho de linhas geometricas.

Esta nova forma deve ser secundaria e posterior á primeira: porque implica já um sentimento consciente no modelar; que este desenho nada significa mais do que um simples ornamento, que não é já impulsivo em acção reflexa mas acção voluntaria bem notoria. O ceramista primitivo já apresenta ornatos primitivos e não sabe senão fazer ornatos simples, de linhas, como as creanças; e sobre o barro que manipula elle multiplica e varia depois essas linhas, quando adquiriu arte e habilidade comprazendo-se n'uma ornamentação mais rica e mais complicada.

E' maravilha de ver como os prehistoricos

Europeus da epocha da Madalena trabalharam a madeira, o marfim e o osso e desenharam nas grutas e nas cavernas, com muita precisão e com um realismo que surprehende; e assim é que deixaram desenhadas as imagens e os vestigios de alguns animaes da epocha d'elles, hoje desaparecidos porque se extinguiu a especie. Igual maravilha é de ver, os desenhos dos primitivos americanos e dos povos polares, como os Esquimós, que esculpem as scenas da vida sobre os seus instrumentos de pesca, caça e sobre as rochas. Ohnefalsch-Richter quer que os vasos da Chypre prehistorica, imitassem as cantaras que serviram e servem ainda ali e n'outros logares a conservar e a trazer a agua.

Quando a arte começou, a sciencia ainda não havia nascido e não existia em parte alguma, indicio de que podesse nascer: porque para isso era necessario que houvesse uma preparação que devia sahir da propria condição primitiva da humanidade ignorante e sob as impressões externas da natureza.

Chamarei, para ser breve, sciencia primitiva a esta preparação para a sciencia verdadeira e legitima e digo que ella é tambem uma manifestação reflexa, analoga á da arte.

Mas emquanto que esta é tranquilla imitação das formas externas do homem, a sciencia primitiva é a expressão de sentimentos que traduzem a pretensão de explicar as manifestações

naturaes e communs. Emquanto que a arte é a acção reflexa directamente suscitada por impressões externas, a sciencia primitiva é o reflexo de uma intuição e por isso d'um pensamento que nasce posteriormente ás percepções dos phenomenos que o provocaram; d'um pensamento que não é puro mas associado e como que revestido de sentimento. O primitivo interpreta assim a natureza com todos os seus phenomenos, que despertam o medo e o terror á volta d'elle e cria séres mysteriosos, sobrenaturaes, superiores a elle proprio, o qual se sente impotente ante aquelles. Por isto parece mais uma manifestação de sentimento que de pensamento esta sciencia primitiva, porque é a sciencia do nada, a phantastica expressão em fôrma de linguagem e como que uma crença, uma fé do que se não vê, nem se experimenta mas que se suppõe dentro e atraz dos factos que se apresentam á percepção. A sciencia vem depois, passado longo tempo e apoz laborioso pensar auxiliado por provas experimentaes e pela observação directa dos phenomenos; temos que esperar por ella ainda, já quando a arte tem realisado a sua grande evolução nos povos é é adulta e esplendida em todas as formas; temos de esperar que a intelligencia se rebusteça e se libere do que alimenta sómente o sentimento e o vago idealismo da imaginação e da phantasia primitiva.

Assim pois se olharmos a arte e a sciencia simplesmente nas suas origens e no modo como nasceram, devemos dizer que physicamente a primeira representa um grau inferior nas manifestações activas do espirito, e pelo contrario, a sciencia o grau mais elevado, porque a primeira nasce desde a primitiva actividade humana, e a segunda quando o pensamento já não é reflexo.

Não griteis contra mim, vós que tendes o culto da arte como se eu o degradasse e o profanasse: eu, que assim fallo das origens primitivas e que ninguem pode desmentir porque o facto não o criei eu; e já que é tambem verdade que a arte se refere, mais do que ao pensamento, ás sensações perceptivas e portanto ás impressões sensiveis que são chronologicamente e biologicamente formas primitivas psychicas, emquanto que a sciencia é um trabalho do pensamento sobre a materia que offerecem as impressões sensiveis.

Se é assim nas origens, nos seus desenvolvimentos a arte assume grande alteza e idealidade, quando ás impressões puras ajunta o pensamento e algumas vezes tambem o pensamento scientifico como na musica. Porém quando tambem a arte e a sciencia vão nas suas marchas progressivas e evolutivas, uma differença característica existe entre ellas. A arte tem cyclos completos, progride e decae; a sciencia caminha em espiraes e algumas vezes em linhas rectas

até o infinito; as formas d'aquella são limitadas, a sciencia tem ante si a immensidade.

Estas considerações explicam o facto, algo estranho, da arte attingir na antiguidade um esplendor maravilhoso emquanto a sciencia ou não havia nascido ou ainda estava no berço. Nos fins dos tempos prehistoricos, no quaternario superior, a arte começa a manifestar-se, dando assim a conhecer a tendencia artistica d'aquella estirpe humana e a sua habilidade technica. As descobertas de Piette feitas em Mas-d'Azil, e em Brassempouy mostram com grande surpresa, como o homem d'aquella epocha tão longiqua e tão primitiva não só percebia as particularidades d'aquillo que se apresentava ás suas impressões, como sabia traduzir com arte segura essas impressões em formas definidas sobre osso, marfim e madeira; isto é o verdadeiro character da acção reflexa na arte primitiva.

Porém nem todas as populações d'aquelle tempo, sabiam trabalhar assim tão facilmente; nem em epochas posteriores isto se repetiu, com grande admiração nossa, no desenvolvimento da arte primitiva aconteceu como que uma paragem subita ou uma decadencia. No proprio periodo egypciaco neolitico, não differente, em muitos casos do europeu, encontra-se um trabalho perfeito dos calhaus, dos vasos de barro e da pedra dura; mas não se encontra a

esculptura, a glyptica, como lhe chamou Piette, como na epocha da Madeleine a sudoeste da França.

Quem fizer hoje a historia da civilisação antiga, acha no desenvolvimento da arte, sob todas as formas, os caractéres da cultura, melhor do que n'outras manifestações ou actividades. E são os monumentos que os povos antigos deixaram, aquelles que se tornam a medida da sua civilisação, justamente os monumentos architectonicos, os da estatuaria, ou a pintura ou a poesia, ou então quaesquer outras manifestações do senso artistico. Egualmente se considerarmos os progressos das grandes nações antiquissimas, nascidas nos dois grandes valles fluviaes, a Mesopotamica e a Nilotica; de sciencia pouco se vê, pouco se diz ou nada; egualmente ao fallar da civilisação denominada etrusca, da qual ainda contemplamos os progressos imperfeitos e a lingua incomprehensivel; e da propria Grecia, é sobretudo a arte o que attrae a attenção da humanidade civilisada, emquanto que a Philosophia apenas serve a poucos estudiosos, pouquissimos em relação ao numero immenso dos admiradores da arte hellenica.

Este mesmo criterio é empregado no ajuizar da esculptura primitiva prehistorica e hodierna; os museus estão cheios de objectos de toda a especie que servem para a vida social e domestica, os quaes testemunham da arte delicada ou

grosseira que os produziu, com os ornatos bellos ou toscos, imperfeitos ou rudes que n'elles se encontram e portanto da habilidade artistica dos seus productores e possuidores.

Este criterio é justo, porque, como acima disse, a arte é a manifestação primogenita da actividade humana depois d'aquella que está em relação com as necessidades immediatas da vida, emquanto que a sciencia é posterior chronologica e psychologicamente. E então nós podemos tambem explicar, pelo menos em parte, o facto que alguns povos mostraram, de possuir não só sentimento artistico mas tambem habilidade artistica, emquanto que outros, apesar de terem desenvolvido o primeiro, não chegam a manifestal-o completamente ou pelo menos abundantemente como os outros.

Deixando agora a arte prehistorica que consiste em ornamentos e decorações de objectos de uso commum, a arte grande, adulta, desenvolvida, encontra-se na Chaldêa, na Babylonia, na Assyria, e no Egypto, as nações mais antigas do mundo, depois na Phenicia e na Grecia e por fim na Italia.

Estas nações foram as nações artisticas da antiguidade; depois vieram outras, entre as quaes a Hespanha. Mas não se deve esquecer as nações da America especialmente, as centraes, nas quaes existiu uma arte caracteristica e propria, de architectura e esculptura muito desen-

volvidas. Estas foram as nações artisticas da America.

Podemos afirmar em primeiro logar que as nações que foram as primeiras civilizadas no mundo, antes que nascesse a sciencia tiveram a arte como manifestação da sua actividade exuberante; e portanto adquiriram grande habilidade artistica occupando-se exclusivamente d'ella e não da sciencia e dos productos scientificos, nem das applicações scientificas tão ricas hoje no mundo. Emquanto aos povos que entraram tardiamente na civilisação e encontraram a arte e a sciencia, elles sentiram maior utilidade em occupar a sua actividade com os productos e as applicações da sciencia porque já existia inseparavel na natureza humana o sentimento artistico. Assim eu explico o phenomeno, acima apontado, do povo inglês, o qual entrado tarde no curso da civilisação, dedicou a sua actividade á arte mechanica e industrial e criou e cria ainda as admiraveis cousas que se veem no museu de Kensington.

Hoje nos povos sobreviventes á catastrophe do tempo e das guerras exterminadoras, o sentimento e a actividade artistica estão conservados por tradição e por sentimento cultivado, como acontece na Italia; em outros, desaparecidos como nações, como os Mesopotamicos ou reduzidos a residuos dominados como no Egypto, nada já sobrevive; a decadencia é absoluta

e completa. O mesmo acontece na America central onde nada substituiu o que foi destruido na epocha da invasão europea.

A arte primitiva prehistorica tem um character exclusivamente decorativo e não é nem representativa nem symbolica na intuição do artista, seja esculpida ou gravada a figura de um animal ou a de um homem.

Este apparecimento primeiro da arte, como já disse, é uma forma reflexa do que se percebe, do que impressiona e ao mesmo tempo do que está quasi sempre presente. Os madalenenses esculpiam as figuras de animaes que viviam contemporaneamente com elles; emquanto que os esquimaus esculpem aquelles que conhecem e quasi convivem com elles. Mas quando o homem se eleva a certas noções que constituem a sua religião, o culto, qualquer que elle haja sido, então a arte assume um contheudo representativo; e eu com este termo comprehendendo tambem o symbolismo, porque este quer dizer, a representação com formas mais ou menos adaptadas, de conceitos e sentimentos, ou unidos ou distinctos. Então a arte já não exprime a primitiva acção reflexa como uma expressão das impressões recebidas, mas qualquer cousa de recondito, que é um pensamento, se bem que isto não haja sido um estado mais puro, como já disse, mas sim aspectos unidos e sentimentos multiformes.

Quem estuda, portanto, a arte na antiguidade, fóra as formas e manifestações primitivas deve encontrar o contheudo, que não é já a arte pela arte, isto é a expressão simples do prazer esthetico, mas sim um objectivo. Porém é necessario advertir que quando a arte assume o character representativo não perde jámais o decorativo que se lhe associou primeiramente em proporções diferentes; donde se conclue mesmo que é difficil dizer se um tal monumento é mais representativo do que decorativo. Porque tambem a decoração pode ser symbolica ou só ou unida com o elemento representativo como se pode observar especialmente nos monumentos architectonicos, onde é facil achar uma synthese de todas as formas da arte representativa e decorativa, uma misturada com a outra com o fim de dar uma unica expressão.

Sob qualquer forma a arte viaja e se dispersa de povo para povo e na diffusão soffre transformações segundo as tendencias dominantes nos povos para onde emigra e se estabelece e segundo a arte que exista já ahi.

Em duas regiões, o valle do Nilo e o do Euphrates e Tygre, tivemos a mais antiga civilisação do mundo. D'esta e d'estes dous valles privilegiados parece terem irradiado os germens civilisadores para o oriente e para o occidente.

Sem duvida uma pode contestar á outra a

primazia e a prioridade; e no meu entender, estas competem ao Egypto que me parece mais antigo e mais original que a Mesopotamia. Ora é difficil dizer onde nasceram os primeiros germens civilisadores e se Isis deva predominar sobre a deusa Ea; certamente a antiguidade de ambos é grande e os seus influxos se dispersaram entre as nações e regiões visinhas mais ou menos largamente, directa e indirectamente.

N'esta civilisação antiquissima predominavam duas artes, a architectura e a estatuaria, fóra as ricas artes decorativas, de que hoje os residuos mostram a variedade e a abundancia. As duas artes floresceram mais no Egypto do que no valle mesopotamico, porque n'aquella região, ellas se desenvolveram com materiaes de pedra, de que a segunda é pobre. A arte egypciaca é colossal na concepção grandiosa, como attestam os templos, as pyramides, as numerosas estatuas que poyoaram o valle nilotico.

Não menos rica é na decoração e d'isto são testemunhas os baixos-relevos, as pinturas admiraveis no interior dos templos e dos sarcophagos. Quem considera tamanha grandiosidade artistica, não pode deixar de admirar aquelle povo representado por quem governava e por quem trabalhava aquelle que alcançou assim precocemente o sentimento da arte como bastante desenvolvido para exceder outros povos que vieram depois na historia da humanidade.

Nem a propria technica faltava, apesar da rigidez da estatuaria e da repetição das mesmas formas.

Não menos grandiosa foi a civilização do valle mesopotamico; se bem que a falta de materiaes de pedra não pudesse dar aquelles productos que se veem no Egypto, no entanto a arte desenvolve-se maravilhosamente e especialmente na decoração que é rica, varia, delicada e complexa, tanto em madeira como tambem na estatuaria e nos baixos relevos.

D'estas duas nações mães ter-se-iam diffundido muitos germens para o oriente e para o occidente. A Persia e a India nos seus inicios historicos ou apenas no despontar do periodo pre-historico, houveram o impulso da arte do valle mesopotamico. Na verdade, na India, a arte começou tardiamente a desenvolver-se n'uma forma muito particular e sob o influxo do budhismo e portanto do symbolismo derivado d'elle. Na Persia a imitação da arte mesopotamica foi completa e no emtanto em alguns casos se afastou devido a condições de lugar e meio porque ali a pedra substituiu a madeira e muitos symbolos e representações soffreram mudanças como o soffreram as idéas religiosas dominantes.

Mas esta civilização com artes que não constituíam as suas características principaes, devia perecer e não ter influencia no porvir do mundo e no futuro da arte senão temporariamente.

N'outro lugar é que devia nascer esta influencia universal; este foi o Mediterraneo.

Aqui nascia desde tempos immemoraveis uma civilisação primitiva a qual jámais teve em epocha alguma quaesquer relações com a civilisação asiatica mas ao contrario com a africana.

O Egypto prehistorico e prepharaonico é lybico nas sua significação mais geral; a sua epocha neolithica que possuia os caractéres lineares alphabeticos, teve muita parte commum com a mediterranea e portanto tambem atravez do mediterraneo com a Europa meridional e central; parece-me que muitos indicios estabelecem estas relações mais ou menos longiquas e vastas. A esta civilisação primitiva mediterranea que é commum especialmente ás regiões orientaes da grande bacia, e que se enrama com a civilisação primitiva egypciaca ou lybica, denominei eu-aphromediterranea. Esta pertence á raça humana mais activa da antiguidade, á mediterranea, cujas fracções, haviam ao depois, de assumir nomes ethnicós differentes e apparecer aos historiadores e archeologos, linguistas, ethnologos, como raças distinctas, sendo povos da mesma grande variedade morena de testa larga, face oval, estatura mediocre, bella nas formas physicas e delicada de intellecto. ¹

¹ Cf. *The Mediterranean Race*, cit. ; cap. xiv.

As características da civilização aphyromediterranea foram as tendencias que mais adiante se deviam desenvolver em arte maravilhosa, ora colossal, grandiosa, ora friamente esthetica e mais proxima da verdade ideal, que se acham na Grecia. A arte mediterranea primitiva, como a africana, não tem pintura, nem esculptura e parece não dever desenvolver-se na que ao depois se desenvolve. Da mesma forma tambem a lybica prehistorica. A ornamentação desenvolveu-se com a arte decorativa; as primeiras produções de idolos em terra são monstruosos esboços infantis de povos primitivos, inferiores: assim apparecem os productos chamados hoje premiceneos e assim tambem os productos prehistoricos egypciacos. A arte desenvolveu-se e aperfeçoou-se na producção de vasos que hoje constituem a caracteristica original da arte premicenea e micenea, com uma decoraçao em espiral que domina durante muitos seculos como motivo, não só onde nasce como tambem onde se diffunde.

A estatuaria tambem não apparece quando floresce a civilização micenea no seu primeiro esplendor; sómente é visivel a pintura decorativa mas com ornatos espiriformes e com algumas figuras de animaes, ora artisticamente e technicamente executadas, ora mal e toscamente, ou seja em ouro, em gemmas ou em cylindros. No proprio miceneo julgamos ver as influencias

asiaticas, nos motivos, nos animaes, como os leões, nas formas phantasticas de animaes e nas riquezas metallicas naturalmente importadas do oriente e nada indigenas. Mas a influencia asiatica introduzida no Mediterraneo oriental pela Asia Menor e tambem pela região que foi depois a Phenicia, não foi nitidamente accete sem modificações e sem adaptações regionaes dos povos que á possuiam uma arte indigena e primitiva.

Já mostrei n'outra occasião que o character asiatico havia diminuido com o caminhar da arte para o occidente ficando apenas algum motivo caracteristico a indicar-lhe a origem e a fazer com que se lhe possa seguir a pista na sua diffusão para o occidente e depois para o septentrião. Assim pois, hoje ha contrastes e difficuldade em reconhecer na arte premicenea e micenea esta influencia extranha ao Mediterraneo; e portanto tambem as diversas hypotheses nascidas para explicar a civilisação micenea. — Certamente porém, é necessario considerar que aquelle fundo do Mediterraneo oriental desde as ilhas do mar Egeo a Creta, no prolongamento da peninsula grega, tem e teve relações com os dois grandes continentes, o africano e o asiatico; e por isso, quando as vias commerciaes se abriram e as navegações começaram, é natural supôr que por toda a parte penetrassem novos elementos de civilisação e arte.

Entretanto pelo valle do Eufrates se difundia para muitas regiões, entre as quaes a da conquista, a civilisação, que não era acolhida inteiramente mas em parte e se transformava. Então sentimos a sua influencia nas costas do Mediterraneo asiatico e em Chypre e depois tambem no Egeo e em Creta. O Egypto com a sua grandiosa civilisação tornada pharaonica, não deixava de projectar luz sobre o Mediterraneo.

As relações antiquissimas entre as ilhas egêas da epocha micenea, e o Egypto estão actualmente verificadas sem duvida alguma, e estas relações eram tambem constantes por motivo de defeza e guerra, não só no mar greco, como tambem no mar occidental, ao menos até Italia. Assim é pois que para este canto do mar mediterraneo com civilisação original, ainda sem mistura, com arte primitiva, acudiam, como raios luminosos que se projectavam n'um fundo semi-obsuro, as influencias do Oriente e da Africa egypciaca.

As primeiras manifestações da arte grandiosa veem-se nas construcções architectonicas; e ainda existe para o attestar os muros de Micenas. Palacios, templos, tumulos grandiosos e artisticos, são descobertos hoje por toda a parte nas ilhas gregas e especialmente n'aquella Creta que parece ter sido um centro de civilisação micenea a qual assume um character mediterraneo e portanto diffuso. Com effeito, apesar das impor-

tações orientaes indubitaveis e das influencias estranhas, a civilisação chamada micenea e a arte que não foi o seu character superior, tornaram-se mediterraneos, despojando-se de tudo quanto sobrecarregava a arte oriental e conservando caractéres que se podem dizer originaes: e o que foi importado serviu sobretudo como estímulo para o desenvolvimento e diffusão entre os povos que a possuíam. Assim pela architectura, os miceneos demonstraram ser de raça superior desde a origem. Os Egypcios tiveram esta grandiosidade na architectura; e tambem os mesopotamicos, os quaes, por muitos motivos parecem ser entre os povos do oriente, primaciaes e mestres, até dos proprios Persas que foram tambem grandes constructores de templos e palacios.

Mas esta arte que foi préhellenica e prélatina, mãe da hellenica e da latina não se encerrou na grande bacia, diffundiou-se tambem pela Europa continental importando formas imitadas em todas as cousas, nas armas e nos instrumentos, nas stellas de bronze tão caracteristicas pelos desenhos, pelas formas, e nas representações scenicas. Mas com a propagação e a diffusão desapareciam quasi que completamente os vestigios da arte oriental e fixaram-se os de origem directa mediterranea, dos quaes nascia depois a arte nova mais admiravel nas formas e no sentimento.

A arte mesopotamica e persa na architectura e na esculptura, sómente foi uma arte anonyma; como egualmente o foi a egypciaca. Nós não sabemos, nunca mais o saberemos, quaes foram os grandes artistas; sómente conhecemos os reis e os principes que fizeram construir templos, palacios, tumulos, e sómente vemos na estatuaria e nos baixos-relevos as suas imagens juntas com as da divindade adorada: a arte d'então sómente tomava o nome d'aquelles que dominavam e do tempo em que dominavam. Se um numero infinito de escravos haviam de ter ajudado o artista e cooperado com elle nas grandes obras, escravos foram tambem os artistas e por isso não deram o seu nome ás obras d'arte nem á posteridade. Portanto a arte nascida nos dois grandes valles fluviaes; no Nilo e no Euphrates, tem um character hieratico e monarchico, e reflecte o estado social e politico d'aquellas duas nações onde são poucos os que dominam com o rei emquanto que todos os outros são escravos. Por isto, a não ser nas ornamentações riquissimas, não apparece variedade nenhuma na concepção artistica e o homem da vida real e commum está como que excluido. Esta arte não podia tornar-se universal e cosmopolita, havia de cair com o povo que a creou e não resurgir mais. Portanto se são admiraveis as obras d'arte d'aquellas duas nações no tocante a riqueza decorativa e a grandiosidade,

tem-se o sentimento ao contemplal-as que ellas não poderiam ser a arte da humanidade futura. No proprio tempo do seu florescer, embora tivesse tido influencia sobre a arte dos povos circumvisinhos menos desenvolvidos, esta arte não poude ser transplantada nas formas que assumiu no seu paiz d'origem; era como a palmeira tamarifera que não frutifica no centro da Europa.

Esta minha opinião, parecerá injusta, especialmente a respeito da arte egypciaca, e especialmente porque na esculptura e na pintura encontramos exposta toda a vida diaria do povo e tanto que sabemos melhor por ellas do que pelas narrações escriptas, qual fosse a vida social, politica, artistica e economica dos Egypcios. Não ha duvida que esta arte é representativa, mas é intencionalmente decorativa, e tem uma uniformidade absoluta: falta-lhe pois um character que torna admiravel toda a obra d'arte, quer de esculptura, quer de pintura, a expressão. A technica, mesmo perfeita, não lhe falta, na estatuaria, com se vê nos retratos dos Pharaós; n'isto é talvez uma arte unica na antiguidade, apesar da uniformidade e invariabilidade da attitude; os baixos-relevos são unicamente e sempre de perfil, da mesma forma a pintura na qual falta o relevo. A arte egypcia é portanto mais grandiosa do que bella, mais rica do que graciosa e tem um valor inexcedivel na antigui-

dade que é o ter representado maravilhosamente o sentimento ethnico. É assim que hoje não nos é difficil distinguir os typos dos povos representados nos baixos-relevos e nas pinturas muraes, não só pelas suas vestes como tambem pela phisionomia e por muitos dos seus caractéres externos.

Mas a arte com caractéres universaes, para o presente e para o futuro, devia nascer no Mediterraneo e n'aquelle povo que havia tido a arte micenea, no archipelago grego, nas ilhas e nas peninsulas que se projectavam no mar como que a procural-as. Aqui a arte não é anonyma como no Egypto, na Babylonia, na Assyria, na Persia; o artista dá e conserva o seu nome, imprime a sua individualidade e não fica fundido e confundido na massa sem nome e sem character; move-se, trabalha, pensa livremente e valorisa o que trabalha.

Assim como geographicamente, a Grecia é fragmentada; assim os seus povos, as cidades e os estados são differentes politica e socialmente e tambem mesmo inimigos mais ou menos exaltados e perigosos para a paz e para a existencia autonoma d'uns e d'outros. Por isso é que tambem individualmente os homens assumem personalidade propria e distincta, a liberdade politica e individual floresce e presta-se a que os homens se desenvolvam no pensamento e na acção. Este individualismo desenvolvido e a de-

envolver-se, havia de ter sido uma das cousas mais efficientes que fizeram do povo grego o artista typico para toda a humanidade e o iniciador na sciencia por meio de uma phylosophia multiforme, livremente concebida sem, e mesmo contra, o elemento religioso que foi tão poderoso e dominante no Egypto e na Asia.

O povo grego humanisou tndo, as suas divindades, democratizou o ceu, tornou populares todos os principios e todos os sentimentos que diziam respeito á arte, á philosophia e á sciencia, discutiu e criticou, com liberdade igual e mesmo superior á moderna, homens de estado e leis, interesses publicos e privados. D'este povo, tão agil e tão movil, devia nascer, portanto a arte e attingir a perfeição, que até hoje não foi mais excedida.

Isto é natural: a arte tem limites no desenvolvimento da technica e dos caractéres representativos e decorativos; a technica de uma estatua como a Venus de Milo é sempre a mesma de qualquer Venus moderna elaborada por um artista hodierno; as formas são as mesmas, são aquellas que reproduzem typos de mulher bella, nos seus elementos e proporções. Mas a arte, fóra a technica, tem ainda que exprimir pela forma um conceito e este deve apparecer na intuição immediata da obra artistica. A forma e a expressão são maravilhosas na arte grega; estas duas cousas se são humanas devem ser

humanas, isto é, idênticas para todos os homens. Foi o que aconteceu á arte grega, que é antiga e moderna n'estas duas manifestações e portanto inexcédida e inexcédível.

Sob este aspecto, a estatuaria, a pintura, a architectura com a arte decorativa, attingiram o maior grau de desenvolvimento na Grecia antiga; nos tempos posteriores estas artes soffrem variações não aperfeiçoamentos. Nas obras italianas do Renascimento, a esculptura e a pintura revestiram os caracteres das idéas e dos sentimentos da epocha; mas se aqui houve perfeição, esta não foi superior á da arte grega. A propria architectura, também traz hoje os typos d'origem grega e toda a innovação é uma deformação que tende ao brutal e ao monstruoso. Onde a arte se renova é nas concepções e não nas formas e na technica; mas parece que até agora, apesar dos grandes progressos por outros caminhos e das pretensões dos artistas, nada demonsttra que a arte moderna saiba representar sentimentos e idéas modernas de modos muito diversos dos da epocha grega. Assim é que a arte grega, na esculptura principalmente e em muitas outras manifestações é e ficará como typo para imitar, como aquella que attingiu o cume da perfeição. Não se vae além; se a belleza humana representada pela arte grega, é verdadeira, nada resta para fazer de novo, o modelo é sempre aquella e a arte está perfeita-

mente humanisada. Quando a arte grega passou para a Roma imperial, decae da sua grandeza, porque se tornou *anonyma* e simplesmente imitou e nunca mais foi original.

A individualidade do artista desaparecia na massa elaboradora dos escravos tornados tecnicamente *habeis*, mas sómente copistas não creadores como os gregos livres. A producção que inundou as casas particulares, os palacios dos imperadores, as vias publicas, foi copiosissima, mas não foi mais original.

A' grandiosidade architectonica em que se distinguiram os egypcios e tambem os asiaticos, os gregos substituiram a belleza; não construíram tumulos como as pyramides, nem templos como o de Karnak, ou como os babilonios e assyrios; mas fizeram templos, palacios e monumentos como o Parthenonte e outros semelhantes. A arte para ser bella e cheia de graça, deve ser exquisitamente proporcionada ao homem e não excessivamente colossal, como as grandes pyramides, que perdem a graça e são unicamente grandiosas.

N'isto, a arte grega, é ainda universal e humana, porque é proporcionada ao homem e harmonica artisticamente com a natureza humana. Este sentimento da proporção na grandeza absoluta das obras d'arte é tambem o sentimento do bello grego; o bello não pode ser monstruosamente colossal; o sublime é que é grandioso e

pode ser tambem pouco bello e mesmo monstruoso. Os gregos, mais do que ninguem, tiveram o sentimento do bello, e foi por elles representado em toda a obra d'arte. Mas além da pedra e das côres, os gregos tiveram, o sentimento artistico, delicado e exquisito, da palavra. Aqui tambem o individualismo é uma das causas principaes do desenvolvimento d'esta arte.

Nenhum povo da antiguidade soube formar uma lingua mais harmoniosa, mais musical, mais agil e mais rica do que o povo grego; na sua morphologia parece depois do sanscrito a mais completa, mas mais do que o sanscrito e de qualquer outra lingua arya asiatica é variada e harmoniosa nos sons combinados e adaptada a expressar todo o sentimento o mais fino e delicado e todo o pensamento philosophico o mais elevado e subtil; corrente e fluida, deu uma eloquencia convincente e suggestiva, facil, chã e uma prosa admiravel nos historiographos. Com um instrumento tão perfeito o povo grego devia crear tudo quanto todo outro povo no futuro, manifestasse nas formas artisticas da linguagem, poesia e prosa, a variada e multiplice poesia e a prosa adaptada a todo o genero de pensamento. A lyrica, a dramatica, a epica, surgiram perfectas da mente grega; admiraveis as prosas de Demosthenes, de Platão, de Thucydedes, de Herodoto, na clareza e precisão, ou na subtileza dialectica do philosopho.

Não só isto acontecia no povo grego, mestre da lingua, como do marmore e das côres; o individualismo dava character de linguagem, elevando-os á mesma dignidade da lingua nacional, aos dialectos, famosos pelas fracções gregas e pelos escriptores que os adoptaram. O dialecto jonico teve poetas e prosadores, n'elle escreveram tambem historiadores como Herodoto e escriptores como Hypocrates os seus livros de medecina; o dorico foi exalçado a uma altura immortal pela lyrica de Pindaro; o eolico tem Alceo e Sapho, poetas dulcissimos do sentimento; o attico, o mais aperfeiçoado nas formas, teve o divino Platão, Sophocles, Eschylo e Euripedes. O povo grego apparece assim fraccionado mas isto não é mais do que liberdade de adoptar, na maneira varia como evolue na vida autonoma de cada uma das suas partes, o instrumento do pensamento e do sentir que mais lhe convem. Sómente assim, este povo podia ser creador na arte, isto é, com a grande liberdade individual que possuia, com o sentimento desenvolvidissimo da personalidade, que se manifesta em todas as obras d'arte, qualquer que seja o instrumento ou a fórma.

Emquanto que, na Mesopotamia todo o artista é anonymo e não ha individualidade de especie alguma; no Egypto fica ignorado quem foram os esculptores e os architectos dos monumentos, na Persia se perde o nome dos au-

ctores das obras d'arte e unicamente se attribue a criação artistica a quem governa e subjuga em si povo e criações intellectuaes; na Grecia são Phidias ou Praxiteles, Homero ou Pindaro, Eschylo ou Aristophanes, Aristophales ou Platóão, os auctores da obra d'arte ou de philosophia. Ali nada de pessoal, de genial que só pode nascer da manifestação individual publica e notoria; aqui tudo é pessoal e o nome dos auctores explica a forma e o caracter da obra artistica ou philosophica. Ali tudo tem portanto, caracter regio e hieratico; principes e sacerdotes ordenam e usurpam a criação artistica se ella no emtanto existe e pode manifestar-se; na Grecia a manifestação humana, a mais pura e natural, acompanha a especulação philosophica viva e pessoal. Aristophanes não podia nascer no Egypto ou em Babylonia, nem tampouco em Ecbatana onde não existiu pensamento livre e critica da vida publica e privada; Eschylo não podia em Persepolis ou em Memphis produzir e crear o Prometheu preso e liberto, a guerra e o desafio ao deus inimigo do homem que deseja emancipar-se e rouba o fogo. Sómente na Grecia é que a hétéra, livre e rica de sentimento podia surgir e receber as visitas de philosophos e poetas seus admiradores, primeiro exemplo do amor livre com a aureola da arte e da philosophia.

Assim na Grecia apparece o homem e o ho-

mem produz obras de caracter humano; todas as produções artisticas descem do ceu da divindade encarnada nos principios e nos sacerdotes ao seio vivificante da humanidade. E por isto a arte attinge o seu apogeu e a mais alta explicação tambem para nós, os modernos, que estamos no tempo á distancia de mais de vinte e cinco seculos da gloriosa grandeza hellenica. E isto é o motivo porque a arte grega foi e é ainda a mestra das nações antigas e modernas e será ainda a das futuras: ella humanisou-se e portanto universalisou-se, exprimindo nas formas estheticas o sentimento humano, tal como vive em todo o homem e não como dependente do dominio despotico, hieratico de um Sargão ou dos Pharaós. N'esta humanisação encontra-se a liberdade do pensamento e da acção como um ideal necessario da vida humana consciente da sua actividade.

Que importa, se os gregos não formaram um estado forte, unificado, grande, conquistador e pelo contrario andaram mesmo em lucta entre elles proprios? O não submeter-se a um estado poderoso e imparcial; gostando mais viver em pequenos estados autonomos, nos quaes a liberdade pessoal não fosse cohibida é-nos explicado tambem pelo sentimento da liberdade e pelo individualismo.

Criticam e lamentam as guerras civis gregas e deploram a falta de unidade politica na Gre-

cia, aquelles que unicamente veem politicamente a grandeza dos povos na força brutal e no dominio pela conquista; e não consideram quão misera e barbara teria ficado a Grecia se verdadeiramente tivesse tido as tendencias dos outros povos antigos, isto é, as de supremacia militar e conquista violenta; porque não comprehendem que uma está em opposição á outra tendencia e que mais vale uma civilisação tão elevada e tão universal como a hellenica, que um imperio como o egypcio ou persa. Depois a sorte que tiveram os grandes e os pequenos imperios ou estados da antiguidade, faz com que a opinião não possa ser differente d'aquella expressa por mim.

Se como Roma, a Grecia tivesse sido tambem grande imperio militar igualmente teria cahido, emquanto que por meiodos seus productos intellectuaes e artisticos não sómente não pereceu como tambem fica sempre a educadora das nações.

Mas a Grecia fez as suas conquistas que foram mais duradouras que muitas das dos grandes imperios asiaticos. As suas conquistas foram as conquistas pacificas da civilisação, isto é, as colonias esparsas por todo o Mediterraneo e pelo mar negro. Onde se fundava uma colonia ahi tambem florescia a arte; e os vestigios são numerosos na Asia Menor, na Grande-Grecia, na Scilia e mais partes, por onde se esta-

belecia uma colonia grega. Outrosim quando Alexandre o macedonio, por grandeza vã quiz invadir a Asia, a cultura grega com a sua arte, diffundia-se na Bactriana e na India, onde produz novas phases e semeou novos germens que fructificaram n'aquellas regiões.

O sentimento e o pensamento podem pois ser creadores d'arte e sciencia quando podem manifestar-se livremente, quando não são opprimidos por principes e sacerdotes, isto é, pela violencia real absoluta, tyrannica e hieratica e quando o seu contheudo seja essencialmente humano, livre de pezo religioso e politico. E os gregos liberaram-se da dupla oppressão porque não tiveram o dominio de um grande estado e viveram como povos pequenos quasi como tribus independentes, nas suas pequenas e esplendidas ilhas, joias do mar Egeo e nas pequenas e estreitas peninsulasinhas que hauriam a luz phosphorecente insular. A arte portanto nascia na joia da natureza e o homem gosava o seu esplendor e doçura. Para ter uma idéa exacta, seria necessario fazer o confronto do grego com o habitante do Lacio, que estúpido e ignorante ia caminhando atravez dos Alpes, nas regiões inhospitas da Germania, ou então viajava pelo Ponto e pela Asia, como soldado apto sómente a empregar a sua força muscular á marcha infinita, e á violencia selvagem da guerra e do saque: que maravilha se se conserva sempre

estupidamente ignorante e ignorou e não sentiu a voluptuosidade da arte.

N'este mesmo povo com taes caractéres d'individualidade, no individualismo de uma tal gente podia começar a sciencia. Quem sente a belleza nos seus caractéres humanos, portanto na sua significação natural e a despoja do divino e do mystico, esse pode admirar os phenomenos naturaes sem symbolismos hieraticos e sem signos mysteriosos de religiões e de terrores divinos. Com effeito, as primeiras formas de philosophia grega foram as tentativas d'interpretação dos phenomenos naturaes e do que cahia sob a observação immediata; foi a physica dos Jonios que ao depois constitue sómente uma parte da philosophia grega.

Esta philosophia physica esboçou-se naturalmente pela liberdade de pensamento do espirito grego que rompia com a ignorancia supersticiosa vulgar e com toda a origem divina imaginaria e imaginada no estado primitivo popular e tradicional; é por isto que muitos d'estes primeiros philosophos foram perseguidos como atheus ou desprezadores dos deuzes e alguns para se salvarem tiveram que exilar-se.

A sciencia é uma intuição nascida da observação dos factos, enquanto que a arte é uma impressão sensacional que se traduz em formas segundo a materia trabalhada: tanto uma como a outra já não podem ser senão individuaes

e não mais collectivas. A collectividade está na contemplação do que é artistico, portanto do producto que é sempre individual. A intuição scientifica é tambem individual e este phenomeno pode-se produzir melhor onde o espirito haja desenvolvido em maior grau o sentimento da personalidade. Portanto toda a sciencia egypcia e a babilonica, a persa ou outra qualquer onde o individuo é ignorado ou nullo, não podia ser a mãe da sciencia futura e foi sómente uma esteril manifestação, e foi tambem impura porque estava unida, misturada, fundida com o symbolismo religioso, do qual jámais se pode emancipar. Na breve simplicidade das doutrinas jonicas, como na physica de Democrito, nós encontramos clara e nitida a intuição scientifica, o conceito puro da sciencia moderna.

A divergencia de opiniões e de interpretações dos phenomenos da natureza confirma a intuição pessoal e a individualidade das concepções.

Pelo contrario, na sciencia, como aquella a que é costume chamar hieratica, sciencia collectiva priméva, a dos povos primitivos, collectiva tambem, tudo é uniforme e invariavel para todos os homens, como uma fé. A sciencia verdadeira não é fé; se é intuição individual, deve ser differente nos diversos pensadores, divergente na interpretação dos factos, porque um individuo só nunca poderá comprehender toda a verdade.

Assim onde se produzia a arte humanizada e universal, tambem nascia para o presente e para o porvir, a sciencia que naturalmente foi philosophica, porque ao principio devia apparecer como uma opiniao. Mas da observação da natureza e das tentativas d'interpretação d'ellas chegou-se á observação da natureza humana, d'aqui a philosophia socratica. Os successores de Socrates tiveram dois grandes representantes da philosophia em Platão e Aristoteles; tanto um como o outro abraçaram tudo n'ella, desenvolvendo as suas partes segundo as diversas tendencias e as suas mentes geniaes. Platão foi mais ideal, Aristoteles mais observador; o primeiro deu menor importancia á natureza do que ao homem, o segundo foi um naturalista e na psychologia e biologia um intuicionista genial. Uma serie de homens seguiram a Socrates, Platão e Aristoteles nas suas philosophias e cada um interpretou a seu modo as doutrinas dos mestres; indicio este tambem da liberdade do espirito e do individualismo grego.

Como tudo isto é maravilhoso, pensar, que um povo pequeno, a um canto do Mediterraneo, espalhado em pequenas ilhas, sem poder e sem imperio, minusculo perante o imperio pharaonico ou outro qualquer asiatico que nas suas conquistas podiam armar centenas de milhares de homens, tivesse tanta agilidade de espirito na arte e na sciencia primordial, se movesse con-

tinuamente só para satisfazer tendencias espirituaes, creasse as maravilhas da arte em todas as formas e deitasse os fundamentos da verdadeira sciencia que no futuro teriam immensas e indefinidas explicações! De lá deriva tudo para o porvir porque ali o homem era completo na vida psychica intellectual.

Chronologicamente á Grecia, segue-se Roma na arte e na philosophia mas não em sentido evolutivo; Roma juntamente com os povos italicos agregados foi uma potencia politica e militar e portanto rude e ignorante até á epocha do seu contacto com a Grecia de que recebeu os germens d'uma nova cultura. Em Roma poucos ou pouquissimos produziram obras d'arte na pintura e na esculptura; eram gregos os artistas que trabalharam em Roma, e tambem escravos e libertos de outras nações. Nas letras Romanas e Italianas foram imitadores dos Gregos, sem attingirem, senão raramente a perfeição grega; não tiveram um Sophocles nem um Aristophanes ou um Pindaro; mais tarde tiveram Virgilio e Horacio dignos de serem gregos. Em philosophia seguiram tambem os gregos, e sómente um se elevou, Lucrezio. Mas a grande e numerosa produção artistica dos Romanos que elles espalharam pelo mundo, com elles penetrou e governou por toda a parte, mais especialmente a Italia para quem gerou um beneficio, o de desenvolver e educar o sentimento

artístico no povo italiano, não porem ainda o da sciencia que esperava uma maior cultura e maior e sufficiente evolução mental.

Mas se os Romanos não foram originaes nas artes e na philosophia, nem imitando os gregos desenvolveram e acrescentaram, umas e outra, foram no entanto originaes em outras artes, uma das quaes trouxe-lhes; a elles e a outros povos grande utilidade. Foram grandiosos na architectura, desenvolveram-lhe as formas de modo colossal e com tal solidez que ainda desafia o tempo; n'isto são da raça dos Miceneos e dos Egypcios, constroem a grandiosidade como se devesse sobreviver a todas as catastrophes do tempo.

Construiram, sem duvida por utilidade propria, estradas e pontes pela Italia e por onde imperaram, abrindo assim caminhos ás mutuas relações dos povos.

Portanto mais do que desenvolvidos no sentimento artistico os Romanos foram cheios de senso pratico; militares, conquistadores, deviam naturalmente abrir a seus passos estradas e pontes, de que algumas vivem hoje depois de resistirem ás catastrophes historicas.

Na historia das nações europêas desde a epocha mais antiga nós encontramos a existencia de uma cultura artistica, antes da evolução artistica hellenica e antes da grande diffusão latina; mas é uma cultura primitiva, que apenas

pode ser o germen de uma arte mais delicada e mais grada, limitando-se ordinariamente aos caractéres decorativos, como o foi tambem essencialmente a cultura mediterraneo premice-nea, e micenea; não contradigo que nella tenha havido caractéres symbolicos e portanto representativos. Mas ella ainda não havia attingido a grandeza grega e estava a grande distancia da arte representativa egypcia. A arte completa e de typo hellenico foi importada para a Europa pelos Romanos; mas não podia achar terreno apto á cultura, pelo menos o desenvolvimento posterior. Na epocha da invasão romana, a Europa era ainda barbara, como a haviam formado os invasores asiaticos prehistoricos, os Aryas, rudes, ignorantes, violentos, barbaros, como os Mongoes de que derivaram e se separaram depois de terem soffrido uma dominação e portanto a linguagem dos Aryas verdadeiros da Asia. A cultura e a arte que os povos da Europa tinham ao tempo da invasão romana vem descripta por Tacito na *Germania* e por Cesar nos seus *Commentarios*; hoje as descobertas prehistoricas e protohistoricas revelam-nos ainda que esta cultura é d'origem mediterranea, em grande parte até pouco menos da primitiva arte do bronze, e da introducção do ferro.

As obras artisticas dos Romanos, portanto, importadas para a Europa central e occidental, não produziram effeito algum sobre populações

que não tivessem já desenvolvido o sentimento artistico. Mas uma maior obscuridade surge da invasão barbara do imperio romano e depois da propria Italia e Roma; esta obscuridade augmentou por uma mudança nos homens exercida pela nova religião, o christianismo, sob o nome do qual e pelo fanatismo dos interpretes, uma feroz perseguição foi feita á cultura pagã e sobretudo á sua arte representativa. Um cahos nasce no sentimento dos homens d'então e nos fundadores da nova religião, cahos, com o qual se destruiam as obras para edificar outras com outro character, que era o religioso christão ou se convertiam as obras existentes para representar o novo culto. As estatuas dos deuzes pagãos mascararam-se com os nomes dos santos e das divindades christãs, da mesma forma a pintura e em geral as imagens; e uma nova idolatria nascia não para a arte e para a sua evolução, mas para a conversão das obras artisticas a outra religião. Muitos templos pagãos, muitos edificios romanos, eram deixados nas mãos d'aquelles que desejavam construir novos templos ou outros edificios novos.

E se muitas obras d'arte se salvaram, isto foi porque se prestavam facilmente em representarem o novo culto.

Assim n'este chaos que se chamou a Edade-Media, cuja interpretação tambem é mais ou menos obscura, não só não houve evolução ar-

tística, ou scientifica, como pelo contrario se deu uma barbarisação com a ruina de grande parte das obras da civilisação que transitava. Foi uma catastrophe para a humanidade, analoga áquella que já descrevi dos tempos prehistoricos das invasões dos Aryas na Europa Mediterranea. Phenomenos curiosos que têm grande semelhança com as tempestades que destroem todos os productos d'um campo sobre o qual recommença todo o trabalho de cultura porque esta já está conhecida.

Assim succedeu com a destruição da civilisação mycenea no mediterraneo; seguiu-se-lhe a regeneração e irromperam novas formas esbeltas com a civilisação grega e romana. Agora parece que tudo quanto é civilisação, obras do seculo, lentas e trabalhosas, devam perecer para sempre, porque a nova religião quer o abandono do prazer terreal pela aspiração ao céu. No grande e immenso naufragio alguma cousa se conservou, não por amor a ella própria, mas porque a julgavam util á nova maneira de sentir e de pensar, á nova religião, á propria vida; como o naufrago que não pensa mais na nau que se submerge, mas em si e se agarra a uma taboa que sobrenada para sobreviver á ruina e á destruição.

A grande catastrophe dissolvia tudo nos povos invadidos pelas hordas barbaras e pelo novo sentimento religioso; a cultura, obscureceu-se,

como se os seculos de tanta conquista intellectual e artistica tivessem passado em vão.

Mas a Edade-Media apparece como um chaos de onde devia surgir uma nova luz e se devia desenvolver uma nova actividade; um chaos que fosse como um silencioso e obscuro incremento de nova civilisação e de nova cultura pois que os povos que por causas violentas perdem a continuidade da actividade intellectual e artistica não são como os primitivos, os quaes devem educar-se lentamente e desenvolver-se desde o estado inicial em que se encontram. N'aquelles adveiu uma interrupção, que não deve ser porém muito longa, para que não sejam reconduzidos ao estado primitivo; mas se é breve o movimento civilisador renova-se.

E como nas origens, a sciencia chronologicamente é secundaria, é a arte que vem em primeiro lugar; porque aquella tem necessidade de pensamento reflectido e maduro; e esta segue impulsos de impressões que a levam ás manifestações exteriores. E tanto a arte como a sciencia devem surgir, onde o individuo tem uma consciencia da sua personalidade, onde o individualismo é brilhante; a epoca da arte anonyma depois da maravilhosa producção hellenica, acabou e portanto ou volta-se á arte humanisada, universal como a hellenica ou então recae-se na barbarie ou na falta absoluta de arte.

N'esse momento a Italia, entra n'um longo periodo, em que se apresenta fraccionada em pequenos estados e communas independentes como a Grecia antiga e quasi como n'esta, inimigos sempre entre elles e em guerra. E' o triumpho do individualismo no seu apogeu com os seus maiores defeitos e males, dos quaes a Italia soffreu muitissimo. No entanto, em tão desastrosas condições para a nacionalidade e para a independencia da peninsula, fez-se o renovamento artistico em todas as direcções e as origens da sciencia no seu verdadeiro sentido, distincta das especulações philosophicas, com as quaes se confundia na Grecia antiga.

Dante e Giotto assignalam o inicio da nova arte. Com Dante temos o circulo de conjuncção entre a cultura latina e a christã; elle aqui está no meio, como uma ponte, escrevendo em linguagem italiana e com forma poetica nova, ainda hoje moderna, emquanto que o contheudo é uma amalgama de duas civilisações, uma passada e a outra nascente. Virgilio está junto de Thomaz d'Aquino, o Acheronte com o seu Cerbéro, visinho do Purgatorio e dos seus guardas pagãos; o imperio romano está em frente do Papado, porque na mente de Dante conciliam-se o velho imperio e o novo. Se a cultura litteraria na Italia se houvesse desenvolvido, sem interrupção, na nova trajetoria, teria deixado para traz e depois eliminado o que de antigo ainda vive em

Dante; mas os acontecimentos paralyzaram este curso natural.

Giotto, por seu lado, funda a nova econographia, a christã, dentro da qual se desenvolve por muito tempo, a pintura e se renova a epocha grega. Com a nova pintura christã, nasce a esculptura e a architectura, manifestações esplendidas de uma epocha gloriosa, em meio de dissenções politicas e das guerras intestinas das cidades italianas.

Tudo faz lembrar a Grecia, n'esta epocha em que prevalece o individualismo excessivo e mesmo criminoso. A Grecia tambem nos seus tempos gloriosos não foi um modelo de moralidade publica e privada; moralmente a Grecia foi inferior, até mesmo em muitos dos seus melhores homens que passaram á historia como capitães e guerrilheiros. O mesmo succedeu á Italia dos seculos xiv a xvi; phenomeno curioso, este, no qual se vê uma energia, que se explica pela actividade artistica, litteraria e tambem philosophica, unida a uma energia que se explica pela criminalidade e violencia d'outra especie! E' o individualismo que irrompe sem freio e que se explica segundo as condições individuaes n'um povo que sae da barbarie primitiva ou importada? Um povo é sempre uma mistura de bem e de mal antes do amalgama que é obra do tempo, de leis que reprimem, de costumes que se adaptam e de educação social que se insinua

lentamente nas massas. E a Italia justamente recomeçava o seu cyclo de communitate civil apoz a destruição do que forma a base moral e juridica da collectividade; destruição pela qual tudo se havia decomposto e as energias humanas não tinham mais direcção normal automatica. O despertar da vida foi portanto tambem desordenado e deu aquelles effeitos curiosos que pareciam contradictorios e são pelo contrario phenomenos coherentes.

O renascimento é um desejo de voltar á cultura latina, juntamente e em parte tambem á cultura grega, e digo um desejo e não um regresso real, que era impossivel, porque nunca se póde voltar para traz, e refazer, em tempo differente e em condições differentes o que era natural muitos seculos antes. Se portanto aquelle renascimento da cultura latina, influiu d'algum modo na cultura italiana do seculo xv e do seguinte, isso parou o desenvolvimento da nova cultura iniciada e affirmada por Dante e pelo seu seculo. Era um paganismo litterario atrasado e portanto simplesmente verbal e formal, uma imitação do estylo latino, anachronico, uma florescencia classica inutil por muitos motivos e que não podia contribuir para alevantar e educar o povo.

«Este renascimento — escrevi eu d'outra vez — parece maravilhoso não só na Italia como tambem na Europa; mas não é para admirar,

pensando-se que o conceito e o sentimento da cultura classica estavam fundidos com os da grandeza imperial latina, cuja recordação juntamente com o desejo de renovar-a foi perpetuo no povo italiano.

«Fora d'Italia a nova litteratura com a nova linguagem não podia ter echo ou pelo menos, o mesmo echo que tinha a latina porque era pouco entendida e não tinha o carater de universalidade que havia adquirido a latinidade já dominante em qualquer forma na Europa, como transformadora poderosa da lingua fallada dos outros povos e como linguagem da christandade: ser latino na Europa valia tanto como ser civilizado. O renascimento levava portanto uma nova ondanada de latinidade refeita na Italia, a qual parece renovar a civilisação latina que está extincta ha muitos seculos.

«Se para a Europa este phenomeno do renascimento foi util, para a Italia, é opinião minha, foi prejudicial, e primeiro que tudo pela interrupção da nova e nascente tão gloriosamente inaugurada por Dante. Se isso não houvera acontecido, as letras italianas haveriam attingido a summa perfeição com o maior desenvolvimento; conjunctamente com todas as artes affins.

«Mas o prejuizo maior derivou d'outro motivo e d'uma situação particular creada aos espiritos italianos. O que constituia o contheudo scientifico e o saber, adquiria-se pelo estudo dos tex-

tos antigos, dos quaes o de Aristoteles era o mais celebre, o mais seguido, aquelle que acompanha toda a philosophia é a sciencia indiscutivel e intangivel. A sciencia do tempo, como a litteratura era sómente um commentario dos textos, uma erudição grega e latina, a expressão do principio de auctoridade sem nenhum recurso á observação pessoal; com este saber crystalisava a intelligencia, tornando-a inhabil á observação directa, á experiencia e ao raciocinio e aos dados offerecidos por uma e outra. Creou-se uma barreira, igual á grande muralha da China, que parecia inexpugnavel, a não ser com graves sacrificios e com luctas cruentas e terriveis. Isto não é metaphora, é historia verdadeira.»¹

Apezar de tudo isto e de enormes difficuldades, nascia a sciencia verdadeira e a arte triumphava. A arte teve a mesma visão humana e universavel da arte grega e por isso foi esplendida; como os pintores e os esculptores gregos que davam das suas divindades imagens humanas, assim os pintores e os esculptores italianos davam das Virgens, de Christo e dos santos, imagens humanas, com as situações psychologicas apropriadas a cada uma d'ellas. N'isto

¹ *Il monumento di Galileo a Parigi.* «Nuova Antologia», 1900.

talvez a arte italiana fosse um progresso sobre a grega, talvez porque tivesse maior riqueza de formas e phenomenos humanos santificados a representar. Esta idealisação psychologica com a admiravel technica, faz da arte italiana d'aquella epocha, a mais alta manifestação artistica. Era natural portanto que se passasse do idealismo sacro com caractéres humanos á representação da vida commum, das scenas da vida e n'ella houvesse a mesma perfeição e a mesma grandêza artistica.

Mas a arte não é unicamente italiana, é europea, porque da Hespanha até á Hollanda surgem as varias escolas de pintura cujas ricas producções ainda hoje são visiveis nos grandes museus artisticos de todas as nações. Não é aqui o logar de fallar da historia da arte e das varias influencias de um povo sobre o outro. Quaesquer que fossem essas influencias e quaesquer as partes d'onde viessem em diversos tempos, certamente que é distincto o character local de cada uma d'essas escolas de pintura como tambem a tendencia a tratarem de assumptos de character proprio.

As escolas flamenga e hollandesa gostavam de tratar scenas da vida humana e isso conseguiram-n'o estupendamente, produzindo retratos maravilhosos como os de Rembrandt, dos quaes o museu nacional de Amsterdam está cheio. Esta é toda uma epocha em que a arte repre-

sentativa especialmente na pintura, assume todos os caractéres da vida real (o symbolismo é raro e excepcional) unindo-se ás representações de character religioso, tambem com caractéres humanos. Aqui nada ha já de commum com a arte anterior á grega, a unica que na antiguidade foi humana e portanto com ella é que se liga e segue no seu caminho luminoso.

A mesma cousa experimentou a estatuaria cujo maximo desenvolvimento é encontrado na Italia e menor n'outras partes. Não direi um paradoxo se affirmar que a arte grega não foi excedida pela arte italiana e europeia, a não ser nos meios empregados pela technica.

E como é que uma arte que é perfeita pode ser excedida? A arte não pode ser como a sciencia que evolue continuamente; a arte apenas pôde variar de thema e de contheudo, como variam os sentimentos e as condições da vida, os costumes e as idéas; technicamente é sempre isto, perfeita ou imperfeita, verdadeira ou symbolica, representativa ou decorativa. A sua perfeição, fóra da technica, é ser humana e universal como foi a grega e aquella que houve na Italia e algures na epocha a que me refiro.

No entanto, a arte se não soffre aperfeiçoamento, pode soffrer uma decadencia, embora technicamente tenha execução irreprehensivel; e isto acontece nas epochas em que nascem novas idéas que desenvolvem novos sentimentos,

em que se alargam e multiplicam alguns sentimentos já existentes mas restrictos ou quando o progresso d'outra actividade exige um movimento progressivo tambem na arte. Esta então soffre uma crise e torna-se mesmo monstruosa, incomprehensivel e estranha e tambem morbida.

O periodo que a arte da pintura e esculptura atravessa agora é uma decadencia. Hoje o que ha é ou uma reproducção pura e simples da arte antiga ou então uma producção que parece original e nova, mas pelo contrario é estranha e monstruosa, reflectindo mais os caracteres pessoas e as condições psychologicas dos auctores do que o proprio genio. Aquelles que visitam as exposições artisticas tão frequentes na Italia, em Veneza e Roma especialmente, podem a este respeito ter uma opinião definida.

Se é verdade que a arte deva reflectir e representar as condições individuaes e sociaes do tempo, hoje pode-se affirmar que apenas d'isto ha tentativas, nem sempre felizes e completas. Certamente a arte deve satisfazer sentimentos e sentidos e depois a intelligencia e principalmente aquelles sentimentos eternos, os mais fortes, os mais ligados á vida na sua essencia, no insaciavel desejo de amor e felicidade; e deve tambem reflectir todos os estados psychologicos humanos e as situações, agora mais complexas do que antes, pela grande actividade da vida

como hoje se desenvolve na sociedade progressiva. Até agora, no entanto, a arte não sabe dar isto embora technicamente aperfeiçoada.

De resto, a arte apenas segue no seu progresso e na sua evolução uma linha que se encurva sobre si, quasi que encerrando-se; portanto ha limites naturaes, e quando está humanizada, volta sempre em redor de si mesma, reproduzindo invariavelmente as formas novas que são sempre identicas, como identica é a belleza feminina e as suas seducções; as formas da vida e da morte não variam, nem o prazer, nem a dôr mudam essencialmente; como pode pois variar a arte que representa tudo isto? Mas parece-me que se esquece o seguinte, que se a arte deve ser tambem social nas formas representativas, pode e deve então possuir o poder de mover-se e variar segundo as vicissitudes sociaes. Talvez seja uma illusão, crer e pensar que a arte expresse a collectividade porque n'este caso não ha character artistico, a não ser que seja symbolico. A arte representa sempre o individuo e as suas formas com as expressões psychologicas; isto porem, n'um momento pode tambem representar um phenomeno commum na humanidade, não como um symbolo, mas como o que humanamente é identico na essencia dos homens: quando isto é assim expresso artisticamente nós todos o sentimos como phenomeno nosso particular, e sentimos-

nos na humanidade unica e collectiva: é então que a arte attinge a sua perfeição.

Das artes varias que nascidas na antiguidade, progrediram e se desenvolveram da forma que expuz, uma sómente seguiu o movimento evolutivo ascendente, sem reintrar na curva, repetindo-se e decahindo, como a pintura e a esculptura; foi a musica, a arte dos sons. Também é dos gregos que nos vieram a primeira noção scientifica da escala musical, se bem que esta empiricamente tenha sido notada desde as tribus inferiores da humanidade. Os pythagoricos souberam dividir com numeros que ainda hoje regulam, a escala diatonica; e os gregos foram mestres na musica melodica, como foram apaixonados e de uma sensibilidade extrema. O canto e a musica foram transportados na Igreja primitiva e novos canones foram estabelecidos que ainda são respeitados no cantochão. O desenvolvimento successivo da arte musical juntamente com a instrumentação foi e é immenso e maravilhoso, especialmente no melodrama. A distancia entre a musica moderna e a grega é immensa emquanto que não acontece o mesmo com a pintura e a esculptura. A *Aida* de Verdi o *Fausto* de Gounod, são como que dois vertebrados gigantescos de bellissimas formas, em relação á musica grega, que apparece como infusorios n'uma correlativa evolução animal.

Esta evolução extraordinaria deve-se a dois factos, e á propria materia objecto da arte, os sons, que podem livremente combinar-se e dar infinitas combinações; e á influencia de caracter scientifico sobre os mesmos sons, portanto á acustica physica e physiologica. E' por isso que hoje a musica não é simplesmente arte, mas arte e sciencia ou arte scientifica, o que lhe dá a evolução infinita. Sómente o contheudo na musica como nas outras artes, é limitado, como é limitado o sentimento nas suas formas fundamentaes; a musica não exprime melhor que as outras artes as variações minimas e as minimas graduações; todas estão encerradas em um determinado contheudo. E necessario é que ahi fique e não saia deste contheudo natural, que exprime as paixões humanas, a vida humana que se move no sentimento; se entra no symbolismo, acontece á musica o que acontece ás outras artes representativas, perde a sua vitalidade ou então não apparece como comprehensiva do contheudo a que deseja pertencer. Para dar um exemplo, é assim que me parece o *Siegfredo* de Wagner, julgando-o empiricamente.

A musica magestosa, rica, e mesmo pathetica não tem sempre correspondencia com o caracter do contheudo dos dialogos do drama. A primeira scena no *Siegfredo* é um *qui-pro-quo* e não ha portanto musica que pareça ter rela-

ção com aquillo. O publico espera anciosamente a libertação da Walkiria por *Siegfredo* para poder assistir a uma scena de sentimento que commova, mas já está farto de toda a pesadez do drãma sem interesse. O mesmo se pode dizer de outros dramas musicaes não acolhidos favoravelmente pelo publico, não tanto pela novidade musical como pelo desaccordo entre a musica e o contheudo dramatico. A arte deve expressar sentimentos e aquelles sentimentos que se referem á essencia da vida; se quiser expressar unicamente idéas e symbolos, nunca produzirá os effeitos que deseja.

Isto não deriva da ignorancia ou da incompetencia do publico como pretenderam alguns criticos d'arte. A arte é precisamente feita para o publico não artista e não critico mas educado no sentimento esthetico; se assim não fosse, seria inutil o theatro e seriam tambem inuteis as galerias de quadros. O critico pode conhecer os defeitos e os valores pela analyse technica, o publico educado *sente* a arte, a qual então attinge a perfeição quando satisfaz os sentimentos que deve suscitar ou se espera sejam suscitados. Quantas almas d'eleição ahi ha que sem estarem educadas na critica d'arte podem ser juizes de obra d'arte unicamente pelo sentimento fino e delicado de que estão providas! Existe quem por privilegio natural tem sensibilidade exquisita para o colorido e para os seus

matizes os mais delicados, tanto para aquelles que se veem no ceu da aurora ao crepusculo, como para os que se podem admirar n'um quadro natural do campo, ou então na pintura de uma paysagem; côres que se movem, fallam, vivem, isto é, fazem commover com prazer esthetico infindo. A sensibilidade d'estes estende-se tambem aos sons musicaes que mesmo nas suas almas se confundem com os effeitos das côres e vice-versa, como um instrumento natural, maravilhosamente delicado e complexo que pode emittir sons expressivos ao minimo contacto ou vibrar igualmente nas representações luminosas. E a toda esta fina trama de sentidos une-se uma vivida, prompta e clara percepção nas obras d'arte para reparar immediatamente na expressão, como seja a manifestação psychologica de uma pintura ou de uma estatua que para outros não teem movimento nem vida. Naturezas assim perfeitamente organisadas, não teem necessidade de critica d'arte para apreciarem as obras artisticas seja de que typo fôr ou character.

Sob a influencia da evolução humana vão sempre attenuando-se cada vez mais as differenças nacionaes, apezar da diversidade de linguagens e augmenta o sentimento de sympathia solidaria; assim perde todo o valor, o chamado patriotismo que é um sentimento restricto e tambem causa de males sociaes, porque na

realidade é uma forma larvada de egoismo social.

Com tal transformação também a arte vaee perdendo o caracter nacional que teve tão elevado n'outras epochas para assumir um caracter mais universal e portanto mais uniformemente humano. Sómente ficará e talvez também se desenvolverá maiormente, o caracter pessoal do artista se fôr um creador, um genio artistico.

A econographia e a estatuaria religiosa não têm agora os mesmos motivos d'inspiração como na epocha de Botticelli, Raphael, Miguel Angelo, e outros artistas eminentes. N'ellas a arte exauriu-se e conservou-se tradicional pela natureza dos sentimentos religiosos que ainda persistem; de resto, aquellas artes de caracter religioso foram já gloriosas e são insuperaveis. As virgens modernas, de facto, não teem nada de místico e pelo contrario parecem retratos de formosas damas de boa sociedade. A *Transfiguração* de Raphael é inexcidivel, immutavel, e conserva-se unica.

Da mesma forma a pintura e a esculptura, como artes representativas, assumiram caracter humano mais universal de que tiveram na arte hellenica e na arte italiana quinhentista e posterior. Ellas extrairam da humanidade os movimentos da alma, as manifestações da mente e da acção mais varias, especialmente no que

conserva o sentimento de *sympathia* e a transformação do sentir egoista em sentir *sympathico* e amoroso. Sob este aspecto a arte tem um fim especial, fim que se propõe a si proprio sem que ninguem pense em propô-lo.

A arte une os homens sem violencia, sem necessidade de propaganda ou de preparação se verdadeiramente attinge a perfeição e é grandiosa, porque d'ella surge a immediata suggestão de sentimentos humanos em todos e seduz como uma mulher formosa. As manifestações espontaneas universaes produzidas por um acontecimento triste e bello, relativo á arte mostram evidentemente este fim, o qual é, educar os homens de qualquer estirpe para a solidariedade e para a *sympathia* e indúzil-os a transformar o sentimento patriotico que é limitado e quasi egoista em sentimento de humanidade. Uma tal tendencia da arte, já humanisada pelos gregos nas formas e expressões, para se humanisar agora de um modo mais completo e universal, assignala uma grande evolução na vida dos povos, tornando-se uma das forças que gravitam a favor dos sentimentos pacificos, destruindo os da violencia, os unicos adaptados ao estado de guerra e aos povos barbaros.

Um das artes que começou a soffrer transformação, e soffrerá maiores ainda no futuro, é a architectura com a arte decorativa que a accmpanha. A architectura nas suas formas ver-

dadeiramente artisticas, servia para o templo, palacio dos reis, ás sepulturas grandiosas dos principes, aos espectaculos publicos; enquanto que para as habitações communs ella era pobre e miseravel, como testemunham os casebres, romanos, egypcios, gregos das epochas de grandeza. Agora a architectura tem que servir objectivos uteis ao povo e a ornamentação artistica é propria de toda habitação e todo edificio, a qualquer construcção mural que sirva de instrucção ou beneficio; fabricar grandes monumentos como as pyramides do Egypto, como a môle adriana e semelhantes é um velho conceito que apenas pode sobreviver na mente retrograda de poucos. Os grandes monumentos modernos são as grandes construcções de officinas, escolas, hospitaes, e podem ser tão esplendidos como o Partenonte e o mausoleo de Adriano.

Ora a par da arte adulta e evoluída, encontra-se a sciencia igualmente adulta e desenvolvida maravilhosamente. Como disse, a sciencia tem o seu berço na Grecia antiga, unida porém á especulação philosophica. O povo grego não tinha sómente o sentimento artistico delicado na criação formal da arte humana e na humanisação dos deuzes; teve tambem o sentimento da observação junto com o poder intellectivo generalizador.

Assim em epocha longinqua na vida dos po-

vos, nós encontramos completo o povo hellenico, porque elle, em lugar de se desenvolver na força brutal, como succede aos povos que são conquistadores, desenvolve-se nas energias mais nobres e mais elevadas, nas energias psychologicas. Tambem o athletismo, como todos os trabalhos phisicos tinham o character da perfeição; o athleta podia representar o typo da força phisica, mas por sua vez a gymnastica representava o desenvolvimento harmonico do corpo. Este sentimento da belleza artistica invade tambem a philosophia, a moral e a especulação scientifica.

A experimentação não pode nascer no berço da sciencia, sómente a observação a pode crear; e esta foi aguda, subtil, entre os philosophos gregos, os quaes começaram com a interpretação da natureza a propôr os problemas que ainda são modernos e vivos. Tiveram a intenção de muita cousa, tentaram interpretar muito do que não podiam e muito interpretaram tambem confusamente, mas d'ahi surgiram raios de luz que irradiaram das mentes antigas ás hodiernas. E, como já adverti, isto acontece, porque na Grecia, nas creações artisticas e nas especulações philosophicas, como na poesia, o homem apparece nos seus caractéres pessoaes; e a producção não era anonyma ou attribuida aos guardas dos templos e do culto, nem aos principios usurpadores de qualquer individuali-

dade. A intenção scientifica era um conhecimento individual, pessoal; e por isso a diversidade de opiniões e de escolas que se vê na Grecia, as discussões que aguçavam os espiritos e a dialectica que aperfeiçoava o raciocinismo e a lingua; a lingua de Platão surgiu da dialectica sophistica.

Não se pode dizer que a sciencia faltasse absolutamente nas duas regiões mais antigas da civilização no Egypto e na Mesopotamia; mas faltaram os homens que podiam dar-lhe caracter; quaes eram os inventores? ninguem o sabe, como ninguem sabe quaes eram os artistas dos grandes monumentos. E então as intuições scientificas se ahi existiram eram inseparaveis dos mythos religiosos e da poesia hieratica, portanto, estavam como que suffocadas pelo dominio hieratico e incapazes de apparecer independentes e livres, como vemos na Grecia, nos philosophos jonios e em Empedocles e depois no grande Aristoteles. Portanto nenhuma connexão existe entre a sciencia e a especulação moderna com tudo quanto poderia ser pensamento scientifico e especulativo no Nilo e no Euphrates, emquanto que essa connexão existe entre o pensamento grego e o seu consequente.

Toda a Edade Media trabalhou sobre Platão e sobre Aristoteles, os dois typos e os dois modelos philosophicos seguidos pela philosophia christã.

Aristoteles especialmente foi como que o creador da sciencia medieval, se bem que os discipulos christãos, o crystalisaram servindo-se da sua auctoridade e não dos seus methódos; porque Aristoteles foi grande observador dos phenomenos e da natureza viva e as suas induções verdadeiras e falsas são o resultado das suas observações directas. Foi o que não fizeram os escolasticos que seguiram as formas e não os methodos, nem comprehenderam a substancia da verdadeira sciencia. Era o formalismo, como o do renascimento grego e latino nas letras e em geral na cultura conhecida por esta denominação. E acontece sempre assim quando se quer fazer renascer o que está morto e que pode por conseguinte ter vida commum com todas as outras manifestações da vida social e intellectual de um povo.

Renovar a litteratura como um ramo arrancado de um tronco velho e já sem vida, é querer dar vida ás cousas mortas.

A sciencia nasce com a observação e com a experiencia, isto é, com o querer ver como se produzem naturalmente os phenomenos, e com o reproduzil-os artificialmente; assim podem-se conhecer as condições causaes que os determinam e os elementos necessarios e accidentaes que entram na composição d'elles: sobre tudo isto ergue-se a especulação scientifica que acha ou entrevê, a unidade na multiplicidade ou a

connexão natural em todos os phenomenos da natureza physica e da vida. Esta sciencia de especulação é a philosophia mais alta, mais elevada, a mais possivelmente verdadeira, porque tem os seus fundamentos solidos e profundos na observação e na experiencia, isto é, sobre factos.

Ora todo este trabalho exige madureza de pensamento, liberdade de investigação, independencia de auctoridade, duvida sobre tudo quanto se affirmou precedentemente sem o auxilio da observação e da experiencia, coragem para affrontar a opinião formada na cultura dominante, sacrificio do individuo a todas as opposições dos homens seja de que classe ou typo fôr. Tudo isto não pode ser primordial na vida dos povos, que estão em formação; encontrar-se-ha quando a cultura está em avanço e é pessoal, prevalecendo o individualismo que se oppõe com as ideas e com o pensamento ás opiniões em massa ou universaes formadas e absolutas. A primeira tentativa d'isto vemol-a na Grecia com a especulação scientifica e a perseguição de morte d'aquelles que a tratavam. A segunda tentativa, melhor realisada, que fructificou a origem da sciencia, encontra-se de Galileu para cá; desde então a sciencia, apezar das perseguições cruentas, progrediu e progride indefinidamente.

A sciencia pois é a mais elevada manifesta-

ção da mente humana e é portanto superior á arte, mesmo á mais avançada; como esta, ella exige condições mentaes superiores e intuição profunda, imaginação creadora, generalisação dos factos particulares que caem sob a observação e uma persistencia de investigação no ignoto e no infinito. Mais do que a Arte, ella tem missões definidas na humanidade, que são outros tantos fins para a vida individual e social, os quaes convergem depois a um só fim universal e commum, o maior bem possível a attingir na vida com o alevantamento da natureza psychica.

Por meio da sciencia o homem subjuga e domina os phenomenos da natureza servindo-se da energia d'elles para a sua utilidade; interpreta os phenomenos da vida e tenta alliviar os males e as dôres que nascem n'ellas fatalmente. Mas a sciencia tem um outro fim que corresponde de qualquer modo ao fim da arte; é o da sciencia pela sciencia.

A humanidade nas suas origens e na grande ignorancia primitiva tentou explicar os phenomenos da natureza physica que se produzem continuamente em redor d'ella e os phenomenos da vida animal e vegetal; creou portanto uma serie de erros, os quaes foram e são ainda causa de medo e terror no decurso da vida individual. Desgraçadamente quando o homem ainda não tinha attingido a madureza com a

sciencia e era sómente philosopho, estes erros assumiram formas e caractéres scientificos e tornaram-se alguns d'elles, os eternos e pavorosos problemas da vida e da morte, do destino humano além tumulo, da dependencia humana a sêres mysteriosos, invisiveis taes como os crearam a phantasia primitiva e amedrontada.

Sobre estas creações phantasticas se crearam as religiões e nasceram todas as crenças em volta do sobrenatural e do destino humano: assim um terror continuo e infinito dominou o homem e fel-o infeliz. Mas por maior desgraça, estas crenças primitivas penetraram por todos os phenomenos sociaes e serviram por sua vez a justificar algumas das manifestações collectivas; de que é quasi impossivel hoje eliminal-as, tão fundo penetraram e tanto se fundiram com todas as acções e relações da vida; são formas parasitas, que adquiriram uma grande vitalidade na vida individual e social, a qual parece não poder continuar a sua existencia sem ellas.

Portanto um vasto mundo de ideas e sentimentos foi creado, tendo um echo profundo na debilidade humana e na continua necessidade de protecção, a qual é procurada e invocada por toda a parte e tambem nas formas vãs e illusorias de entes superiores creados pela phantasia ignorante e tornados reaes e justificados apparentemente nas especulações philosophicas de todos os tempos.

Assim o homem corre eternamente agarrado a phantasmas no decurso da sua breve existencia, em meio de temores religiosos; e a sociedade inteira deixa-se guiar por aquelles cujo officio é conformar-lhe os erros e as dôres da vida. Por conseguinte poucos, pouquissimos homens tentaram abrir completamente o grande livro da natureza e lel-o a todos os outros homens claramente e sem reservas; esses, encontraram obstaculos terriveis na revelação da verdade e muitos d'elles pagaram com a morte a sua audacia virtuosa e heroica. Uma grande lucta portanto, começou entre a sciencia que tentou eliminar os erros nascidos em noutes de ignorancia e perpetuados até hoje na humanidade, e os sentimentos que acompanharam esses erros universaes.

Por agora existe uma tregua na batalha dada pela sciencia; esta progrediu desmesuradamente em tudo quanto conserna a phenomenos de natureza physica e aos problemas que a ella se referem. Hoje, se bem que até agora, o homem tenha ante si um campo infinito de investigação e de descoberta e muitas energias naturaes para servir a sua utilidade, verdadeiramente, não ha duvida alguma que elle soube subjugar a natureza e reduzir as energias mais poderosas d'ella, nas suas mãos manipulando-as como um brinquedo. Verdadeiramente, hoje Prometeu roubou o raio a Jupiter, com a conquista da energia ele-

ctrica e a sua applicação nas immensas distancias terrestres, obrigando-a a levar mensagens do homem, de um continente ao outro, separados pelo Atlantico e pelo Pacifico. Este ultimo milagre, digno de ser descripto por Eschylo, é hoje realisado por um moço italiano para quem a terra parece um pequeno planeta.

Portanto esta transformação de energia cosmica que até agora se realisava naturalmente sem nenhuma utilidade humana em muitos casos e parecia indomavel ao pequeno ser humano, agora realisa-se pela vontade d'aquelle que tem necessidade d'ella e a vida humana toma grande vantagem sobre toda a natureza que a circunda e a alimenta, augmentando-lhe os impulsos e a producção vital nas formas mentaes, hoje môrmente progredidas em extensão e profundidade de concepções e de applicações uteis a toda a actividade humana social. Assim hoje, não só existe madureza de pensamento, como effeito de evolução no decorrer dos seculos mas tambem multiplicações de pensamento scientifico que se dirige para todas as direcções, revelando com observações e experiencias a natureza na sua essencia e abatendo os phantasmas creados pelo homem primitivo.

Não menos rica é a sciencia da vida, tão varia, tão multiforme, tão variavel no tempo e no espaço e tambem tão immutavel na sua essencia e nos seus principios. Tal qual, como a

sciencia da natureza physica, a Biologia, realisou uma immensa evolução desde os primeiros conceitos e tentativas primordiales do povo hellenico, de Theophrasto e Aristoteles a Darwin. Aquelle que, sem preconceito algum ou sentimento suscitado por motivos alheios á sciencia, por educação ou atavismo, considerar os resultados das investigações e olhar para os phenomenos morphologicos e funcionaes da vida, não pode deixar de ficar convencido da natureza e do character d'esses phenomenos tão maravilhosos que são a propria vida. Forma e funcção é tudo, nada de recondito, occulto, mysterioso se esconde por baixo d'uma e outra: forma e funcção constituem a vida e a sua essencia intima; todos os seres organicos são especialisações d'esta synthese universal, que fóra, a especialisação, manifesta-se n'uma graduação immensa, infinita, dos sêres vivos simples d'organismo aos mais complexos; graduação dinamica, porque é feita de movimento evolutivo, e estatica, porque demonstra a estabilidade da forma, apezar da evolução e da transformação organica no tempo.

Mas emquanto que progridem assim, tão maravilhosamente as sciencias e se adquirem os meios mais poderosos para penetrar no infinito grande e pequeno, para conhecer a constituição ultima da materia viva e o modo da funcção, prescrutam-se tambem as manifestações da

mente e do sentimento no homem e nos animaes; descendo na profundidade da alma que o homem primitivo imaginou como um ente phantasma, a philosophia nobilitou como immortal e as religiões nascidas das mesmas raizes da ignorancia misturada com o terror, affirmaram como substancia viva, eterna á morte individual. E' assim que a sciencia do homem vem de longe prejudicada e inquinada pela mistura do phantasma animico primitivo; e não sómente, o vulgo ignorante, ainda primitivo nas suas crenças, crê n'esse phantasma, mas tambem o proprio physiologo, o naturalista, o psychologo, mais illuminados e mais habéis nas observações scientificas.

E' este um phenomeno singular na civilisação hodierna e na grande evolução scientifica; mostra claramente que o homem presente é um composto de duas almas, de duas mentes; uma primitiva, selvagem, levando como hereditariedade todo o producto primordial; e a outra evoluida, ainda em progresso, reconhecendo os resultados da sciencia. Mas esta ultima alma não é forte, vigorosa capacidade, no maior numero, para destruir a primeira, e assim esta com todos os seus productos envolve, insinua-se sempre na alma evoluida e domina-a. E é assim que nasce e se sustem uma sciencia, mesmo hybrida e falsificada, que traz toda a apparencia da profundidade inventora de theorias,

que parece conciliar o velho fundo mental com as novas descobertas de sciencia moderna.

Em taes condições crearam-se problemas que devem ficar insolueis porque não têm fundamentos reaes; os problemas do ignoto destino humano, da immortalidade da alma, de Deus, do alem-tumulo, problemas, para os quaes se crearam tantas soluções e se invoca a fé como ancora de salvação da duvida humana e do delirio que as proprias mentes supersticiosas invade. Tudo isto é causa de dôr na vida e são poucos os que se liberam de taes preconceitos.

Eu duvido muito que a sciencia possa libertar o homem d'esta dôr do ignoto, porque n'este existe uma força poderosissima, que o traz vencido, o sentimento religioso, que nunca mais dá treguas ás almas que domina porque é continuamente revivificado por aquelles que têm esta função especial e que têm tambem esse dominio, de que não mais querem abdicar. A educação com esta base, eternisa o sentimento e propõe continuamente o mesmo problema como uma verdade absoluta. São pouquissimos os homens que chegam a libertar-se do jugo e a emancipar-se do homem primitivo e selvagem. Assim pois, nós temos um progresso infinito de sciencia e das suas applicações á utilidade da vida; somos capazes de dominar e servir-nos das mais poderosas energias naturaes; podemos conhecer a vida nas suas funções, prescrutar o

infinitamente pequeno e activo, seguir o movimento eterno e o eterno variar da substancia viva; mas ao mesmo tempo, somos impotentes para libertar-nos do phantasma creado pelos primordios da mentalidade do homem selvagem e portanto, egualmente para libertar-nos das dôres, que elle acarreta, com as vãs esperanças em que se crê sem utilidade nenhuma. O renovar, hoje, uma sciencia dos espiritos, com apparencia de sciencia, prova bem á evidencia esta nossa conclusão e ainda mais porque vemos homens insignes na sciencia ceder a suggestões vulgares. Mas isto pouco importa; a humanidade, apesar d'essa dôr do ignoto, apesar de trazer perennemente em si o primitivo, progride; porque muitos homens prescrutam, observam, experimentam, como o astronomico que investiga a profundidade do ceu e faz o catálogo das estrellas, sem se interessar em que estas hajam sido creadas n'um dos sete dias da criação mosaica.

Arte e Sciencia: eis dois productos que exalçaram a humanidade a um cume maravilhoso e que dá vertigens. Para nós os typos d'estas duas manifestações humanas são os que se desenvolvem e formam na Europa, cuja origem e crescimento vemos na serie dos seculos. Mas a arte e a sciencia não faltam ás outras populações da terra. A Asia central e o seu extremo oriental, tem uma arte bastante adiantada, especialmente

a China e o Japão; e também uma sciencia não menos antiga, especialmente a China. A America teve civilisação avançada e portanto arte geralmente progressiva: as ruinas do Mexico, do Perú, de toda a parte central banhada pelo golfo mexicano, são provas de como estavam avançados artisticamente os povos d'estas regiões. Mas esta arte pereceu para sempre e sómente deixou de si, ruinas, sem influencia ulterior sobre a humanidade que lhe succedeu no tempo. Também a arte asiatica, embora ainda hoje viva e desenvolvida, está destinada a perecer e a ser supplantada pela arte europêa; a propria sciencia que tem caractéres mais universaes que a arte, é hoje substituida pela sciencia europêa. Portanto a Arte e a Sciencia que tiveram uma historia evolutiva não interrompida, com periodos e renovamentos, são as que tiveram a sua origem na Europa, primeiro no Mediterraneo e depois na Europa inteira. A principal causa d'esta hegemonia, ou dominio da arte europêa pode encontrar-se nos seus caractéres fundamentalmente humanos, perennemente humanos e na dominação universal da Europa.

A Sciencia como reveladora da verdade e interprete da natureza physica e viva, sómente na Europa soube emancipar-se do dominio das idéas theologicas e dos sentimentos que ellas despertam. A arte e a sciencia europêas são portanto de toda a humanidade.]

VII

AS RELIGIÕES

* Qualquer que seja a opinião, com respeito á origem das religiões, o que não se pode negar é, a sua influencia nas sociedades humanas passadas e presentes; resta saber, o character da influencia exercida pelas religiões especialmente nos povos mais avançados. Aquelles que admittem a necessidade d'ellas para bem do homem individual e colectivo, crêem e sustentam que essa influencia teve um grande poder, mesmo principal, sobre a civilisação dos povos, que sem ella a civilisação, se não deixou de existir, não se teria elevado á altura presente; e sustentam mais que de futuro essa influencia deve ser preeminente na evolução humana, como representando um ideal humano superior. Vou demonstrar que não é essa a verdade.

Já n'outra occasião ¹, ha muitos annos, — que

¹ *L'origine dei fenomeni psichi* — Milão, 1885, pag. 335 e seguintes.

julgo ter revelado o character psychologico das origens de todas as religiões, as quaes estão na necessidade de protecção que o homem sente na vida, perante o pavor dos phenomenos naturaes, dos quaes ellas julgam dar uma explicação, considerando-as manifestações sobrenaturaes e sobrehumanas. As religiões mais avançadas e mais desenvolvidas de formas, tiveram as mesmas origens, assumindo depois, as novas formas com a elaboração intellectual e com o culto.

Até ás primeiras epochas da humanidade nasceram as idéas dos espiritos, da alma, dos deuzes beneficos e maleficos, com todos os attributos humanos e com toda a debilidade e os vícios, e portanto applicaveis com dons e sacrificios, por meio de rogos e de humilhações. Então nasce o culto e com elle os seus ministros, que devem servir esse fim e tornarem-se os intermediarios entre o homem e os sêres superiores. Estes ministros arrogaram-se uma funcção politica e social e exerceram sobre o homem individual um grande poder e por meio do pavôr das penas e castigos adquiriram um poder moral; fundiu-se então a religião com a moral para ter um dominio mais completo e mais absoluto.

D'esta forma nasceram a theocracia e os imperios theocraticos, nos quaes o absolutismo religioso se unia ao absolutismo politico e os con-

selheiros mais poderosos e mais influentes do governo politico eram os sacerdotes.

Estes tornaram-se n'uma casta poderosa, omnipotente, porque eram os ministros dos sêres superiores, ante os quaes todo o homem se inclinava, todo o principe por maior e forte que fosse. O sentimento dominante da casta, que foi e é sempre o conservantismo, poderia ser justificado não só psychologicamente, mas tambem como meio de suster a auctoridade divina que deve ser immutavel e eterna.

As sociedades humanas mais avançadas cresceram sob esta influencia terrorifica da casta religiosa e nenhuma acção se realisava depois sem o conselho e o consenso d'ella: a dominação era completa. Os monumentos dos maiores imperios do mundo mostram isto claramente, porque trazem a impressão do dominio religioso e da casta religiosa. Da mesma fórma a propriedade privada e publica estava debaixo da influencia religiosa e do culto e d'ahi proveiu a primasia dos impostos em beneficio dos sacerdotes.

E não é só isto: nas sociedades avançadas em cultura intellectual, excepto na Grecia, a philosophia teve origem religiosa, misturou-se com as crenças, com os symbolos, lendas, e com toda a phantasia de character religioso; e assim é que surgiu uma religião trabalhada e philosophica e um culto mais complexo. Os sa-

cerdotes foram theosophos e philosophos, dominando assim com a intelligencia e tornando obscuras e labirinticas as especulações, que ainda dão causa aos estudos dos historiadores e dos criticos modernos. Foi assim que nasceram os livros egypcios, e esses tão famosos da civilisação mesopotamica, que se podem ver escriptos em terra cota, no grande museu britanico; os livros indús e os persas: é em total um cahos de idéas e phantasias, em que é difficil o trabalho d'interpretação e impossivel a separação entre a sciencia, philosophia e culto religioso.

Sómente a Grecia, a humana e livre Grecia, tanta vez citada por mim, é que começou as suas especulações de sciencia e philosophia pela observação da natureza sem divindades, sem mistura com o culto e sem influencia e por tanto contra a influencia religiosa. A philosophia só depois é que acceitou o divino, mas como se fosse um lado das suas investigações e do seu contheudo. A Grecia, teve em epocha tão antiga o sentimento moderno! A philosophia moderna por seu lado, sob este ponto de vista, não deu mais um passo e move-se no mesmo ambito que a grega.

Assim foram surgindo, as religiões elaboradas, do tronco d'aquellas que pertenceram aos povos primitivos, inventores do divino na natureza, da espiritualidade da alma e de outros en-

tes misteriosos; a philosophia serviu de fundamento solido e a architectura que d'ella nasceu foi esplendida. O sentimento do homem necessitado de ajuda e protecção era por ella satisfeito, ao mesmo tempo que era obrigado á admiração e ao temor pela grandeza, dentro da qual cresceram as divindades de toda a especie e ante as quaes devia prostrar-se para obter a salvação e o bem.

Não só isto bastava para tornar grandioso o culto, a religião e todas as divindades: havia nma outra manifestação que devia servir-lhes de scôpo e dar-lhes uma apparencia mais seductora e mais convincente: a arte. E a arte esteve ao serviço da religião desde o seu começo: templos, imagens, symbolos, milagres, apotheoses, tudo se tornou magnifico por meio da arte, tudo se tornou sensivel e comprehensivel pela arte. Os homens admiram as acções da divindade, esculpida ou pintada, admiram-lhe o aspecto e as formas grandiosas e sublimes, sentem-lhe a propria força e o dominio e prostram-se aniquillados e cheios de veneração. Vejam-se os templos budhicos, abertos na rocha, ornados de columnas e capiteis mysteriosos, de esculpturas singulares, incomprehensiveis mas por isso mesmo mais veneradas; este Budha immovel, em postura uniforme é sem duvida, dominador, imponente: quem é que o não adora? E os templos de Ninive e de Babilonia, os de Persopolis

e os de Ecbatana; os templos colossaes do Egypto, onde uma vacca pode entrar triumphantemente como um symbolo! Os grandes e esplendidos templos de Epheso e de Agrigento; e os antigos e não menos trabalhados do Mexico e do Guatemala!—Sem a religião a arte teria progredido assim? Isto perguntam aquelles que admittem a necessidade do culto religioso e os seus beneficios.

Porque não progrediria? digo eu; a actividade artistica teria achado outros themas, outros typos para representar e ter-se-ia desenvolvido em outras direcções, se tivesse achado impulso em sentimentos tão dominantes e fortes como os religiosos. Não é assim agora e de ha muito tempo? A arte hollandesa não se desenvolveu principalmente na representação de scenas da vida humana familiar e social?

Assim a religião desenvolve-se com o auxilio da philosophia, da politica e da arte que todas juntas lhe dão caractéres intellectuaes, moraes, sociaes, artisticos e attrahentes e engrandecem o sentimento em que está comprehendida. A religião não se desenvolveu e engrandeceu por si própria, mas por tudo que lhe veiu de fóra: como é que a alma humana não se teria deixado conquistar por tantas manifestações activas?

Mas a religião da philosophia e da arte não é a religião da maior parte dos homens; aquella é artificial, uma elaboração de uns poucos de

homens, sobreleva á religião intensa e sentida, pela massa popular como sentimento.

Esta ultima, não se afasta muito do typo primitivo, do fetichismo, da adoração dos mortos, crença dos espiritos, na omnipotencia d'elles, pavor, terror do além, e mais cousas identicas. O fundo é sempre o mesmo, seja o do budhista, do christão, do mahometano ou do parse; o exterior elaborado é differente nas formas, nas representações e nas doutrinas que o acompanham.

Portanto sob este ponto de vista nenhuma evolução religiosa, nenhuma transformação adveiu do homem primitivo ao homem que possui uma religião considerada a mais elevada e a mais desenvolvida.

Se investigassemos como adveiu a evolução do christianismo desde a sua fundação, tudo quanto agora disse seria plenamente justificado. A doutrina primitiva christã era o mosaismo, a que se juntou o que foi original de Christo, o pessimismo, isto é, o desprezo pela vida terrenal, com todas as suas prerogativas, riqueza, poder, ambição e prazer. Christo não deu valor ao culto e ás formas.

Os predicantes, principalmente Paulo, eram já instruidos ou tinham os conhecimentos philosophicos da epocha e sobre elles fundaram uma doutrina que começava a separar-se do mosaismo. A philosophia platonica alexandrina, teve

n'ella uma grande influencia, impregnando de conceitos philosophicos o christianismo; e vieram então os padres da Egreja para philosophar. Os schismas tiveram a sua origem nos conceitos philosophicos que entraram em grande parte na doutrina christã; e como se encontravam muitas divergencias nos philosophos é natural que outras tantas se encontrassem entre theosophos e theologos. Mas apenas surgido um poder theocratico, devia surgir tambem o caracter que o distingue, o conservantismo; e portanto a egreja devia, acceitando uma doutrina, sustental-a contra as outras que nascessem. Concilios e anathemas constituiram a auctoridade da egreja e das suas doutrinas, ao mesmo tempo que a perseguição dos dissidentes.

O povo crente andava na ignorancia de tudo isto; não era n'elle que se constituíam as doutrinas, que se combatiam ou decahiam; o povo sómente sabe crer, segue um apóstolo e não pensa, não raciocina; crê sempre de um certo modo e nunca mais abandona o que acreditou; aceita o passado e enxerta-o no presente, quiça em toda a vitalidade, como superexistencia vivaz, influente no decurso da sua fé activa. E' assim que o paganismo desapparecia como religião viva e official mas ficava como sobrevivencia nas crenças.

O christianismo moderno já não é o primitivo. Porquê? Crê-se na sua evolução e na sua

transformação, como se fosse um organismo vivo; mas a cousa foi outra. Elle soffreu as influencias e as evoluções sociaes e teve que seguir todos os movimentos da sociedade trazidos pelos seculos, mudando de idéas, pensamentos e doutrinas nascidos fóra d'elle, humanisando-se por influencia de novos sentimentos gerados pela convivencia social e mesmo tambem impostos á propria religião activa e militante.

Todas as religiões officiaes por principio de conservação, perseguiram não sómente os dissidentes mas tambem aquelles que têm uma religião differente; especialmente se esta anda em propaganda. Os christãos foram perseguidos de morte, ferozmente sob o imperio romano; mas por sua vez os christãos perseguiram com igual ferocidade os dissidentes.

Que o digam todos os mortos julgados pela santa inquisição e as guerras aos anabaptistas, aos lutheranos, a noite de S. Bartholomeu em Paris e outras mais. Por certo, não é maravilha, que os christãos sejam perseguidos e trucidados na China, como já o foram no Japão; é o mesmo phenomeno que se repete: a religião não admite a humanidade e persegue de morte aquelles que não a seguem ou unicamente divergem.

Porém, logo em seguida, encontramos o christianismo humanizado, isto é, tolerante e não perseguidor: deu-se aqui uma evolução? ou é

uma virtude d'esta religião? — Falsificaria a historia se o affirmasse. Foi o poder civil que poz um termo ás perseguições religiosas e o poder civil foi inspirado por homens de coragem, avançados já no sentimento da liberdade de pensamento e em conveniencia religiosa. A humanidade no christianismo nasceu portanto de condições exteriores e da energia antagonica ao pensamento religioso. Assim a egreja perdia grande parte do seu poder sobre os homens, isto é, a theocracia chegava ao seu termo com o engrandecimento do poder civil e da liberdade individual.

A religião portanto exerceu sempre um poder restrictivo e não contribuiu na menor cousa á evolução humana, nem na sciencia, nem na redempção e exalçamento das classes sociaes inferiores, nem na abolição da escravidão. A evolução humana é sempre uma victoria contra a religião, victoria que custou á humanidade muito sangue e muita dôr. Ainda hoje o christianismo, já despojado de tudo quanto o tornava tyrannico e cruel, porque foi reduzido á impotencia pelos poderes civis; na lucta politica que deseja conservar nas nações, torna escravos do pensamento e do sentimento os proselytos que mais respeitosos são á cadeira de S. Pedro. Ainda hoje a sciencia deve receber uma interpretação adequada, onde o ensino é feito por seculares do Vaticano, tudo deve ser subordi-

nado á interpretação theologica, aos Padres da Igreja, impedindo-se toda a liberdade de pensamento, pondo-se no Index os livros e excomungando aquelles que não obedecem. Não será por meio d'estes, escravos da Igreja, que evolue a humanidade, mas pelos outros que vivem livremente no pensamento e na acção; a evolução humana tem precisamente necessidade d'estes.

E' verdade que na China, o budhismo tem um grande numero de proselytos, mas o caracter dominante da religião popular é o confucionismo, religião que é mais uma philosophia pratica do que uma religião revelada ou theosophica. O chinez é realmente como ente religioso um complexo de crenças, superstições, dogmas, que derivam de toda a parte, da doutrina de Confucio, que é a mais pratica e a superior, do budhismo, do papismo, e das crenças primitivas. O chinez conservou-se n'isto estacionario como em toda a sua civilização.

No Japão predomina o budhismo, que é assim a religião official; mas parece que o caracter pratico do povo vence os principios de Budha. De todas as formas não vemos que o ideal religioso seja aquelle que fez elevar o Japão ao nivel actual do poder e actividade, que chega a rivalizar com as melhores nações europeas. Em parte alguma o christianismo teve semelhante influencia, porque ali os christãos são muito

poucos e não tem nenhuma importancia politica e social. A propria religião budhica é tão temperada no Japão e tão subordinada que não fez obstaculo ao progresso das idéas e á introducção da cultura europêa, apesar d'esta ter um caracter differente da indigena.

Se recordarmos o caracter intimo das religiões que actualmente se acham mais espalhadas pelo mundo, devemos insistir na affirmacção da pouca influencia que ellas tiveram e têm na evolução humana social e individual, não trazendo um ideal novo para a realidade da vida.

As religiões mais espalhadas são o budhismo, o christianismo e o mahometismo; o budhismo tem o maior numero de proselytos e é exclusivamente asiatico, da India ao Japão e em parte das ilhas do Pacifico. O mahometismo, guerreiro d'origem, de envolta com a conquista mundial, estende-se pela Africa e pela Asia e tem um residuo na Europa. Verdadeiramente o mais espalhado é o christianismo que se encontra por toda a parte; isto depende especialmente mais da indole ethnica dos Europeos que o acceitaram do que do caracter da propria religião. Se bem que os christãos sejam numericamente inferiores aos budhistas no emtanto são mais propagandistas e espalharam no mundo com melhor ou peor successo as suas doutrinas.

O ideal das trez religiões é o céu, ou o anihilamento: o céu com todas as compensações e

as alegrias para os christãos e os mahometanos, o anihilamento para os budhistas. Soffrer sobre a terra para ter as compensações permitidas para depois da morte é um pessimismo religioso, e é o que são o christianismo e o budhismo.

Se os povos fossem obrigados a seguir os conceitos dos dois fundadores, Christo e Budha, a humanidade pereceria, conservando-se nos seus residuos, pobre, misera e languida, esperando a morte e a libertação. A primeira reacção contra este fundamento pessimista encontra-se na vida pratica e real e d'ahi as modificações profundas trazidas para toda a doutrina e para o sentimento que a anima. A religião conserva-se como um ideal da vida pratica mas não é uma direcção pratica da vida; esta desenvolve-se moralmente, como significação d'aquella e impõe-se-lhe. A terra não é um valle de lagrimas, se está cheia de dôres, é necessario, attenual-as ou destruil-as; o homem deve procurar o prazer e o que ha de melhor na vida e assim progrêdirá, não se conservando na immobibilidade e na ignorancia.

A reacção mais forte contra o pessimismo religioso deu-se na Europa, contra o christianismo que desejava deprimir vida e pensamento: mas a indole dos povos europeus não é a mesma da dos asiaticos, a passividade não é a caracteristica d'elles, mas pelo contrario a actividade é

que é o seu character dominante, unida a individualidade firme e clara. A' lucta contra as restricções religiosas seguiu-se a victoria; a religião não tem vantagens adaptando-se ás condições da vida social pratica. Mas ao mesmo tempo dava-se um phenomeno extraordinario que constituia um mal social e um mal para ambos os typos de religião, christã ou budhica.

Se todos os homens não se curvam á renuncia da vida social, como ella opera e actua naturalmente, o que será d'aquelles que assim fazem. Quando Christo prégava, segundo os evangelhos, acontecia que um ou outro dava os seus bens aos pobres e seguia o mestre; aquelles que tinham a vontade de segui-o, deviam abandonar a sociedade a familia e todos os bens do mundo. Isto era o primeiro nucleo do futuro monachismo.

Pouco mais ou menos acontecia na Asia o mesmo nas origens do budhismo. Eram poucos os que tinham vontade de se dedicarem pelo ideal depois da morte, começando a expiação com a renuncia social, uma expiação dos males da terra por amor da vida ou do aniquillamento, do repouso no futuro. Este phenomeno poderia fazer estimar em muito estes, como gente convencida que se vota a um ideal pessoal; mas a humanidade não teria podido fazer o mesmo sem destruir-se.

Mas em seguida estes segregados sociaes fize-

ram-se interpretes do divino, intermediarios entre Deus e o homem não dedicado á vida santa; e assim assumiram uma funcção que originariamente não tiveram porque ahí está toda a narração dos evangelhos para o provar. O Christo não quer sacerdotes, expulsou-os tambem do templo como vendilhões.

Por sua vez no emtanto, os renunciadores ascetas tornaram-se sacerdotes, depois conselheiros, senhores das almas, e por fim donos dos bens terrenos. No tempo de Alighieri a riqueza e a corrupção fradesca eram extraordinarias, e por isso exclamava elle, que:

*le cocolle
Sacca son piene di farina ria*

Vem Francisco de Assis e deseja voltar ao christianismo primitivo, repudiando os bens e acceitando como Christo, aquelles que se contentavam em viver pobrementemente como elle, com uma vida de sacrificio, não querendo conventos e frades, não desejando crear ordens religiosas.

Mas depois da sua morte recommçou o mesmo phenomeno nos seus sequazes, como n'aquelles que se prezavam de seguir a Christo; e sem que as ordens religiosas anteriores a elle se destruissem, crearam-se outras e entre estas, a sua, contra a sua vontade. Assim nasceu e vegeta um immenso parasitismo que está agarrado ao

seu tronco que é a sociedade humana, que a estanca porque estes parasitas enriqueceram e querem dominal-a, porque desejam a dominação temporal, politica, social e economica. Portanto aqui nasce uma nova lucta com a sociedade que deseja libertar-se, ao menos em parte, da suffocação do seu parasita, o qual adaptando-se ás novas condições sociaes, assumindo formas novas porque é polimorpho, tenta continuar a viver e a vencer completamente o seu hospede rebelde, por meio da astucia, penetrando-o mais profundamente; isto é, por meio da beneficencia para se tornar necessario, por meio da instrucção para formar cerebros e corações que lhes sejam dedicados e escravos. A lucta em França com as congregações demonstra isto claramente.

Ora isto não é evolução religiosa porque não é a religião que como doutrina, fé, se desenvolve e se aperfeiçoa, mas é uma decadencia, porque este phenomeno do parasitismo e do enriquecimento á custa da sociedade dará lugar a uma reacção contra a propria religião, a doutrina religiosa de Christo. Esta reacção existe nos homens cultos que se acham libertos deste trabalho parasitico e pernicioso para a sociedade.

Se tornassem a dominar, outra vez, com methodos differentes dessa epocha de perseguição religiosa, estes inimigos da humanidade produ-

ziriam os mesmos effeitos, restringindo o campo do pensamento, falsificando a sciencia, acomodando-a aos seus fins e impediriam a evolução social e individual ulterior.

Assim se prova mais uma vez que não é para um ideal religioso que a evolução humana se produz, mas contra todo o ideal que queira ser religioso e divino, ideal sempre restrictivo e nunca expansivo; que a religião acomodou-se sempre ás exigencias sociaes, usufruindo as vantagens, e nunca a sociedade á religião: d'outra forma não estaria como está e não haveria mais lucta.

O budhismo com o seu grande numero de monasterios parece-se bastante com o christianismo, vivendo tambem na forma parasita, embora lá onde domina, não exista lucta como na Europa; na Asia as sociedades são mais pobres e o parasita pode augmentar tranquillamente.

Não exerceu pois, por qualquer forma e manifestação, nenhuma influencia, a religião, sobre a evolução humana?

Exerceu uma influencia negativa por meio das perseguições, porque estas crearam victimas e heroes, os quaes fizeram sempre progredir a humanidade. Assim como o christianismo primitivo deve a sua vida ás victimas das perseguições, assim a humanidade, emancipada das algemas que não deve ter e com as quaes não

pode progredir, deve os seus progressos em parte ás luctas e ás victimas da religião.

No emtanto affirmo que o sentimento religioso produziu muitas cousas uteis em epochas em que elle era desinteressado. Em epochas barbaras, quando a Europa, pela queda do imperio romano, estava continuamente ameaçada e devastada por conquistadores selvagens, a magestade que a religião conquistou pode impedir alguns estragos e algumas invasões.

O monachismo soube conservar as reliquias da civilisação grega e latina nos livros copiados e guardados nos conventos; tambem soube fazer renascer a agricultura que havia decahido n'um ou n'outro logar; cultivou tambem essa arte util, a medecina; e dedicou-se á assistencia dos doentes nas epidemias.

Tudo isto porém é humanidade, sómente possivel de exercicio para os que estavam nas condições de monges, que tinham privilegios pessoais e economicos. E com effeito depois que tudo isto passou para a activade leiga, os proprios frades ganharam com usura o que haviam emprestado, guardando para elles o decimo sobre as heranças e enriquecendo á custã da propriedade publica e privada.

E' sabido por todos que sob o impulso religioso os arabes sahiram da sua peninsula para a conquista do mundo e adquiriram grandeza, mas com quanto estrago e sangue! Hoje, no

imperio mahometano, transplantado na Europa, o que se conserva e o que parece difficil de extirpar, é a barbarie, é a paralyse da civilisação, o embrutecimento de muitas populações submettidas e o perigo de movimentos insurreccionaes em Africa devido ao fanatismo religioso ou a pretextos semelhantes. Ora, portanto, para fallar do christianismo, como se desenvolve nos tempos hodiernos, vê-se que desde o chefe supremo da egreja, ao ultimo irmãosinho, existe em mira, o dominio temporal do mundo por meio do dominio espiritual; por isso augmentaram os conventos dos dois sexos e as riquezas e com estas o poder. Mais ainda, muitos entregam-se á industria e fazem concorrência aos operarios leigos, especialmente ás freiras de todas as ordens; e os ricos possuem hospedarias, constituem companhias de navegação commercial, ou então fundem empresas nas cidades, como as de viação e semelhantes. A actividade religiosa que está em tudo isto, todos a podem ver, e não ha mister da minha parte maiores explicações. E assumem attitudes de combate quando se veem ameaçados no dominio da instrucção, do qual desejam ser senhores, suscitando as populações contra o estado, induzindo-as á rebeldia, usando do pulpito como meio de propaganda e de excitamento.

Tudo isto é uma decadencia do aspecto da religião, é um progresso para os fins dos ho-

mens que aspiram, como da outra vez, sob a mascara do divino e do culto religioso, ao dominio do mundo. E' por isto que aqui existe uma verdadeira antithese, mas que não pode ser eterna nas sociedades humanas as quaes aspiram á paz e ao livramento de toda a especie de escravidão. Na verdade este phenomeno no christianismo é muito mais claro nas sociedades catholicas, como as nações latinas, e como na Austria, do que nas nações protestantes, em que o imperio sacerdotal está limitado por leis e pela natureza e onde se não obedece a uma hierarchia forte e poderosa como essas antigas hierarchias orientaes, inflexiveis, terriveis contra todas as innovações e qualquer desvio pequeno da via traçada pela lei no culto, na interpretação, na pratica, em tudo; e tambem em politica, onde não se deveria metter.

Por aqui se vê que entre a expansão da cultura com as suas transformações evolutivas, e as religiões ha uma relação continua antithetica. Os povos que não tem no seu seio esta lucha, conservaram-se estacionarios ou então a religião d'elles é passiva, não tem character guerreiro e aggressivo; os que possuem esta lucha, são obrigados a estarem dispostos para não serem sorprendidos pela inercia e portanto definitivamente conquistados. As nações latinas estão sob este perigo grave e devem lutar pelo livramento se desejam progredir. A Italia tem no

seio um encargo forte e batalhador, o papado que não quer ceder, embora o haja perdido, o poder temporal, sem satisfazer-se com o dominio do espirito mundial; é uma verdadeira declaração das intenções politicas e sociaes do poder religioso, incompativel com a evolução humana. A religião é um facto intimo, não um poder externo, nem um dominio regio e politico; é uma manifestação da consciencia individual, não deve ser collectiva e portanto exterior e demonstrativa; e se deve haver uma evolução religiosa, será n'este sentido e não n'outro.

Deve ser deixada a cada um a liberdade de crêr em entes supremos com todos os attributos divinos, sem necessidade de interpretes e intermediarios entre Deus e o homem, os quaes não são necessarios, nem indispensaveis á consciencia humana que formou este ideal, verdadeiro ou imaginario. D'ahi a abolição de todo o culto e toda a egreja e naturalmente de toda casta sacerdotal servindo objectivos religiosos; então poder-se-ha afirmar que a religião poderá assumir um character ideal para aquelles em que este sentimento está vivo.

O porvir da humanidade, de que tracei a possível evolução na maior liberdade possível, será um porvir religioso? Se a religião é um producto da necessidade psychica da protecção e se esta necessidade fosse satisfeita pelas melhores condições sociaes possíveis, ella diminuiria de

valor e de sentido. Suppondo-se que todas as necessidades humanas fossem satisfeitas e o homem estivesse contente com a vida, deixaria então de haver invocações a entes superiores pedindo protecção; mas por mais avançada que seja a evolução social e diminuidos os males sociais e individuaes, nunca se chegará á abolição absoluta da dôr; a necessidade, portanto, persistirá embora em grau diminuto. Mas não é hoje, isto, o unico factor da religião; desde as origens da humanidade, um mundo inteiro, phantastico, foi creado, que teve intima relação com factos humanos d'outra especie. A tradição, a educação, a ignorancia, tornaram esta criação mais complexa e tambem a tornaram mais scientifica. Tudo isto, é hoje no homem patrimonio inconsciente herdado de ha mil annos e continuamente enriquecido pela evolução das formas religiosas. Como se pode abolir isto?

Na verdade, a sciencia destruiu estas creações phantasticas, mas não destruiu o sentimento que as dirige e as acompanha: d'ahi uma lucha grave no homem e na propria sociedade. E visto que a sciencia falla ao intellecto, e não ao sentimento, é tambem difficil a sua victoria sobre os espiritos bem illuminados, os quaes teem como que duas almas, uma intellectual, progressiva, livre de erros, de credices e outra primitiva, semi-selvagem, ignorante, que entor-

pece a primeira, com a qual se funde e com a qual se manifesta e opéra. D'este estado d'espírito, nascem as contradicções; a duvida, o scepticismo, as transicções da consciencia e tambem os erros da sciencia que nada de commum teem com as crenças religiosas e de que o vitalismo em physiologia é um exemplo evidente.

Portanto, para eliminar, toda a religião, seria necessario no porvir que os dois factos que apontei, tivessem um grande desenvolvimento: substituição da necessidade religiosa pela social ou da protecção religiosa pela social; e popularisar a sciencia de forma a demonstrar a todos, qual seja a ordem natural, como se desenvolvem esses phenomenos que foram julgados divinos e obra de entes superiores e invisíveis.

Com este ultimo meio poderemos tornar a ver na natureza com todas as suas manifestações, o principio creador de tudo quanto existe.

Nas religiões primitivas os phenomenos naturaes tem-se mantido personificados e adorados, como entes superiores ao homem e tem sido portanto invocados, rogando-se-lhes com donativos e sacrificios, a sua aplacação nas manifestações terroríficas. O conhecimento scientifico da natureza leva-nos a conhecer o verdadeiro valor das suas manifestações e a servir-nos d'ellas para nossa utilidade; isto conduz ao reconhecimento do grande valor da sciencia, gerando-se sentimentos de admiração por ella,

como costuma acontecer nos seus cultores; a nossa religião humanizada seria pois um sentimento consciente de admiração pelas forças naturaes e pelas suas explenderosas apparencias na immensa variedade dos phenomenos physicos e vitaes. Os verdadeiros sacerdotes d'esta religião da natureza seriam os cultores da sciencia, os laboratorios scientificos e as escolas; a sciencia da educação surgiria da admiração da ordem do universo e da harmonica distribuição das suas forças; a esthetica estaria, como já está, nos espectaculos da natureza e nas suas phases. Se tu, gentil creatura, diriges os olhares ao ceu quando surge a aurora e sentes impetos de alegria, ou olhando o roseo poente do sol de Roma, cuja penumbra te dá o triste adeus do dia moribundo, e sentes nos varios tons de côr a harmonia silenciosa da natureza, tu és n'esse momento uma creatura religiosa, que tem admiração pela natureza que renasce, revive ou adormece na noite estrellada e silenciosa. Que religião mais pura e mais bella do que esta, sem o desarranjo d'aquelles que se intromettem e deturpam isto que é tão maravilhoso! ou então, se fôres assaltada por terrivel tempestade e por tremendo trovejar fendendo a abobada celeste, na profunda obscuridade nocturna, tu creatura forte, não te espantas como o ser primitivo, mas admiras e sentes o sublime da natureza.

E tu, homem, se atravessando a planice a

vês tremer fortemente nas sacudidelas dos ramos e das folhas e se ouves o vento sacudindo com violencia as arvores que gemem e vacillam, tambem sentes o sublime da natureza e admiras as energias eternas que criam e destroem a vida: achas n'isto a tua religião e não tens necessidade de quem possa servir d'interprete; tu proprio sabes escutar a voz da natureza grandiosa. Esta é que é a religião que não desarranja a vida individual e social que não attenta contra a liberdade de consciencia e de pensamento e que harmonisa o homem com o universo de que elle é um infinitamente pequeno, com capacidade para comprehender o infinitamente grande.

VIII

CIVILISAÇÃO VELHA E CIVILISAÇÃO NOVA

Aos que na primavera da vida
sentem impulsos para novos
ideaes.

As antigas civilizações acharam sempre admiradores e entre estes, uns são os que investigam as origens e os progressos e outros os que veem a grandeza dos imperios, atravez das conquistas, lembradas por meio de grandes monumentos. O que augmenta a admiração é a distancia de tempo que as separa de nós: quanto mais remota fôr uma civilização maior será a admiração que produz, como a gloria que cresce com a distancia.

Ha quem affirme, fallando de qualquer industria ou obra artistica antiga, a sua insuperabilidade, a impossibilidade de as refazer hoje. Na verdade, as ruínas collossaes de Ninive, as estatuas, os templos egypcios, os theatros, os templos, as thermas dos romanos e as obras gregas

de toda a especie são maravilhosas; e não podemos refrear a nossa admiração por aquelles povos que foram os auctores d'ellas.

Mas investiguemos e examinemos os elementos que entram na constituição de uma civilização qualquer, antiga ou moderna, superior ou inferior.

Em primeiro lugar, as obras d'arte, que não são sufficientes para estabelecer o grau de uma civilização, podem ser no entanto um dos elementos que a compõem e tambem um indice do progresso. Já vimos que taes manifestações são anteriores á sciencia, são primordiales no homem, chronologica e psychologicamente; a sciencia tem por condição, o pensamento mais adulto e por tanto mais desenvolvido. Ora na antiga civilização do Egypto, do valle do Euphrates e do Tigre e tambem da Roma anterior ao Imperio pelo menos, de sciencia na sua verdadeira significação não se encontra indicio e dizemos tambem os motivos sociaes d'este facto, isto é, a absoluta ausencia de manifestações individuaes ou de individualismo, sem o qual a arte é anonyma e não pode progredir em variedade e em character. De facto, a arte babilonica e egypcia foi hieratica e despotica, quer dizer, reservada a duas castas sociaes que representavam o menor numero, como a minoria absoluta no povo que constituia a immensa massa governada. Esta arte representa religião

e dominio, e mais nada; as estatuas egypcias são para os Pharaós e para as chefes do exercito e da administração; assim como os tumulos ricos e colossaes.

Falta á arte, o character pessoal e portanto com a variedade tambem falta a explicação livre; é uma arte obrigatoria, escravizada; aquelles que a executaram foram artifices obscuros. Um só povo vemos como creador d'arte humana e universal, o hellenico, por causa da liberdade individual que o torna superior e tambem creador. E' n'elle que achamos tambem o berço da sciencia e a philosoqhia livre do dominio hieratico e despotico.

A civilisação antiga, á excepção da grega, n'esses dois productos grandes do espirito, arte e sciencia, foi nulla, deficiente, comparada com a civilisação hodierna, na qual as manifestações do pensamento scientifico são extraordinarias e sem similhanças com quaesquer manifestações antigas. Esta deficiencia na civilisação antiga deve ter retardado em muito todo o movimento que se refere á industria, ao commercio, aos commodos da vida, á cura das molestias humanas e á prophylaxia d'estas. Basta comparar os transportes maritimos modernos com os dos romanos, egypcios, cypriotas, e tambem com os medievaes dos venezianos e dos pisões, para avaliar n'esta direcção do immenso progresso feito; basta ver o grande numero de vias fer-

reas, a perfuração dos Alpes e outras montanhas, que n'aquellas epochas teriam sido cousas maravilhosas, para se ter uma idéa da celeridade das communicações em todas as nações do mundo. E tudo isto é o effeito da sciencia applicada á utilidade social e individual.

Ainda mais: todo este movimento de terra e mar, em celeridade e volume, está ligado ao grande progresso industrial, tão escasso, lento, nullo quasi, entre os antigos. O phenomeno é devido ao invento das machinas movidas a vapor e electricidade, portanto á sciencia nas suas applicações multiformes. O invento de Archimedes, na Sicilia, foi uma maravilha, não por si proprio, mas pelo homem extraordinario que podia na pobreza de meios scientificos fazer tal descoberta; mas se esse invento se confrontar com o de Volta e depois com o de Marconi, que faz com que os dialogos dos homens atravessem o Atlantico, entre a America e a Europa, sem intermediario algum que una os dois continentes; então esse é muito pouca cousa. Sob este aspecto a civilisação moderna é infinitamente superior; o homem, hoje, domina as energias naturaes mais poderosas e encerra-as fazendo-lhes seguir as direcções que lhe são de maior utilidade. A arte a maior arte antiga e moderna, é immensamente pequena em relação com o infinito da sciencia moderna que conquistou a natureza. Como já vimos, a arte não póde

ter um progresso continuo como a sciencia, mas sim, cyclos differentes, nos quaes a perfeição technica é sempre identica; a invenção scientifica deixa para sempre atraz de si o que a precedeu como germens simples que apenas hoje teem um valor historico.

Ante este facto admiravel que distingue a civilisação nova da antiga, deve ser mudada tambem a condição dos povos com respeito á cultura individual e collectiva. Na antiguidade e na Edade-Media italiana o povo era ignorante, não recebia educação alguma, nem instrucção; quando trabalhava era como os animaes brutos, o cavallo, o boi, e como tal era considerado e nutrido. Para construir as pyramides foram empregados, centenas de milhares d'homens, muitos dos quaes morriam de inanição e exhaustos sob o trabalho; as representações que nos deixaram os Egypcios mostram isso claramente. Para transportar um colosso e collocar-o, iam milhares de homens como se fossem animaes e para os fazer mover e puchar estavam detraz d'elles capatazes armados de varas, com que os espicaçavam como se fossem bois. Havia ali sómente a força brutal muscular que operava sem intelligencia ou então com a pouca necessaria para cumprir com o que se ordenava. Hoje para guiar uma machina, para dirigir um motor, é necessaria uma cultura, embora puramente elementar. Esta cultura, tambem, é

indispensavel em todas as condições sociaes e em todos os trabalhos que sejam um effeito de applicação scientifica. Da mesma forma, para as debulhadoras e segadoras a vapor, trabalhadas por camponezes se exige uma mente mais desperta, embora com uma cultura minima.

Com a invenção scientifica e as suas applicações praticas, existe um avanço na cultura geral do povo e relativamente na civilisação sob forma educativa. O homem começa a despojar-se da brutalidade e a eliminar a rudeza natural e primitiva. D'isto nasceu um augmento de necessidades na vida a par do desejo de viver melhor; as commodidades da vida diaria accresceram, a alimentação melhorou, as habitações adquiriram formas e construcções mais adequadas ao viver são e hygienico. Na antiguidade apenas havia palacios artisticos para os principes ou para as castas aristocraticas, para o resto das populações, as quaes se contentavam em viver misera e quasi animalmente, havia cabanas miseraveis, moradias desabrigadas e insalubres. Ainda hoje na campina romana persistem as cabanas como nos tempos de Romulo! Mas a orientação na civilisação de hoje é o exalçar as condições de vida do maior numero nas necessidades mais elementares cuja satisfação se tornou exigencia natural e poderosa: o ideal da vida é assim que se eleva.

Não foi a arte que deu impulso a este movi-

mento civilizador ascendente na humanidade mas sim os conhecimentos scientificos que praticamente aguilhoam e excitam ao nivellamento universal, não abaixando o nivel superior da constituição e da vida social, mas exalçando a um nivel superior os humildes. A arte serve para o gozo e pode ser um dos prazeres a que todos ou o maior numero devem participar; a sciencia amadurece sempre mais a intelligencia e descobre continuamente novas vias ao bem-estar commum, diminuindo os males e as dôres.

A sciencia tambem elevou o homem, no trabalho, substituindo-lhe as machinas como instrumento bruto e pondo o homem na direcção intelligente d'ellas. Na antiguidade o homem valia como energia bruta similar a do animal e a sua individualidade era nulla, porque a sua vida era apreciada apenas como a dos animaes brutos. Como é que se construiu o Colyseu? O Pantheon? á custa de vidas humanas sem nome e sem valor. Quão longe estavam aqui do ideal a que tende a sociedade futura!

Mas a civilização é sómente cultura ou artistica ou scientifica? é pode verdadeiramente assumir tal denominação se na vida activa de um povo, o homem não se mostra despojado de characteres que expressam violencia, brutalidade para com os outros homens? se o respeito á vida humana qualquer que seja a pessoa e a condição social, não fôr universal?

Já lembramos a parte, por assim dizer, decorativa, das chamadas civilizações antigas, principalmente a arte, mas não vimos a essência de taes civilizações que foram a egypcia, as mesopotamicas, a persa, a latina e outras que é superfluo recordar no tempo mais antigo, e depois todas aquellas civilizações que compõem a historia da humanidade quando da queda do imperio romano na Europa, deixando atraz de si toda aquella sobrevivencia imperial, nos germanos e em outros que a desejavam renovar; e depois aquelle movimento extraordinario que partiu da península arabica com as idéas religiosas de Mahomet, e fizeram imperios e conquistas na Europa, na Africa e na Asia.

Seja como fôr, póde-se ter uma idéa do que foi esta civilização antiga, vendo sómente as representações deixadas pelos pharaós e pelos reis babyonicos e assyrios e depois pelos romanos nos seus numerosos monumentos, construidos com o unico fim de deixarem recordações gloriosas.

Assaltos de cidades, fortificações, regiões cultivadas; e portanto, destruição de tudo quanto n'ellas se encontrava, palacios, templos, arvores e cultura; a par d'isto, a destruição das vidas humanas, ou com as armas, ou enforcando sobre as trincheiras das fortificações, ou sob a lança de um rei que castigava (assim se dizia) os prisioneiros; havia ainda, as mutilações feitas

aos miseros aprisionados, da mão direita, das orelhas ou do nariz. Existe uma representação em baixo relevo em que se vê um scribe assentando n'uma tavola o numero de mãos cortadas que estão ali em montão, resultado comprovativo dos prisioneiros feito depois da batalha vencida; ou que enumera as cabeças decepadas que se accumulam n'outro lugar como testemunho da victoria e do estrago. Representações não menos horrorosas são aquellas em que está representado um rei assyrio ou egypcio de lança em riste para os olhos de prisioneiros manietados atraz das costas e de joelhos, como que querendo cegal-os um apoz outro; ou uma cadeia d'estes captivos presos pelo pescoço uns aos outros, em serie, ou com um annel passado ao nariz e levados por uma corrente ao supplicio, á prisão, ou ao mercado para serem vendidos, ou então scenas mais horriveis, prisioneiros deitados de costas ou de bocca para baixo sobre os quaes se pratica a operação de esfolamento... e cousas e acções semelhantes, deixadas assim em memoria da grandeza de um vencedor de nações em guerra.

Estes são os vestigios visiveis, os representados em baixos relevos como monumentos de grandeza; mas os vestigios invisiveis? estes se fossem encontrados seriam tão obscenos e repugnantes como os visiveis. Quem pode dizer o que acontecia n'uma cidade tomada de as-

salto, quando os soldados vencedores sabiam que podiam assenhorear-se de tudo que achavam, objectos preciosos e de uso commum, mulheres, homens, e usar d'elles como quizessem? Sómente alguma vez se vê representado o facto de soldados levarem a carga da presa e entre ella algum homem ou mulher; mas o que acontecia no assalto é callado e não representado; o leitor advinhal-o-ha facilmente, de quantos factos semelhantes, os historiadores de outras nações nararam. E' para isso não é necessario ir muito longe, porque em tempos recentissimos taes acções foram praticadas na China por europeus civilisados!

Esta guerra, assim, com os seus desastrês — dir-me-hão — é inevitavel; mas o que é a guerra? E' a expressão da maior violencia humana, brutal, ferina; é a absoluta deficiencia de sentimento de piedade e humanidade; é a falta de respeito pela vida humana, tida sem valor nenhum; é a quebra de todo freio voluntario, aos actos de um homem que se sente poderoso irresponsavel, arbitro da vida e da existencia alheia, e das mulheres que cahiam sob a sua mão: é o furor selvagem primitivo, quando o homem vivia como os animaes ferozes nos tempos prehistoricos; é a destruição das sociedades existentes e dos seus productos e portanto das leis, das ordenações, da familia, do commercio, das industrias, tanto da honra como da vida dos vencidos, de tudo o que constitue a vida social organica.

Porque é que se faz a guerra? Por amor da presa, que na sua forma de evolução assuma o caracter de conquista; por ambição, expressão em que existe larvada a tendencia violenta, engrandecida e revestida por instincto selvagem de caracteres apparentes de grandeza e de gloria. Porque o homem como todo o animal vivo, sente a superioridade da força muscular e portanto acha ou quer achar a sua grandeza na superioridade physica e brutal, mostrando que domina os outros homens por este meio, que lhe pareceu e lhe parece ainda gloria e grandeza, importando pouco ou nada, se tem o direito de respeitar os outros homens. Necessita estender o territorio proprio, occupar tudo quanto ali está dentro, homens, cousas, e dominar; é uma especie de athletismo, não sportivo mas colossal, com o qual o spectaculo se torna um tanto colossal, como é tambem feroz e sanguinolento, pela morte e destruição de tudo quanto entra na lucta: portanto é um exercicio da ferocidade humana, com o dominio da força e naturalmente um abuso d'esta ao exercital-a em detrimento do proprio homem.

Portanto, o que se denomina civilização antiga que é onde se desenvolve toda esta violencia, á barbarie, embora a arte seja rica, exuberante e tambem esplenderosa, não poderá jámais cobrir com o seu esplendor e com a sua riqueza a barbarie que é a essencia da sociedade que opera

d'aquella fórma. De facto, assim era o estado social com todos os seus regulamentos aquelle que conduzia á conquista e á guerra como meio; era o estado psychologico da propria sociedade que não tinha sentimento humano, não tendo horror de taes violencias, e pelo contrario, tinha prazer n'isso e n'isso se exaltava. Se assim não houvesse acontecido não se veria hoje os monumentos com as mais crueis e pavorosas representações; isto quer dizer que o homem tinha orgulho em ter praticado façanhas grandes e gloriosas por meio da violencia, da vingança e da ferocidade; é a demonstração evidente da falta de sensibilidade, de sympathia e de humanidade nos homens d'aquellas velhas civilisações tão decantadas.

Ora, se do aspecto de organização social nós podemos ver uma evolução nos grandes imperios da antiguidade, das sociedades barbaras primitivas constituídas por pequenos estados ou tribus unicamente; do aspecto da civilização propriamente dita, da humanisação, do desenvolvimento dos sentimentos de sympathia e sociabilidade, nenhuma evolução se çomprova. Assim vê-se por um lado uma continuação do estado selvagem primitivo e por outro, uma multiplicação de barbarie refinada nas acções e nos effeitos porque as sociedades eram mais extensas e tinham maiores meios de exercer a força e a violencia. Em todos dominadores e dominados, di-

rigentes e dirigidos, devia estar, verdadeiramente, obtuso o sentimento de piedade e, portanto, forte o da crueldade.

Nenhuma religião valia e vale para diminuir a crueldade, se pensarmos que, no que respeita aos despostas, os seus conselheiros principaes eram os ministros do culto que dominavam o proprio monarcha. De resto, as religiões e os seus ministros, propendiam á maior crueldade; tinham os sacrificios humanos de formas mais ou menos diversas; cousa confirmada pelas victimas da inquisição christã, que foram holocausto e repressão de tempos modernos, na maior violação da liberdade humana de pensar e de querer. Não somos exagerados, affirmando que pelos sentimentos religiosos, nenhum sentimento de humanidade nasceria; aquelles suffocaram sempre estes logo ao seu nascimento.

Um outro traço característico das civilizações antigas é a escravidão, a qual até era legitima no povo mais livre de sentimentos individualistas, da antiguidade, o povo grego. A guerra era uma das causas da escravidão: o soldado vencedor não só se assenhoreava das substancias e dos haveres que encontrava n'uma cidade conquistada como tambem do homem, da mulher e dos seus filhos. Para elle, era uma mercadoria para vender ou para gosar seja como fôr; a mulher estava sob o arbitrio do vencedor; e todos conhecem a dolorosa imploração

de Andromaca a Heitor em que ella predizia a sua escravidão, se Heitor fosse morto e Troia tomada. Os romanos negociavam em escravos em todo o Mediterraneo; os hilotas na Grecia eram, em vista do seu numero, um objecto de terror. Felizes d'aquelles, como o fizeram muitos gregos cultos, que podiam entrar nas familias romanas, assumindo a administração da casa ou a educação dos filhos; porque moralmente tornavam-se senhores, até á emancipação total, passando pelo gráu de libertos.

Os escravos eram obrigados a toda a especie de trabalhos, mesmo os mais graves e difficeis, e eram constrangidos a elles, se resistiam, por meios coercitivos; haviam de trabalhar embora a doença os impossibilitasse; quando velhos e inhabilitados eram deixados na miseria mais horrorosa; Catão vendia-os ao desbarato não sabendo que fazer d'elles. Todos os grandes monumentos do valle do Nilo e da Mesopotamia, da Persia, de Roma, eram na maior parte, obra de escravos, mal nutridos e maltratados e por isso relativamente custavam pouco; todas as estatuas que adornavam a Roma imperial foram executadas por escravos de todos os paizes sob a direcção de artista, estes mesmo tambem escravos ou libertos. Eguamente nos latifundios dos romanos, os cultivadores eram escravos, os quaes andavam mal nutridos e mesmo sem alimentos e portanto obrigados a

tornarem-se ladrões de estrada. Como é sabido, o escravo não tinha individualidade e por conseguinte direito nenhum á propriedade, á familia e muito menos á vida que estava sob o arbitrio do senhor.

A par dos escravos havia uma plebe que embora juridicamente, não tivesse uma condição inferior ou igual á d'elles, andava miseravel e esfomeada, porque n'aquellas epochas ainda não haviam surgido as industrias como hoje; portanto estes esfomeados agglomeravam-se nas grandes cidades, como Roma, e exigiam um meio qualquer de prover á sua precaria existencia. Portanto, egualmente como no Egypto, um povo juridicamente não escravizado, era obrigado a trabalhar como os escravos. Foi assim que os Ramsés construíram as grandes pyramides, o famoso reservatorio regulador do Nilo e o canal do Nilo para o mar Vermelho; os hebreus a respeito d'isto souberam alguma cousa, como os outros estrangeiros que se estabeleceram no Egypto; porém tambem aqui a grande massa era de escravos.

O soldado estava destinado á escravidão; e portanto era egualmente miseravel a condição d'aquelles que eram obrigados ao mister das armas e por conseguinte a ultrapassar os limites do estado e a marcha fatidicamente em paiz desconhecido á conquista e á morte. No caso de derrota, se o soldado não havia sido morto,

inutilisado com tormentos, cego, desfigurado no nariz e nas orelhas ou esfolado vivo, era levado como prisioneiro e vendido como escravo.

Assim, na grande massa popular que constituia um estado, um imperio, a maior parte era de escravos, ou tão miseraveis como escravos.

Afóra os escravos feitos pela guerra, nas batalhas perdidas, havia aquelle processo horri-vel, ainda hoje empregado em Africa, era practicado no Mediterraneo sobre as populações brancas e egualmente em outros logares da Europa e da Asia. Era um commercio lucrativo para os esclavagistas e por consequencia exercido em larga escala.

Mas a escravidão não foi unicamente uma característica da civilização antiga; ella foi originada em povos barbaros e selvagens e continuada nos semi-civilisados e civilisados das epochas passadas. A escravidão continuou a existir até hoje na Europa. Na Russia foi apenas abolida no seculo passado e outro tanto na America.

Desde a Edade-Media até aos nossos dias foi commum a todas as nações e mesmo no estado romano sob os papas; os argelinos exerciam a pirateria no Mediterraneo e obtinham escravos por meio de razzias sobre christãos das costas. Nem o christianismo, como alguns teem querido sustentar, põe um limite á infamia da escravidão, porque até bispos a defenderam quando

com o alvorecer dos novos sentimentos orientados para a humanidade começava a obra da sua abolição; nem o evangelho podia na verdade sustentar a these da abolição porque desgraçadamente n'elle está confirmada a condição social do escravo e do senhor; no evangelho sómente se poderá encontrar a theoria da resignação. Um dos maiores obstaculos para a abolição da escravatura era o facto do escravo ser propriedade privada e servir tão bem o senhor como o boi e o cavallo, cousas que ninguem desejaria perder; e o homem ante o seu interesse egoista é cruel, tanto como é persistente em o conservar.

E' difficil indagar como é que verdadeiramente nasceu o sentimento humano a favor da grande massa da humanidade soffrendo na escravidão e na miseria sem direito á vida e á sua conservação e achando-se ao arbitrio do homem mais forte e mais potente. Mas com certeza, a aurora da nova civilisação foi quando começaram as primeiras luctas pela emancipação dos escravos; pelo trato affavel do homem, qualquer que fosse a sua condição social; quando se começou a sentir, mais que a comprehender, esta egualdade humana na propria carne e na propria vida; quando se começou a ter consciencia d'uma personalidade saliente, d'uma individualidade propria que não se confundia com todos na collectividade; quando o pensamento

se elevou á revolta e quiz ser livre nas suas funcções e no acceitar idêas e conceitos sem imposições autocraticas e theocraticas. Esta foi a revolta da alma e do corpo contra a dupla servidão imposta ao homem nos terriveis tempos das perseguições religiosas e da mesma forma prejudiciaes aos escravos e ao estado.

A nova civilisação para surgir, havia de ter as suas victimas, e estas foram numerosas; na victima está o heroe, o qual é um gigante cuja fronte se confunde com as nuvens, quando lucha e resiste á omnipotencia da egreja catholica e á omnipotencia despotica do estado alliado com a egreja; esta e aquelle conservam-se humilhados, rebaixados, escarnecidos, embora momentanea e materialmente vencedores. O gigante que morre pela liberdade da consciencia humana e desafia os seus carrascos não é um mytho como o de Prometheu, mas sim uma realidade, é o proprio homem que para quebrar as cadeias que o amarram de encontro ás leis naturaes, morre de morte violenta e acaba por vencer.

E' verdade que em differentes epochas se fizeram rebelliões contra a prepotencia. Foram suffocadas em sangue e destruição. Estas rebelliões não podiam produzir effeitos duradouros porque não eram illuminadas pela aureola do pensamento maduro e pela força da individualidade consciente. O movimento collectivo

dos rebeldes não pode dar uma ideia do valor da rebellião: os escravos sob a dominação romana pugnavam pela emancipação dos seus senhores brutaes, emancipação corporal, direi mesmo, impossivel de obter n'uma epocha em que a escravidão era universal e legitima e voz alguma surgia de peito livre para declarar a infamia da condição servil.

Pelo contrario a revolta individual, com o sacrificio cruento em prol de uma ideia e de um sentimento é a que traça a estrada real para a emancipação total do homem; é como que a chama da prisão onde se deseja prender a mente humana e que sómente é aberta com sacrificio. Aquelle sangue das victimas da egreja foi como que a aurora rosada d'uma formosa manhã que trouxe a immensa luz do sol e illuminou todo o bem e todo o mal, a victima heroica e o seu algoz, embora este tentasse esconder-se nos ricos paramentos ecclesiasticos para parecer grande e auctoritario.

Depois vem naturalmente a tregua imposta e acceita fatalmente, durante a qual a humanidade podia desenvolver a actividade intellectual, sem obstaculos e sem freios ficticios impostos pela carta sacerdotal. E' verdade que esta mudou de tactica, com o desejo de vencer, enredando as sociedades humanas n'uma immensa rede cheia de insidias; mas n'esta sómente entram as almas pequenas, as outras seguem o caminho glorioso

da humanidade que avança para a redempção de toda a escravatura.

Mas se com a conquista da liberdade de pensamento e sentimento é inaugurada a nova civilização, não é de crer que desapareça de todas as sociedades humanas a servidão. Deverá correr ainda muito tempo antes que chegue a emancipação religiosa, embora chegasse já para o maior numero; para o futuro menor damno haverá se tal emancipação fôr ao menos completa nos homens da sciencia, que hão-de ser os guias da civilização do porvir e a causa efficiente d'uma evolução cada vez mais avançada; porque o espirito humano individual e colectivo, está subjugado desde as origens da humanidade por aquelle supersticioso terror que creou todas as religiões e com o que elle creou uma serie de problemas que deseja resolver e que são um continuo tormento para elle, conservando o que elle diz ignoto, o que não tem consistencia real mas sim imaginaria.

E' isto que dá vida e alimento ao parasitismo humano social, impossivel de destruir e que tenta destruir a sua victima, ou pelo menos a empobrece: essa enorme hierarchia de frades e padres que são a materia pòdre das nações latinas.

A esta servidão da alma é necessario accrescentar a servidão do corpo, que a nova civilização creou, transformando quasi a antiga n'uma

forma aparentemente affavel e com character de obrigação legal, o serviço militar obrigatorio. Este nasceu, principalmente, quando na Europa os exercitos se tornaram permanentes ; isto é, quando o estado de guerras que deveria considerar-se como um facto excepcional e transitorio, veiu a ser como que uma funcção do estado. A guerra, comprehende-se, entre populações selvagens e barbaras, que não teem outro processo de regular os seus litigios ; e estas mesmas populações nunca tiveram e não teem exercitos permanentes. Constituir exercito estavel, como se a guerra fosse permanente, é uma nova fórma de barbarie, uma regressão social ; é isto o que levou á obrigatoriedade da milicia. E' assim que moços de 20 annos para cima são roubados aos seus trabalhos, estudos, familias, ás suas alegrias intimas para servirem uns tantos annos sob o rigor feroz do codigo militar ; digo *servir* porque o facto é designado como *serviço*. Ora ninguem crê que isto não só é uma limitação da liberdade pessoal, mas tambem uma violencia humana, porque se alguem faltar a elle no dia marcado, é procurado, perseguido e castigado como delinquente.

Quanto este facto de que tratamos seja contrario a todos os principios de respeito pela liberdade individual, pode-se deprehender d'aquelles mesmos que são os elogiadores dos exercitos e das nações armadas. E' caracteristico, o sym-

ptoma de tudo isto nas novas tendencias para reduzir o tempo a dois annos que já foi n'outro tempo de uma duração maior. Por tal, se percebe que não só é damnoso para a vida activa social, tolher a actividade industrial e agricola de milhares de homens habeis nos seus misteres, como tambem é violento o querer obrigar-os á servidão militar por muitos annos.

E' verdade que a invoção patriotica entra aqui habitualmente para justificar toda e qualquer violencia sobre o homem e tambem existe a pecha de revestir com toda a chlamyde inutil da honra, a milicia, escondendo quasi a servidão obrigatoria, e cobrindo-a de proveitos que tambem são illusorios. Estas creações, hoje envelhecidas, nasceram em momentos necessarios da vida de um povo, quando este, estando sob o jugo estrangeiro, se via obrigado á revolta sob a bandeira do patriotismo. Estas creações, actualmente estão transformadas na significação e sómente servem para indicar a estreiteza de sentimento de muitos que egoistamente desejariam ser os primeiros a espesinhar os outros povos.

Mas um novo sopro de civilisação ha de emancipar as populações d'esta nova forma servil, e a milicia obrigatoria, ha-de abolir os exercitos permanentes que são uma educação guerreira e portanto contrarios á tendencia universal pacificadora, á tranquilidade das nações. E ainda

ha um outro motivo que conduzirá á abolição dos exercitos permanentes, aquelle que nasce do industrialismo. O industrialismo, comparado com a milicia que é uma continuação de barbarie, representa uma evolução mais avançada; d'aqui um antagonismo entre uma e outro. Emquanto os estados civilisados conservam as instituições que são caracteristicamente barbaras, nobilitando-as como funcções, o industrialismo avança rapidamente absorvendo uma grande parte das forças vivas e productoras, defraudado, porém, na outra pelas instituições militares que vivem como parasitas, d'elle e dos recursos agricolas; sabe-se bem que estas não são productivas, mantendo-se passivamente com uma parte consideravel do orçamento dos estados. A lucta moderna é esta, que ha-de tornar-se cada vez mais forte; e eu não duvido da victoria e do desaparecimento de instituições, hoje, anachronicas.

No entanto, toda a phase de desenvolvimento social traz comsigo muito mal, junto com muito bem. Foi o que aconteceu com o industrialismo, sob cujo desenvolvimento grandioso nasceu uma especie de escuridão, ao principio inconsciente, e hoje consciente e culpavel; apparece-nos aqui a lucta entre o capital e o trabalho. Aquelles que põem a render nas industrias os seus capitaes e teem portanto milhares de operarios nas suas officinas, desejam auferir o maior provento possivel das mãos humanas que

empregam, impondo excessos de trabalho em troca de compensações relativa e absolutamente inadequadas. E' assim que elles augmentam os seus capitaes desmesuradamente e deixam na miseria os seus collaboradores sem pensar que se elles collocam os seus capitaes como um meio de producção, os operarios juntam a esse meio, uma força viva, a força muscular, sem a qual o capital é um corpo morto, sem valor. E não só dão a força muscular como tambem dão o impulso intelligente, a maior parte das vezes, realisando trabalhos que requerem uma direcção mental e que não podem ser realisados automaticamente e sómente por meio de machinas.

Portanto, os operarios empregam um capital preciosissimo, que lhes vem da vida; porque é que devem trabalhar sómente em beneficio do capitalista e não serem contemplados tambem com o ganho adequadamente obtido?—Depois, porque é que devem trabalhar além das suas forças, da mesma forma injusta como se obrigam a trabalhar os animaes, soffrendo os males provenientes do excesso de trabalho e quiçá a morte antes do tempo? E' este o problema principal da lucta, o qual se propõe todo em favor dos operarios; problema e lucta, dignos da nossa civilisação, na qual ha de desaparecer toda a escravidão ainda existente na terra seja de que grau e forma fôr.

A par d'isto ha ainda o problema da proprie-

dade e o de direito hereditario dos descendentes, contra o que se ergue o collectivismo sustentado hoje pelos socialistas. Esta lucta será talvez a mais difficil de se sustentar por parte dos innovadores e talvez seja difficil de prever-se o resultado d'ella porque o conceito da propriedade privada e individual está intimamente ligado á natureza humana, como uma manifestação quasi primaria para a conservação da existencia; e será portanto necessario modificar profundamente o sentimento egoista que está ao cargo da vida e da sua continuação, antes de se poder obliterar o da propriedade universal.

Eu creio que um compromisso será preciso para a resolução pratica d'um problema que vae sempre manifestando-se pela crescente serie dos chamados proletarios, que teem direito á vida e á segurança da existencia quotidiana. E' preciso conciliar os dois sentimentos, o egoista que é o primordial e o mais potente com o da solidariedade humana nascido mais tarde e augmentado lentamente na communhão civil, mas não supprimido a ponto de se egualar ao primeiro. O individualismo não poderá abolir-se como não se pode abolir o individuo que conquistou uma personalidade distincta e consciente pelo consenso social, pode unicamente limitar-se na forma invasora que tem tomado progressivamente. Como socialmente, para a collectividade o individuo tem já, sciente, ou inscientemente, limi-

tado a sua acção pelo contacto d'outros individuos a quem deve permittir-se ainda a liberdade de movimento; esta limitação tornar-se-ha progressivamente maior encontrando a maneira de conciliar as tendencias individuaes com a actividade pessoal, como se umas e a outra partissem da propria collectividade que não gozará mais de superioridade.

Chamarei a este compromisso *individualismo social*, isto é, a condição e a relação em que os individuos operam com o todo social, d'uma maneira harmonica e conciliante, sem annular as tendencias que se não podem annular, e as naturaes, primogénias e as uteis que se fundem com as necessidades não menos naturaes da collectividade.

E se ainda hoje não se chegou a este compromisso, o motivo principal é que os dois partidos, em lucta, não chegaram a um accordo, pelas extremas exigencias da tradição secular e da inercia humana. Os individualistas teem consigo toda a historia humana e os seus defensores, apesar dos sentimentos mitigados e altruistas terem penetrado em todas as classes sociaes; os socialistas pretendem demasiadamente, a meu modo de vêr, e não é possivel satisfazerem-se todas as suas pretensões. Mas não é aqui que está o mal; poder-se-ha com o tempo vir a uma justa solução pelo bem social e humano. Se se pede pouco obtem-se pouquissimo ou nada; se

se pede muito e demasiado obter-se-ha qualquer concessão; d'aqui a grande utilidade do movimento socialista contemporaneo.

Poder-se-ha resolver com este compromisso o grave problema da pobreza ou do pauperismo? Para se responder a esta pergunta seria necessario fazer um inquerito sobre a origem do pauperismo, e conhecer quaes são as suas causas, immediatas e mediatas. Este phenomeno social está muito ligado a varios outros, á vagabundagem e á mendicidade sobre tudo e ainda á patologia social d'este character; e para dizer alguma cousa diremos que é fóra de duvida que podemos contribuir e alterar as condições sociaes da miseria individual; mas é difficil de dizer em que medida nem como. E' certo que entra como factor primario do pauperismo a individualidade. Nós sabemos como o individuo d'uma condição miseravel e pobre chega á riqueza e ao poder, assistimos a este phenomeno individual: A America é o paiz das grandes iniciativas e de grandes recursos de toda a especie dando exemplos continuos e uteis aos homens ageis e activos na vida social. Não sabemos porém, senão difficilmente, como os homens cahem na pobreza ainda que os vejamos decahir individual e socialmente. Esta consideração de ordem geral leva-me a concepção de que o factor primario do pauperismo se deve achar no individuo, e não na collectividade, a qual póde ser um factor secur-

dario, porquanto não auxilia e não estimula a energia individual offerecendo obstaculos para o seu desenvolvimento.

Se eu devesse occupar-me d'este objecto a que não me propuz deveria indagar largamente todas as causas do pauperismo e quaes as que se poderiam ser consideradas illiminaveis dentro da evolução social. Só posso chegar á convicção de que verdadeiramente ha algumas causas d'este grave mal social. São illiminaveis com a diminuição do pauperismo; emquanto que as outras não, pois que constituem a patologia social. Ha homens que tem energia e saude para applicar a sua actividade e não encontram occupação por falta de trabalho, estes deveriam encontrar protecção e meios para trabalhar, dentro da esphera social, para que a vida humana não seja precaria por falta ou por deficiencia de meios de trabalho.

Ha homens impossibilitados por doença e velhice e ainda por desgraça; estes todos merecem a protecção em um e em outro sentido e devem ficar a cargo da collectividade, como improduttivos. Mas os ociosos, inaptos por outros motivos, psychologicamente inaptos que dão um grande contingente para o pauperismo mendicante e vagabundo, para estes dever-se-ha estabelecer uma protecção social como para os outros? Aquelles são os verdadeiros parasitas sociaes e a collectividade deve adoptar todos os meios para os extinguir. Se os homens se po-

dem dividir em duas cathogorias, em energicos, activos, productivos, superiores aos outros; os debeis, inaptos e improductivos; certamente isto demonstra a dupla origem do pauperismo, o individual e o social, e mais ainda a difficuldade de o extinguir. Ha homens que, dadas as condições favoraveis podem elevar-se da miseria; mas tambem ha os que se conservam sempre na decadencia e outros que avançam n'esta progressivamente. Poderá um socialismo bem applicado e amplo na sua pratica manter sempre o equilibrio entre estas duas tendencias oppostas? Poderá impedir a producção de novos pobres ou ao menos que todo o elemento decadente não cause um estorvo social? E não seria esta antes uma grande fraqueza da sociedade que pode denominar-se constitucional?

Eu penso que tanto nos individuos como no corpo social conhecemos males e causas externas e internas que tornam inevitaveis uns e outros; e como a hygiene tenta varios meios preventivos para as doenças e para diminuição dos seus effeitos, talvez uma hygiene social pudesse fazer uma tentativa e exercer uma acção benefica e util. Mas com isto não se destroem os males e as suas causas; sabem-n'o por demais todos os higienistas e medicos. Apezar d'isto é bem util para o ideal da sociedade humana ter sempre presente o desejo da abolição do mal, para que se possa obter o maximo beneficio possivel.

para a humanidade com a possível diminuição das causas dos males que ora a affligem. Deixemos á patologia e á hygiene social o cuidado pelo pauperismo de origem organica, e tratemos de elevar sempre a vida humana com a diminuição da dôr.

Um outro character da nova civilisação, como uma outra phase evolutiva é aquella que trata da emancipação da mulher.

Eu fallei em outro logar d'esta tendencia manifesta em graus differentes em varios povos, que não teem ainda conseguido tirar uma conclusão. Não é nas origens da humanidade, isto é, em populações primitivas que a mulher deve sujeição legal ou por violencia ao homem; mas em povos semi-civilisados manifestou-se o phenomeno mais no intuito de proteger a mulher reputada debil e incapaz de defeza que pelo do simples principio de sujeição. A emancipação d'esta tutela começa com a emancipação economica não no seu significado moderno, mas com a dotação e riqueza como consideravam os romanos. Mais tarde pela continuação do sentimento legal romano, a sujeição foi consolidada legal e universalmente nas leis modernas de todos os povos civilisados.

Hoje a reclamação é universal, e a mulher exige direitos iguaes aos que goza o homem e a sua liberdade, pede a participação nos negocios da vida publica, quer entrar na fazenda e

ainda na administração publica. Quaesquer que sejam as opiniões sobre os caracteres intellectuaes da mulher e os obstaculos que possam d'ahi derivar por causa da sua vida e funcções sexuaes, nós declaramo-nos franca e altamente que á mulher deve-se conceder a liberdade que pede e que nenhuma opposição legal deve existir para que ella assuma os empregos a que aspira. Deixemo-la em liberdade completa e em independencia absoiuta para concorrer com o homem em toda a actividade social e individual; isto será uma correcção da selecção natural de livre concorrência; e se a mulher puder conquistar a sua posição e puder conserval-a, seja bem vinda ao seu fim que nada haverá a receiar. Isto exige a civilisação contemporanea e a evolução social.

A mulher contribuiu obscura e secretamente em operaria anonyma, em collaboradora inominada do homem, para a evolução social, para a cultura geral e para as primeiras artes que tiveram relação directa com as necessidades da vida domestica. Especialmente no estadio da civilisação elementar a mulher fabricou os objectos do uso domestico, os ornamentos, teceu os seus vestidos e os da sua familia, construiu a casa e poz a pedra da estabilidade na familia e na tribu; curou como enfermeira o marido ferido na batalha ou doente e os seus filhos, acompanhando-os para o sepulchro, arrancou os ulti-

mos gemidos de dôr trazendo a provisão para a jornada da segunda vida; preparou a guerra, encorajando o homem e tratou dos preliminares de paz apresentando-se inerte ao inimigo. Agora emancipada da sujeição legal, livre de concorrer com o homem na actividade social, trará uma maior contribuição para a evolução humana; deixemo-la em caminho livre, e a nova civilização não deve de nenhum modo impedir a actividade humana, de qualquer maneira que ella se manifeste e de qualquer parte que ella derive.

O homem primitivo é um animal violento, aggressivo, egoista, ansioso de appropriar-se dos outros e de dominal-os; tem os instinctos de carnívoro, muito embora não possua os instrumentos ferozes d'aquelle. E toda a historia humana é cheia de factos com o cunho do tal character ferino, desde as pequenas tribus primitivas até aos mais grandiosos imperios do mundo, até hoje. A guerra é a expressão derivada d'essa manifestação violenta, a conquista é o resultado d'isto com o dominio sobre os homens e sobre terras; a mortandade e a destruição são os seus meios, a escravatura, a morte, e a miseria de toda a sorte são as suas consequencias naturaes. Toda a civilização antiga era impressa n'estes caracteres, aparentando como grandiosa a empreza da guerra dos povos conquistadores; é assim que hoje lemos em narraçoes da historia antiga, vendo-os gozar, exaltando-se ante as ter-

riveis emprezas e ferozes conquistas, denominando grandes os conquistadores e os dominadores do mundo. E' a exaltação dos instinctos brutaes e animaes, é a glorificação da violencia e da mortandade. A historia é feita assim, a chronologia assignalada pelos nomes dos conquistadores, dos reis, dos Pharaós e dos principes gloriosos, por meio das emprezas guerreiras. As famosas inscrições de Behistun sobre os montes de Medéa, recordam as victorias de Dario Estaspe e a sujeição dos povos e das provincias depois das batalhas e dos morticinios. As duas columnas ainda visiveis em Roma, a Antonina e a do Trajano recordam as victorias dos romanos sobre os outros povos que appareciam humilhados, vencidos e prisioneiros. Ainda hoje os nossos pintores comprazem-se no desenho dos episodios das batalhas com grande applauso publico, figurando os terriveis morticinios de homens e de cavallos em monstruosos assaltos com espingardas e canhões. Os instinctos primitivos do animal feroz cultiva-se e exalta-se com expressão de farça, grandeza e vitalidade.

Mas isto é um mundo que desaparece: hoje começa-se por aborrecer a violencia individual e collectiva e ainda a guerra como a expressão da violencia legal e fatal. Começa tambem a augmentar o sentimento da vida pacifica para conservar o que se goza e que não se quer

perder. Este sentimento pacifico que está unido ao da estabilidade e ao da vida pacata é relativamente satisfeito pelas necessidades elementares e por qualquer gozo estetico, é verdadeiramente mais antigo de que se julga nos povos laboriosos. Póde unicamente ser obtuso nas populações que vivem ainda em condições primitivas de barbarie, sem industria, e sem commercio externo e amplo, anhelando sempre a preza da guerra ou a eventualidade d'uma transformação. Estes não andavam espontaneamente na guerra para perderem a vida, a familia e a subsistencia, mas eram arrastados violentamente pelas leis barbaras e pela multidão barbara que commandava e governava. Ora este sentimento de paz é muito avançado e oppõe resistencia áquelles que procuram aventuras guerreiras e conquistas; é assim que se desenvolve mesmo nos dirigentes da politica das nações, que não sentindo toda a sua influencia são obrigados a secundar, embora de má vontade, a tendencia universal.

Esta é a aurora d'uma nova era civilisada e esta luz matutina vem da multidão, de baixo e não da de alto em que os instinctos estão ainda no estado primitivo; como o sol parece surgir por debaixo do horisonte, assim tambem muita virtude vem das camadas inferiores. Sejamos nós o povo não de politica mas de vida nova e das novas aspirações que abramos o novo caminho

da civilização a que em seguida os ministros e os parlamentares darão a fôrma legal como se fosse concepção propria; sejamos solícitos em estimular os retardatarios a moverem-se pelos novos caminhos, humanizando-se legalmente, depois do termos humanizado as turbas e as classes dirigentes negligentes, defundindo e desenvolvendo um sentimento que parece utopia mas que é o reconhecimento do respeito pela vida humana, ligado ao sentimento da justiça e da solidariedade; sejamos ainda nós os implantadores do systema da abolição da educação guerreira e da violencia legal, para sustentar a vida de paz e de amor emquanto os plagiarios mascaram de soldado a multidão humilde, fazendo-a passeiar pela cidade, como se isto fosse um meio da educação gloriosa, emquanto que os desherdados representam de *ecce-homo* trazendo quasi como escarneo esta divisa. E' este o signal evidente da evolução e da decadencia d'uma instituição, que se pretende conservar embora de encontro ás tendencias contemporaneas, na substancia e na fôrma; algumas vezes apparecem admiradores com pretensões de a tornar popular e acclamada, pondo-a em ridiculo com os batalhões de creanças com cornetas e tambores em toques marciaes. E' natural que esta instituição mereça na sua decadencia a caricatura!

Mas o mais singular e mais surprehendente

é o facto de, enquanto eu escrevo, ter-se tornado publico e official a pretendida reforma do exercito apresentada pelos socialistas na camara dos deputados que quasi que vem implicitamente reconhecer a necessidade d'um exercito permanente, tal qual o querem e defendem os conservadores de toda a especie. Porventura a supposta economia de alguns milhões no orçamento do estado poderá justificar a orientação politica dos socialistas italianos? Esta reforma poderá pôr em pratica o ideal socialista e, antes pelo contrario, não o destruirá? Eu admirei-me immenso e parece-me que nenhuma justificação pôde ter este facto incoherente e impensado! Nós temos e conservamos uma orientação fixa e constante, embora seja considerada utopica; é utopia tudo quanto não pôde realisar-se subita e promptamente, mas o proprio tempo contém uma idéa que corresponde ao desejo universal. Tal é o sentimento da paz, não armada, pois que é uma ironia que esterilisa e empobrece as nações desviando-as da evolução para que fatalmente caminham.

Este sentimento universal sustentado rigorosamente por todos os partidos e na esphera politica superior, com direcção constante, deve trazer a abolição dos instrumentos da guerra, dos exercitos permanentes e dos mais formidaveis instrumentos, os quaes naturalmente tendem para a guerra, se uma forte resistencia não vem

da parte de todos os povos oppôr-se a este flagello da humanidade. A utopia, como se pretende denominal-a, deve servir de pharol para que a humanidade possa vêr a sua luz, servindo de guia para um futuro pacifico, unico em que se poderá conseguir o bem estar commum e individual.

Que se corra atraz da utopia inconscientemente, se, com effeito, na Europa ha mais de trinta annos não ha perigo de guerra, apesar das potencias terem tido varias occasiões que em outros tempos podiam considerar-se motivos decisivos para a guerra ou para os pretensos conflictos sanguinarios. E não é devido á virtude dos Altos, d'aquelles que governam e reinam, que a guerra se torna mais evitavel e difficil, os dirigentes sentem a forte pressão do sentimento popular adverso á guerra e á conquista. Os arbitros, ou tribunaes da paz, importantes por emquanto, são ainda os indicios da nova civilisação que pretende abolir a violencia.

Mas é preciso absolutamente que haja uma educação geral para este fim humano, porque apesar dos sentimentos da paz existente no homem, é facil despertar o sentimento selvagem, animal, violento e sanguinario, n'uma determinada occasião. E ha por ahi muita gente prompta a invocar um sentimento mesquinho, restricto, egoista e perigoso, que toma o nome de patrio-

tismo; e outros que o provocam excitando o orgulho e a vaidade da potencia de primeira ordem que deve fazer-se respeitada por outras potencias grandes e pequenas; ou sobresahir destruindo a grandeza das potencias rivaes ou ainda como demonstra um triste exemplo recente: obrigar, com a violencia colligada, os pequenos estados a obedecerem a despeito dos outros que os protegiam. O conflicto de Venezuela demonstra a prepotencia armada e a attitude da população que estava por traz d'esta prepotencia para observar e julgar.

E todos os conflictos com a associação dos estados europeus revelaram a attitude dos povos e as suas tendencias mais ou menos elevadas ou modificadas. Na China foram os italianos os que se conservaram menos hostis, aquelles que relativamente respeitaram a vida e a subsistencia dos outros; depois seguiram os inglezes se bem que estes tivessem tropas mixtas, especialmente de origem indiana; os germanos foram ferozes, e os russos ferosissimos, com desejos de renovar os tempos tristes da invazão militar no nosso paiz. Ainda em Venezuela os germanos foram muito prepotentes, procurando todos os pretextos para proceder com violencia. Isto demonstra que na Europa, apezar da cultura a que nós nos referimos n'outro lugar, existem populações ainda não humanisadas, violentas, aggressivas, prepotentes por sentimentos, e entre estas po-

pulações a germanica está nas condições indicadas e a russa leva-lhe a palma.

Os povos historicos que tiveram uma cultura muito avançada nas epochas passadas, conservando-se na vanguarda da civilização, apesar d'uma certa ignorancia na massa e nos individuos, são relativamente mais mansos e por este lado mais civilizados. A civilização, tenho já dito, não consiste no numero de canhões e de soldados ou ainda na posse da melhor cidade, ou nas redes ferro-viarias mais proprias; estes são os productos da cultura e da sciencia, effeitos uteis do progresso para o bem estar individual e social; mas a verdadeira civilização consiste na perca dos sentimentos da violencia e na aquisição do da mansidão e do da paz que são communs com os da sympathy social mais extensa possivel. Ora os povos que entraram na historia mais tarde são os menos brandos e tem menos desenvolvidos os sentimentos da sympathy, são pelo contrario mais egoistas e prepotentes, fazendo consistir n'isto a sua maior grandeza. Como já disse, este estado psicologico do povo e da massa dos individuos é uma continuação do estado selvagem, pouco modificado, adoptado unicamente ás condições da civilização dominante, mas prompto a irromper-se na sua fôrma natural, dada a occasião e a oportunidade, especialmente se estas são revestidas de apparencias legaes.

Educar é a necessidade mais urgente, educar as populações directamente na *sympathia* reciproca da humanidade e na educação, demonstrar a utilidade do estado pacifico, o beneficio da paz universal, e porque o homem quer ser pratico; demonstrar ao mesmo tempo quanto o homem civilisado é superior ao homem primitivo, perdendo a sua violencia e abandonando a prepotencia. A nova civilisação deve seguir o caminho opposto da velha, a qual era grandiosa pelas conqdistas e pela prepotencia sobre populações inteiras; emquanto que a nova deve ser grandiosa pelo sentimento da *sympathia* que unir a humanidade. Esta será conquistada pelo amor, não pertencerá a nenhum dominador, será ella propria.

E sem duvida um novo character da civilisação que quer tornar-se universal, e a instrucção que quer diffundir-se em todas as massas populares, não será limitada a uma classe social ou a nenhuma, como nas nações antigas. A educação e a instrucção universal equalam os homens numa certa medida, acabando a desigualdade que ha na ignorancia; a democratisação é obra da educação, a elevação do homem ás alturas sociaes deriva da democratisação civil da cultura. Ainda temos um residuo, uma especie de sobrevivencia, de desigualdade, nas classes aristocraticas, derivada de familias dominantes; mas estas perdem continuamente,

com os titulos nominaes e inuteis, o poder e a influencia, comquanto que se dê a faculdade de elevarem-se aquelles que tem valor real, que consiste na mentalidade culta e superior.

E d'aqui, a grande febre que hoje se espalha da instrucção e da educação é o legitimo resultado da evolução social e individual do povo, que aprende a conhecer como por esse meio se pode elevar e combater melhor e mais effizamente na lucta pela vida, hoje tão atabalhoada e variada nas suas formas. Ai das populações enredadas ou paradas no caminho, por que estas, ficando ainda muito atraz nas aspirações dos beneficios da civilisação, serão vencidas na lucta travada para a concorrência social e politica. E esta grande febre de instrucção procura penetrar no espirito da mulher, que tenta recuperar o tempo perdido nos seculos transactos, em que esta raramente podia e sabia elevar-se á altura do homem; hoje a mulher avança triumphantemente, infundindo-se de cultura diffusa, e com isso conquistará a sua independencia.

A educação quer ser social e não simplesmente individual como foi outr'ora. Esta mudança que implica uma evolução social, chegou pelo desenvolvimento gradual dos sentimentos da sociabilidade e pelo dos conceitos que esta encerra. Platão na sua utopia estabelecia que o individuo pertence ao estado, que se confunde

com a sociedade, pertencendo, portanto, ao mesmo estado a sua educação; além d'isso na forma communista da politica do Platão não era facil nem util reconhecer a paternidade. O individuo e o estado na concepção platonica não tinham os mesmos caracteres do estado e do individuo na Roma antiga. O estado era tudo, mas o individuo que por este devia sacrificar-se em tudo, tinha e conservava os caracteres especificos e fortes, não se intromettendo o estado de nenhuma maneira na sua educação. Quando chegou a resurreição da cultura na Italia e em outros pontos, difficilmente se comprehende a educação publica, só existe a educação individual como um aperfeiçoamento, ou tão sómente como ornamento! Este conceito dura ainda, e, em varias regiões, não se attingiu até hoje o fim complexo da educação.

O individuo é um ente distincto da collectividade, mas não separado d'esta; a sua actividade, bem assim o seu pensamento não lhe pertencem senão em parte, porque elle recebe da sociedade o seu alimento psicologico e o estimulo para as variadas manifestações da sua actividade, como a planta que recebe do ar e do solo os elementos nutritivos e as energias da vida. D'ahi a sua actividade deve estar em correspondencia com o facto da sua existencia social; por si e pelos outros: por si, como parte, elemento social individual; pelos outros, como

meio social em que elle vive e se desenvolve. Aperfeiçoar o individuo, é aperfeiçoar os elementos sociaes, aperfeiçoar a sociedade é aperfeiçoar o meio em que o individuo deve mover-se activamente: o bem individual é commum e vice-versa. A educação deve portanto ter por mira o desenvolvimento das potencias individuaes para o fim commum social: e assim se harmonizam os sentimentos sociaes contrapostos aos egoistas, que sendo necessarios para a vida, e para a sua conservação, não devem prevalecer de modo a annullar os sociaes.

A sociedade é interessada na educação dos seus membros, por causa d'elles proprios; e uma sociedade que conheça claramente estes seus interesses, occupar-se-ha d'um modo principal da educação como se occupa de todas as necessidades elementares para a propria conservação. Uma sociedade que desconheça estes seus deveres, conservar-se-ha barbara e não fruirá os beneficios de outra sociedade composta de homens educados para o fim commum collectivo, bem como para o proprio fim individual. Quem administra e representa a sociedade é o estado; por tanto as pessoas que constituem os poderes especiaes do proprio estado. A educação publica ás expensas do estado existe em todas as nações constituídas em sociedades particulares; mas esta educação é imperfeita, deficiente e fragmentaria, porque o estado, só há

pouco tempo é que comprehendeu a sua missão educativa, em toda a extensão e significado da propria palavra.

Um dos maiores defeitos da educação moderna é a direcção dubia que se lhe imprime, eivada ainda de ideas pouco claras ácerca dos direitos individuaes e sociaes que se devem conciliar para serem fundidos em um só direito, como o individuo que se acha fundido na collectividade. Depende ainda da acção combinada entre os governantes da causa publica e as proprias massas populares que não tem nenhuma liberdade de escolha no presente caso.

Dois grandes poderes luctam hoje pela educação humana: o estado leigo que tem melhores direitos á direcção social, e o clero que pretende açambarcar a direcção total. Em outros tempos a lucta era entre o clero e homens isolados que luctavam pela emancipação do pensamento e da doutrina fazendo-se victimas e tributando sacrificios; hoje a lucta assume outra forma e proporções differentes, e o clero julga-se victima da prepotencia do estado, e os homens individualmente incitam-no a luctar contra o estado, quando este toma attitudes bellicas. E como estamos na epocha em que se invoca a liberdade de pensamento e de educação, faz-se ainda o appello á liberdade de ensino para se entregar ao clero o maior poder social.

Ora é bem patente o facto de que a educa-

ção ao homem é administrada na sua primeira idade e ainda na epoca em que elle não pode discernir o bem do mal, ignora a vida social e o papel do homem no meio da collectividade. Quem deve dirigir esta educação, legitimamente, é o estado que representa a sociedade e conhece as necessidades e a direcção futura com a sua responsabilidade. Pode um outro poder augmentado abusivamente e por tolerancia do proprio estado arrogar para si as funcções do estado? Decididamente, não. Assim pensamos que ao clero não se deve conceder o poder de educar e assumir a direcção dos deveres e dos direitos que pertencem ao estado. Invoca-se mal a liberdade de ensino, para este ser confiado a todo e qualquer que o queira avocar para si. Justamente se diz e se affirma, porem debalde, que junto com a liberdade de ensinar haja tambem a de aprender. O estado tem obrigações sociaes e para fazer-se respeitado não pode nem deve admittir que um outro poder intruso, derivado do abuso, absorva uma parte ou todas as suas obrigações.

O clero, actualmente, como sempre tem exorbitado os fins do seu mandato, se porventura tem algum; não deve occupar-se mais que do culto religioso, e nunca da direcção do estado, nem da sciencia, nem das artes, porque desde o momento que o clero se intromette em qualquer coisa, altera-a, transtornando-a por com-

pleto para fins que não são sociaes. Hoje ainda o clero, especialmente o catholico, tem-se revestido de caracter politico aspirando ao dominio, e os meios que encontra para esse fim é a educação da mocidade, a quem dá, naturalmente, uma falsa orientação, obsecando a intelligencia e o coração. O estado não deve, pois, tolerar a educação e o ensino sob o direcção clerical. São ainda muito recentes as lutas sanguinarias pela emancipação do pensamento para se restituir aos inimigos da sciencia e da expansão do pensamento o poder de dominar a alma humana. Todos aquelles, pois, que como em França, onde presentemente a lucta é vivissima, e como na Italia e em outros pontos, queriam invocar um principio que outr'ora odiavam, estão sob a obsessão constante dos eternos inimigos da Verdade e do bem, ainda que tenham a pretensão de fazer crer que é a verdade a sua divisa, sendo elles os seus unicos depositarios infalveis. O estado deve ser mais forte e mais energico em fazer respeitar os direitos da sociedade se quer conseguir os fins a que se propõe, e deve impedir d'um modo terminante que nenhum poder nasça nos seus dominios com a pretensão de assumir a direcção de o que quer que seja, que só a elle pertence.

O estado deve firmar ao clero os limites do seu mister, porque este existe, e existe porque

somos crentes; e n'estes limites não se devem encontrar os fins da educação e da instrucção.

A liberdade do ensino deve ser comprehendida no sentido de esta servir áquelles que devem ser educados e instruídos e não áquelles que querem educar e instruir; o estado está na obrigação de offerecer o ensino que diz respeito á sciencia e ás artes, devendo desenvolver os sentimentos da ordem social e os que mais amplamente dizem respeito á humanidade, e humanizar o homem elevando-o na vida pratica. Tudo isto não respeita ao sentimento religioso, que não é o fim do estado, o qual deve ser leigo não devendo ter religião alguma como propria e privilegiada, deve só tutellar as existentes, como tutella a liberdade do pensamento e da consciencia; cabe á familia ministrar ou não o ensinamento religioso quando o julgue opportuno, quem entrar para o clero deve receber d'este o sentimento de ordem e respeito pelas leis constituidas. Por este caminho andar á nova civilisação, destruindo os poderes das castas só admissiveis na civilisação antiga, e entre estes o da casta sacerdotal de todas as religiões, predominantes nas epochas passadas e em civilisações já mortas.

Uma educação livre de preconceitos e sentimentos que recordam a escravidão do pensamento não basta para o ideal humano na evolução social; é necessario que esta seja adapta-

da ao presente, dando segurança para o futuro desenvolvimento intellectual e pratico. O passado é sempre o passado e não se pode regressar a este, e seria mesmo um erro grave e perigoso dos povos, porque isso não só faz não ver o futuro, como elle deve aparecer e desenvolver, mas immobilisa e arrasta á decadencia. O passado é um momento historico na vida dos povos, embora seja um estado grande e glorioso; mas o passado já passado não torna mais, e querer renoval-o é uma aberração de muitos, quando melhor será e deverá de ser o futuro.

Assim a renascença é um erro de visão historica e mental de muita gente, e é preciso dizer isto de alto aos que fallam e escrevem, tentando fascinar a mocidade com a suposta renascença latina. Se por esta renascença se entendesse o resurgimento das nações chamadas Latinas, que, como pretendem, estariam resplandecentes, com os erros grosseiros em que cahiram varios litteratos do tempo, decadentes da grandeza gloriosa que houve no passado, poder-se-hia acceitar, mas então dever-se-hia inculcar o abandono das idéas do passado e o acolhimento das novas idéas e da nova actividade social. Então comprehender-se-hia uma educação consoante á indole dos taes povos denominados latinos, mas sempre com um contheúdo novo e com o futuro que não renova o passado já morto. Mas se por renascença se entende a

renovação do antigo, isto não é tão sómente um erro mas ainda um prejuizo.

Com effeito, chegou na França e na Italia a moda d'esta renascença latina, em que procura-se perscrutar uma superioridade intellectual dos povos latinos em confronto especial com os anglo-saxonicos, pretendendo-se demonstrar a maneira de os superar. Antagonismo mesquinho de palavras mais que de factos, que não allegra os latinos de todas as nações senão para se pôrem em fóco nas conversações sobre tudo em arte, que pretendem ser ainda um privilegio latino. Chega-se a ponto de, na Italia especialmente, propôr-se o latim como lingua universal, como já foi na edade-media; e não se comprehende que uma lingua morta, tão sómente por que é morta, não pode servir o pensamento vivo, não possuindo a elasticidade, nem a facilidade de exprimir pensamentos e factos novos, recolhidos dois mil annos antes e depois que o latim é morto e é cadaver. Se se pensa que o pensamento moderno mais agil, mais rapido e mais rico tem necessidade d'uma lingua mais desenvolvida, correspondente á sua agilidade e riqueza, não se comprehende como o latim ainda embrulhado e tão enredado possa tornar-se adaptado áquelle. E' a crassa ignorancia da evolução linguistica em harmonia com a do pensamento; talvez porque ainda se crê que o sanskrito, o grego, e o latim com toda aquella

architectura complicada de casos, de generos, de numeros, de fórmãs verbaes, sejam as linguas as mais perfectas e as mais evolucionadas. O psychologo, ao contrario, achará que a lingua a mais perfeita é aquella que sem obstaculos e com agilidade souber traduzir os pensamentos e os sentimentos e fôr adaptada á sciencia, á arte, á industria e ao commercio; o typo da lingua n'estas condições é a ingleza, quasi monosyllabica, se não na sua fórmula na sua pronuncia, desembaraçada, livre, vibrante de vida e de energia. Além d'isso ha a acrescentar que uma lingua viva aprende-se mais facilmente que a morta, esta exige um estudo longo e immenso tempo e não se aprende na sua essencia quasi nunca ou jámais, porque o seu contheúdo já não existe. Vestido á romana fareis rir os garotos das ruas.

Oh nossa triste e mizera nobreza,
 Pois se por ti vaidade em nós sentimos,

 Não há loucura maior, com certeza.

Se se deseja que os latinos sejam vigorosos intellectual e physicamente, deixae, oh espiritos velhos, de os educar; elles não devem renovar nada do passado, mas devem trabalhar pelo futuro, com uma civilisação nova pelos ideaes novos. O passado foi glorioso para os povos latinos, por que então o mundo era barbaro;

esse passado seria igualmente barbaro em frente da civilisação moderna, a sua renovação importaria a queda na barbarie. Artes, sciencias, actividade industrial e commercial, communicações universaes, abolição da escravatura, liberdade de pensamento, emancipação da plebe, democracia politica e social, hygiene individual e social, respeito pela vida humana, olhae, tudo isto chegou com a queda e destruição do imperio romano. Que é, pois, preciso de se renovar, e que mais preciso é de fazer renascer? o dominio? Não é este o ideal da nova civilisação, da nova vida da humanidade; eu já o disse precedentemente.

Os povos latinos tem um outro fim diante de si, que terá um ideal esplendido e magnifico. Os povos historicos estão saciados de guerras e de conquistas sanguinarias; os Italianos, como os latinos, tem morto gente em demasia, não queiramos, pois, manchar mais as mãos em sangue, não queiramos fazer mais victimas. Recordemos que fundamos os principios de direito, fundamento que regula as acções da collectividade. E' d'estes principios que nasce o direito publico e o das gentes; os Italianos e com estes os povos latinizados, tem a fundar o direito destinado a derimir as causas da guerra e a estabelecer a paz universal. Com este ideal os Italianos não pensam nem devem pensar nas conquistas e no dominio, e devem, pois, affastar

para longe a tradição romana, que ainda os intellectuaes inferiores e os fracos de talentos procuraram tornar viva e efficaz, esquecendo tudo quanto recorda a guerra e a conquista; a grandeza moderna e a indole d'esta grandeza não deve firmar-se mais na força, mas em obras de paz e na diminuição gradual das dôres humanas. A educação e a instrucção devem ser para o futuro os repositorios dos germes para o desenvolvimento progressivo das novas fórmas da civilisação, deixando para traz o passado já improprio para os fins individuaes e sociaes.

Se a historia ensina alguma cousa, ensina que o que é passado não volta mais, que o passado contém os germens do futuro que se diz desenvolver em novas fórmas; não ensinará jámais que os fenomenos se repetem, e que ella seja a mestra da vida como erroneamente se acredita e se acreditava. Ainda em povos como os latinos pode ella tornar-se prejudicial por que illude com a vaidade da reminiscencia e com a esperança de renovar o que é morto. A educação instructiva para ser util e proficua deve convergir para a vida pratica; pois que todas as energias humanas intellectuaes ou musculares, teem um e unico fim — melhorar a vida humana, e isto consiste na gradual diminuição das dôres e no augmento progressivo dos prazeres. A terra não deve ser um vale de lagrimas, mas um logar

onde a vida tenha um asylo normal e desejavel para todo o ser vivente.

Assim a sciencia será pela vida; é um facto bem conhecido que todas as descobertas scientificas teem cedo ou tarde uma applicação practica e util. Ainda a arte será pela vida, porque deve servir ao goso ideal da humanidade. Por meio d'estes dois grandes productos da intelligencia humana deve o homem sentir-se encaminhado para a felicidade e repouso quando os puder alcançar. Ai, que estamos ainda muito longe! Quantos males, creados pelo proprio homem, não é preciso destruir; quantas fórmulas de instituições sociaes consolidadas com o tempo e com os prejuizos, e ainda com a inercia humana não é preciso abolir; quantos erros, que parecem verdades não é preciso corrigir: quantas luctas devem ainda travar-se antes de alcançar um socego que seja sómente a tregoa, antes de a nova civilização attingir a sua plena florescencia!

Onde, em que parte do mundo desenvolver-se-ha a nova civilização com todas as promessas já ennumeradas. D'onde brotará a sociedade pacifica sem armas e sem exercitos, com o maior desenvolvimento da actividade util para a humanidade?

Aquelle que tiver a paciencia de ler as paginas precedentes convencer-se-ha que todo o ideal que eu julguei representar em volta da civilisa-

ção, como tudo quanto o tem precedido em épocas passadas teve uma area aparentemente muito restricta, do valle da Mesopotamia ao Nilo, do Mediterraneo Oriental a Gibraltar, á Europa e America modernissima, que é uma derivação europea, e que pode por isso, n'este momento, ser excluida do campo original do desenvolvimento, campo demasiadamente pequeno em face do mundo passado e do presente. A evolução humana a mais importante e ininterrupta, se não por causas exteriores de occasião, limitou-se a um territorio restricto que comprehende uma parte da Asia occidental, uma parte da Africa, principalmente o Egypto, e a Europa, menos a parte oriental em limites ainda não definidos.

Mas a area descrita começou a restringir-se com a morte das civilizações antigas; e d'estas se excluem a da Asia occidental e a da Africa com o Egypto, não ficando, portanto, senão a Europa. Mais tarde esta area com a emigração europêa dilatou-se novamente para o occidente, para a America onde a civilização pre-annunciada adquiriu um grande desenvolvimento com promessas d'um largo futuro.

E o resto da terra habitada, perguntar-me-hão, que é mais vasta que a area primitiva da civilização já descripta, não tinha e não tem ainda uma civilização? A America, anterior a Colombo, não deixou traços d'uma grande cultura nem de imperios; e a Asia central e a orien-

tal com toda a civilização chinesa e japoneza não comprehende centenaes de milhões de homens com civilização propria? Toda esta parte do mundo, todas estas civilizações largamente extensas não contem nada na evolução humana que mereça de ser apreciado para o futuro da humanidade?

Seria extranho, senão injusto, querer restringir toda a humanidade civilizada a uma zona tão pequena como a Europa, commetter-se-hia identico erro pensando que a civilização estivesse limitada unicamente a esta area. Uma grande civilização, com todos os defeitos das civilizações antigas, tinha-se desenvolvido na America; do Mexico ao Perú, principalmente, os monumentos existentes nos attestam o seu valor; e tambem no grande vale do Mississipi os tumulos (*mounds*) que se encontram em grande numero revelam uma civilização avançada. Mas, actualmente, esta civilização americana desapareceu, deixando uma obscura recordação, não exercendo nenhuma influencia sobre os povos sahidos da barbarie, nem sobre os outros; n'este comenos espalharam-se pelo continente americano povos e productos europeus que destruíram todo o adiantamento antigo com o ultimo indigena. A civilização americana pode bem servir para a historia, mas não para a evolução da humanidade; fallar d'isso é inutil, ou ao menos superfluo.

Fica a Asia para uma melhor consideração, e da Asia o Oriente com a China e o Japão, como nações vivas e fortes e seculares na sua civilisação rica e grandiosa. Mas o Japão que já experimentou a influencia europeia, renovando-se debaixo d'esta, tornar-se-ha seguramente uma nação cuja evolução será differente da asiatica tanto na fórma como em sentimento. Se se enfronha muito no passado o seu desenvolvimento será commum com o da Europa. Nenhuma influencia tem até agora o Japão exercido sobre a civilisação universal de que eu proclamo o desenvolvimento e a grandeza futura; este mesmo será arrastado na grande corrente europeia e nunca assumirá o character dominante.

A China com os seus 400 milhões de habitantes é relativamente um campo restricto, por que não é aberta nos seus confins, é immensa sim, mas fechada ás influencias modificadoras d'uma civilisação d'outro character. As influencias que tem experimentado vieram dos povos limítrofes e de alguns caracteres religiosos; aceitou o budhismo, de origem indiana, sem contudo abandonar as religiões que professa há tempos immemoriaes.

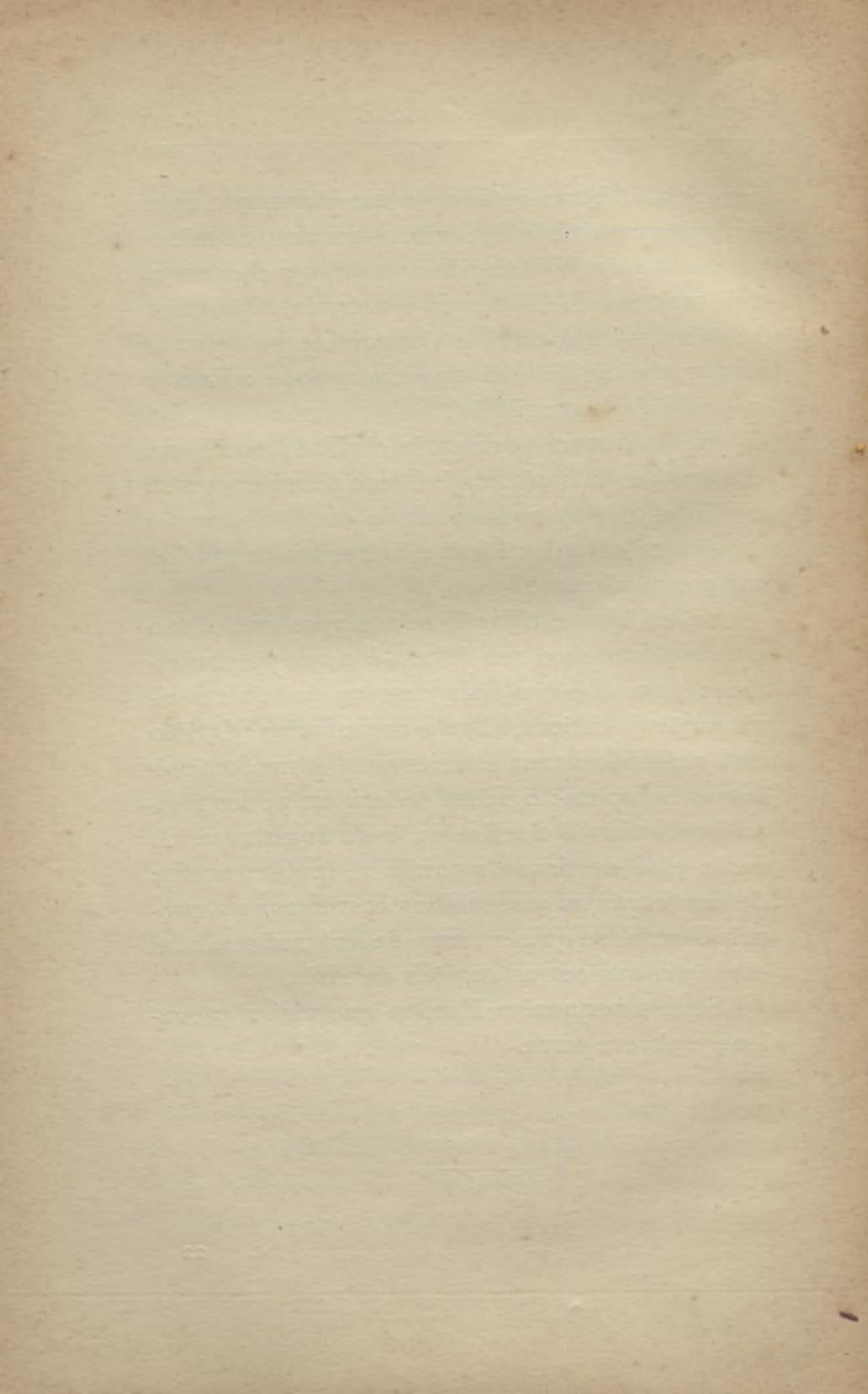
Ora o seu contacto com a Europa é muito grande, pelo mar e pelo norte; e a despeito da resistencia que é producto d'uma inercia millenaria, a despeito da differença dos costumes e dos habitos a China experimentará a civilisação

européia. Aberta interior e exteriormente pela rede dos caminhos de ferro, a sua riqueza mineral e a sua agricultura ficará exposta á conquista dos europeus; e o tempo e a terrível mão dos homens transformará e destruirá essa velha e estagnada civilização que nada pode adiantar na vida da humanidade.

Desaparecerá portanto a civilização chinesa e a sua perda nenhuma influencia terá na futura civilização, que nada poderia obter della, tão longinqua está das ideas e dos sentimentos dos tempos modernos.

Se a China e o Japão se nos apresentam sob este aspecto, se o seu futuro é o que preconizámos; para que nos occuparemos das outras civilizações asiaticas, affins e secundarias? O Sião está reduzido a uma estreita zona entre dois collossos europeus; o Tibet cederá em pouco tempo aos esforços da Russia e da Inglaterra. A India está destinada a tornar-se ingleza apesar de conservar os seus velhos costumes, e a propria Persia, se quizer viver, deverá ceder á fatal evolução das outras regiões da Asia.

Será a pequenina Europa que virá a prevalecer sobre a terra.



IX

A ESPECIE HUMANA MAIS DIFFUSA E MAIS ACTIVA

Creio que o leitor desejará saber se toda, ou só uma parte da humanidade mudou e será capaz daquella evolução de que tanto tenho fallado; e se não fôr toda, que parte nella teem tomado algumas variedades humanas e virão a tomar no futuro.

A esse respeito quero lembrar quaes as causas dadas, ou pela arte, ou pela sciencia, ou por outra actividade collectiva, desde os tempos immemoriaes até aos nossos dias, em que podemos facilmente comprehender os limites a que estão reduzidos os elementos ethnicos activos e diffusos; e quaes, o que é muito util em saber, são persistentes e continuadores da evolução social e individual. O campo deste trabalho humano é composto daquella area já precedente-

mente descripta, isto é, do valle da Mezopotania, com uma expansão para o oriente, para o Mediterraneo africano e primeiramente para o europeu; e em seguida para a Europa inteira com a participação de uma zona da Africa oriental.

O sociologo que não quer reconhecer influencia alguma de raça, talvez só encontre nesta area um valor e significado geographico; mas eu vejo uma outra cousa.

A posição geographica é uma condição oportuna e util para o desenvolvimento da actividade ou para determinar um genero de actividade, mas nunca será a causa nem o seu motor principal. Em povoações similhantes e ainda talvez mais favoraveis do Mediterraneo, não se desenvolveu aquella civilisação que se espalhou, alterada, augmentada, e que a pouco e pouco se difundiu pelo mundo. Daqui o parecer-me que, o character da variedade humana, deve ser considerado como o primeiro motor na origem e na evolução da civilisação, assim como ainda na invenção e no impulso continuo para o melhoramento individual e social. Isto não me parece difficil de demonstrar.

Se quizesse recordar os auctores das varias civilisações mediterraneas, não teria mais que referir em resumo o que outr'ora demonstrei. Os Egypcios pertenceram ao ramo mediterraneo da especie eurafricana e foram, incontestavelmente, os primeiros que, nessa grande bahia,

produziram aquella grandiosa civilisação de que hoje temos as mais evidentes provas na edade prehistorica e nos tempos faraonicos.

Mediterraneas foram tambem as populações lybias, cuja cultura era ainda mais antiga. E da Asia occidental ás columnas de Hercules houve uma serie de povos com differentes nomes ethnicos, mas identicos no seu character fisico, habitantes das peninsulas e das ilhas disseminadas no grande mar, as quaes possuiam, desenvolviam e creavam as variadas civilisações desde a prehistorica á miocena até á hellenica e á latina.

E' verdade que novos elementos ethnicos sobrevieram na Grecia, na Italia e noutros pontos e transformaram as linguas primitivas faladas por aquellas populações; mas elles não foram os portadores da cultura greco-latina a qual deve considerar-se como uma continuacão e desenvolvimento da mediterranea, excepto talvez nalgumas partes e por alguns elementos.

Assim pois as variadas civilisações mediterraneas interrompidas sómente pela invasão ou pela nova influencia estrangeira, continuaram, desenvolveram-se e transformaram-se nas proprias regiões, nos povos da mesma estirpe mediterranea e nos da sua propria, e mais tarde, vieram a diffundir-se outra vez, especialmente na Europa central e septentrional e em parte ainda na oriental.

Noutras partes do mundo antigo uma civilização diversa, igualmente antiga, talvez tanto como a egypcia ou mais ainda, o que é duvidoso, brotava duma população que tinha os mesmos caracteres physicos que as do mediterraneo.

Creio ter tentado demonstrar que os habitantes mais antigos da Mesopotamia foram um ramo mediterraneo que talvez tivesse soffrido qualquer mistura com os habitantes já existentes na região. Demonstrei igualmente que os povos denominados aryos, da Asia, Irani e Indianos, creadores da lingua arya, foram de origem mediterranea; demonstrei tambem que a sua cultura originaria não tem nada de commum com a mediterranea, em quanto que recebia notavel e mesmo copiosa influencia dos valles visinhos dos dois rios. Em seguida, por causa do movimento dos povos asiaticos e da sua transmigração da Asia para a Europa, houve relações muito intimas entre os dois povos, principalmente, por meio das linguas aricas, importadas para a Europa pela invasão dos povos barbaros, que só eram aryas pela lingua aprendida durante a sua permanencia na Asia, com os genuinos e os verdadeiros aryas, pois eram mediterraneos de estirpe; estes emigrantes mongoes foram unicamente os rudes meios de communicação, e importadores do typo linguistico mais desenvolvido do mundo, e no mais,

limitaram-se a devastar a civilização existente na Europa.

Assim pois a zona primitiva da civilização, mais antiga do mundo, foi limitada pelo Mediterraneo oriental, pelo valle da Mesopotamia e pelos povos do mesmo tronco eurafricano e ainda pela variedade mediterranea dos mesmos caracteres physicos. Em seguida esta zona alargou-se pelo oriente para o Iran e India septentrional e pelo occidente para a peninsula iberica. Ainda que aparentemente fossem reputados extranhos os povos que habitavam aquellas regiões, por causa da differença da linguagem e ainda por causa das suas formas cortezes, não eram senão ramos do mesmo tronco, desiguaes e varios na actividade, no augmento, na grandeza e na expansão da variedade mediterranea morena, com a testa alongada e de varias formas da especie eurafricana.

E um ramo lateral despontava do mesmo tronco humano, denominado semitico, por causa da lingua, o qual em tempos prehistoricos passou pela Arabia e se agitava em diversos pequenos ramos destacados, ora pelo Oriente, ora pelo Occidente, nomadas quasi sempre, errantes sempre; e que mais tarde se apresenta na Palestina com os Hebreus e na peninsula arabica donde derivou uma expansão para os mares orientaes da Africa e para o mar das Indias.

Uma pequena colonia do valle da Mesopota-

mia, movendo-se obscura e silenciosamente, quasi sem deixar rastro algum da sua passagem, dirige-se para o extremo-orient e seguindo um caminho que se inclinava para o norte e, aproximadamente, 2400 annos antes de Christo, lança as bases da civilisação chinesa.

Assim pois, esta mysteriosa colonia, apezar de mais tarde occupar immensas regiões e ter sido assoberbada por numerosissima gente, teve uma grande força expansiva, subjugou milhões de habitantes primitivos e selvagens e dispersou-os pelas extensas planicies amarellas tornando-os aptos para o enorme dominio de que ainda se conservam colonos.

Emquanto o ramo mediterraneo se expandia pelas regiões asiaticas e creava as antiquissimas civilisações, o ramo africano, da mesma especie, extendia-se por outras regiões do mesmo continente, do Egypto até a Somalia moderna, pelas regiões dos grandes lagos equatoriaes para o Congo, para a cordilheira atlantica e penetrava pelo Oceano povoando as ilhas Canarias. Não se julgue que parava ahi; movia-se pelo mar para o oriente, invadia a Arabia meridional; penetrava no golfo persico e expandia-se pelo sul da India; depois dirigia-se, como para novas estações, para o oriente pelo Pacifico occupando algumas ilhas, e, alguns dos seus longinquos archipelagos e para a Africa.

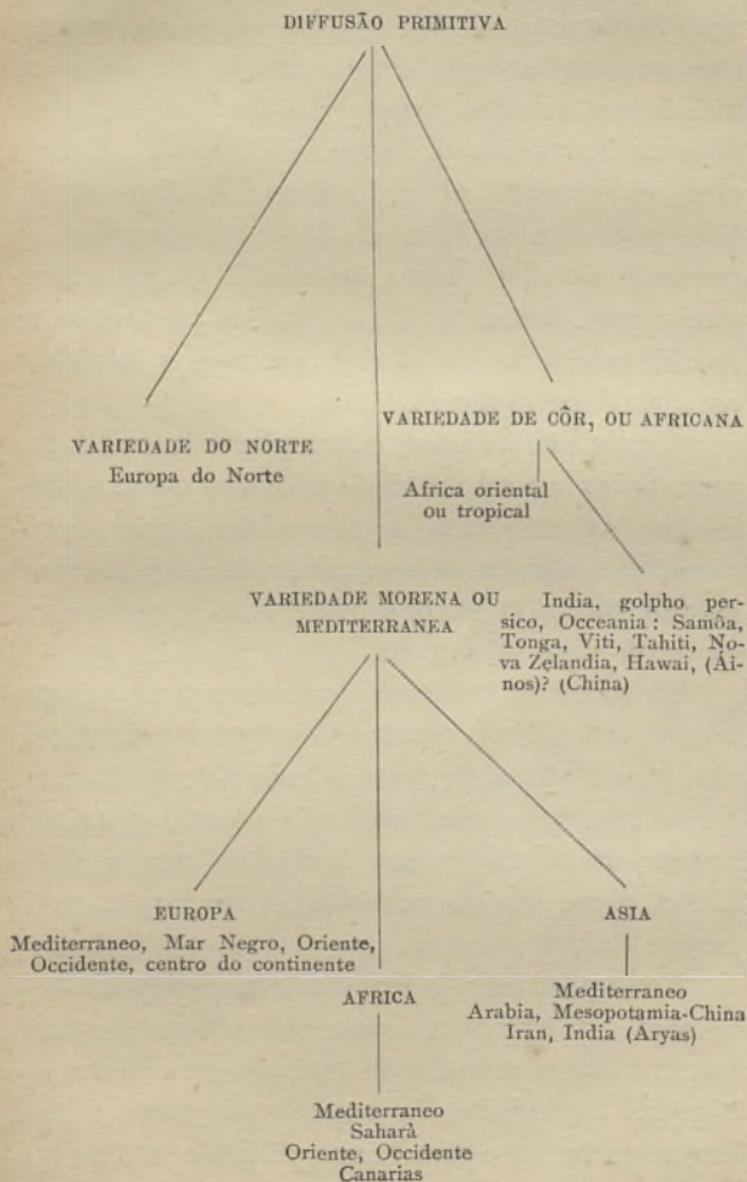
Pela observação dos caracteres physicos de

alguns residuos ainda existentes de typos muito antigos, que occuparam aquellas regiões, creio poder affirmar que na velha Susiana o ramo africano se misturou com o mediterraneo sem se fundir nem desaparecer. Parece porem, que pelo menos os Todas, entre as numerosas tribus indianas, sahiram do tronco africano; e assim como os habitantes de Samoa, de Vita, de Tonga, de Talsiti, da Nova-Zelandia e finalmente das ilhas Hawai, tão remotas e isoladas no illimitado oceano. Provavelmente os Ainos de Yedo ao norte do Japão são da mesma origem dos Todas e tambem eurafricanos. E no grande territorio chinez, nas provincias meridionaes, encontram-se tribus que, indubitavelmente, revelam caracteres communs com as oriundas da Africa e ainda da mesma especie largamente diffusa.

Mas ainda para o norte deve haver uma grande diffusão da especie eurafricana, pela Europa, a partir do Mediterraneo, que lhe banha quasi todas as costas meridionaes. Diversas vezes tenho exposto esta expansão africana, que formou a base da população europea especialmente no periodo neolithico; e tenho egualmente affirmado como, pelas condições do clima e da temperatura, ao norte da Europa o homem africano tinha perdido grande parte do seu pigmento escuro no tegumento, e se tinha tornado branco e loiro como um semialbino, em um lon-

guissimo periodo de tempo millenario. Assim se formou uma nova variedade de especie á qual dei o nome de nordica e que ainda hoje demonstra, pela persistencia dos caracteres esqueléticos, a sua origem commum com a variedade morena, ou mediterranea e com a africana de côr. A distribuição geographica das duas variedades europeas, a morena e a loura, sempre juntas e nunca depois separaveis é grande, até mesmo nas Ilhas Britanicas, na Scandinavia septentrional, na Russia oriental e pelo occidente até ao Atlantico.

ESPECIE EURAFRICANA



Se se quizesse delinear a historia da especie na sua antiga distribuição geographica e na sua actividade, não se deveria mais que recordar o que summariamente expuz considerando as civilisações antigas dos povos do Mediterraneo, com os Egyptios á frente, e depois os Phenicios, os Gregos e os Latinos; e ainda as da Mesopotamia, do Iran, da India septentrional, e tambem as dos Aryas asiaticos. Já descrevemos a area das antigas civilisações pertencentes aos Eurafricanos; e a esta, junta-se a Arabia e as suas dependencias.

Agora observamos outro phenomeno; é que nem todos os ramos derivados do tronco eurafricano se elevaram á altura dos assim denominados; alguns conservaram-se no primordial estado das civilisações primitivas, como selvagens ou semi-selvagens.

Entre estes devem-se enumerar muitas populações da Africa, algumas da India e da Oceania, já incluídas na mesma especie; ainda hoje esses mesmos continuam no estado primitivo apesar do contacto com todos os povos civilizados, e parecendo por isso, outro ramo proveniente doutra origem.

Podemos, pois, affirmar, sem perigo de desmentido, que as primeiras civilisações do mundo foram o producto duma estirpe, ou melhor, de alguma variedade da especie humana, e dahi em seguida, proveio a sua diffusão e a propa-

gação noutras zonas terrestres, para o meio de outros povos tanto da mesma como de differente especie. A civilização chinesa, que é hoje a mais velha e a mais antiga dentre as civilizações sobreviventes não transformadas, deriva ainda como já dissemos, duma colonia que partiu da Mesopotamia.

Mas alem desse, ha tambem que notar outro phenomeno digno de grande consideração para o valor da especie humana de que recordo os fastos gloriosos; é que as outras variedades humanas, posto que estivessem ligadas a grandes civilizações, como seria a chinesa, não tiveram um cyclo de transformações e de evoluções correlativas como as da eurafricana. Isto já eu demonstrei; e de tal phenomeno chegou-se á recente forma da civilização; as transformações e as evoluções tornaram-se favoritas dum movimento translatorio dentro da area descripta. Este phenomeno e ainda o estado favorito da liberdade dos movimentos das fracções humanas, é que constituiram as differentes populações residentes em diversas regiões com condições naturaes ainda que variadas e favoraveis ás differentes actividades, até que as ultimas civilizações da actividade da antiga especie, pudessem transformar os logares pertencentes á futura civilização de toda a familia humana como a da Grecia e a de Roma.

Verdade é que uma nova variedade humana,

asiatica de origem, vem dos tempos pre-historicos perturbar os movimentos da especie eurafricana e interromper o curso natural do desenvolvimento da civilisação creada por esta especie: e, foram os chamados Aryas da Europa, por mim descriptos noutra logar, população selvagem, violenta, emigrada da Azia, mongoes com linguagem arica, aprendida com os eurafricanos asiaticos, arias genuinos segundo a lingua. E' certo que as taes hordas começaram a misturar-se com as populações eurafricanas, cedendo-lhes a lingua e transformando aquella que os outros possuíam. Mas os recém-chegados não se arvoraram em guias para a civilisação futura, pelo contrario, experimentaram o influxo da civilisação dos conquistados, e, conjuntamente com os outros, moveram-se para novas conquistas para a elevação da humanidade na Europa e noutros pontos, e tornaram-se em valiosos elementos materiaes, uteis para a fusão humana por meio de novos movimentos e de novas actividades.

Quem quizer ter uma noção da distribuição geographica na Europa dos eurafricanos e dos eurasios deve recordar-se do que deixei escripto sobre o assumpto e verá que os eurasios, isto é, os aryas de lingua, occuparam na maior parte e occupam ainda o centro da Europa; alguns ramos derivaram para a periferia do continente, como é facil de se verificar, pelo lado

meridional entre o Valle do Pó e a península balcanica, e para o occidente da França, especialmente na Bretanha. A parte periferica meridional e septentrional composta especialmente de peninsulas e ilhas, salvo algumas interrupções, é quasi toda occupada pelo ramo da antiga estirpe eurafricana, com pouca mistura com a outra asiatica ou arya. As ilhas britannicas, a Scandinavia, a Hollanda e a Dinamarca tem uma população que na maioria deriva da diffusão eurafricana, com mistura em algumas regiões e irregularidade na sua distribuição. O mesmo, pouco mais ou menos, se pode dizer da Germania septentrional, onde, todavia existem outras differentes infiltrações. As peninsulas do Mediterraneo tem ainda esta mistura, mas ahi predomina, juntamente com a das ilhas, a antiga estirpe.¹

Alem disso é notorio que desde a invasão dos Eurasios na Europa e depois da grande constituição do imperio romano, em que entraram fazendo parte, os povos da Europa central, occidental e insular do norte e povos mixtos das duas estirpes, houve um grande movimento de povos, emigrações especialmente para as regiões meridionaes, com a destruição do impe-

¹ Veja-se : *The Mediterranean Race. A Study of the of European Peoples*-London. Walter Scott 1901

rio romano e com a constituição d'um imperio central barbaro.

Quem eram os iniciadores do grande movimento e das emigrações?

Os antigos escriptores romanos, os outros que os seguiram, os bisantynos, e os que escreveram as chronicas medievaes quando descreviam os movimentos migratorios dos povos que perturbaram a Europa até á Asia menor, falam-nos nuns homens altos e loiros. Os romanos tinham um medo terrivel destes homens de olhos azues, semi-nús, quando se apresentavam nas batalhas e na tomada de Roma, se alguma vez foi tomada pelos Gaulezes, Cimbrios e Teutões derrotados por Mario, elles julgavam encontrar sempre na sua presença aquelles homens loiros de olhos azues e ferozes na apparencia. Assim é que descreviam aquella massa movel que ondulava do oriente para o occidente, pondo-se depois ao serviço dos romanos imperiaes, e dos bysantinos.

Mas não eram todos do mesmo typo, estes homens irriquetos, invasores sem idea de conquista e de imperio; estavam misturados com os doutro typo, com caracteres physicos differentes tanto no esqueleto como na pelle, nos cabellos e nos olhos. Estes eram a grei e os outros os primeiros guias; aquelles constituiam a grande massa, estes outros, poucos, os emprendedores.

Eram os elementos do Norte que deixavam as suas regiões e vinham para o centro e sul do Europa; eram daquella variedade eurafricana do norte, formada na região septentrional da Europa, do Baltico á Escandinavia, que se misturou com outra de origem diversa, mas menos turbulenta e emprehendedora, uma variedade eurásica, os Celtas, morenos de testa larga e curta, de estatura mediana, porém robustos e fortes, e que invadia uma região mais afortunada e mais desejavel, onde, não podendo mais residir no seu proprio territorio, estabeleceram cerca de nove acampamentos.

Pude convencer-me da constituição dos Gaulizes, como os romanos lhes chamavam, observando os cadaveres dos tumulos gaulezes em Bolonha e em Marzabotto onde numerosos esqueletos se conservam no museu particular do conde de Arya. Ahi vi poucos craneos de typo alongado e muitos de typo largo; os dolicocephalos devem ser os Eurafricanos e os brachicephalos, os Celtas e os Eurasicos. Basta ainda para confirmar esta asserção, ver a população do valle do Pó, onde os loiros são em menor numero, a do Piemonte, a da Lombardia, assim como a de Emilia e ainda a de Romagna.

Finalmente, confirmam esta affirmativa, os tumulos romanos onde se encontram sepultados os Francos e os Germanos.

O typo chamado, de Reihengräber, pelos

antropologos allemães, corresponde á variedade dos Eurafricanos, a que dei o nome de nordica; mas está mais ou menos misturado com o typo brachicephalo especialmente nos tumulos de Hügelgräber.

Que todos, louros ou morenos falassem linguas de origem arica, não admira; já expliquei isto noutro ponto. Os Germanos, louros e dolicocephalos, foram eurafricanos que aprenderam a lingua dos Germanos brachicephalos como os Celtas; dois ramos arias, differentes pela linguagem assim como pelos caracteres physicos.

Phenomeno analogo a este aconteceu na Italia, onde os italianos dolicocephalos uzaram a linguagem arica dos invasores eurasiáticos.

Era ainda a estirpe eurafricana que sahida da região septentrional se misturava com uma população estrangeira e se dirigia na Europa para todos os lados á conquista de novas regiões. Este movimento durou seculos; os Germanos eram indomaveis, como bem o soube Cezar e depois Augusto, cujas legiões romanas tiveram de soffrer derrotas ou obter duvidosas victorias. Estes Eurafricanos só tardiamente entraram na historia porque até tarde permaneceram sem nenhuma influencia na civilisação e como que isolados do mundo.

De então em diante não é possivel encontrar os Eurafricanos senão misturados. Os Eurasicos numerosos, com um forte nucleo na Europa

central, infiltraram-se por toda a parte e ainda os encontramos hoje em diferentes proporções. Na Escandinavia porem, ainda agora são pouco numerosos, assim como na Inglaterra e na Hollanda, encontrando-se pouquissimos na Italia meridional e suas ilhas, assim como na peninsula iberica. São numerosos e prevalecem na Allemanha sul, Baviera, Wurtemberg, Tyrol e Suisa; a França tem o seu grosso nucleo celtico no centro até á Bretanha, como pouco mais ou menos no tempo de Cezar.

Encontramos tambem no norte e no sul da França, infiltrações numerosas e evidente mistura com a antiga especie eurafricana. A actividade e a diffusão da variedade loura e nordica dos Eurafricanos, começou a ver-se pelo anno 1000 da nossa era e, especialmente, com os Normandos. A diffusão deste nucleo de homens do norte, encontra-se na Italia e na Sicilia onde fundaram monarchias e dynastias; em França, onde fizeram a conquista duma região a que deram o seu nome; na Russia, para onde levaram os primeiros germens da civilisação para o meio dos selvagens do Volga; nas ilhas britannicas onde formaram parte não pequena da população; na Irlanda que colonizaram; e finalmente foram os primeiros descobridores da America, do que havia poucos ou nenhuns indicios até ha poucos annos. Verdade é porem, que esta grande actividade não é ainda a da

civilização propriamente dita, mas sim a semi-selvagem, a violenta, a conquistadora pelas armas e só com o intuito de conquistar e dominar; aquella que os tempos semi-barbaros da idade media apresentam.

A Escandinavia de hoje dá o exemplo d'uma civilização avançadissima e pacifica, dominando os mares em que está collocada e que a rodeam.

A actividade da especie eurafricana é ainda demonstravel pelas obras parciaes das populações que são compostas com o numero superior destas e numa epocha em que o Mediterraneo ainda era o campo de todo o movimento civilizador e commercial. Então a Italia sobresahia pelo commercio, pelas suas colonias no oriente, pela cultura que em grande parte se diffunde na Europa e pela descoberta da America devido a um descendente da antiga estirpe mediterranea, a um genovez que se aventura no Atlantico com um Escandinavo, seu irmão carnal, ainda que este tivesse os cabellos louros e os olhos azues e sob as indicações dum geographo italiano, florentino, que modestamente descobriu á sua meza de estudo, o novo mundo.

Portugal e Hespanha, nações mediterraneas, seguiram a aventureosa descoberta; e a ultima ainda que barbara e selvagem no methodo, realisou a descoberta com a conquista e com o imperio hespanhol na Europa e na America.

Phenomeno curioso, mas não inexplicavel;

os povos mais aventureiros e mais activos daquellas epochas, foram os velhos mediterraneos, italianos e ibericos; os do centro, ainda não se movem para a conquista exterior, ainda são barbaros e immoveis. E porque? Porque a antiga estirpe eurafricana no centro da Europa, tem poucos dos elementos em que predominam os caracteres asiaticos, mongoes e aricos; no extremo da Europa estão ainda os Eurafricanos que só se moverão quando forem sacudidos dali e lançados na lucta mundial.

E' ainda onde a arte, especialmente a pintura, tem o seu maior desenvolvimento que predomina a estirpe eurafricana, na Hespanha, Italia e Hollanda, e dahi se diffunde para o centro da Europa.

O povo que mais completa a teve na forma, foi o italiano, porque alem da pintura, teve a esculptura e a architectura, que na Italia fez a grandeza e magnificencia da epocha.

Quando ainda a arte universal não tinha nascido e o sentimento nacional era muito restricto, a arte podia seguir um impulso exterior, mas teve um character local, o que demonstra o espirito da estirpe creadora.

Mas sou forçado a terminar porque não posso escrever a historia desta estirpe e porque seria excessivo o trabalho e aqui deslocado.

Fallo agora da estirpe eurafricana, que, ainda que cruzada com outros elementos etnicos,

teve o seu maximo desenvolvimento e mostra o futuro que terá sobre a terra.

O mais extenso imperio da terra é o inglez; não ha parte alguma do globo onde não se encontre o dominio e a lingua ingleza. Centenas de milhões de homens falam esta lingua e onde o dominio acabou, fica permanente o caracter inglez. Na sua maioria, a população ingleza, que é chamada anglo-saxonia, é composta na maior parte de elementos eurafricanos, morenos e loiros vindos do sul nos tempos prehistoricos e do norte e do oriente, nos tempos já historicos; os caracteres physicos o attestam clara e indubitavelmente. Este povo ainda que tenha comsigo misturados elementos Celtas, conserva maravilhosamente a actividade e expansão da stirpe; assim conquistou um imperio emquanto não fundou um, não menos maravilhoso, os Estados Unidos da America do norte.

Os Inglezes foram como os Hollandezes os primeiros, nos tempos modernos, a abrir a comunicação mundial, especialmente no Oriente; os primeiros a dominar nos mares com seus navios; e como são entre todos os primeiros colonizadores, fundavam colonias tão cheias de prosperidade como se fossem estados independentes e assim o demonstram a Australia e a Nova Zelandia.

Aos italianos ficaram duas grandes qualidades, a expansão e o genio, que é ainda diffundido

e universal. Não ha canto de terra onde não se encontre um italiano; este emigra para toda a parte, do equador aos polos e do Pacifico ao Atlantico, mas tem cumprido, por emquanto, uma missão subordinada, secundaria.

Os italianos não formam colonias como os inglezes, porque se agregam a populações estranhas.

Assim, emquanto povoam a America do sul, perdem o character nacional na lingua e na independencia, não podendo, pela sua condição incerta, nem dominar, nem libertar-se dos vinculos da mãe patria. Ali, na America, podiam ter constituido uma nova população, uma grande colonia italiana, com leis, character e vida propria, e, não o fizeram, estando sujeitos aos estrangeiros; esperamos que o futuro transforme esta condição pouco favoravel ao desenvolvimento desta fracção da estirpe eurafricana. E foi na verdade, destes elementos de velha e gloriosa estirpe, que se povoou a America do sul, porque quasi todos são da baixa Italia e das ilhas.

Seja como fôr, o elemento eurafricano menos mestiço, domina na America do sul com os Hespanhoes, Portuguezes e Italianos, todos ramos do mesmo tronco humano. Até agora ainda não se mostraram habeis e eguaes aos anglo-saxões, que crearam a grande republica do norte, rica, industrial, douta e poderosa.

Creio que o motivo principal se deve procurar na ignorancia, na não preparação dos emigrantes e ainda na da mãe patria; porque em regra, e ordinariamente, os nossos emigrantes partem como forças brutas, sem plano mental determinado sobre o que devem ou deverão fazer; um só fim os guia: ganhar a vida trabalhando.

Mas isto não basta; seria necessario que a Italia e outras nações soubessem dirigir os emigrantes a um fim determinado e mais elevado, e que em lugar de os deixar partir ignorantes e analphabetos, fossem instruidos ácerca dos logares para onde vão e das condições da vida em qualquer parte do mundo.

Então seria talvez possivel ter uma diffusão italiana analogá á ingleza e talvez prospera individual e socialmente.

Mas desgraçadamente as classes dirigentes ainda estão dominadas pelas ideas e sentimentos tradicionaes e anachronicos, não sabem governar duma maneira diversa da que estão costumados, ignorando completamente o progresso da vida humana universal, havendo por isso pouco a esperar dellas.

Mas alem da expansão pelo mundo, os italianos possuem o genio inventivo, e este é tanto da raça, como aquella, e demonstra talvez o valor desta especie de que tento fazer a apothese. O genio italiano que se revela na arte,

na sciencia e nas suas applicações uteis, é tam-
bem expansivo, não se limita aos confins duma
patria, não conhece exclusivismos, nem invejas,
é universal, mundial, humano e porisso desen-
volve-se logo que aparece e pode revelar-se.
Contem instinctivamente, o germe duma huma-
nidade sem limites de nacionalidade e sem pa-
tria, que deforma as ideas e os sentimentos gera-
dores das discordias e das guerras; é como que
a manifestação duma energia ideal, que unirá os
povos e as nações pela arte, pela sciencia e pelo
mais desenvolvido sentimento de humanidade.

Sabemos agora já que duas principaes espe-
cies humanas habitaram a Europa, das quaes
uma é a Eurafricana, que temos visto activa e
diffundida pelo mundo; outra, a Eurasica, vi-
vendo já nos tempos prehistoricos da Asia e que
corresponde, pela lingua, aos Arias.

Esta ultima soffreu a influencia da primeira
e misturou-se com ella em differentes propor-
ções, chegando nos ultimos tempos a tornar-se
emula e concorrente da sua rival.

Os maiores emigrantes foram os Escandina-
vos, Inglezes, Italianos e mais tarde os Alle-
mães, especialmente os do centro e do sul, que
ainda hoje se movem; mas em primeiro lugar
estão os do norte, os mais misturados com os
Eurafricanos e com as outras raças, ainda mais
moveis e menos sedentarias dos outros alle-
mães, como os Bavaros e congeñeres.

A civilização, a cultura, a arte, a sciencia, as communicações continuas e a contiguidade, unem a Europa toda como uma nação e como uma especie; uma aprende da outra, imita-a e impõe-se no mundo como se fosse uma só.

Os inglezes prevaleceram até hoje na conquista e na colonisação, agora os allemães puros ou mestiços, do grande imperio germanico, concorrem e tentam suprimi-los; quando encontram difficuldades unem-se, vão juntos á conquista e á colonisação. Mas em poucas occasiões os allemães se juntam aos inglezes como costuma succeder nos Estados Unidos da America em que perdem a lingua para se utilisarem da anglo-americana; nisto assemelham-se aos italianos que se juntam aos hespanhoes e aos portuguezes da America do sul.

Assim, até agora, a superioridade é dos Eurafricanos; mas na conjuncção final pode-se prever que se fará a fuzão das populações europeias e então comparando-se o character da raça na sua cultura commum, a Europa será a dominadora do mundo.

Parece-me que ás duas stirpes acontece o mesmo que tem acontecido sempre, tanto nos tempos prehistoricos como nos historicos; quem guiava as invazões gaulezes na Italia e noutros pontos, eram os Eurafricanos e a massa guiada era a dos Eurasicos. Assim nas invazões medievaes, primavam os Francos e os Germanos con-

quistando as regiões e, esse grupo, era o producto mestiço das duas estirpes, uma das quaes era só a força bruta e a outra a força directriz e imperante. Hoje esta estirpe asiatica tornada europeia sob a direcção dos eurafricanos, adquiriu finalmente a nova phisionomia propria dos europeus, como a cultura, os costumes, tendencias, abandonando em parte os caracteres asiaticos que se podiam perder.

A mistura completou a obra do habito. Assim tambem os Eurasicos podem concorrer como os europeus á conquista do mundo. Porem ainda em muitos pontos são semi-selvagens, teem e conservam a rudeza mongolica, a ferocidade asiatica pouco mitigada ou sómente attenuada, da soldadesca em acção. Ainda na Allemanha os eurasicos são rudes e semi-barbaros; mas os mais proximos dos eurafricanos, na França e na Italia, são mais civilisados, porque nessas regiões teem estado mais em contacto com os da outra estirpe.

Seja como fôr, a Eurafricana é a estirpe mais diffundida, mais activa, mais invasora, mais civilisada, mais fina e mais humana, e, se exceptuarmos alguma fracção, a mestra da cultura antiga e moderna no mundo, aquella que produziu maior numero de homens de genio e que se conservou mais universal no pensamento e na acção.

A Eurasica adquiriu-a, depois das suas in-

vasões prehistoricas e acceitou, a pouco e pouco, a civilisação mediterranea; imitou, até onde poudes, o pensamento e a acção dos Eurafricanos e deu uma phisionomia propria á propria acção e ao proprio pensamento. Primeiramente alumna, igualou-a, tornou-se depois rival e por fim europeizada, uniu-se definitivamente á sua antiga mestra da vida social.

Hoje é impossivel separar estas duas estirpes, humanas pois, tendo conjuntamente qualidades e caracteres proprios, podem triumphar no mundo e conquistar a supremacia universal.

Assim, o latinismo, é um erro de visão, do mesmo modo que a miopia e o estrabismo; o que é morto não renasce, o que foi não tornará mais a ser; o mundo europeu moderno não será mais latino, nem mesmo nos povos de origem latina e não é contra os anglo-saxões e allemães, mas sim com dos allemães e anglo-saxões. Tudo tende para o nivellamento civilisador e humano, mas conservando-se differentes as linguas, como se conservam e não se podem destruir, os climas, as latitudes e as condições especiaes do meio.

Como já disse, a raça e a especie humana, com os seus caracteres, ainda vale alguma cousa.

A pequenina Europa ainda invadirá o mundo inteiro habitado por numerosissimos seres viventes? E que acontecerá ás outras especies

humanas, especialmente á chamada amarella, de que a China é a maior representante? Não poderá por sua vez o Celeste Imperio com outros paizes da mesma raça, assumir a hegemonia mundial?

Quem segue os acontecimentos de algum tempo, sabe que as variedades inferiores pela cultura, actividade e pela côr, desapareceram na America do norte em frente das invasões europeias, assim como no Pacifico, na nova Zelandia, na Australia e seus numerosos archipelagos; sabe mesmo ou poderá prever facilmente que a Africa está destinada á mesma sorte e que o negro desaparecerá, ainda que em epochas muito longinquas, conservando-se por emquanto submettido aos europeus.

Deixemos a America do Sul e a Asia com seus imperios e suas enormes populações.

A America do sul será uma conquista europeia e, especialmente, dos eurafricanos quasi puros, porque a vemos occupada especialmente de Italianos do sul, assim como de Portuguezes e Hespanhoes.

As raças indigenas cederão, a pouco e pouco, o terreno ás novas colonias. Se pois, como parece, os Americanos do norte abrirem um caminho que ligue as duas Americas, a invasão dos Estados Unidos completará a obra e, os dois grandes continentes serão definitivamente habitados por europeus, em que prevalecerão os eu-

rafricanos de todas as variedades, desde os Escandinavos até aos italianos do sul.

A Asia é difficil de conquistar pela colonização e, mesmo direi, impossivel; ahi não é facil que os habitantes cedam o terreno aos europeus, porque são muito numerosos e a China tem uma civilização millenaria e não é como os Pelles Vermelhos ou os Botocudos da America, nem ainda como os do Congo. A China resistirá á invasão europeia e pode resistir por muito tempo.

Mas se a conquista não fôr territorial, senão em parte, e ali não se poder fazer a substituição dos habitantes da China, pode todavia sê-lo pelo lado da civilização; o exemplo foi dado expontaneamente pelo Japão que se tornou europeu nas instituições civis e assim poderá sobreviver á catastrophe da raça humana e resistir á invasão da raça mais activa do mundo.

A China, essa mesma, assumirá a forma da civilização europeia; e isto será ainda uma conquista, uma invasão vinda da Europa; aceitará lentamente a evolução social, como aceitará mais tarde a forma de viver, mais facil para a vida quotidiana.

Tudo isto não é difficil de prever porque dóra avante a China estará cercada de europeus por todos os lados e que occuparão pelo oriente as entradas, as costas e uma parte do territorio meridional e ainda uma larga zona ao norte;

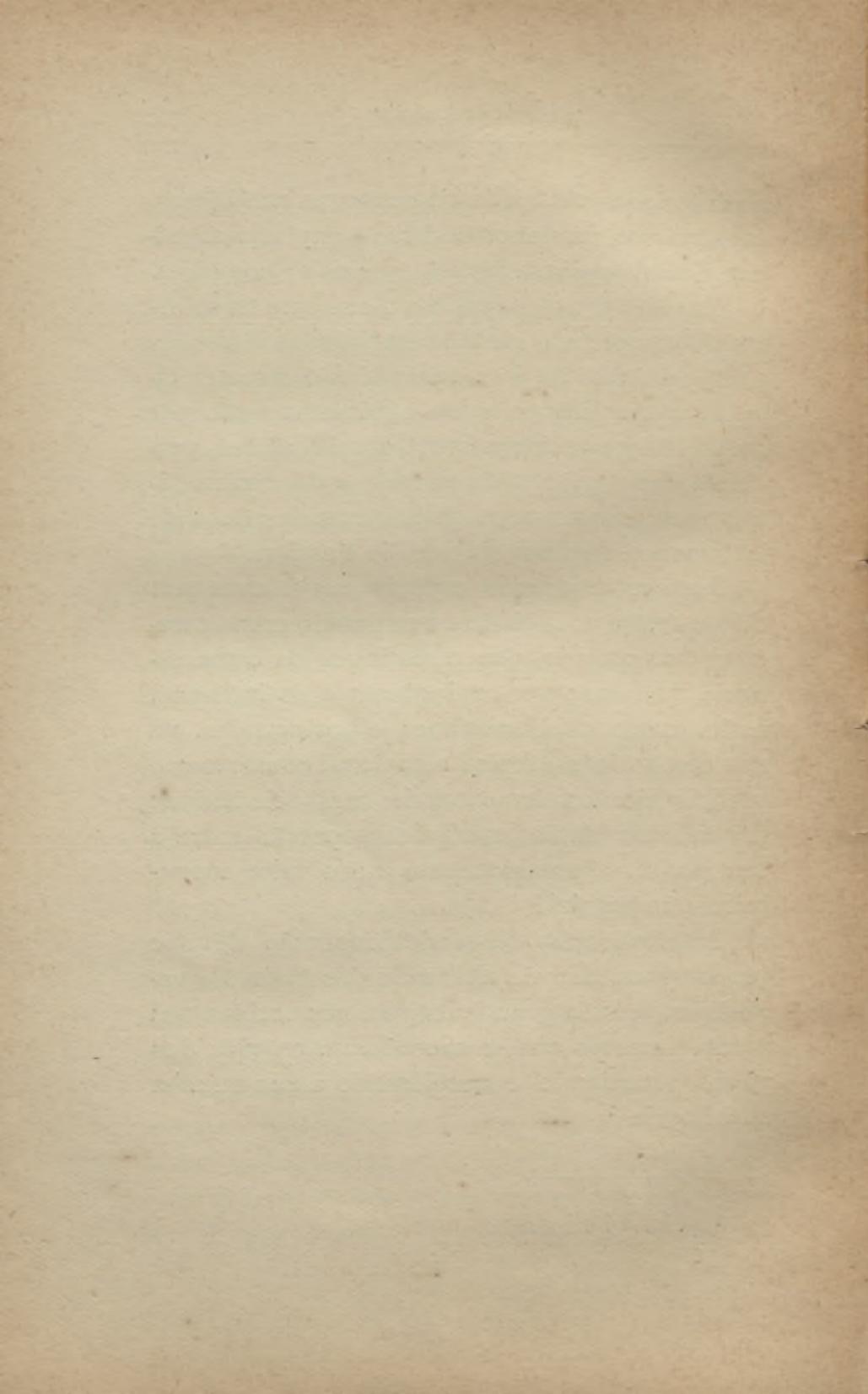
no interior serão ainda os europeus que hão de construir os caminhos de ferro e explorar as minas, ficando assim a invasão variada e completa.

Então haverá em toda a Asia uma transformação completa, e, cortada em todas as direcções pelo caminho de ferro, assumirá o character civilisado da Europa e os habitantes serão por muito tempo a força bruta dos invasores, perdendo tudo quanto de proprio e de caracteristico tem conservado em milhares de annos de isolamento do resto da familia humana.

Mas se a grande especie eurafricana tem tido e tem a actividade e a expansão como caracteristico proprio, que a distingue da outra especie humana; se os inglezes e os italianos, assim como os hespanhoes e portuguezes, na sua composição ethnica e nacional conservam o predominio dos elementos desta especie activa; donde vem então, tanta desproporção entre o seu poder, a sua riqueza e o seu valor economico e industrial?

A explicação desta desproporção deve-se procurar na historia alternada dos muitos e variados ramos da grande estirpe, nos accidentaes acontecimentos que se succederam na vida dos povos, retardando e accelerando a sua marcha na historia ¹

¹ Vide: A introdução.



X

AS NAÇÕES E A HUMANIDADE

Na historia da evolução social a individualidade dos povos tem tido varias faces e diversas significações. Nas condições primitivas da humanidade não existiam povos, mas sim tribus, pequenas unidades não dilimitadas pelos caracteres ethnicos, antropologicos e ethnograficos, unidades incoherentes duma collectividade que poderia ser um povo. Uma segunda phase é representada pela fusão das taes unidades como elementos de uma e unica individualidade que pode ser formada por elementos heterogeneos, isto é, doutra origem e com caracteres differentes

Foi desta fuzão que se originou o povo.

Este povo, nas epochas passadas da vida social, não tinha os caracteres, e, por assim dizer, a côr do que hoje se entende por povo ; porque

não é sufficiente, para forma-lo, a presença e a fuzão material dos elementos componentes, é preciso tambem que tenha um caracter legal e politico que una todos os homens, uma unidade coherente. O povo era, na antiguidade, a massa humana inferior a quem se negavam muitos direitos, e, em especial, o da participação do poder exceptuando, alguns, nalguns estados. Os que tinham o direito de governar e ainda outros poderes, não pertenciam ao povo.

A nossa linguagem hoje não corresponde á dos Egypcios e dos Persas e nem mesmo á dos Romanos. Na moderna significação não existe o povo; nivelámos todos os componentes de uma sociedade qualquer que seja a posição social ou o titulo que ainda exista nalguma familia; este ultimo é um residuo formal e sem valor real na composição collectiva.

Sómente na livre e antiga Grecia, o povo teve uma significação affim da moderna; em Roma este distinguia-se tambem da plebe, assim como dos patricios e teve de conquistar muitos direitos, com violencias e rebeliões, especialmente para se poder legislar. Nas mais velhas e poderosas monarchias não havia senão dominadores e dominados, na constituição social não existia o povo.

Tambem não existiam o que se chamam nações, na moderna accepção da palavra; existiam no significado ethnico, como um ramo humano

doutra familia, como um povo dominado, alliado ou inimigo. Os Gaulezes e os Germanos eram nações para os romanos, como gente de diverso character ethnico, pelos costumes, pela lingua e ainda pelos seus caracteres phisicos. Os Gregos, na sua lingua, chamavam *ethnos*, á nação e dahi a sua derivação e significação. Os Parthos, os Egyptios, eram nações na accepção ethnica, não eram povos, nem componentes duma sociedade com caracteres difinidos no sentido moderno.

Nação, na linguagem moderna, comprehende tambem elementos ethnicos diversos, mas fundidos socialmente no estado, falando a mesma lingua e possivelmente delimitados geographicamente. A nação formada politicamente é modernissima. Na antiga Roma, era a cidade e a assembleia dos cidadãos de Roma com um character politico universal; as outras cidades de Italia não tinham a importancia de Roma. O cidadão duma cidade ou dum municipio italiano tinha direitos e prerogativas limitadas, e só naquelle municipio; o cidadão de Roma tinha todos os direitos dentro e fóra da cidade. A Roma de então comprehendia a Italia, as provincias, o Imperio; podia-se ser romano nas Gallias e na Africa. Assim pois, se por um lado era restricto o character do cidadão romano, por ser sómente de Roma e só o podia conseguir como um privilegio; era por outro lado amplis-

simo, era como que um caracter humano sem limites de nacionalidade, e todos os homens livres, pertencentes ao imperio romano tinham a possibilidade de ser cidadãos da cidade universal, sem differença de lingua e de outro caracter ethnico. Roma assume assim um caracter mundial e mesmo duma extensa humanidade e, porisso, mais universal que a moderna nacionalidade.

Mas este phenomeno foi transitorio na historia social. Roma devia perder o seu immenso poder e tambem o de cidade universal. O phenomeno e o conceito encerravam-se no caracter do municipio, comunidade limitada, restricta e verdadeiro retrocesso para humanidade social. Os municipios autonomos tornaram-se inimigos uns dos outros e concorrentes para o dominio e para a supremacia. Só a nação, com os caracteres modernos, podia unir os municipios deixando-lhes a autonomia administrativa.

A nacionalidade substitue a qualidade de cidadão romano e é mais extensa, porque não constitue privilegio de cidade, bastando ter nascido nos confins do territorio nacional para ter os mesmos direitos; mas é tambem mais restricta porque não é universal, humanamente extensa, como a de cidadãos romanos, que aceitava homens de origem Bretã, Germana, Africana e Asiatica.

Mas ainda que a qualidade de cidadão do

mundo, tivesse tido um caracter extenso e mesmo universal, era porem indeterminado no significado que entendo dever dar e que parece ver-se na humanidade futura, a qual não deverá ter uma cidade, embora grande e privilegiada, como cabeça da vida social, como centro e periferia, nem deverá comprehender um numero restricto e selecto de homens, como comprehendia a cidade romana. O homem, nascido em qualquer ponto do globo, deverá ter os mesmos direitos e deveres, em qualquer outro lugar para onde vá, como hoje teem todos os individuos que se dizem pertencer a uma nacionalidade.

Este será o pensar da humanidade futura, que nas nações não verá barreiras, nem inimigos, nem estrangeiros e não opporá obstaculos aos movimentos de nenhum homem sobre a superficie da terra.

Nas nações, como hoje estão constituidas e governadas, existe esta tendencia, que indica já um futuro no qual todas as fronteiras desaparecerão ; esta é uma verdadeira e grande evolução social e então, abertos os caminhos para a victoria final, abertos em todas as direcções e desembaraçados, apesar de todas as resistencias, o commercio, as trocas de productos, os tratados, as acções reciprocas, a sciencia, e a arte, serão os laços que hão de unir os povos mais diversos e mais affastados.

Mas o periodo desta transformação social que caminha para a unificação universal, é tempestuoso por causa dos obstaculos que a miudo encontramos no caminho. Ainda assim, o commercio, com os seus tratados, tem conseguido vencer o proteccionismo, residuo, como sentimento, do primitivo sentimento que se transferiu da tribu á nação, residuo da restricção mental prehistorica tornada nacional, que contem como prejuizo occulto, um sentimento que parece sublime, o patriotismo. Apesar deste grande obstaculo que tem relação com todos os interesses particulares e com o desenvolvimento da actividade quotidiana, o trabalho da ligação e amizade internacional produz bons effeitos nos tratados que se tornam cada vez mais lactos e mais concessivos. O homem precisa conquistar a pouco e pouco e fazer calar ou extinguir o seu egoismo natural, mostrando-lhe as vantagens deste sentimento quando é moderado e as vantagens da maior intimidade nas relações humanas. Mas frequentemente, hoje, mais que os homens praticos da vida, são os homens politicos que conservam a restricção mental e põem os maiores obstaculos ao desenvolvimento da idea e do sentimento da mais ampla e sympathica sociabilidade; porque estes politicos que julgam zelar os interesses dos seus representados, são um grupo de homens que vive isolado na nação, e que faz isso, porque

julga ganhar privilegios com esse isolamento. O mundo social é como o mundo physico, em que a luz entra onde não encontra obstaculos ; e a luz é actividade, calor, vida e, por isso apesar da porta fechada, a luz entra e é preciso supportal-la e soffrer-lhe os effeitos sempre uteis.

Assim acontece nas sociedades humanas, onde se procura com leis coersivas, impedir a evolução para uma humanidade mais universal e mais completa. De todos os lados se sente a necessidade de alliança e de fazer tratados reciprocos ou de commercio ou industriaes e materiaes, ou tambem para a segurança social e para protecção aos proprios cidadãos rezidentes fóra do paiz.

Mas ahi ha dois grandes caminhos, que, melhor do que tudo, abrem larga passagem á humanidade, que educam melhor que os tratados e que os interesses materiaes, o sentimento duma humanidade sem divisões, sem barreiras aduaneiras e sem differença de moeda e de lingua : são a arte e a sciencia.

A sciencia não pode ser unica, se é a interpretação do quanto se aprende dos phenomenos que se produzem no universo, sejam de character physico, sejam de character vital e mental ; uma sciencia nacional é um absurdo, que até agora tem sido accete com grande satisfação das intelligencias curtas.

A sciencia, essa luz da vida mental, é uni-

versal como a que sobre a terra derrama o sol, e não é privilegio de nenhuma nação, nem de nenhum homem em particular; pelo contrario, une-os, porque envolve plenamente a todos, illuminando-lhe a intelligencia e dispersando todos os pensamentos e ideas, que podem na ignorancia da humanidade, estorvar esta unificação universal. Esta ligação, obra da sciencia entre os homens que nella trabalham, não deixa de aparecer nos maiores desastres, e foi sempre a lampada que guiou as nações, inimigas por outros motivos, para a paz e conciliação.

Este laço que nenhuma linguagem pode interromper, permanece como um dos factores da evolução scientifica, porque as intelligencias de toda a humanidade teem para elle contribuido com o fructo do seu trabalho de invenção e aperfeiçoamento.

Mas a arte tem talvez maior força de sympathia porque é mais facilmente comprehensivel, e ainda mais universal entre os homens, mais proxima do sentimento; faz vibrar a corda commum de todas as especies, de todas as nações, ultrapassando o echo das linguas faladas, mesmo incomprehendidas, e pouco sympathicas pela difficuldade em as perceber.

Ha ainda quem queira limitar a manifestação artistica e torna-la nacional, ou como privilegio ou como superioridade, e instigar o odio e antipathia entre os differentes povos, como

por concorrência ou por inveja. Mas não poderá vencer o poder da emoção suscitada pela musica, pela forma representativa da pintura e da escultura e pela grandiosidade architectonica, poder que vence e derriba o egoismo e que esconde a miséria dos espiritos acanhados no nacionalismo patriótico.

Assim pela sciencia e pela arte, o homem perde a patria e a nacionalidade para conquistar a humanidade; e as nações rompem as fronteiras para se confundirem numa humanidade sem limites, excepto os marcados pela terra habitada. Este phenomeno existe, não é utopia, não é imaginario, e existe apesar de haver nações, povos e homens que dirigem a vida social ou politica e que tendo uma intelligencia e sentimentos acanhados, não comprehendem a idea da humanidade e a união pacifica dos povos.

Mas o que é peor é que ha povos, entre si inimigos, vivendo sob o mesmo regime; e são inimigos porque fallam linguas differentes, pelo que se julgam estrangeiros, como nações constituidas, que querem e devem viver separadas e, até mesmo, supprimirem-se.

A Austria, com as suas differentes populações de diversas linguas, dá este triste espectáculo ao mundo, e demonstra que os homens ainda são primitivos e selvagens, apesar da sciencia e da arte que são universaes e humanas, ou, melhor dizendo, cosmopolitas.

Slavos e Germanos, Slavos e Italianos, julgam-se differentes e inimigos, porque fallam tres linguas diversas; apezar daquelles serem da mesma origem, salvo alguma mistura, não só physicamente considerada, mas ainda pela mesma lingua, porque as linguas slavas e germanicas são dialectos ou linguas affins assim como o italiano, isto é, todas de origem ariana.

A cegueira do egoismo esconde o parentesco commum; suscita uma lucta perigosa para todos, e mostra ignorancia a mais profunda nos homens que excitam esta dura e terrivel lucta que nunca terá fim. As nacionalidades são formas ficticias, aglomerações incoherentes de diversos elementos de raça e não raça; e também são divisões humanas incertas e duvidosas, que conduzem a uma lucta inutil e perniciosa.

E' este o triste exemplo que nos dá o império austriaco, porque, muito evidentemente, é igual ao que nos dá a Europa inteira entre as nações que aspiram á supremacia, á conquista, á colonização, ao dominio territorial; dahi o ciume e depois a lucta que se pode tornar terrivel e sanguinolenta por meio da guerra. Assim a evolução humana é sómente parcial ou diz respeito unicamente aos sentimentos e á parte da intelligencia que não pode ser conquistada pela força e pelas armas, nem pode ser impedida de sahir pelas barreiras nacionaes ou aduaneiras; isto é, a mais pura, a mais etherea

manifestação da humanidade. Nós, que disto vivemos, sentimos toda a força e harmonia que daqui provem e não duvidamos que a evolução completa do homem, ou individual ou social, sozinha ou nos limites das nações, estará sujeita ao influxo gradual, mas seguro, da sciencia e da arte sobre o espirito humano, que se purificará então de quanto ainda possui de primitivo e de selvagem.

Porque os povos ainda estão deslumbrados pelo sentimento do imperio e do dominio universal e as nações poderosas estão invadidas pela febre imperialista e ainda não estão afeitas a conterem-se nos limites em que a força e o desejo de dominar não podem desenvolver-se, emquanto que nas nações mais fracas, deve de qualquer modo actuar a influencia é a prepotencia dos grandes. Este sentimento de imperialismo tornou-se consciente, e manifestou-se não só com factos mas ainda com intenções determinadas, segundo as quaes as nações pequenas devem desaparecer e ser addicionadas ás grandes e poderosas. Esta é a direcção da politica europeia, ha alguns annos, emquanto que os imperialistas se ameaçam ou aparentam ameaçar-se de guerra por motivos ambiciosos. Daqui provem um estado de equilibrio e incerteza politica, como consequencia immediata, a qual conduz á paz armada ou á ruina economica das nações.

Mas o imperialismo é uma phase das gran-

des nações e ainda é uma illusão julgar que sempre durará assim como o desejam os homens, que não encaminham o destino.

Não quero recordar o grande phenomeno historico do imperio romano, que era reputado solido, invencivel e eterno pelos seus contemporaneos; outras causas, que não as modernas, o demoliram, e, pouco vale o recordar isto, nas condições do presente imperialismo moderno.

Certamente, depois do imperio romano, o mais vasto do mundo é o inglez, o qual não se conserva pela força das armas, senão em alguns pontos, onde a colonização não é possivel pela superabundancia da população, como na India.

Noutros pontos do globo, a colonização tem estendido o imperio britanico e o tem conservado até hoje sem perigo, porque os elementos que formaram a colonia, não adquiriram todo o sentimento de independencia que seria preciso para a emancipar da mão-patria. Mas depressa soará a hora para alguma colonia e a separação far-se-ha.

Já a Australia e a Nova Zelandia, que são as mais avançadas no character economico politico, teem administração autonoma; a sua ligação á Inglaterra é simplesmente formal e na primeira occasião rompe-se para sempre.

Este phenomeno é natural, é um effeito da evolução social e politica; populações progressivas, capazes da administração autonoma, não

podem ficar sujeitas, como dependencia de uma outra parte da nação, mesmo que essa seja a capital do imperio. Neste ponto, o imperio romano, era differente na sua formação e constituição; no imperio britanico são as filiações que constituem as individualidades, que depois, quando estão fortes e desenvolvidos, querem a independencia, como o fez a America do Norte.

Nunca se deve pretender que as colonias, que conquistaram o necessario para a vida da nação, continuem sempre como tributarias ou subditas do imperio.

A mesma previsão pode-se fazer ácerca da Africa ingleza e do Canadá; neste os vinculos são mais subtis do que os da Africa e assemelham-se muito aos da Australia. Na Africa, a recente guerra demonstrou o desejo que a população teve de se emancipar e na primeira occasião favoravel faz-se a emancipação.

Assim o imperio britanico ficará muito diminuido e ficará limitado ao disputado dominio da India e doutras possessões, onde residem populações inabéis, para luctar com a Inglaterra, barbaras ou semi-barbaras. Mas no entanto será facil prever que as novas colonias inglezas se estabelecerão nos archipelagos do Pacifico, como aconteceu á Australia e á Nova Zelandia; o que será em parte, uma compensação pelas que se emanciparam.

Quando se faz previsões acerca do Imperio

Britânico, pode também fazer-se o mesmo ácerca dos outros imperios, quer seja o germanico, o francez ou o russo, o mais colossal e mais barbaço de todos.

Está ainda longe o futuro que prevejo para estes imperios que são senhores de regiões selvagens e que ainda precisam muito tempo para que as suas populações sejam similares ás da Britânica Australia; mas chegará para todos a hora da dissolução. Esta pode ser accelerada por um outro motivo não muito differente do que a que causou a ruina do imperio colonial Hollandez e depois do Hespanhol e do Portuguez. Quem podia prever que um imperio onde o sol nunca desaparecia fosse levado a perder a última colonia numa guerra desastrosa e louca?

O imperio é uma potencia efemera, porque não tem outra base senão a força militar alimentada a expensas da mesma colonia ou dominio; no entanto existe um immenso perigo na inveja e na ambição dos outros estados que querem occupar os mesmos dominios e destruir a potencia rival. Tudo isto teem os estados que possuem imperio, numa forte e grave tensão, que é impossivel que dure muito; alguém deve succumbir, como alguma occasião perigosa se deve apresentar no equilibrio em que oscillam os imperios. Se o imperio é efemero, deverá acabar num futuro remoto; por ora pode-se fazer

trocas entre nações que tenham hoje a primazia e depois a decadencia.

Este phenomeno viu-se desde a grandeza hespanhola até á ingleza. O imperio acabará de todo quando as nações que surgirem no mundo, forem capazes de viver e de se administrarem com autonomia propria, desligando-se da Europa.

Assim haverá uma corrida de nações na Europa, em que algumas teem e outras terão um imperio mais ou menos contestado e ainda uma riqueza relativa, uma potencia e uma grandeza em proporção; outras não terão mais esse imperio e especialmente aquellas que já historicamente o possuiram, decahirão, como a Italia e a Hespanha. Mas a direcção evolutiva das nações será differente, como já apparece na mesma Europa, e independente do estado imperial não só no que diz respeito ao valor do mesmo, mas como uma condição exterior.

Na Europa a tendencia é para a equivalencia de direito e de facto entre todas as nações grandes ou pequenas e o reciproco respeito das individualidades e de valor em tudo quanto olha ao encadeamento social e politico.

A Suissa vale tanto como a Inglaterra e Portugal tanto como a Russia; nenhuma violação é hoje permittida a nenhuma dessas nações que são potencias exhuberantemente armadas. Assim qualquer phenomeno que succeda fóra da Eu-

ropa, seja ou não a decadencia imperial, as bases europeas não serão abaladas nas suas relações internacionaes; assim, pelo que acima fica dito, estas relações tornam a politica internacional mais ampla, mais livre e tolhem os conflictos interiores, emquanto augmentam a possibilidade de paz.

Muitos sentimentos exteriores das nações, dependem das alterações internas e das transformações economicas que agora são o problema mais grave e mais importante da sociedade e mesmo a causa directa da sua evolução para melhor. Por estas mudanças internas é possível a transformação dalgumas nações ou o desmembramento doutras. A Russia é muito grande e muito primitiva na população, e muito barbara nas classes dirigentes, no estado e na politica, para facilmente se poder prever que não pode ser conservada no extensissimo territorio e na unidade que possui. Para a evolução social da população russa, é bom que haja um desmembramento em muitas nações, principalmente na Europa e isso hade succeder em breve. Quando novos e mais amplos caminhos se abrirem nesse immenso territorio, mais do que actualmente, e quando a grande massa de gente tiver mais desenvolvidá a intelligencia e a consciencia humana, pelo commercio e pela industria, a Russia não será uma unica nação e então progredirá muito e mais rapidamente; mas isto

não pode acontecer no tempo presente sob opressões de todo o genero.

Para que serve á Europa, uma Russia semi-barbara, senão como uma ameaça perigosa de invasão e de guerra? Quanto seria util, se dividida em muitos estados, progredisse no trabalho e na paz, livre, evolucionada, sem instinctos de violencia politica e militar! Uma Russia tão colossal, como se encontra agora, não representa senão os velhos imperios barbaros já desaparecidos, um estado semelhante a um animal gigantesco das especies extinctas, da epocha geologica, e porisso pertencente mais a paleontologia social que a epocha moderna, como está iniciada na Europa.

Assim, a Europa civilisada tem que assistir ao espectáculo de ferocidade do governo russo, que não respeita, nem a sciencia, nem os seus cultores, que manda açoitar até escorrer sangue, os estudantes das Universidades, que manda para a Siberia homens de intelligencia livre, que persegue ferozmente os que desejam uma politica mais liberal e mais humana, que faz morrer nas masmorras sob a malvadez dos carcereiros e dos esbirros, os presos politicos e as jovens heroínas e que deixa tranquillamente roubar e trucidar os Judeus. Mas o tempo dum governo tão barbaramente estúpido, está a terminar. A mocidade intelligente estremece e sacrifica-se. Os operarios já conhecem a sua força

e a soldadesca também começará a compreender que a violência, não deve substituir o bem estar, que é a aspiração do povo.

A evolução tende pois para a humanidade e as nações serão as unidades de composição dessa humanidade; qualquer que seja o conflicto, moderno entre a nova e a velha tendencia, a aspiração consciente e reconhecida de todos os homens é para um equilibrio, que é a paz universal. O futuro das nações não será o predomínio duma sobre a outra, nem as suas acções serão guiadas pelo impulso da força physica e guerreira; o imperialismo assumirá uma outra forma e dependerá da superioridade mental e da acção directa desta.

A decadencia das nações será assignalada, não pela perda do imperialismo militar e pela perda territorial, que noutras epochas trazia a sua ruina, mas pela incapacidade de desenvolver a energia mental, de transformar as forças naturaes em proveito proprio, de augmentar o capital do trabalho e da riqueza, de diminuir a miseria da população e de dar impulso á vida mais livre e mais activa.

Assim se perceberá melhor o que noutra occasião eu escrevi acerca da decadencia das nações latinas. A Italia está decahida, sob o ponto de vista do imperialismo militar, como nação conquistadora; a Hespanha ainda mais que a Italia demonstrou a sua maior decadencia,

acceitando a ultima guerra com a America ; mas nem uma nem outra decahirão, se provarem com novos feitos e nova orientação, que são nações civilisadas ; se abandonarem as tendencias militares e desenvolverem as forças productivas, acabando com as despezas inuteis e improductivas e elevando a cultura e a capacidade activa das populações.

Compreendo bem a difficuldade, das classes dirigentes, donde derivam os governantes das nações monarchicas, em mudar radicalmente a direcção politica e social. Existe um systema, similhante ao systema planetario em que estão comprehendidas as nações da Europa, excepto aquellas que são julgadas fracas, e não militares, como a Suissa e a Belgica ; esta ligação torna immovel a posição politica de cada uma das nações, e depois tambem as militares ainda tornam immutavel o velho conceito da direcção politica e social, tornando-se um obstaculo á evolução que já está no espirito de todos.

Um estado se pudesse transformar esse velho preconceito politico, julgava-se decadente, fraco, inhabil para continuar uma existencia independente na vida das nações. E' a fatalidade que peza, é a inepecia intellectual, é a falta de coragem dos governantes, que retarda, por um tempo indeterminado, esta mudança geral e profunda da direcção politica das nações. Um ministro italiano envergonhar-se-hia de fazer saber ao

governo allemão, ou austriaco, ou francez e ainda peor ao russo, que a Italia se vai desarmar, empregando os seus rendimentos na cultura intellectual do povo, no desenvolvimento das industrias e no melhoramento do solo para as boas culturas agricolas; envergonhar-se-hia de fazer saber ao mundo, como se pode pensar firmemente, que a Italia podia adquirir um imperialismo artistico sem receio de nova decadencia, se pudesse desenvolver a sua riqueza intima, diminuir a ignorancia das massas, elevar o nivel intellectual, favorecer os productos da mentalidade, de que sempre tem mostrado a aptidão e o poder creador. Porque sobre a Italia peza a fatalidade do systema internacional; está encadeada, como Prometheu, a essa fatalidade; no entanto a verdadeira historia fará ver a reflexão arrojada e a evolução completa na massa culta do povo e demonstrará que as nações historicas não são como aquellas que agora começaram a sua historia.

Para a Italia já chegou o periodo do imperialismo militar da conquista, para as outras nações, ainda não; a Allemanha em confronto com a Italia ainda está barbara, apesar duma elevada cultura intellectual, porque tem ainda o sentimento primitivo dos povos medievaes; a Russia é ainda mais barbara e pensa no engrandecimento pela conquista e pela conversão á barbaria das nações conquistadas, o que a tor-

na ainda mais atrazada que as outras nações medievas. Para estas duas nações ainda prevalece o preconceito e o sentimento da força e da violencia. A luz da nova civilisação deverá ainda vir da Italia, como a da civilisação antiga veio por seu intermedio para o centro da Europa.

Máu grado o analphabetismo e a barbaria dalgumas provincias, a Italia derramou e derrama uma grande luz no mundo intellectual; e, no dia em que a cultura fôr maior e geral, a luz será immensa e diffundir-se-ha até aos mais remotos confins, sem armas, sem canhões, sem exercitos, sem generaes, sem couraçados, e a luz não tendo precisão de meios materiaes para se diffundir, atravessará o Atlantico como os raios electricos de Marconi sem fios conductores.

Vergonha ! vergonha sobre todos os homens politicos italianos que ha quarenta e trez annos dispenderam a receita da nação em armamentos inuteis, deixando o povo na ignorancia, como no centro da Africa. Sabem procurar e encontram, todas as casas dispersas pelos campos para a cobrança dos impostos ou para as expropriar no caso de falta de pagamento ; mas ignoram onde ellas estão, para instruir os ignorantes que as habitam e para elevar aquelles espiritos primitivos á altura da vida social moderna. Não podem encontrar um milhão para destruir o vergonhoso analphabetismo, mas encontram muitos para as melhores armas de guerra ! Parecem

ignorar que a escola é a primeira função do estado, porque é della que depende todo o movimento da vida individual e collectiva.

As nações ainda querem aperfeiçoar o homem nos caracteres que devemos considerar brutaes, porque se referem á violencia e não a outros sentimentos que elevam a natureza humana a maior dignidade; e considera-se superior, a nação que tem mais armas e não aquella que dá melhores productos destinados á paz. Esta illusão depende de um tradicionalismo barbaro, ainda forte nas populações mais civilisadas e nas historicas que pensam na renovação dum imperio perdido!

A lucta está empenhada agora entre as tradições, residuos dos sentimentos barbaros, que se encontram nas classes dirigentes e conservadoras e as tendencias e sentimentos para uma humanidade sem limites e sem inimizadas, sem armas e sem soldados; sentimentos que nascem do trabalho, na massa inferior social, que traz novos elementos vitaes á sociedade humana e caminha para a evolução e para a transformação do velho mundo.

XI

A EVOLUÇÃO E A FELICIDADE

A evolução humana ha de trazer comsigo a diminuição da dôr e o augmento do prazer; já affirmei isto nas paginas precedentes. Mas esta affirmativa refere-se ao homem collectivo por aquellas variadas relações sociaes que até agora, ou o tem captivo e submettido ou tornado miseravel pelas suas condições economicas. A evolução assim concebida, não considera o homem individual senão indirectamente e por esse mesmo motivo, o leva á maior solidariedade, á maior diminuição de egoismo e ao desenvolvimento correspondente do altruismo. Mas qualquer que seja a evolução collectiva, o bem que dahi advirá para a sociedade melhor constituida harmonica e livremente, não poderá jamais annular o homem individual com todas as suas condições interiores de sentimento e de acti-

vidade. Fica sempre o homem, que sente e que pensa, unidade indestructivel que tem a dôr e o prazer por si só e por outros ainda. Na intimidade do proprio ser, que se sente ainda no meio duma grande multidão, nenhuma evolução avançada destroe o homem individual; aquelle mundo solitario de sentimentos e de emoções de toda a especie e de todas as intensidades, não acabará nunca, porque a evolução social não poderá attenuar a sensibilidade humana e ainda a augmentará com a propria evolução individual, que será o resultado consequente de toda a completa evolução humana.

Para que servirá pois a evolução humana se não pode diminuir as dôres do homem no decorrer da sua existencia? Existem dôres que derivam de motivos estranhos ao individuo, de condições sociaes inferiores e que muito podemos diminuir ou augmentar.

A violencia exercida pelos governos barbaros sobre a liberdade individual, quer seja exercida sobre o pensamento, quer sobre as manifestações de actividade, deve cessar. Que torturas soffrem na Russia os homens intelligentes porque não podem pensar livremente, nem proceder em relação á liberdade do pensamento, pois não podem exprimir os seus sentimentos sem soffrerem repressão e mesmo castigos corporaes! E isto só cessará quando a sociedade russa deixar de ser dirigida por homens como os

que actualmente a governam. Que dolorosa se torna a vida daquelles que não sabem como viver por falta de meios de subsistencia, ou pela incerteza continua do seu futuro e do da sua familia ! Isso só acabará quando uma sociedade mais equitativa puder diminuir os males economicos que affligem um grande numero de homens. A anciedade que causa o amor não satisfeito por varios motivos dependentes das condições sociaes, leis repressivas e restrictivas, usos e preconceitos, virá a acabar, e o homem mais tranquillo poderá desenvolver a sua actividade sem preocupações.

Mas as dôres não são somente estas que citámos ; estas dependem, como já notámos, de motivos sociaes exteriores, e podem diminuir, senão cessar completamente. Outras dôres tem o homem, que derivam de causas naturaes e que são as famosas, da lenda de Budha, a doença, a velhice e a morte. Que pode fazer a evolução humana para evitar estas dôres, ou pelo menos para lhes diminuir os effectos? Ah ! Pouco ou nada !

Estas dôres são naturaes, absolutamente individuaes e não collectivas. Pode uma sociedade bem constituida, curar melhor os doentes, aliviar as dôres dos males que os affligem, com curativos carinhosos e com um tratamento medico mais apropriado ; mas isto tudo é uma

consolação muito fraca para quem soffre dôres phisicas.

Póde porem fazer diminuir, pela hygiene, algumas causas externas da doença; pelo saneamento das cidades e das habitações, pela sã e melhor alimentação e por tudo quanto serve para manter a normalidade das condições vi-taes, taes como a diminuição das horas de trabalho, que debilita e abrevia a vida. Pode egualmente fazer diminuir as causas dos desastres no trabalho e torna-los menos graves quando succedam, com os curativos necessarios ás victimas e com a segurança da sua vida.

Mas a dôr derivada directamente da doença individual, é inevitavel sempre, quando sobrevem.

A velhice chega tambem por si mesma e traz graves males aos homens que não estão fornecidos dos meios precisos para acabar tranquillamente a vida, no repouso imposto pela idade. Ainda a sociedade pode contribuir para minorar os males que cercam a velhice, e isso será muito, porque se diminue uma nova causa de dôr; com a piedade pelos desamparados, que são incapazes de por si mesmos viverem e adquirirem a subsistencia.

E a morte! é fatal como consequencia da velhice e nenhuma evolução humana a pode evitar. A morte por si não é uma dôr, mas o terror della é doloroso; ha homens que sentem

fortemente esse terror e com isso soffrem, oh! são quasi todos!

Todos os temores e terrores que se teem no decorrer da vida, desde a infancia, proveem do medo da morte. Como todo o sentimento se refere á protecção, caracter fundamental dos phenomenos psychicos, ¹ assim este sentimento fundamental da vida, o medo, com todas as gradações até ao terror, acompanha o homem, desde que nasce até á morte e é um verdadeiro tormento para alguns que d'elle não se sabem livrar e para outros por motivos instinctivos e accidentaes suscitados por causas artificiaes e alimentados por causas sociaes.

O medo da morte é augmentado pelo temor dalem campa; as religiões, o culto de toda a especie com a invenção terrorista do castigo depois da morte, conservam e augmentam a dôr individual, que d'elle é originaria. Verdade seja que praticamente, poucos são os que se preocupam com o perigo depois da morte e o maior numero, pelo contrario, receia só a morte como um sentimento indefinido; mas se uma philosophia natural e interprete de factos, pudesse ser ensinada aos homens de toda a graduação intellectual, a morte seria despojada dos caracteres que aterrorisam; seria simplesmente motivo de

¹ Vide as minhas obras psychologicas entre as quaes, a ultima: *La Psyche nei fenomeni della vita*. F.^{lli} Bocca, 1901.

dôr para a familia ou para os amigos sobre-
vintes, mas não para o que deve morrer e que
se preocupa com o futuro. Aquelles que mor-
rem tranquillamente que não esperam nada do
além, nem castigos, nem premios, são de facto
aquelles que consideram a vida como um phe-
nomeno natural, que tem principio e fim. Se se
pudesse educar uma geração com estas ideas e
com estes sentimentos, libertando-a ainda das
preocupações de que está embaida e das rezas
e do culto religioso, o homem teria uma dôr a
menos no decurso da sua existencia e não se
preocupava senão com o bem e com deixar de
si um nome honrado e immaculado. Se se pu-
desse insinuar no sentimento universal a con-
vicção que o bem e o mal só se encontram na
vida real e não na imaginaria, a moralidade
adquiriria um ideal pratico; se o pavor do cas-
tigo de alem-tumulo se substituisse pelo senti-
mento de deixar a humanidade cheia da sua
memoria, a unica viva e real, o cunho do sen-
timento moral apagava-se e a morte considera-
va-se como um fim determinado do curso natural
da vida e não como uma dôr ou como um cas-
tigo para punições sem motivo.

Tudo que se deveria esperar da evolução
humana, se todas as condições acima ditas se as-
segurassem pela instrucção e educação indivi-
dual e social e principalmente, se essa educação
fosse obra dum estado sufficientemente esclare-

cido e destinado a estabelecer os direitos do homem educado na verdade provada e no sentimento da vida real.

Isto porem é demaziado para se esperar, mesmo num futuro remoto, porque aquelles sentimentos apontados, que são a causa do mal a que me refiro, são muito inherentes á natureza humana que os reputa instinctos immodificaveis, a não ser em pouquissimos homens que tem sabido elevar-se com vigor intellectual despojando-se de tudo aquillo que a educação lhes tinha insinuado ou inoculado. Para estes homens selectos, o medo da morte converteu-se num sentimento protector, com o fim de evitar os perigos e damnos da vida; o que é bom e util, uma verdadeira evolução natural, isto é, que se refere á conservação da vida individual e collectiva.

Apesar das minhas duvidas, pela unificação da humanidade, espero que a evolução possa, pelo menos, augmentar aquella fileira de homens que abandonaram o medo da morte e do outro mundo.

Doenças, velhice e morte, pense-se o que se pensar, são phenomenos que se produzem no decorrer da vida e acontecem indubitavelmente; todos tres, são fataes.

Da doença pode-se diminuir o numero dos casos e ser mitigada noutros, pelos melhores meios que a sciencia e a hygiene offerece á sympathia e á solidariedade humana; ainda a

velhice pode ser menos triste, se fôr tratada com benevolencia e não abandonada á miseria; a morte, inevitavel como a velhice, pode menos preoccupar o homem que a'soffre, não pensando nella e não a considerando como uma passagem para o desconhecido que o preoccupa; e ainda pode ser menos dolorosa para os sobreviventes, se estes podem continuar a viver sem difficuldades, sem que a sua vida economica dependesse do que desaparece da scena da vida.

Mas existem outras causas que podem tornar infeliz o homem individual, alem destas naturaes e inevitaveis nos seus effeitos; estas precisam-se procurar na propria natureza humana em relação com a convivencia social.

Qualquer que seja a evolução no homem individual e social, certamente nelle mesmo existe uma das causas do prazer e da dôr, que nunca se pode eliminar, e isto é nelle a sua natureza affectiva. Desejos, ambições, amor de gloria, de governo, vaidade, continua ancia para o prazer e para a satisfação de tudo que lhe estimula a paixão de toda a especie e de toda a intensidade, serão sempre motivos de dôr, assim como de prazer, no decurso da vida individual.

Se na evolução as sociedades humanas se tornam sempre mais complexas na forma, mais tumultuosas no movimento, mais activas nos negocios da vida industrial, commercial e politica; naturalmente o homem individual será en-

volvido em todo este turbilhão da vida e as suas relações tornam-se mais extensas, mais complicados e os seus desejos augmentarão e as suas paixões se aguçam, assim como as necessidades da vida serão maiores e exigirão que sejam satisfeitas. Entende-se que a vida se elevará em todas as classes sociaes, e esta elevação trará novas necessidades e exigencias que não poderão ser satisfeitas completa e integralmente. Será em vão que se esperará que o socialismo traga uma vida commum, mais simples, mais modesta e mais uniforme para todos os homens; assim, este augmento de vida na collectividade e para a collectividade será, a meu ver, o maior obstaculo ao sonho socialista.

A possivel egualdade na sociedade, a vida em commum, modesta, a collectividade dos bens e dos meios de existencia, podem encontrar-se nas pequenas sociedades primitivas, com actividade muito limitada, porque o homem tem poucas necessidades internas e menos ainda externas nascidas das relações sociaes e intersociaes. Mas onde a vida se agita, não se agita pela communhão e pela fusão dos individuos, que devem renunciar a grande parte da sua actividade e dos seus impulsos que veem de todos os lados para a mesma actividade, para viverem em perfeita harmonia e modestamente; mas por impulsos irresistiveis que são sempre individuaes e que imprimem o cunho individual.

E porquanto seja possível desenvolver os sentimentos desinteressados, nunca estes poderão prevalecer sobre os egoístas e annular o homem por completo; a vida se extinguirá e veremos eliminados os impulsos vitaes.

Por outras palavras, isto significa que a evolução humana será tanto para o homem colectivo como para o homem individual, no qual se desenvolverão melhor as energias psychologicas em todas as suas manifestações, na intelligencia e nos sentimentos, enquanto que, por este mesmo motivo, as paixões se aguçarão e tornarão activas as tendencias para a evolução da vida na communitade social.

Na satisfação desta aspiração haverá naturalmente prazer, mas se aquelle faltar, haverá dôr. Mas não é possível que a satisfação seja dada a todos os homens porque os bens sociaes são limitados na forma e na substancia, e porisso nem todos os homens os poderão fruir.

A lucta será sempre a consequencia, e que se poderá tornar a mais forte das luctas modernas; os subjugados, como todos os vencidos, serão infelizes, mas os vencedores serão felizes. Ah! a felicidade futura por uma igual distribuição de riquezas, não será uma illusão? Ainda que se limite o numero dos que soffrem economicamente, por este motivo não se alcançará a felicidade; quando o homem tiver satisfeito as suas necessidades elementares e as mais propo-

tentes da vida, sentirá novas necessidades que exigem tambem ser satisfeitas.

E então, visto que a psychologia está muito desenvolvida e está por isso mais sensível, a dôr augmentará na proporção da propria sensibilidade. Se quizesse descrever a dôr que existe nos espiritos elevados, para dar uma idea do quanto poderá ainda augmentar no futuro, num maior numero de seres, deveria começar por dizer que dôr em geral desconhecida, solitaria, nutre-se do silencio e da repressão e por esse motivo se torna mais aguda; é como que um mal chronico no espirito sensível dos eleitos. Não a dôr explosiva que acha maneira de perder de intensidade, mas aquella continua, uniforme, depressiva sempre e que assume forma de tristeza na sua expressão exterior; porque a primeira é uma dôr excitante para a acção e util tambem á vida e a segunda, faz enlanguescer e diminuir a vitalidade e o movimento, e traz a morte pela depressão absoluta, se não se interpuzer em qualquer intervallo um augmento da mesma dôr por novos impulsos ou por diversões, ou se a propria vida não reagir para conquistar os seus direitos para a continuação.

Tenho em meu poder varias cartas escriptas por esses espiritos eleitos e delicados, que sentem a dôr muito mais aguda que o commum da gente, callando e mostrando serenidade quanta possam, mas são tristes e passam a vida só la-

mentando-se com aquelles que julgam capazes de os confortar.

Não quero dizer a causa de taes dôres, o que seria inutil, mas estas são as mesmas que perturbam o desenvolvimento livre e natural da vida, ou aquellas que derivam da falta de satisfação das exigencias individuaes, maiores e mais fortes que as mais desenvolvidas na intelligencia e nos sentimentos. Parece que a superioridade intellectual torna infeliz a vida, não satisfazendo os desejos que por isso nascem, porque parece que estes são differentes dos da vida commum e normal. Este phenomeno é muito curioso e alem disso muito importante para firmar o prognostico, do que será a vida individual no futuro, quando as sociedades humanas estiverem muito mais desenvolvidas na forma e na essencia, e quando o homem tiver mais aperfeiçoada a intelligencia e com ella, a sensibilidade.

Consideradas as cousas por este lado parecem menos infelizes os homens primitivos, menos sensiveis, ignorantes, descuidados dos amanhãs da vida e porisso mesmo mais proximos da vida animal, que os homens que conhecem melhor a vida e que teem a sensibilidade mais fina e mais excitavel. Aquelles teem menos necessidades que estes e contentam-se em satisfazer as exigencias mais elementares da vida emquanto as necessidades superiores são

causas de grande dôr, se não podem ser satisfeitas.

Pode-se pois perguntar, para que serve a evolução humana se os homens são menos felizes e se deverá agravar a dôr que peza sobre elles, pelas muitas difficuldades de existencia, alem daquellas que se referem á vida animal? O leitor admirar-se ha de ler este conceito que parece de pessimismo, depois de nas paginas anteriores ter visto desejos, esperanças e agouros duma evolução humana que trará uma vida melhor e diminuirá as dôres; julgará encontrar uma contradicção, senão em mim que esboço com côres pallidas a vida individual, ao menos na evolução collectiva e individual. Ah! não! não ha contradicção nenhuma; como já disse, o tom da vida subirá mais alto e isto trará na evolução social um melhoramento absoluto na collectividade com a diminuição dos males e das dôres fisicas que derivam das privações e da miseria. Mas, se não podemos abolir a emoção e as suas causas; se, como tenho affirmado, a sensibilidade humana tiver um aperfeiçoamento, e se tornar mais delicada, naturalmente, as suas manifestações serão mais agudas e mais numerosas. Então a busca da felicidade não será mais aquella que agora tanto fatiga, isto é, a satisfação das necessidades elementares para todos os homens, mas aquella que trazer a satisfação

das necessidades superiores recentemente nascidas e derivadas da superioridade espiritual.

Dois caminhos se apresentam para as almas eleitas fugirem das dôres espirituaes e para diminuir a tristeza da vida, dois caminhos abertos, duas creações humanas ricas de prazer intellectual e esthetico: a sciencia e a arte. Estas poderão satisfazer as exigencias dos homens superiores e diminuir ou destruir a dôr. A sciencia por meio do desenvolvimento indefinido, sempre creadora e sempre prompta para novas descobertas nos enigmas do universo, será um trabalho dilecto para os homens superiores e geniaes ou para aquelles que mais soffrem as dôres caracteristicaç da superioridade humana; nella elles sufocarão a tristeza que pode nascer das necessidades da vida commum, mesmo quando satisfeitas. A arte, será pelo contrario, o eterno gozo dos espiritos cansados dos grandes trabalhos, até mesmo quando reproduz as dôres da vida, porque a dôr esthetica tem uma attração superior á do prazer, como se o homem se sentisse fascinado por um sentimento que brota das proprias fontes da vida.

Mas para destruir a dôr individual, commum a todos os homens, existe um meio universal e que ao mesmo tempo é fonte de riqueza na vida social, o trabalho de todos os generos e formas, o muscular e o cerebral. Na vida vulgar, entre os homens de espirito pouco elevado, a

tristeza deriva do ocio, da absoluta inercia da energia vital, assim como a propria miseria póde derivar da falta de trabalho, que arrasta consigo o crime. Se se emprega uma parte da energia vital no trabalho, a vida será menos triste e mais elevada; o trabalho dará o prazer da actividade e eliminará muitas causas do mal; a evolução humana dependerá absolutamente do trabalho, porque este, na vida individual e social, representa o eterno movimento do universo.

FIM



INDICE

	PAG.
INTRODUCCÃO	7
As especies humanas	73
Os povos e as nações	99
O habitat	115
A mulher no passado e no futuro.	135
A arte e a sciencia	183
Civilisação velha e civilisação nova	281
A especie humana mais diffusa e mais activa	339
As nações e a humanidade	369
A evolução e a felicidade	391



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329644791

